

# **Festa do Caldo de Quintandona**

**Festival de Artes Performativas e gastronomia com raízes tradicionais portuguesas**



**Pedro António Soares**

**PORTO 2015**



# Índice

Introdução.....	3
I Projeção conceptual do evento.....	6
II Objetivos gizados.....	9
III Metodologias e processos.....	12
III-a Programação.....	13
III-b Gestão de espaços e de equipamento.....	20
III-c Gestão de Recursos Humanos.....	23
III-d Planificação do evento.....	25
III-e Cronograma operativo.....	27
IV Plano económico.....	30
IV- a Financiamento ou plano de negócios?.....	30
IV- b Plano de negócios.....	31
V Gestão de evento.....	33
VI Políticas culturais e públicos alvo.....	49
VII Informação, divulgação e acessibilidade.....	55
VIII Conclusão.....	59
XI Bibliografia.....	62
ANEXOS.....	63
Anexo 1.....	64
Toga Sanbo Park.....	64
Anexo 2.....	75
Teatro Regional Serra Montemuro.....	75
Anexo3.....	83
Dartington College of Arts.....	83
Anexo 4.....	93
Projecto Construção casa do Chiné (Xiné) 2006.....	93
Pré-projecto Canastro de Quintandona – Centro de estágio Artístico.....	93
Anexo 5.....	145
Documentos de gestão e programação de diferentes eventos (exemplos).....	145
Anexo 6.....	164
Mapas de circulação de transito, sinalética de tráfego e planos de segurança.....	164
Anexo 7.....	173
Documentos exemplo de gestão, análise e proposta de método de organização do evento.....	173
Anexo 8.....	242
Relatórios de contas.....	242
Anexo 9.....	249
Documento de análise, avaliação e proposta de reformulação das práticas e metodologias do evento.....	249

## Introdução

Neste documento pretendo apresentar o trabalho profissional, por mim desenvolvido, o qual considero mais complexo e onde, também, tive oportunidade de explorar na prática e tecnicamente o trabalho teórico desenvolvido nas aulas do curso de Teatro, na área de Produção e Design, ramo de Direcção de Cena e Produção, partindo da área de interesse nas minhas investigações.

Considero o projeto “Festa do Caldo de Quintandona” parte integrante e uma das três valências do “Projeto de Quintandona” e, por isso, irei debruçar-me sobre essa valência, uma vez que está implantada e a funcionar. A relação entre as três valências ainda se desenhava, quando me afastei do projecto por razões pessoais. Nessa altura, procurava-se caminhos de confluência e troca de proveitos entre elas.

A “Festa do Caldo de Quintandona” é um festival de artes performativas, inspiradas na cultura tradicional portuguesa, associado a um serviço de restauração baseado na gastronomia regional de tradição popular que assenta na sopa ou caldo, o qual dá o nome ao evento.

Partindo da definição de caldo, que não é mais do que uma mistura dos mais variados legumes e carnes cozidos em lume brando num grande caldeirão à lareira, propusemos o conceito preliminar que tem sido o fundamento programático: caldo cultural, servido em pequenos palcos da aldeia de Quintandona.

Desde 2007 que este evento está sediado nesta aldeia preservada do concelho de Penafiel, da freguesia de Lagares e Figueira. Quintandona, atualmente, é um lugar de Lagares e Figueira, mas pensa-se que tivera a sua autonomia em tempos longínquos, como atestam documentos de 1088, havendo uma relação destas terras com o Mosteiro de Paço de Sousa, terras de Egas Moniz da família dos Ribadouro, influente família da criação de Portugal e tutor de Afonso Henriques.



Desde então, Quintandona permaneceu quase inalterada por circunstância do espaço e acessibilidades. É uma aldeia construída em pequenas pedras de lousa (xisto), de janelas pequenas, largas portas e quinteiros espaçosos (pátios interiores a céu aberto), onde hoje construímos os nossos palcos à semelhança dos *corrales* (Berthold, Guinsburg, Garcia, ZURAWSKI, & Coelho,

2001; Degaine, 2000; Hartnoll & Brater, 1998) e nos quais se apresentam às “colheradas” a programação do evento.

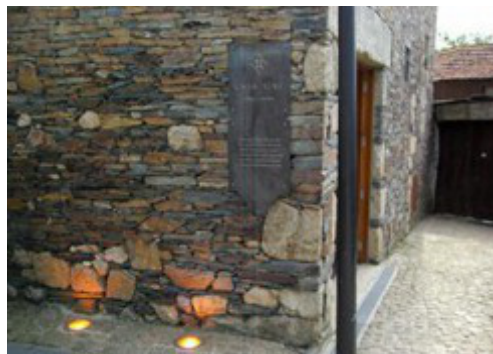
Se a toponímia atesta as origens romanas, o espaço transparece uma magia da era pré-cristã reforçada pela arquitectura, criando uma cenografia ideal ao evento.

A inauguração da recuperação da aldeia pelo poder autárquico coincidiu com a mudança da sede da companhia de teatro comoDEantes para esta aldeia e criação da Associação Comodeantes, Grupo de Teatro, da qual fui sócio fundador, mentor, diretor artístico e dinamizador. Nesta dinâmica saliento os projetos que incluíam trabalho teatral com a comunidade de Quintandona.

Nesta associação fundámos dois pequenos sub-grupos: um com crianças e outro com pessoas idosas. Este último, juntava-se à noite e contava as suas histórias, que depois eram transformadas em guiões e posteriormente em espetáculos, ensaiados numa garagem e apresentados ora nas eiras<sup>1</sup> ora nas apertadas ruas da aldeia.

Desta necessidade de espaço de trabalho surgiu em 2007 uma proposta de compra-venda de uma casa desabitada na aldeia para sede do grupo de teatro.

Passados dois anos, com apoio da Autarquia e Junta de Freguesia, estava construído o *Centro Cultural Casa do Xiné*, uma sala estúdio versátil, com capacidade de resposta às necessidades culturais locais e que também albergava a produção e programação dos *comoDEantes*.



Atualmente, já inaugurada a *Casa do Xiné*, esta está preparada para acolher uma programação regular, que poderia proporcionar atividade cultural à aldeia criando, desta maneira, uma atração turístico-cultural.

Deste modo, o *Projeto Quintandona* sustenta-se nesta plataforma de tri-partida: os *comoDEantes*, a *Festa do Caldo* e *Casa do Xiné*.— Nesta simbiose esperava-se orientar o projeto por uma política cultural de excelência, partindo de uma ideia simples: a vontade de escutar as nossas raízes históricas e regionais, através das artes performativas, com o propósito de descentralizar a cultura e refletir sobre o paradigma de que «a cultura é eminentemente de massas ou urbana».

Pretendeu-se desenhar um vínculo necessário do agente cultural à comunidade, com as suas naturais trocas de mais valias e pensar em que consistem essas mais valias. É necessário, adicionalmente, repensar políticas culturais autárquicas, tendo em vista a criação de modelos para aplicar em regiões

---

1 Locais de secagem dos cereais (milho, aveia, trigo)

mais afastadas dos grandes centros urbanos.

O projeto foi sendo desenhado com a perspectiva de se constituir como modelo que servisse de base para locais e regiões com características similares e capazes de oferecer uma metodologia de implantação, criação de eventos e criação de espetáculos espelhados neste “modo de fazer”. Paralelamente, considerar a cultura como motor social e turístico, mais valia para a divulgação do património, mas também de promoção de locais e sítios, desenvolvendo o turismo local.

Por fim, apresentamos uma parte do projeto, o *Caldo de Quintandona*, que, em pouco tempo, alcançou notoriedade e visibilidade. As metodologias e estratégias utilizadas para a preparação e gestão do evento provêm da área de conhecimento de Direção de Cena, nos seus aspetos organizativos e métodos de produção das Artes do Espetáculo.



## I Projeção conceptual do evento

No final da década de 90 e início do novo milénio, observou-se uma explosão de eventos e festivais por toda a Europa, tornando-se habituais como forma de propaganda comercial, regional e local com as mais diferentes temáticas e objetivos. São, assim, valorizados como ferramenta de promoção da atividade cultural e formativa. As suas dimensões variam muito, devendo-se essa variação à temática e local onde estão implantados. Inegável é o facto que estes entraram de uma forma preponderante nas políticas culturais das mais variadas autarquias. O esforço ao nível do investimento inicial é grande, ainda que, variável consoante as diferentes propostas, mas é de acordo unânime um fator catalisador de regiões e do seu desenvolvimento. Edimburgo, no Reino Unido, penso, é a expressão máxima desta afirmação; desde os festivais de inverno e todos os outros festivais que ocorrem por vezes em simultâneo.

«Num estudo do Conselho Turismo Escocês em 1990, com um investimento de 44 milhões de libras na região de Edimburgo e Lothians aferia-se 9 milhões em receitas directas, 1300 empregos em período integral e uma ocupação hoteleira de 80% a 90%, sendo que em 2002 os festivais da cidade já geravam mais de 120 milhões de libras para Edimburgo, fazendo de Edimburgo a cidade de crescimento mais rápido em todo Reino Unido.»(Yeoman, Ian, Martin, Ali-Knight, Jane, Drummond,, & McMahon-Beattie,, 2006)

E, desta forma, Edimburgo criou uma imagem internacional e um conceito de turismo cultural reforçado pelas Capitais Europeias da Cultura, talvez, reescrevendo as políticas culturais Europeias.

Seguindo esta tendência e numa busca de promover o nosso «Local» surgiu a vontade de criação do evento *Festa do Caldo de Quintandona*, reforçada pelo desejo de dar a conhecer as atividades culturais dos comoDEantes e a potencialidade turística desta “parceria” entre o património edificado, e o património imaterial, que recuperava-mos dos habitantes para o levar-mos ao palco.

Em 2007, no seguimento de vários desafios ao grupo de teatro comoDEantes pela Autarquia e Junta de Freguesia e, entendendo estarem reunidas as condições apropriadas para o seu arranque, concebemos um programa preliminar que serve de orientação base para ancorar a definição dos propósitos:

- I. O objectivo principal é envolver toda uma comunidade num projeto de valorização cultural e reinterpretação do seu «Local» e da sua memória. Aferir a importância da riqueza cultural, social e turística que esta região representa. E, depois, dá-la a conhecer ao exterior, de forma a que todos possamos “experimentar e saborear” Quintandona.
- II. Dar a conhecer a atividade artística e programadora do grupo de teatro *comoDEantes* e criar

um público que vá para além do evento *Festa do Caldo de Quintandona*, envolvendo-o, criando laços e elos de comunicação, de forma a formar um público regular e sustentador do projecto.

III. Ajudar a construir o *Centro Cultural Casa do Xiné* (e preparar modelos de programação em diferentes áreas de participação:

- Financeiramente: atraindo patrocinadores e eventuais utilizadores do espaço para eventos de natureza comercial.
- De programação: atraindo artistas e “performers” para a programação anual do futuro espaço, consolidando alguns eventos com programação regular e recorrente, criando um público fiel e habitual, seja por relação de proximidade, seja por afinidade.
- Criar eventos formativos e de cooperação entre entidades de dinâmicas culturais diferentes, nomeadamente, formação, “*master classes*”, criação partilhada, residências artísticas, etc..
- Criar postos de trabalho e estágios que dêem oportunidade de produção/ programação a jovens profissionais das Artes do Espetáculo, rentabilizando estes cargos na preparação do evento *Festa do Caldo de Quintandona*.

IV. Procurar uma simbiose entre a cultura, o turismo local e as infraestruturas turísticas locais (bar, cafés, hotel, turismo rural, etc) criando valor cultural, económico e com o objetivo de sustentabilidade do *Projeto Quintandona*.

Partindo da ideia que as atividades relacionadas com a agricultura, o seu ciclo (e festividades associadas), como por exemplo: as desfolhadas, as vindimas, etc, são motes de programação temática de eventos e espetáculos, estas serão, então, a oportunidade de experimentação para o turista, como se fosse um “regresso a uma memória regional”. Tentamos perceber de onde vimos, para compreendermos para onde vamos: o saudosismo de um tempo passado é um catalisador turístico. Por outro lado, a temática associada às tradições, contos, e fenómenos para-teatrais autóctones: como realizamos a vida e a sua proximidade com o palco fictício do teatro, onde por um lado nos podemos entreter e, por outro lado, tirar lições para a vida. Há aqui uma fonte inesgotável de material de investigação e criação.

Nesta levada, criamos a *Festa do Caldo de Quintandona*: se a vida é um grande palco e nós somos os seus atores, citando Shakespeare, então podemos dizer que uma enorme comunidade entra em cena durante três dias em Setembro, celebrando o fim do Verão, e aquecendo-se à lareira com um caldo quentinho.

O melhor laboratório da vida, para as mais loucas experiências e misturando os mais diferentes ingredientes no caldeirão que é o palco, o teatro. “Cozinhados” estes elementos com as histórias fantásticas da imaginação do escuro, do medo e dos mitos provincianos, pensamos ter uma receita otimizada do “caldo” teatral, que serviu de orientação à programação do festival.

Atentos às manifestações populares regionais (feiras semanais, feiras de artesanato, feiras medievais, etc.), que já estão sobejamente exploradas, mas que possuem características muito atraentes e com uma forte relação com a população, consideramo-las uma inspiração para os nossos projetos e tentamos cativar esse público com manifestações semelhantes.

São, também, uma identificação e identidade regional (veja-se a Feira de S. Martinho de Penafiel, as Festas dos Tabuleiros de Tomar ou a Festa das fogaças de Santa Maria da Feira, etc.).

Assim, o *Projeto Quintandona* teve como inspiração os três seguintes exemplos culturais:

- o projeto orientado por Tadashi Suzuki<sup>2</sup> que culminou no *Toga Arts Park*, em 1976. Tadashi deslocou a sua companhia de teatro de Tóquio para Toga, localidade no interior montanhoso do Japão, e numa antiga casa rural (sanbo em japonês) fundou a *SCOT – Suzuki company of Toga*, baseado no teatro NOH, no teatro Toga Sanbo. Suzuki defende a relação da arte com a comunidade que a acolhe, que a envolve e com a qual cria.[Anexo 1](#)
- o Teatro Regional da Serra de Montemuro, projeto descentralizado na serra de Montemuro, na aldeia preservada de Campo Benfeito, que há mais de 20 anos consegue subsistir nas serras, internacionalizando o seu teatro, de carácter muito especial, e chamando a si colaborações notáveis das artes do espetáculo português e internacional.[Anexo 2](#)
- a experiência que tive no programa ERASMUS<sup>3</sup> em Inglaterra, na Dartington College of Arts. Escola de artes performativas muito *sui generis*, localizada numa comunidade rural de Dartington, na província de Devon, onde Mikhail Chekhov<sup>4</sup> fundou a sua escola de teatro. Com esta experiência compreendi o real efeito da arte sobre uma comunidade agrícola, que era espetadora regular dos espetáculos da escola e era capaz de acompanhar as diferentes correntes teatrais e a sua mudança.[Anexo 3](#)

---

<sup>2</sup>Dramaturgo Japonês, Tadashi Suzuki, encenador, director de teatro filósofo fundou a companhia de teatro SCOT - Suzuki Company of Toga implantada na aldeia de Toga, Toyama, Japão. Suzuki é também o organizador do primeiro festival internacional de teatro no Japão (Toga Festival) juntamente com Anne Bogart fundaram o Saratoga International Theatre Institute em Saratoga Springs, New York, e o criador do método de ensino de actores “Suzuki Method of Actor Training”. Suzuki foi também o director geral do Shizuoka Performing Arts Center (SPAC) (1995~2007), membro do comité internacional do Theatre Olympics, e membro fundador do festival BeSeTo, e o presidente do conselho de administração para a Fundação das Artes Performativas do Japão.

<sup>3</sup>Programa Erasmus foi estabelecido em 1987, é um programa de apoio interuniversitário de mobilidade de estudantes e docentes do Ensino Superior

<sup>4</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail\\_Chekhov](http://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Chekhov)

## II Objetivos gizados

A conceptualização do projeto foi um processo de evolução longo e paralelo à atividade regular da companhia.

Desde os primeiros desafios aos *comoDEantes*, que surgiram mal nos havíamos instalado na aldeia preservada, que resolvemos intervir inesperadamente na inauguração, pela Autarquia, da recuperação das ruas da aldeia preservada com um pequeno espectáculo-*happening*, atraindo as atenções para a nossa actividade, que despoletou um conjunto de interesses para o desenvolvimento de um projecto local.

Progredimos lentamente com um espetáculo que implantou o conceito de *caldo* como produto gastronómico de valor. “*Por um punhado de vida*” foi um espetáculo desenvolvido em associação com a comunidade de Quintandona a qual se mostrou muito interessada em participar no projeto. Sumariamente, a história contava as desventuras de uma aldeia que tinha uma proibição extraordinária: *Não se podia morrer, ou seja, quem morresse pagava o aumento do cemitério já que o bispo não benzeria o novo talhão se não recebesse a respectiva dizima*. O desenrolar do conto apresentava a aldeia ao público, que era convidado a comer um caldo “levanta mortos” no final do espetáculo.

Seguiram-se as várias visitas e investigação a eventos similares já implantados nas suas comunidades, como a “Festa do Caldo Galego de Mourente<sup>5</sup>” em Pontevedra, na Galiza, que já mantinha intercâmbio cultural com a Câmara Municipal de Penafiel. Ao festival Andanças em São Pedro do Sul, à Feira Agrícola Agrival, em Penafiel, ao Festival Intercéltico de Sendim, Miranda do Douro, ao Festival Altitudes, festival de teatro em Campo Bemfeito, Gosende Serra de Montemuro, etc.



Desta forma, compreendemos o que seria a missão do evento, aquilo que estaria na base da sua criação e desenvolvimento:

- a formação de um centro de artes que pudesse acolher, em estúgios, artistas de diferentes locais;[Anexo 4](#)
- cimentar a residência do grupo de teatro *comoDEantes*, e, apoiado nestas valências,

---

5 [Festa do Caldo Galego de Mourente | Facebook](#)



desenvolver formação para os habitantes da aldeia, enquanto público e enquanto intervenientes diretos na criação da estrutura do *Projecto de Quintandona*;

- proporcionar formação avançada em artes performativas e musicais para grupos da área envolvente, apoiados no mote “raízes tradicionais portuguesas”;
- divulgar o espaço mágico de Quintandona, e talvez, tentar atrair investimento privado para criar uma sinergia turístico-cultural essencial à melhor troca de “mais valias” e sustentabilidade do projeto.

Nesta sequência, o propósito do evento *Festa do Caldo de Quintandona* moldou-se e tornou-se evidente que seria a promoção do *Projeto de Quintandona*. De uma forma mais eficaz e mais rápida, fixaria uma imagem de qualidade de carácter generoso, afirmando uma identidade «Local» diferenciada, que promoveria, também, um turismo regional, atraindo trocas económicas: trocando valor e projecção com os outros dois sub-projetos: Casa do Xiné, Centro Cultural e a Companhia de Teatro comoDEantes. [Anexo 4](#)

Para além disso, poderia, eventualmente, ser um modelo inspirador de outros novos projetos e fornecer dados e metodologias simplificadoras a outras regiões, ou seja, pretender-se-ia associar o património edificado a um património imaterial: oral, musical, performativo, entre outros.

Portanto, a visão para o futuro, desde a sua implantação passava por:

- mapear o evento com “boas-práticas” de qualidade de trabalho, um excelente “*workflow*”, ou seja, criar um organograma, definindo cargos e funções;
- testar os envolvidos e a comunidade e a cada três anos avaliar profundamente as metodologias; requalificar, se necessário;
- aumentar ganhos diretos e indiretos. Para tal, será necessário recolher dados objetivos sobre compras e vendas, trocas dentro e fora do projeto, tais como: produtos, espetáculos, disponibilidades de recursos (humanos, espaço e equipamento), etc.;
- promover o desenvolvimento paralelo capaz de trocas diretas com o projeto, por exemplo, produção agrícola destinada ao fornecimento do serviço de restauração do evento, artesanato para a feira, etc.; assim era necessário elaborar calendários e prazos aplicados a essa produção, bem como a fomentação de produto de qualidade, por exemplo agricultura biológica.
- dotar a companhia de teatro de equipamento estrutural para melhores respostas às potenciais solicitações, economizando assim nos custos dos diversos eventos que poderiam surgir, e com capacidades de resposta mais imediata, nomeadamente plateias provisórias (bancadas),

palcos, recursos técnicos de luz e som, etc.

Por isto, a conclusão do *Centro Cultural Casa do Xiné* foi, desde a idealização do projeto, fator determinante enquanto espaço capaz de dar resposta ao acolhimento, à criação e, também, como motor de programação. O Centro Cultural, Casa do Xiné, é o centro operativo e gestor de todo o evento, promovendo, também, uma equipa de trabalho contínuo para a produção e programação do mesmo. A acrescentar, promoveríamos trocas de valor e utilização entre o projeto de programação ao longo do ano no Centro Cultural e o evento Festa do Caldo.

A conceptualização do projeto foi um processo de evolução longo e paralelo à atividade regular da companhia, e acredito que teria que passar por diversas fases de experimentação até à sua efetiva implantação final: se se construísse como modelo.

Paralelamente, pensamos “aproveitar” a localização rural como uma mais valia: surgiu a ideia, por exemplo, de criar um banco de trabalho, trocando valor por mão de obra e vice-versa em que se trocava legumes produzidos pela comunidade por serviços técnicos de luz e som. Serviços, esses, para a programação regular, espetáculos da companhia ou oficinas de formação.

Por fim, aspiramos otimizar a formação e criação dos comoDEantes bem como dos grupos parceiros do evento (grupos folclóricos, grupos corais e outros), chamados vulgarmente por “*forças vivas da terra*”. Para além disso, reafirmar a necessidade das manifestações culturais em meios não urbanos, e a pertinência deste projecto para estes grupos, companhias, criadores, etc., que são instigadores de pesquisa e qualidade, bem como um local de estágio, reflexão-investigação por parte de criadores profissionais.

Neste momento, acredito que já seria tempo de re-questionar os objetivos gerais, afinando-os à experiência obtida, tendo em conta a nova condição social e económica do país.

A capacidade “camaleão” em eventos é a melhor garantia à sua própria subsistência e determinante ao bom desempenho. [Anexo 4](#)

### III Metodologias e processos

Os espetáculos montados no Hipódromo e Coliseu de Roma, as cerimónias Astecas ou os espetáculos da Grécia Antiga com as suas complexas máquinas de cena ou, ainda, os Mistérios teatrais medievais com certeza eram preparados minuciosamente e, pela sua complexidade, geridos, coordenados e operados, talvez, pelo seu diretor-encenador, uma figura com valências similares ao director de cena.

O Hipodrómo e mesmo o Coliseu de Roma eram inundados para espetáculos históricos como por exemplo a Batalha de Salamina (Degaine, 2000). Neste caso, particular, os atores, muitas vezes escravos, enfrentavam-se com a mesma violência que as batalhas retratadas. Obviamente, que muitas vezes lutavam pela sobrevivência. Existem evidências de documentos orientadores de atuação: simples guiões de espectáculo, que determinam as entradas e saídas, efeitos cénicos operados dos bastidores, etc. Por exemplo, o *Zibaldone*, em italiano, ou o *Commonplace book*, em inglês, são guiões de instruções que numa tradução livre poderíamos apelidar de “almanaque” usado pelos autores para escrever as suas recolhas, interesses, ideias, desenhos e observações.

Na *comédia dell arte* os autores anotavam alguns momentos de improviso para mais tarde criar novos guiões. Também recolhiam algumas situações burlescas do dia-a-dia inspiradoras de novas cenas. De certa forma, um documento organizador do reportório da companhia.



Logicamente que o sucesso de qualquer evento é determinado pela sua metodologia de implantação e resolução. No espírito de um director de cena isto está inscrito profundamente, no entanto na comunidade que colabora no evento *Festa do Caldo* este pressuposto é um conceito distante e académico.

O evento *Festa do Caldo de Quintandona* conta com mais de 50 espetáculos em três dias, em que, pelo menos, 20 deles são espectáculos diferentes, com diferentes intérpretes e diferentes pré-requisitos técnicos, umas vezes simples, mas que na sua maioria requer uma complexa engenharia de coordenação, uma complexidade técnica na exploração dos recursos disponíveis e um alinhamento de programação eficaz e, por isso, a simultaneidade de espetáculos e “acontecimentos” é necessária como variedade oferta, para um público eclético, mas também para uma resposta melhor, já que a reduzida dimensão dos espaços exige a dispersão dos espetadores por várias “plateias” nos diferentes espetáculos em simultâneo.

Há muitas variáveis a considerar: podem ocorrer problemas técnicos com o equipamento, atrasos que poderão inviabilizar a utilização de equipamento e/ou espaço por dois espetáculos consecutivos

num mesmo local, ou então, até a impossibilidade de contenção sonora que se propaga pelos diferentes espaços exteriores, dada a sua proximidade e característica da aldeia. Nestes casos, a melhor coordenação é estar preparado com hipóteses de solução que possam minimizar, junto da assistência, o imprevisto, os comuns “planos B”.

Criamos desde a primeira edição do evento *Festa do Caldo de Quintandona* uma metodologia de trabalho baseada em planos de ação, distribuição de tarefas, mapeamento de agendas, volume de trabalho e calendário de produção, que de seguida expomos.

### **III-a Programação**

A deixa de início de espetáculo de abertura, junto ao cruzeiro da aldeia, inicia o festival na sexta ao fim da tarde até parar no domingo à noite. Durante este tempo, o festival funciona quase em contínuo, como um espetáculo de teatro que se “desenrola” cena a cena, acto a acto durante todo o fim-de-semana com algumas pausas, de curtos intervalos, intercaladas para descanso.

O público tem a expectativa, no mínimo, dos espetáculos no local programado e à hora anunciada. Os artistas obedecem a instruções e esforçam-se por cumprir da melhor maneira o seu papel.

A nós cabe-nos conduzir o festival suave e eficazmente. Para tal necessitamos de programar os espetáculos segundo uma lógica artística. De seguida, fazer obedecer-lhe as questões técnicas (fichas técnicas, cabos, microfones, etc); organizar os recursos humanos, calendarizando as tabelas, alinhar os diferentes acontecimentos (eventos); controlar a pontualidade dos intervenientes criativos; satisfazer as suas necessidades; abrir portas ao público, garantir o conforto e segurança a ambos durante o espetáculo; preparar o espetáculo seguinte e o outro seguinte até ao espectáculo de encerramento final.

Também os serviços paralelos, por exemplo estacionamento, alimentação, wc, etc, influem na forma como o público se sente confortável e tem acesso ao evento.

Apresentado deste modo parece ser simples, e é-o se o prepararmos minuciosamente, executarmos segundo os planos, da forma mais funcional. Entendemos que este produto-serviços contém vários serviços implícitos, que se encadeiam e predispõe ao público (cliente) a melhor satisfação.

Obviamente, há sempre os habituais “desvios”, se, eventualmente, acontece algo, sustentamo-nos destes mapas-planos para redireccionar caminhos de programação, ações e espetáculos, considerando sempre as consequências que daí advêm.

Portanto, o segredo é os “caminhos” de ação mapeados, eventuais atalhos (planos B, C, D...) ou



pausas, *happenings* surpresa pré-preparados que possam solucionar ou servir de percurso alternativo e, claro, uma boa dose de calma. O método de programação é a ferramenta chave do evento.

A primeira edição do festival foi programada conjuntamente com a autarquia de Penafiel, que, sendo a única financiadora do evento de arranque, assumiu esta dinâmica com o grupo de teatro *comoDEantes* e a Junta de freguesia de Lagares. O Pelouro do Turismo decidiu propor um programa no qual constava as parcerias com ele já existentes. O grupo de teatro assumiu a animação de rua durante o evento e os espetáculos de início e de encerramento. Por sua vez, a junta de freguesia assumiu a responsabilidade das infraestruturas e disponibilizou-se a complementar as necessidades que poderiam surgir.

O primeiro evento aconteceu a 15 e 16 de Setembro de 2007. O recinto do evento, foi cedido por mim (terreno de cultivo que estava em pousio), bem como os recursos associados: eletricidade, água e sanitários, aliás, estrutura esta já montada para servir o arraial festivo de S. João de carácter privado, que eu organizara em junho anterior. Este evento particular, uma espécie de ensaio geral, ou evento zero, já criara a curiosidade e interesse da população pelas suas características peculiares, tornando mais fácil envolvê-la como voluntária no primeiro “caldo”.

O evento abriu no sábado 15 Setembro pelas 20h com o “*Conto da Velha do Caldo*”, um espetáculo de rua a partir de uma pequena história feita de recolhas junto dos habitantes da Aldeia preservada. Foi “cozinhada” com várias lendas infantis e interpretações de factos que aconteceram na aldeia em tempos imemoriais. Aproveitando o cenário mistificador do espaço, criámos uma pequena cena de bruxas, caldeirões e caldos enfeitiçados e numa parada levámos o público pelas ruas da aldeia até ao recinto do evento, onde estava colocado o palco principal e as tendas-restaurantes e cozinhas. Aí decorreram os concertos da Banda de Música de Lagares, a banda filarmónica da freguesia, e do Rancho folclórico de Rio de Moinhos.

Entretanto, pelas ruas iam acontecendo espetáculos esporádicos de carácter simples: pequenas encenações com personagens distintas, uma caricatura provinciana de reflexo social, muito em jeito de comédia antiga<sup>6</sup>.

No domingo, repetimos a abertura do evento ajudados por um grupo de percussões local, a que se seguiu a recepção às entidades locais. Desta feita, fomos apadrinhados pelos organizadores do já referido “Caldo de Mourentes” de Pontevedra, que desde então oferecem à programação um grupo de danças galego.

É servido, então, o caldo de Quintandona, e acontecem algumas animações na tenda-restaurantes e

---

<sup>6</sup> A comédia ática “antiga” é precursora daquilo que viria a ser a caricatura política, a crítica social, o escárnio público, em oposição à comédia nova cuja força reside na caracterização, na motivação de mudanças e avaliação do bem e mal, do certo e errado.

concertos de pequenas formações com dois a três músicos, bem como espetáculos com personagens solitárias que reproduzem, mimando, o comportamento dos comensais, animando-os e distraíndo-os das eventuais demoras.

A programação do palco principal, durante essa tarde que foi da responsabilidade da Câmara Municipal de Penafiel revelou-se deslocada e inapropriada ao evento. A banda rock que atuou e os dois animadores de palco não cativaram o grande público, uma vez que as pessoas se interessaram muito mais pelos espetáculos de teatro na rua e por uma formação musical convidada que, com as suas percussões e gaitas de foles criou ambientes festivos e de dança às quais o público reagiu muito positivamente.

Num feliz acaso, sentimos, ali mesmo, o evento a germinar numa direção não prevista, mas a melhor.

Aproveitando a oportunidade, com aquele grupo de música, com características populares, e também atentos ao seu entusiasmo, organizamos um mini festival/ “*jam session*” para o seguinte fim-de-semana com músicos ligados à música tradicional portuguesa, reagindo à tendência e interesse do público.

Naquele dia programámos espetáculos do evento do seguinte fim-de-semana, encontros musicais, presenças de construtores de instrumentos musicais, etc. E, entre telefonemas e confirmações anunciamos o primeiro festival de música tradicional de Quintandona durante aquela tarde de domingo do evento *Festa do Caldo*. Garantimos, com os nossos parceiros, as infraestruturas, e aproveitando o entusiasmo dos voluntários e público garantimos a sustentabilidade do evento. Provou-se, desta maneira, na prática e de uma forma gratuita e voluntária a melhor programação, que havíamos de defender para futuras edições.

Desta feita a *Festa da Música Tradicional de Quintandona* que decorreu somente no sábado seguinte foi um sucesso. Tal como a semana anterior, abrimos o evento ao final do dia com o espetáculo do “Conto da *Velha do Caldo*” auxiliados, agora, pelos imensos músicos participantes no evento, que prosseguiu no recinto com vários concertos, arruadas pela aldeia, etc.

Os *Pénaterra*, foram o grupo líder e impulsionador que conquistou o apreço do público no evento. Estes têm sido presença mais ou menos habitual na *Festa do Caldo* e estão associados à sua programação musical.

Saliento também, uma personagem dos espetáculos de rua, a “Ti Mariquinhas”, que nesta edição do evento, a qual decorreu em dois fins-de-semana foi de certa forma estruturante e “cartaz” de futuro: o texto base das suas interpretações contava um pouco das “estórias” do “Local” e dos nomes das famílias, mas misturava, também, informação das ações de recuperação da aldeia, os projetos para futuro, a companhia de teatro, e de uma forma “clownesca” reagia às interpelações, esclarecia,

projetava o conceito do evento no futuro e educava o público para o interesse do projeto. Deste modo, a sua prestação foi decisiva na transmissão do conceito do evento ao público.

Estes primeiros eventos receberam excelentes críticas na imprensa escrita regional e pequenas referências na imprensa nacional, que reforçaram o projeto e a estima local da comunidade em desenvolvê-lo com garantias de sucesso.

Com este plano simples e fruto de algum acaso, avançamos para a 2ª edição com a ideia que o evento deveria acontecer somente num fim-se-semana, evitando a sobrecarga de trabalho e eventual desgaste dos recursos humanos.

Sabíamos que a integração do festival da música e da festa do caldo num só evento era inevitável e fundamental, carecia de aumento de dias ao evento e de uma programação que fosse concordante. Necessitava de aumentar e até duplicar o número de repetições dos espetáculos de teatro. Desta forma, avaliando o número aproximado de visitantes, concebemos um programa de três dias: abertura ao início da noite de sexta-feira, com encerramento no domingo ao final da noite.

Esperando um grande aumento de público, propusemos espetáculos simultâneos, nas eiras<sup>7</sup> e quinteiros<sup>8</sup> das casas tradicionais. Tivemos também de lidar com uma data de “ofertas de programação” da comunidade envolvente, autarquia, etc., seleccionando o adequado, preenchendo os espaços “vazios” de programação nos convertidos espaços de palco.

Consideramos então três grandes blocos de espetáculos: sexta à noite, sábado à noite e domingo final de tarde e noite. Elaboramos a listagem de potenciais espaços, criamos a programação principal e uma programação mais paralela com os espetáculos mais intimistas, que foram colocados nos espaços mais delicados.

Reservamos o sábado de tarde para atividades de formação, reorganização de montagem e de equipa. Mantivemos o conceito do “*Conto da Velha do Caldo*” na abertura do evento e respetiva arruada (refeita numa outra abordagem). Conservamos os espetáculos teatrais pelas ruas, aumentando somente a frequência em que aconteciam.

Os espetáculos de teatro com uma narrativa ou externos foram colocados dentro dos referidos quinteiros, limitando os acessos.

Os *comoDEantes* propuseram-se a apresentar um espetáculo em estreia em cada evento, criando uma espécie de cartão de visita e marca no evento da companhia, como organizadora do evento.

Relativamente à programação da música, criamos duas noites mais fortes: sexta e sábado à noite.

---

<sup>7</sup> Espaços de secagem de cereal, de dimensão considerável para que este fosse espalhado.

<sup>8</sup> Quinteiros são os espaços a céu aberto no interior das casas características da aldeia, onde os animais eram preparados para o trabalho do campo, e onde se armazenava a forragem para as cortes dos animais.

A restante programação, obedecendo à anterior lógica, preencheu os restantes “espaço-tempo” com concertos mais intimistas aproveitando as características das casas da aldeia, quinteiros e eiras que criaram o cenário mais propício e acolhedor ao género musical-teatral-performativo, o qual apesar de tudo era muito pouco conhecido, e de certo modo inovador para este público. *Anexo 5*

A acrescentar, e de um modo espontâneo, foram acontecendo tertúlias informais em que partilhávamos experiências que nos ajudou a reflectir, a reavaliar o nosso projecto e talvez a desenhar algumas estratégias para o futuro.

Assim, o evento do ano seguinte (2008), aconteceu nos dias 19, 20 e 21 de Setembro, mesmo em cima do equinócio de outono trazendo alguma chuva e problemas técnico-funcionais que, apesar de tudo, não afastaram o público, aliás duplicou-o.

Os espectáculos dentro do evento aconteceram de uma forma regular, o público compreendeu a “mecânica” consultando e escolhendo no folheto-programa o que gostaria de ver, e como pudemos constatar, todos os “lugares foram preenchidos”.

Estava encontrada a fórmula. Agora teríamos de melhorar, requalificar, enumerar as actividades e as suas tarefas, estabelecer funções e critérios de desempenho nas equipas de coordenação.

Na preparação da 3ª edição do evento (2009), desenvolvemos novas estratégias e pensamos trazer um nome consagrado da música tradicional elevando a notabilidade do evento. Conseguimos que os *Galandum Galundaina*<sup>9</sup> estivessem presentes e, na verdade, abrilhantaram-no e chamaram a este o seu público.

Mantivemos o formato, enobrecendo o programa. Nesta edição chegamos quase aos 50 espectáculos, entre os mais complexos e os mais simples provou-se a eficácia da dispersão do público.

No entanto, enfrentamos um novo problema: dada a simultaneidade dos espectáculos e acontecimentos técnicos, por exemplo o *soundcheck*, a incapacidade de contenção sonora num espaço de palcos maioritariamente ao ar livre, o som dos diferentes espectáculos era audível nos outros espaços e “contaminava” audição e percepção do público comprometendo alguns pressupostos inalienáveis dos mesmos.

Era necessário considerar esta nova premissa, programar considerando que haveria um limite e qualidade sonora em espaços abertos, articulando todas as actividades de cada concerto/ espectáculo (*soundcheck*, espectáculo, entrada do público, etc.).

Quanto aos artistas, considerando o festival já como uma referência ou talvez surpresas pela

---

9 É um grupo de música tradicional [mirandesa](#) criado em 1996 com o objectivo de recolher, investigar e divulgar o património musical, as danças e a língua das terras de Miranda ([mirandês](#))(Wikipedia contributors, 2012)



organização de horários e acessibilidades, ficaram sem compreender a “infância” do evento, atiravam exigências criando alguma instabilidade. Por outro lado, a falta de uma clara atribuição de funções, até competências profissionais ou falta de formação, e desde a transição, no 1º evento da autarquia que comandava o evento, para as nossas competências, não nomeando ninguém diretamente, penso para não ferir suscetibilidades, acabou-se por criar alguma instabilidade.

Surgiram algumas dificuldades técnicas tais como a sobrecarga eléctrica. Para além disso, aconteceram interferências entre as diferentes equipas e a sua descoordenação reforçou os problemas. Algumas propostas de método, que influenciariam o fluir do evento, acabaram por ser recusadas e adiadas para o próximo evento.

Ainda assim, foi possível superar e mais uma vez finalizá-lo com nota máxima pela imprensa regional e, também, pequenas notas na imprensa nacional.

O programa foi do agrado do público e das mais variadas personalidades, o seu reconhecimento foi feito durante o evento com mensagens de incentivo. Estava definitivamente implantado o evento, agora era estudar estratégias de aperfeiçoamento e rentabilização: a definição de cargos era absolutamente necessária, como houvera comprovado os desentendimentos, falhas e sobrecarga de alguns elementos coordenadores na tentativa de sustentar falhas no evento. Saliento a natural disputa de influências que acontece após a visibilidade e exposição de um evento destes, para além dos benefícios, acarreta juízos de valor...

Avançamos então para a 4ª edição do evento dias 17, 18 e 19 de Setembro de 2010 com um objectivo claramente definido: criar um acesso de valor simbólico, regular as perdas financeiras e controlar a resposta em termos de recursos energéticos. Sendo óbvio que o cartaz teria que dar um passo em frente, já que o pressuposto de bilheteira criava responsabilidade acrescida para não haver perdas de público.

Este foi um momento de renhida preparação, uma vez que as ideias e propostas tinham que ser crivadas pelo, então, presidente da junta, que se tornou entrave e sistematicamente criava dúvidas, plantava incertezas, provocava inúmeras votações. Mesmo assim foi possível montar o evento, com um enorme espírito estóico, apesar de todos os prejuízos que daí advieram.

O evento cresceu e o público foi bastante compreensivo em relação ao bilhete de acesso, aliás, o público se auto regulou e censurou pontuais disputas na bilheteira.

O programa, mais complexo, mais organizado, com indicações para os lugares-palco, nome do espaço no local e horários dos espectáculos, foram colocados à porta da entrada numa ardósia que ajudava a interpretar o folheto-programa, o que acabou por se revelar uma solução extremamente funcional, uma vez que o público depressa aprendeu a comunicação de funcionamento.

Os espectáculos musicais, mais ricos, com workshops de danças tradicionais preparatórias para os concertos à noite. Houve um entrosamento entre público-artistas mais claro, garantindo o pressuposto anterior. A dinâmica foi conseguida e a programação seguiu fluida pelos três dias. Há a notar somente as dificuldades de resposta na tenda-restaurant.

Desta ocorrência, recolhemos uma mensagem: o evento não poderia ser coordenado a duas velocidades, a troca de momentos activos entre a restauração e os espectáculos eram essenciais. Por outro lado, o mapeamento e gestão de recursos humanos teria que ser requalificado. Uma vez mais, o rescaldo foi muito positivo, mas todos sabíamos que teríamos sair deste último evento com novas estratégias e formas de gestão.

...o gestor de eventos é o responsável pela "pesquisa, projecto, planeamento, coordenação e avaliação dos eventos". Essas actividades exigem um equilíbrio entre pensamento criativo e lógico. De forma mais crítica, para uma gestão bem sucedida, esses processos de pensamento devem culminar numa boa tomada de decisão, que abranja selecção, responsabilidade e implementação. (Mintztzberg, 1973 Harrison, 1987). A busca pela excelência exige uma revisão crítica das decisões adoptadas. (Yeoman, Robertson, Ali-Knight, Drummond, & McMahon-Beattie, 2003)

A preparação dos documentos organizadores de todo o evento e consequente programação avançou, já que todos se comprometeram a cumprir o que o “bom senso” apelava.

No entanto, e no decorrer dos trabalhos, acontecimentos subtis e estratégicos de desautorização, manobras políticas de má índole sobrepuseram-se a quaisquer valores, ditando o meu afastamento a cerca de um mês do evento. Desta forma, não poderei testemunhar estes últimos anos nem o que se avizinha ao projecto.

Já que não estive presente no evento de 2011, somente poderei apresentar o programa e transmitir que tudo estava guiado, e dos ecos que me chegaram notam que como tem corrido o evento.

## *Anexo 5*

### **III-b Gestão de espaços e de equipamento**

No palco, um artista deve saber mover-se como um invisual, ou seja, conhecer todos os detalhes do espaço e guiar-se por outros sentidos, para além da visão. Por outro lado, o público tem uma ideia conceptualizada de ser-se público, se desejamos alterar as normas, devemos o instruir e guiar, esse sim, é que é o inadaptado ao espaço. Temos que lhe indicar todos os movimentos que deve seguir para conseguir o que pretende: assistir aos espectáculos.

Este paradigma é a maior e mais importante questão que envolve programação e gestão de públicos em espectáculos ao vivo e mais particularmente nos festivais. Portanto, a sinalética, tem que ser universal, de fácil compreensão e esclarecedora. Para além disso, a função da frente-a-casa<sup>10</sup> deve ser facilmente identificável, atenta, de iniciativa e de resposta imediata, tal qual a sinalética, antecipando estados de incerteza, insegurança e desorientação, que entre os elementos do público são normalmente contagiantes e que criam frustração... No caso da *Festa do Caldo* e uma vez que o evento decorre num povoado com arquitectura confusa de ruas e ruelas, pequenas esquinas, necessitamos compreender o pensamento simples das necessidades do público, que, é estruturante para o método da sua orientação:

1. Quero ir ao evento, conheço o programa, desloco-me ao local,
2. Estaciono o carro,
3. Sigo para o recinto do evento (aldeia histórica),
4. Compro os acessos (bilheteira),
5. Confirmo/informo-me do formato do evento,
6. Desloco-me aos locais, seguindo informação que tenho (folheto-programa) e sinalética colocada,
7. Usufruo do evento (visito a aldeia, assisto a espectáculos, faço uma refeição, compro lembranças),
8. Vou-me embora.

---

<sup>10</sup> Frente-a-casa (*FOH -front-of-house*) Equipa que vende bilhetes, acolhe esclarece/ informa e guia o público para o espectáculo.

Partindo deste pressuposto e atendendo à experiência ao longo destes anos, temos vindo a melhorar todos os serviços que levem o público ao seu propósito. Portanto, desde a informação publicada à sinalética, tentamos todos os anos observar e recolher dados e críticas dos “utilizadores”.

Por outro lado, temos as necessidades da produção: seja de mobilidade de equipas e equipamento, programação do evento, os espectáculos ou de matéria prima de alimentação, os seus fornecedores, o transporte, o carregamento de equipamento, as montagens, o fornecimento de energia, arrecadação-armazém, questões de segurança, etc.

Concluímos, então, que existiriam dois tipos de espaços: o espaço público, e o espaço de bastidores técnicos, estes divididos em duas áreas distintas: bastidores de espectáculos e bastidores de produção alimentar e armazém. Nestes dois espaços restritos independentes, existiria um espaço comum: o refeitório das equipas.

Assim, os acessos a estes espaços reservados deveriam ser inacessíveis ao público. No entanto, e dado que a “arquitectura” da aldeia, que não tem características funcionais de uma sala de espectáculos com áreas reservadas, é um espaço contínuo, ou seja, são espaços partilhados, que requerem barreiras, chaves de acesso, segurança, etc., por isso, foi necessário desenhar um método de organização, que contemplava horários de carga e descarga, responsáveis por áreas, portadores de chaves, credenciais de acesso, segurança, barreiras, etc. e atendendo à planificação dos locais e às características da topografia do espaço, foi necessário criar uma agenda e uma data de regras de acessos de forma a evitar este entrosamento dos espaços e ocupar espaços públicos com viaturas e serviços de carga e descarga durante o tempo “activo” do evento.

Criamos também um conceito de fornecimento energético aos diferentes espaços-palco que consideramos. Separadamente, há o fornecimento às cozinhas e espaços de serviços.

Dotamos os diferentes espaços-palco de condições e características de acolhimento de espectáculos, genericamente palco, teia, bastidores e plateia dentro do possível e de uma forma adequada assegurando as normas mínimas de segurança.

Criamos um método de apoio de “sala”, ou seja, equipa completa dedicada a cada um dos espaços-palco com técnicos palco, frente-a-casa e assistente de produção.

Portanto, depois da análise minuciosa de toda a aldeia, avaliamos as diferentes potencialidades dos mais variados espaços; consideramos as dificuldades de acessibilidade técnica; a serventia e segurança do público; as questões relacionadas com o género de espectáculo que programamos no evento para aquele local em particular e elegemos 11 espaços-palco:



- Palco grande – Recinto do caldo → Localização dos espectáculos mais importantes e da tenda restaurante
- Largo do cruzeiro → Entrada no povoado *Aldeia histórica de Quintandona*, localização da bilheteira, posto de informação e merchandising
- Eira da *Casa da Cruz*
- Rua central da *Aldeia histórica de Quintandona*
- Quinteiro da *Casa d'Aldeia (Regni Minimi)*
- Quinteiro *Casa da Viúva*
- Eira da *Casa da viúva*
- Campo da feira
- Eira da *Casa da Feira*
- Centro Cultural, *Casa do Xiné*
- Quinteiro *Casa do Aguiheiro*

Para cada um destes espaços criamos uma ficha técnica básica (equipamento base de espectáculo), que é complementada conforme as necessidades da programação do espaço. Criamos uma teia técnica simples e cobrimos o palco, para protecção do equipamento e espectáculos, excepto as ruas.

O conjunto das fichas-técnicas de espectáculo<sup>11</sup>, que com estas especificações mínimas de espaços-palco, criaram as especificações técnicas do evento: ficha técnica do festival, que é fornecido por uma empresa, o equipamento da própria companhia como DEantes e emprestado por parceiros.

Depois de alguma experimentação-erro na orientação de palco, de alinhamento de verificações técnicas de som com espectáculos (*soundcheck*), etc, já que aconteceram intromissões sonoras entre os diferentes espaços, começamos a ter algum cuidado programativo acrescentando este dado à ponderação.

<sup>11</sup> Ficha-técnica do espectáculo são as especificações técnico-artísticas de um espectáculo e vulgarmente conhecida por *raider* técnico

Relativamente ao espaço de estacionamento, reservamos cerca de oito campos<sup>12</sup> não cultivados, em que o mais próximo da aldeia-palco é destinado à equipa do evento e artistas.

Nestes espaços colocamos iluminação pública e com a colaboração de uma associação de desporto todo-o-terreno denominada *Foscós*, controlamos, verificamos o trânsito, assim como o bom funcionamento do estacionamento e eventuais imprevistos.

Foi também estudado um plano de emergência e plano de evacuação, bem como um posto de primeiros socorros, que habitualmente é apoiado pela dependência local da Cruz-vermelha, e/ou os Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa.

Por fim, todos os anos criamos condições de acessibilidade “lateral” em caminhos rudimentares e por terreno não cultivado. Alguns, preparados para o evento, ligando o espaços bastidores ao arrumamento exterior, em passagens privadas ou desconhecidas do público, para reforço de matéria prima, deslocar equipamento e outros, salvaguardando também as condições de segurança. Muitas das vezes este transporte era todo-terreno ou carro-de-mão.

#### *Anexo 6*

### **III-c Gestão de Recursos Humanos**

A globalização da actividade económica, o acesso à informação, a concorrência intensa tornam evidente que festivais e espectáculos são produtos de uma indústria de serviços. Portanto, comparável na sua capacidade de resposta e quantificável na sua qualidade de organização, apesar das imensas diferenças.

São incomparáveis, por exemplo, os serviços médicos e os espectáculos, no entanto há critérios na prestação do produto-serviço que os clientes instintivamente comparam e exigem qualidade: os tempos de espera para o serviço são cruciais, como no atendimento clínico ainda que a correlação não seja efectiva e comparável.

Muitos gestores e programadores de eventos apercebem-se hoje que uma “forma visual de administrar” o seu evento não é garantia de sucesso.

A gestão de recursos humanos é nestes casos particularmente sensível e exige uma compreensão dos serviços prestados. A qualidade voltada para as necessidades do público, uma maior aproximação às suas exigências, ainda que intuitivas.

Os eventos e festivais podem ser planeados para um público de massas, e ao mesmo tempo, para grupos de turistas de cadeias de hotéis. Clientes diferentes criam expectativas diferentes, com

---

12 Área agrícola de cultivo – latifúndio

diferentes necessidades. Portanto, é fundamental que aqueles que prestam o serviço estejam conscientes de alguns factores e hierarquicamente organizados, para que nas variações de necessidades durante o evento tenham uma resposta capaz.

Desta forma, a qualidade do serviço-festival está directamente relacionada com as pessoas que distribuem os serviços. Quase todas as posições (cargos ou funções) são temporárias, as equipas são compostas por profissionais pagos e voluntários não remunerados. Dentro destes dois grupos o envolvimento e “quantificação” de pertença são factores cruciais na qualidade de serviço. Assim, aferir junto destas equipas as suas próprias necessidades, eventualmente de formação e informação é algo complexo, especialmente, quando o contacto acontece em pequenas reuniões de trabalho, dias antes do evento. Acumula-se, então, o factor de instabilidade, ou seja, não será fácil substituir e re-preparar novos funcionários para substituir faltas, incompetências, maus desempenhos. Há a acrescentar que a experiência e “saber fazer” (*know how*), acontece momentaneamente, uma vez por ano, incapaz de produzir sequer experiência empírica. Por outro lado, a pressão, a tensão característica dos tempos de resposta neste tipo de evento-espectáculo e, por fim, a insegurança produz opiniões “afectadas” e pouco objectivas.

Portanto, o festival “*Festa do Caldo de Quintandona*” com cinco edições, quando saí, ainda só tinha pouco mais de 15 dias de trabalho efectivo em “espectáculo-evento”. Muito pouco se poderá aferir deste desempenho, mas compreendemos que os níveis de concentração, qualidade de formação e informação, os níveis de empenho e envolvimento desta equipa é grande e absolutamente decisora na qualidade do evento, exigindo estabilidade e confiança na liderança.

Apesar desta consciência, a disputa pelo protagonismo é uma condição característica de progresso profissional, que se acentua, no trabalho voluntário, uma vez que este é, talvez, a única recompensa do trabalho realizado. Penso que esta situação se exacerba quando se trata de pequenas localidades, onde o poder local aspira alguma visibilidade social e política.

Atendendo a estes factos ao longo das últimas edições procuramos a “melhor forma de organização”.

Na primeira edição mapeamos o evento e criamos equipas simples que se responsabilizassem por áreas específicas que evoluíram naturalmente durante o evento para três grandes áreas: área alimentar e serviços; área técnica e recursos energéticos; área artística e programação. Esta tendência formalizou-se e entranhou-se na vontade política de assumir o protagonismo. É no entanto esta forma de gestão à “circunstância” ou “a olho”, usando uma expressão popular, que se impõe discretamente mas sem resultados vantajosos.

No segundo ano, e como habitualmente, o excesso de confiança das diferentes equipas, provocou



alguma desorientação e perda do *timing* certo. Tornou-se evidente a necessidade e a consciência de mapeamento claro de funções. Neste ano e pela primeira vez estiveram presentes alunos de direcção de cena da ESMAE<sup>13</sup>, operando o evento (somente os espectáculos) preparando e gerindo os espectáculos, uma mais valia que acabou por minimizar a desordem.

No terceiro ano, a recusa à necessária documentação de organização, preparação e método estruturado tornou-se evidente por parte do então presidente de junta, as apostas no “fazer a olho” criaram clivagem, afastou voluntários, regrediram serviços. Mais uma vez, e desta feita, requalificamos profundamente a área artística: atribuindo funções essencialmente de apoio e assistência de produção. Foram nomeados responsáveis por equipas de espectáculo, responsabilidade desde a sua chegada à sua partida, com rol de tarefas atribuídas. Foram criadas pequenas equipas dentro da equipa, por exemplo: a equipa de Direcção de Cena ficou somente com a responsabilidade de gestão de espectáculos, a assistência de produção cuidava dos artistas, a frente-a-casa do público, etc. Mapeamos, assim, a actividade tornando clara a forma de comunicação e de comando.

Apesar de tudo conseguimos mapear as funções, e com a necessária “*resistence*” conseguimos criar, um organograma intuitivo, funções delimitadas com simples barreiras de acção, locais de intervenção, e descritores de funções, com as respectivas tarefas associadas. Na última edição em que participei, propunha-mos uma reorganização nova que esclarecia funções, atribuía formalmente os cargos aos nomes. Criava uma organização estruturada, desenvolveria-se pequenas acções-formação. Aquilo que esperávamos seria verificar quais cargos teriam que ser remunerados, quais formações (qualificações) levar a cabo e requalificar as linhas de ordem de comando, o que não foi possível colocar em prática.

#### *Anexo 7*

### **III-d Planificação do evento**

A planificação do evento pressupõe trabalho com documentação por forma a criar as actividades, e seus caminhos de tarefas, que se sucedem, com um determinado tempo, atribuídas a um responsável(eis) que as realizará(ão), e comandará a actividade até à sua conclusão e ré-início do programa de actividades estipulado. É-lhes anexado também as necessidades de recursos técnicos, financeiros, de espaço ou recursos humanos, criando, desta forma, uma rede de ligações passível de planificar como um mapa de diferentes percursos de acções-actividades e eventuais soluções alternativas, o mapa do processo.

Hoje em dia a complexidade e cruzamento de procedimentos é tal que se conseguem resultados mais

---

<sup>13</sup> Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo

imediatos, muito pela influência da actividade de informática, que apesar de simplificar procedimentos, também proporcionou uma evolução tão rápida e dispar em competências e formações que acabou por complicar e exigir mais à “forma de trabalhar”.

A complexidade de tarefas e as relações entre elas tornou-se tão densa em tão pouco tempo, que a nossa capacidade de racionalidade ultrapassa a nossa memória imediata, desta forma surgiu uma nova tarefa/profissão: analista e projectista de sistemas(Weinberg, 1988).

Quanto mais aumentar uma estrutura, mais aumenta o seu volume de trabalho, a diversidade de tarefas, a simultaneidade entre elas para dar resposta a um maior número de clientes. Portanto, atribuir falhas num sentido de “senso comum” ao procedimento errado ou à indiferença dos colaboradores, até mesmo ao controle de qualidade, é insuficiente, pode ser limitativo e até contraproducente. Por outro lado, só uma óptima planificação nos permite antecipar, preparar e contornar futuros problemas: observar comportamentos, anotar, para depois saber onde intervir, no sentido de suavizar tarefas, esclarecer, relaciona-las melhor e evitar erros previstos e identificados.

Numa organização de serviços, que se sustenta fundamentalmente de recursos humanos, da diversidade, da especificidade profissional e da competência de cargos, é na metodologia e práticas de trabalho que está o foco da ação de gestão. À semelhança dos processos artísticos, que envolvem características humanas únicas na suas realizações a gestão deve ser pensada em “tempos criativos”, ou “tempos activos” que não podem ser muito longos, já que requerem muita concentração, torna-se necessário minimizar divergências e preparar trabalho com antecedência e com margens e folgas com o intuito de ganhar tempo para as “incertezas”.

Assim, a “Festa do Caldo” foi cuidadosamente mapeada em diversos documentos: diagramas de acção, organogramas, agendas gerais, agendas detalhadas, etc. Documentação essa, que ainda hoje utilizo nas aulas que lecciono.

Esta documentação foi parte do estudo de metodologias de organização e documentação do evento. No entanto, e apesar de tudo, foi sendo sempre interpretada como sinalizadora, opressiva, eventualmente penalizadora de procedimentos. Penso que muito se deve a uma cultura social, e claro está, aos aspectos de vínculo dos recursos humanos tem à organização “Festa do Caldo de Quintandona”.

O conceito metodológico pretende proporcionar uma evolução rápida e estruturada, minimizando alguns acontecimentos inesperados como por exemplo a sobrecarga na rede eléctrica, por causa do equipamento eléctrico na cozinha que não estaria previsto. Aconteceu uma sobrecarga num dos ramaís de fornecimento, que quase criou uma situação grave numa das edições do evento.

Esta documentação foi alvo de várias reformulações ao longo dos últimos eventos que dirigi. No último ano em que fiz parte do evento propunha uma nova abordagem: já que era a quinta edição e necessitávamos de uma sistematização clara e documentada:

- Pensamos em mapear as tarefas de todas as equipas e acções, reorganiza-las numa agenda modelo, ou seja, o que comanda o trabalho são as actividades e não quem as faz, claro está que devemos focar-nos na qualificação de quem as faz e acima de tudo nas suas competências.
- Agendar tarefas paralelas, de fornecedores, de actividades de promoção, de entidades parceiras, etc. Quantificar esforços e investimentos, re-organizando segundo os valores mobilizadores iniciais e estratégias pré-determinadas.
- Criar pontos de controle da agenda. Iniciar os trabalhos a partir da criação de um conceito com carácter inovador, respeitando o conceito denominador e estruturante das diferentes áreas do evento.
- Criar métodos de anotação e avaliação de todos procedimentos, criar pontos de formação bem como conteúdos formativos para os diferentes cargos com uma agenda adequada e antecipada.
- Escutar outras experiências. Por fim adoptar decisões, avaliações para futuro processamento. Avaliar e verificar a eventual necessidade de reestruturação de alguns serviços. Em suma, desenvolver em toda a equipa capacidades holísticas.

#### *Anexo 7*

### **III-e Cronograma operativo**

Quais são as questões fundamentais que devemos colocar quando começamos a agendar e programar um evento?

Organizar os espectáculos-eventos sequencialmente nos espaços, nos horários nobres por critério de importância é o método mais intuitivo. Do senso comum compreendemos que saber quanto tempo leva a fazer determinada tarefa ou a produzir determinado objecto é fundamental. Inclusive a actividade de preparar determinado espaço para acolher a sua função. No entanto, apesar de nos eventos a programação da agenda obedecer a este critério, tem que ser necessariamente criada de trás-para-a-frente, ou seja, temos que a organizar a partir do dia de estreia, ou melhor, o «antes da abertura» e o «depois da abertura» do evento.

A partir do dia, hora, minuto de abertura, e descontando os tempos de “entrega” de tarefas

adicionando-lhe uma margem de segurança, encontramos a data de início de trabalhos. O melhor encadeamento de tarefas proporciona poupar recursos, tempo e precavê as habituais incertezas.

Um sistema de informação e gestão de tarefas é, portanto, fundamental para este decorrer mais constante, e tornará mais fácil a identificação de sintomas de desvio ou resistência.

Um evento como a *Festa do Caldo de Quintandona* sustenta-se fundamentalmente dos trabalhos de voluntariado. Portanto, é necessário compreender o conceito e interpretação de cada um desse voluntariado, ou seja, direitos e obrigações. Depois elencar os recursos humanos nas áreas de afinidade, e consoante competências individuais ou "vontade de participação", por fim estimar a participação individual e também para não defraudar as expectativas, que é a recompensa dessa participação voluntária. Neste sentido, devemos questionar os voluntários para elaborar a proposta de distribuição de trabalho, actividades, tarefas e calendário. Consequentemente os seus ajustes irão acontecendo no cruzamento de dados e na elaboração da "teia" de processos-actividades.



Importante é também considerar o tempo de fecho de programa e negociação do mesmo. Os espectáculos são o foco e atenção do evento, o seu carácter distinto é provavelmente critério de escolha do público, portanto o agendamento e preparação deve antecipar os eventos concorrentes, no sentido de proteger o nosso conceito, as nossas propostas e eventuais "fugas de recursos" e/ou "fornecedores". Podemos eventualmente fixar um prazo de anúncio mais tarde do que o prazo de fecho da programação, dependendo da estratégia de divulgação. Esta contém em si, também, um calendário paralelo que pressupõe comprometer e criar necessidade no público sem que a sua informação seja "spam" ou lixo informativo.

Há, ainda, a considerar as tarefas de montagem da "semana crítica" e todas as equipas envolvidas: os palcos, serviços de luz e som, as tendas de refeição, os bares e as cozinhas. As montagens da rede eléctrica do evento, bem com a iluminação de espaços anexos, como por exemplo a iluminação dos parques de estacionamento.

Portanto, a relação entre actividades, as dependências de tarefas, e o conceito de rede de acontecimentos tem que ser bem calculado, evitando desta forma desvios ou atrasos de

consequência.

Mas qual é a oportunidade? Nesta área, de gestão de tempo, o fundamental é realmente a capacidade de compreensão das necessidades, enumerar as actividades, agendar as tarefas, atribuir funções, encomendar serviços e fornecedores atempadamente, para que estes organizem ou sincronizem a sua agenda em função da agenda determinante: a nossa.

Por fim, consideramos que estamos muito próximos de produtores de matéria prima de melhor qualidade para a confecção alimentar, no entanto, ainda não fomos capazes de cativar esses potenciais produtores e evitar intermediários, são eles os agricultores locais. Oportunidade que pode partir da organização do evento, uma vez organizacionalmente documentada, pode criar sinergias positivas e criar um maior envolvimento com a comunidade.

*Anexo 7*

## **IV Plano económico**

Na última década, a gestão de eventos deixou de ser uma área de domínio de amadores dedicados, habilitados, nomeados ou “bem-fazedores” para se tornar um campo de profissionais qualificados. Existem diversas razões para essa mudança: Em primeiro lugar as profissões surgiram da necessidade de diversas áreas de entretenimento, como festivais, eventos culturais, eventos desportivos, eventos turísticos, conferências, eventos corporativos, etc. Essa mudança levou a uma necessidade de metodologias capazes de atender a essa variedade e particularidade de cada evento. Em segundo lugar, os ambientes em que os eventos são criados, e quais os participantes esperados, exigem uma metodologia capaz de lidar com riscos económicos e sociais, assim como ser capaz de reagir às rápidas mudanças socio-culturais. Em terceiro lugar o envolvimento de empresas e governo tem vindo a aumentar o interesse económico como instrumento de promoção/divulgação, na expectativa de um retorno, o que levou à necessidade de sistemas de gestão capazes de medir e garantir o retorno do investimento.

Em resposta a estes desafios, o sector desenvolveu-se de forma rápida procurando as melhores práticas nas mais variadas áreas do conhecimento, adaptando-o à prática de gestão de eventos, criando-se novos conceitos de inovação, em que se destacam as aclamadas «Indústrias Criativas».

### ***IV- a Financiamento ou plano de negócios?***

Esta é talvez a área mais tensa na gestão de eventos. Sabemos que gestão económica e a “luta dos números” é complexa na produção de valor. E o que é o valor nesta área? Riqueza financeira? Riqueza cultural? Questionamo-nos sistematicamente, especialmente agora, em tempos de crise: – quanto custa ter? Na minha opinião deveríamos questionar: – quanto custa não ter? Para além disso, a intangibilidade do produto cultural torna-o um produto de maior risco.

Mas então qual é a estratégia? Procuramos financiamento para o evento ou desenhamo-lo como um produto-serviço e vendemo-lo?

Na área do espectáculo, os projectos de eventos consideram uma visão mas também uma missão, ou seja, estará implícito um financiamento daqueles a quem interessa a missão do evento. Então que significará um plano de negócios para o produto-evento, neste caso particular – *A Festa do Caldo de Quintandona*? Desenhar o produto que temos para oferecer? Mas poderemos afirmar que não podemos desagregar um do outro. Na planificação económica devemos considerar ambas partes com benefícios e custos, tanto tangíveis como intangíveis, e esse sim será um plano económico, e não um orçamento como costuma ser considerado, para entender o plano económico de um evento cultural.

#### **IV- b Plano de negócios**

Num óptimo plano de negócios a gestão ideal é saber quais são as melhores oportunidades, saber como aproveitá-las, para isto há que ter um planeamento detalhado do que é o produto(s) ou sub-produtos, o que é o negócio e seus descritores, forma de operar, estratégias de venda, plano de conquista de fatia de mercado, projecções de despesas, análise da sustentabilidade e resultados financeiros.

A descrição do produto foi feita anteriormente neste documento e aferimos que o motor da sua criação não é, e não foi, a comercialização, ou seja, nunca esteve previsto qualquer modelo de negócio. Mas faz falta entender o que se está a “vender”, para que se possa avaliar, decidir ou escolher rentabilizar. Por isto entendo que este produto-evento é um produto-serviço de espectáculos com a temática nomeada anteriormente: artes performativas com a temática relacionada com as raízes culturais portuguesas, e o caldo, produto gastronómico de origem Local.

O Cliente-público está obviamente centrado no mercado cultural, que se poderá estender ao mercado do entretenimento, estando ambos patentes em todos os segmentos etários. O perfil é menos cosmopolita e mais local: habitante suburbano, com uma apreensão cultural básica, com expectativas que confundem os bens culturais com entretenimento. Deste modo, o foco parte da identificação imediata do cliente ao produto-serviço, que está patente no critério de programação e temática do evento, procurando num ideal passado, ou memórias confortáveis, de vida calma na aldeia. O sub-produto, ou produto paralelo, neste caso particular - «O caldo», reforça este ideal temático e envolve-o reforçando o produto-serviço, como uno, ou seja um só.

Neste momento, carecia a elaboração de um estudo de mercado, que julgo não estar feita, para entender o que é a concorrência e quem é. Como ponto de partida, fica somente a nota que a concorrência não é o evento que decorre no mesmo fim-de-semana, mas todos os que têm características similares, quais são os aspectos característicos mais atraentes e os mais negativos de cada um deles, para tentarmos compreender a escolha do público, porque “compra” o nosso ou o do outro.

No ponto seguinte deveríamos re-equacionar os parceiros: verificar as vantagens, os benefícios de ambos, quer seja ao nível troca de valor, quer seja ao nível intangível, desde a valorização social dos mesmos, à sua elevação e reconhecimento.

O ponto seguinte é desenhar, de algum modo a forma como cada um se posiciona, ou, qual papel assume no evento. Por exemplo: o pelouro do turismo da Câmara Municipal de Penafiel, sempre se interessou por este evento, em comparação com a indiferença do pelouro da cultura, talvez porque o município sempre o entendeu com um instrumento de promoção turística estratégica, de baixo custo,

daí não interessar a qualidade cultural, mas os números de público e a penetração de mercado.

Alguns críticos do conceito de marketing afirmam que os festivais culturais não se deviam preocupar de imediato com as necessidades do mercado-alvo, mas com a inovação, a criatividade e a disseminação cultural, sob pena de porem em causa a proposta de programação, num modelo, para tanto é um pressuposto fundamental assumir que uma política cultural é uma política de mediação, sendo o seu destinatário as pessoas que a atendem.

Segundo a teoria de marketing a demanda do cliente-público é o desejo por produtos específicos, nivelados pela disponibilidade em compra-los e o seu conhecimento, portanto, neste caso em particular, penso que não irão aceitar actividades culturais inovadoras ou avançadas. Significaria o “abandono” de princípios artísticos e de criação em favor de se encontrar um denominador comum.

Esta visão assume, erradamente, que um plano de marketing admite somente o foco no consumidor, ou nas necessidades do visitante. Na verdade um plano de marketing consiste em revelar as necessidades latentes dos consumidores, que só uma programação especial e surpreendente poderá satisfazer. Daí que as noções de marketing para a programação artística são cruciais. Porque a noção de marketing dá aos gestores de eventos uma noção para a melhor tomada de decisões. Para que entendam o visitante e o artista e atendam não só a criatividade e inovação conceitos de senso comum, mas também originalidade e o eventual «entusiasmo pelo novo» do público.

Para a captação de patrocinadores, que exigem certeza de que o seu patrocínio seja recebido pelo mercado-alvo. Para que os parceiros entendam a satisfação do cliente-público e vejam os seus objectivos satisfeitos.

Para que se entendam os consumidores e a sua disponibilidade económica e dêem preferência ao nosso evento-espectáculo, se fidelizem. E que, por interesse comum, o considerem um evento especial, o comuniquem a outros potenciais clientes.

A aposta seguinte, seria estipular uma estratégia de venda

*Anexo 8*



## V Gestão de evento

A gestão do evento é a sua execução, durante o tempo que decorre, ou seja: o produto a ser disposto ao cliente-público é intangível, o que significa que o produto-serviço não pode ser visto antes da sua compra e também inseparável, o que significa que a produção e o consumo acontecem em simultâneo, isto aumenta a dificuldade de resposta na produção e dificulta a compreensão do cliente perante o produto, tornado a previsão de produção extremamente difícil. Porque, por um lado, torna-se quase impossível aumentar substancialmente a capacidade de produção como aumentam os clientes conforme vão compreendendo o produto e, por outro lado, a capacitação dos processo de produção, ou seja, a capacidade de resposta e dimensão dificilmente serão reformulados durante o evento.

Deste modo, é necessário capacitar as equipas para a resposta na variação imediata e imprevisível na demanda, há que planear a **logística** de reação considerando situações hipotéticas.

Para melhor compreensão, salienta-se aqui o significado etimológico da palavra «logística» que provém do grego «*logistikos*» que significa bom calculo.

O romanos usavam-na na gestão dos seus exércitos. O termo evoluiu dentro da “arte da guerra” para ser apropriado pelos sistemas económicos na era moderna. E, por sua vez na indústria de eventos. Independentemente de cada evento, o fator de sucesso do evento depende do “bom calculo” ou da logística montada.

A satisfação com a experiência do público é determinada em grande parte na forma como se desenrola a visita ou experimentação. A relação do “consumo” dos produtos postos à disposição e como flui essa resposta entre produção-consumo.

Esta logística organiza-se por atividades de diferentes categorias, que por sua vez se organizam em processos. Assim, um conjunto de tarefas sucedem-se para que a prestação do serviço aconteça. Algumas destas tarefas, desenrolam-se longe dos olhos do cliente-público, e por isso invisíveis ao mesmo. Criando, também, uma dificuldade de avaliação do valor agregado na produção, levando as pessoas a avaliar como “dispendioso” o serviço.

Por outro lado, há tarefas que pressupõem o envolvimento do cliente: o *selfservice*. Neste caso há diferentes níveis de entrosamento (envolvimento individual). Por exemplo, numa cantina o cliente levanta a sua própria refeição, enquanto que num restaurante todo esse serviço é-lhe disposto pelo empregado de mesa.

De igual modo, num festival como o de Quintandona, espera-se que o público que terá de se auto-servir, saiba interpretar as instruções para o fazer no programa-folheto e se desloque aos locais

dos diferentes serviços.

No caso particular dos espectáculos, que se desloque aos locais antecipadamente, que ocupe o lugar autonomamente e seja capaz de seleccionar os espectáculos que mais lhe agrade, evitando sair depois de apreciar o espectáculo e precavendo o movimento de plateia durante o espectáculo. Em contraste com a programação de uma temporada de uma sala de espectáculos, em que é enviado o “menu” antecipadamente com informações detalhadas e onde são criados pacotes de programação que à partida servem diferentes clientes, apresentando diferentes modalidades de compra de espectáculos-eventos e lugares, bem como a possibilidade de reserva antecipada de lugar.

A expectativa do público é que se cumpra a promessa do espectáculo interessante, ainda que nisso envolva a interpretação individual, logo subjetiva. Se possível se ultrapassem essas mesmas expectativas, ou seja, as pessoas sentam-se naquela plateia à espera de serem surpreendidos para além do seu imaginário. Ao cliente-público não lhe interessa quaisquer explicações da complexidade dos processos de produção e quais equipas envolvidas, especialmente no momento em que contesta a qualidade do serviço.

Este é um erro comum no contacto com o cliente-público. Um excesso de justificações e desculpas, não são satisfatórias, para além da hipótese de “devolução” ou de restituição da confiança depositada serem escassas.

Para evitar a quebra de credibilidade do evento a logística deve ser capaz de entender as necessidades do cliente-público do evento, contrastando com a capacidade de oferta e resposta da equipa do mesmo. Entender a variedade de processos por actividade com que se tem de lidar, entender a diferenciação dos processos por áreas de serviços, determinar as implicações que existem entre processos e nas diferentes áreas de diferentes serviços. Determinar as funções necessárias. Esclarecer os objectivos de cada função, evitar interpretações díspares. Anotar as tarefas a executar pelo cliente-público e qual(ais) a(s) dimensão(ões) de informação-formação que será necessário para as executar, bem como as ferramentas informativas-formativas disponíveis, ao mesmo.

Por fim, encontrar as tarefas-chave em todos o processo do evento, o conjunto das actividades, o nível de entrosamento entre as mesmas pré-determinando o processo de “tomada-de-decisão” e respectiva hierarquia de decisão estruturada.

Quanto mais descentralizada está uma organização, melhor esta funciona, evitando a surper-carga de decisão em alguns indivíduos.

Devemos, ainda, acrescentar o facto das organizações, senso-comum, estarem habituadas à repetição de processos, não sendo no decorrer do evento tão frequentes essas repetições. Em contraste, os “serviços-estranhos” acontecem mais habitualmente do que numa organização tradicional. Estes

requerem iniciativa individual, escolha e decisão. Sublinhando ainda, que no caso particular de Quintandona, a preponderância dos serviços está nos voluntários, os quais transferem para o evento as suas experiências e “modo-de-fazer” do seu local de trabalho, as particularidades das suas profissões, acarretando um sem número de visões do “modo-de-executar”.

Deste modo, o esforço de projectar uma caminho para a logística do evento estará pousado na racionalidade.

Sabendo, ainda, que a satisfação do cliente-público compromete a satisfação do funcionário-voluntário, uma vez que a rapidez de prestação de serviço fadiga o voluntário, e que as compensações remuneratórias não existem neste caso como podemos encontrar uma solução – do melhor que podemos fazer – em determinada circunstância?

Por isso, há que fazer entender a função a desempenhar, as tarefas agregadas, quais responsabilidades e quais decisões pode ou não pode tomar... Só saberá se lhe for dito sem ambiguidade de interpretação. Para além da explicação das mais valias compensatórias a cada um dos voluntários e funcionários participantes.

Então, a chave deste evento é, e será sempre a comunidade, que se dispõe voluntariamente a apoiar a sua execução. O desenvolvimento desta logística por processos das diferentes atividades decorria no momento em que abandonei o projecto, que desenvolvia uma proposta de divisão de poder e de dispersão de decisão.

Segue então um quadro de exemplificação dos princípios seleccionados:

#### CLASSIFICAÇÃO ACTIVIDADES NOS PROCESSOS

<i>Actividade</i>	<i>Rotineiros</i>	<i>Repetidos</i>	<i>Estranhos</i>	<i>Implica com</i>
ACT1 Programação	<ul style="list-style-type: none"> <li>determinar agenda de execução</li> <li>discussão do tema anual</li> <li>divisão por espaço</li> <li>horário de programação (mapa do programa)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Convites performers</li> <li>telefonemas</li> <li>emails</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apadrinhamento</li> <li>homenagens</li> <li>tema</li> <li>recolha de preocupações culturais</li> <li>políticas culturais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>ACT2</li> <li>ACT(n)</li> </ul>
ACT2 Contratar serviços de luz&som	<ul style="list-style-type: none"> <li>Determinar necessidade técnica de fornecimento de electricidade</li> <li>Determinar raider técnico do evento</li> <li>determinar rider técnico dos diferentes palcos</li> <li>ordenar sequencia de programação de cada espaço/palco</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Licenças</li> <li>rider técnicos dos espectáculos</li> <li>telefonemas</li> <li>emalis</li> <li>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Microfones especiais p/ instrumentos atípicos</li> <li>equipamento de bastidores</li> <li>Localização, extensão e tipo de ligações disponíveis nos ≠ espaços-palco</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>ACT1</li> <li>.</li> </ul>
ACT(n)ACT3 Preparação da comida&bebida	<ul style="list-style-type: none"> <li>Determinar objectivos de produção-consumo</li> <li>desenhar metodo de produção</li> <li>desenhar agenda de fornecimento de matéria prima</li> <li>encontrar fornecedores</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenhar metodo de encomenda e condições de pagamento</li> <li>organizar tempos de escolha/ selecção ode produto</li> <li>estruturar notas ecomenda</li> <li>desenhar método de execução financeira</li> <li>.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Encontrar política de fornecedores</li> <li>determinar padrões de qualidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>.</li> </ul>

etc...

Este quadro continuaria até estarem todas as actividades inscritas.

Compreendendo que o composto de serviços disponíveis e respectivas exigências mudam muito rápido e têm variações ao longo do evento, assim como a variação das exigências de hora para hora alteram-se, por ex:

- agora quero ver algo,
- agora quero utilizar o WC,
- agora quero comer
- agora lanchar,
- agora atender às necessidades das crianças, etc

temos que encontrar uma resposta capaz. Se por um lado posso encontrar serviços rotineiros, como servir copos de cerveja, que requer compromisso e ética, por outro lado, tenho de atribuir estas tarefas a pessoal altamente especializado correndo o risco de desperdício de mão-de-obra qualificada necessária mais tarde e/ou noutras tarefas mais exigentes.

Há ainda que contar com a desmoralização dos especialistas, que se voluntariaram para um serviço e são reconduzidos para um outro mais rotineiro, só porque são eticamente mais corretos.

Para evitar estas situações criamos uma ficha de inscrição de voluntários com opções categorizadas por actividades ou grupos de actividades, para se candidatarem.

#### *Anexo 7*

O passo seguinte pressupunha a reunião com os voluntários, informar/formar de um modo genérico a forma como iria decorrer o evento: os objectivos genéricos que pretendíamos alcançar. Por fim, promover a construção da equipa.

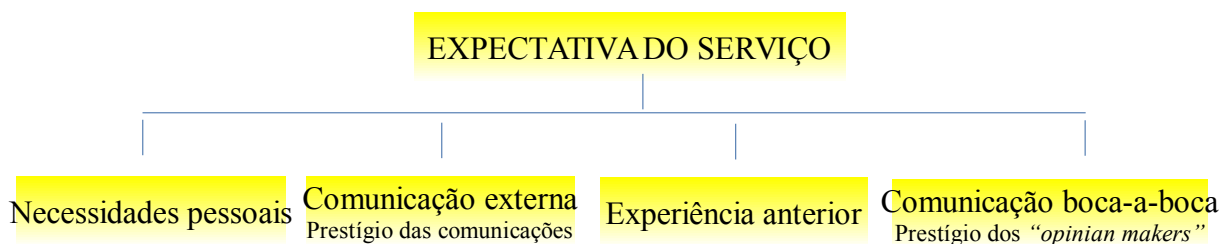
Na mesma reunião, os voluntários eram divididos por área de inscrição, ou seja por actividades que seleccionaram, eram informados quais as tarefas associadas e se preferiam estar em tarefas fora do olhar do público ou ao balcão, junto do cliente. O tempo que estariam disponíveis para ajudar, e se haveria alguma indisponibilidade. Esta informação era anotada na ficha individual de cada um, para posteriormente ser observada e processada.

A determinação seguinte decorria na atribuição de tarefas de coordenação de processos e de gestão de actividades. Normalmente estas funções são determinadas por organogramas, que estruturam as

funções numa organização. No entanto, nos eventos a situação muda de figura circunstancialmente, até por causa do vínculo que os trabalhadores têm à entidade. Ou seja, a gestão deve ser dinâmica e a logística compassada entre acontecimentos dentro do próprio evento. Deve ser estudada e avaliada entre edições do evento, no caso do Caldo de Quintandona, de ano a ano.

Assim, esta atribuição só acontece após o melhor estudo da sequência das tarefas e como se encadeiam, atendendo fundamentalmente onde criamos valor para o cliente-público.

Por isso, da expectativa do serviço individual do cliente, podemos dividir por classes de análise:



Assim sendo, a forma como é entregue o serviço a quem o adquire (cliente-público), é o primeiro factor que determina o modo de atribuição de funções.

Em segundo lugar, a capacidade de acção-reação e comunicação, no sentido de antecipar questões de comunicação no cliente-público, por exemplo se está a vender copos de cerveja, não tem obrigação de saber a programação de espectáculos, mas, pode informar onde se pode obter essa informação, ou então ter o cartaz afixado no balcão.

Em seguida, os serviços de retaguarda, são os que determinam a estabilidade e fluidez no decorrer do evento, muito à semelhança do papel do director de cena e sua importância no decorrer do espectáculo. Portanto, a capacidade de resposta imediata e eficaz, a discrição, a elegância, o foco, a rapidez tranquila, são determinantes e são os traços de seleção de recursos humanos para a equipa.

Em terceiro lugar, os activos-chave, as habilidades individuais e conhecimentos individuais que agregam valor ao desempenho da função.

Portanto, as tarefas chave são o motor dessa fluidez e estão asseguradas em grande parte pela experiência adquirida. Claro está que um evento com três ou quatro edições é muito jovem nesta experiência, como referido anteriormente, daí ser relevante suportar-nos da experiência profissional dos recursos humanos em outros eventos e outras práticas.

É necessária a abertura e dinâmica e estar apto à mudança, já que com a progressão o evento modifica, o cliente-público varia, estamos sujeitos a interferências externas, à imprevisibilidade e heterogeneidade nas acções que requerem envolvimento pessoal, assim como melhorar e adequar a

resposta ao momento. Por isso, tão importante é o registo e/ou recolha de testemunhos, para se poder fazer alguma reflexão com vista à melhoria.

Na Festa do Caldo de Quintandona, isto foi feito de uma forma muito informal aproveitando alguns clientes próximos empenhados em colaborar dando opiniões. Havia ainda um convívio após o evento que proporcionava uma discussão aberta acerca do desenrolar do evento. Contudo, de uma forma concertada, este registo não foi feito. Existiu somente um pequeno inquérito à equipa de coordenação do evento, que pouco impacto teve, até por causa da resistência às respostas. Penso que a voz do cliente-público anónimo não tinha quaisquer representabilidade na decisão do evento e afinal era a maioria dos interessados.

Sem detrimento das políticas adotadas, esta aproximação ao cliente-público é necessária, ser capaz de tomar decisões que envolvam muitas variáveis e um volume enorme de informações, por vezes afasta-nos do essencial e do simples. Neste sentido de capacidade de auscultação, os gestores do evento devem ser capazes de re-equacionar constantemente a configuração do evento: formato, escala, foco agenda, execução e comunicação. Isto não implica necessariamente qualquer mudança, mas antes é uma tomada de consciência objetiva. Eventos bem sucedidos não são aqueles que têm muito público, mas aqueles que se aperfeiçoam e se aproximam dos seus objectivos.

Importante é saber quais são e como se cumprem. Normalmente os gestores têm a tendência a inflacionar os números que conferem a marca de “bem-sucedido”, números que já foram inflacionados anteriormente. A pressão dos investidores ou parceiros, nomeadamente as entidades públicas e respectivas políticas estabelecem objectivos que sobrecarregam os gestores. Por isso, a gestão deve antes focar-se no significativo e autêntico do que nos números.

Outro indicador de “evento-bem-sucedido” é a atenção que o mesmo tem nos canais de comunicação, especialmente a TV, que afirmam trazer novos visitantes. Será verdade? Quem são eles? Porque vêm, então? Questões com as quais se debate um gestor se debate e que, por vezes vive oprimido pela ditadura dos média. Mas de facto o sucesso de um evento, ou mais particularmente de um festival é medido em termos da sua contribuição: cultural, social, de desenvolvimento, mas também económica e proporcionadora de bem estar.

Por isto equacionar a escala: as dimensões do espaço(s) para a atividade(s). Se são suficientes e qual será a capacidade máxima de produção e acolhimento. É necessário, também, requalificar cada uma das atividades do evento e capacitando-as de recursos, por exemplo, a cidade de Edimburgo, instalou nas ruas pequenas caixas de fornecimento elétrico para servir os diferentes espetáculos de rua nos diferentes festivais.

Urge, simultaneamente, entender o formato, no caso da Festa do Caldo de Quintandona: vários

palcos com uma programação de teatro, música e outros com raízes nas tradições e folclore português, procurando de algum modo alguma preservação de um património imaterial. É também o encontro dessa programação com o cenário da aldeia, que potencia e envolve de uma certa magia os espectáculos acolhidos, os quais devem ser apresentados em pequenos palcos dispersos pela aldeia preservada, ora dentro das casas, ora em eiras ou campos agrícolas. Essas pequenas plateias têm que assegurar a visão do público, a sua perspectiva do palco, que deve proporcionar conforto num local adaptado para o evento e configurar uma interpretação do todo. A forma e dimensão da plateia configuram essa apreensão sensitiva, por isso muitos dos bancos das plateias eram bancos compridos e coçados recolhidos pela aldeia ou, então, fardos de palha acondicionados por velhas mantas ou cobertores de lã.

É importante reter o público o maior número de horas e oferecer-lhe serviços de refeição e outros. O foco do público tem que estar no que entendemos oferecer naquela programação àquela hora, sejam espetáculos sejam provas de vinhos. Por vezes, é necessário condicionar esse olhar – foco – utilizando técnicas de obstrução do teatro, e/ou direcção focal do cinema. Utilizar rebocadores de público, etc., como exemplo as paradas e personagens-cicerone móveis criadas tinham esse objectivo, ou seja, uma parada de «gingantones» e bombos dirigiam–rebocavam o público para o “recinto-da-lama” onde decorria um espectáculo, esse recinto pelas suas características ficava um pouco afastado do movimento central das ruas. Aconteceu também nas primeiras edições termos vários espectáculos de rua, que rebocavam o público dos recintos, descomprimindo a sobre-população no momento, assim como nos momentos de montagem e de *soundcheck*.

Destaco aqui o papel de um personagem importante que para além de rebocador tinha a função de *marketing*: informador-divulgador do público do projecto de Quintandona. A Ti-mariquinhas surgiu para uma visita oficial de estado que a aldeia teve do Presidente da República e que a re-aproveitamos no evento com um guião que ora relatava as suas desmedidas loucuras, ora falava dos objectivos do evento e da companhia de teatro, ora das projecções para o futuro do Projecto de Quintandona. Esta contra-cenava com o público, gerava por vezes temas de improviso, e como o espectáculo funcionava em *promenade* o público seguia a narrativa no espaço (aldeia) e criava-se aqui novas expectativas culturais. Apresentava-se, deste modo, o foco do projecto, talvez por isso, ainda hoje a comunidade contesta a perda de “norte” que o projecto teve.

Ainda, neste sentido de compreensão do formato e como o implementamos na aldeia, foram criados eventos de promoção, sensibilização e fidelização da comunidade. Aqui destaco o jantar de patrocinadores que se estreou em julho de 2011. Esta sensibilização aos apoiantes, que se pretendia ser contagiante, tinha como objectivo primário fazer entender que a colaboração poderia não passar por apoio financeiro, mas logístico. Cito o exemplo da empresa «Silva e Vinhas», que ao terceiro

evento se juntou à equipa e se responsabilizou pela montagem da infraestrutura provisória de distribuição de eletricidade. Esta empresa, especializada nesta área, dispunha os seus recursos técnicos e humanos, desenvolvia o trabalho de um modo mais profissional, com os recursos próprios, e de um modo mais célere, o que nos aliviava de uma carga bastante circunstancial à equipa do evento.

Depois de entendermos o formato, é importante entender o cronograma do evento. Este é uma das garantias do sucesso do evento. É importante que um cronograma seja desenhado com todas as considerações dentro de todo o tempo de preparação até à execução do evento. Como dizem os brasileiros, o carnaval do ano seguinte começa na 4ª feira de cinzas, o dia seguinte ao carnaval.

Na festa do caldo de Quintandona, este cronograma foi discutido algumas vezes. Com sabemos a “data de estreia” é o tempo de contagem do projecto, talvez a primeira data foi proposta de uma forma, eu diria até, ingénua. Entretanto, tornou-se de tal modo uma data marcante na cultura da comunidade que será complexo alterar.

Entendeu-se que Setembro era uma entrada no Outono, sem ser demasiado frio, portanto já se podia comer refeições mais quentes: o caldo, sem que houvesse uma sensação de desenquadrado na época. Apesar de tudo, e porque a data é móvel, acabou por assentar no 3º fim-de-semana do mês pois no 2º fim-de-semana, ou melhor há uma festa do santo padroeiro da paróquia, a dia 8 de Setembro que se move para o fim-de-semana seguinte, a qual interessa respeitar e não interferir. Assim, nesta mobilidade de datas acabam alguns eventos por acontecer em cima do solstício de inverno, o que aumenta em muito a probabilidade de chuva.

Estamos também na época das colheitas, do milho, das vindimas, etc., que por sua vez ocupam também ora recursos humanos ora espaços e equipamentos (as eiras e adegas das casas que utilizamos como palcos e armazéns). Isto deveria ser pensado: ou se integra estas atividades no evento, o que poderia ser popular, ou se afasta o evento no calendário. Ou seja, deveríamos ter mais cautela na decisão de incorporação das condições sociais, culturais, ambientais e locais ao cronograma. E no momento de decidir, talvez a ponderação nos indicasse Outubro, o que poderia não ser pior. Hoje com a experiência adquirida sei e compreendo estas implicações melhor, já que esta decisão é de avaliação à *posteriori*. Por isso, a contingência das probabilidades meteorológicas não deve nem pode ser escolha única e o factor determinante.

Há que ter em conta, também, a construção, ou seja, a adaptação dos diferentes espaços para apresentação, há um diálogo entre a programação ou melhor a hipotética programação e as diferentes possibilidades de distribuição pelos espaços, já que as especificidades e até as características de cada espetáculo têm exigências que correspondem aos potenciais espaços.



No caso de Quintandona, como atrás referido, os nossos espaços requerem a criação de condições, para que os espectáculos aconteçam, ou seja, a criação de palcos, plateias com todos os recursos que isso requer. Salvaguardando que estas montagens inviabilizam a real função do espaço durante a preparação e evento. Por exemplo, alguns destes palcos estão em eiras e adegas nas casas da aldeia. Ora esta é a altura da colheita do milho, das tradicionais desfolhadas e das vindimas, que necessitam dos espaços para as suas actividades.

Por outro lado, e em particular, no Festival do Caldo de Quintandona, em que o foco também pende para a gastronomia, dever-se-ia criar uma agenda de fornecedores, ou seja, a matéria prima utilizada na produção alimentar deveria ser contratualizada atempadamente com os agricultores da região. Será certamente de melhor qualidade do que de qualquer fornecedor industrializado, como já referido, para além da fixação de capital na região há ainda a hipótese de retorno ao evento.

Assim, é necessário compreender a curva do evento e construir o cronograma dos processos, detalhando no tempo a duração de cada actividade, desde as encomendas, contratos, construção e fornecimentos. Considerar este cronograma ao longo dos anos, ao longo do festival, hora a hora, minuto a minuto, caso a caso, obedecendo a um foco e dimensionando sempre a escala.

Estas propostas estavam em cima da mesa com o intuito de melhorar a capacidade de resposta, mas também envolver uma comunidade mais alargada.

Entendia que o ponto de diferenciação do evento, que geograficamente afastado dos habituais circuitos, deveria assentar na propriedade, integridade, autenticidade e na comunidade. Só se iria desenvolver com base na compreensão dos rituais e celebrações onde estamos sediados. Por isso, haveria que resgatar de certo modo algumas dessas celebrações e rituais e eventualmente resgata-los para uma interpretação dentro do evento, ou dentro do Projecto de Quintandona, a partir de textos e espectáculos, o que aliás já acontecia, com a perspectiva de continuação ou recuperação da preservação antropológica. Já que o marketing e a publicidade convencem o público a vir ao evento uma vez, a fidelização depende daquilo que ele usufrui, sente satisfação durante o evento, e do carácter único que percebe.

Por fim, o processo de tomada de decisão de um evento: antes de mais importa saber qual é a pressão ou tensão no gestor(es) daquele evento em particular:

- Os investidores?
- O público?
- A comunidade?
- A programação cultural?

- A capacidade d resposta em termos de recursos?
- A políticas? E políticas culturais?
- A autarquia?

Etc.

Seguidamente, importa identificar as posições dos cargos-chave, que os representa ou irá representar, quem eventualmente os deseja e quem tem o perfil mais adequado e competências para o desempenho. Estes cargos são os pontos de tensão na gestão e execução, mas também bem executados são os de descarga da tensão e fluidez do trabalho. Como referido anteriormente é determinante definir as posições de comando para estes activos-chave.

Depois, identificar e medir o risco. Uma decisão envolve sempre probabilidades, quanto mais factores maior é a dificuldade em toma-la. Não é por acaso que o ingénuo é óptimo a tomar decisões e o sábio demasiado cauteloso.

Não é possível a todo o momento convocar uma reunião para se tomar a decisão, por isso, importa antes do início definir-se uma estratégia e eventualmente um método de tomada de decisão. No caso dos eventos engloba três elementos de controle:

- estabelecer metas;
- interpretar informações (sejam quais sejam);
- ter um plano de acções de controle (condicionamento de comportamentos e disponibilidade de recursos)

No caso em estudo, definimos de uma forma simples os cargos “activos-chave”. Os critérios foram os que se envolveram dentro dos parceiros para pôr de pé o projecto. Haveria uma certa divisão funcional, já que eu tinha o *know-how* e o Presidente da Junta, que também presidente da Associação para o Desenvolvimento de Lagares, uma IPSS<sup>14</sup> da freguesia, dispunha dos recursos. Como não estabelecemos fronteiras, nem uma estratégia de tomada de decisão, e como o evento tornou-se apetecível à política, foi-se desestruturando a premissa inicial numa conquista de território de decisão. É, então, extremamente pertinente estar criada à partida uma estrutura escrita e sufragada.

Num segundo passo definir-se as categorias de risco:

- num primeiro plano,
  - funcionários e outros,
  - saúde e segurança,

---

<sup>14</sup> Instituições Particulares de Solidariedade Social

- controle de multidão,
- estabilidade,
- transporte,
- fornecimento energético e serviços públicos,
- condições de equipamento e máquinas-ferramenta.

– num segundo plano (menos evidente)

- satisfação do cliente-público,
- atendimento,
- atendimento às reclamações/ devolução,
- probabilidades e horários de tensão,
- elementos de risco; objectos de risco; comportamentos de risco,
- autoridade ou ausência,
- arquitetura do espaço(s),
- actividades sob-tensão de preparação, montagem, transporte no pré-evento e durante o evento,
- fadiga,
- álcool e drogas.

De uma maneira geral, deve-se desenvolver um plano de contingência em resposta. Notificar e assinalar os riscos de espaço e arquitetura; sinalizar e prevenir. Enquadrar os possíveis problemas e propor um plano de emergência e um plano de acção/resolução definindo encarregados de execução. Reduzindo, assim, circunstancialmente o risco de acidente, capacitando a resposta em emergência.

Por outro lado os recursos de reserva, são uma forma eficaz de resolução. Neste sentido, no evento do Caldo de Quintandona desenvolvemos um plano de emergência concertado com a autarquia e com os Bombeiros de Paço de Sousa. Estes últimos tinham um espaço próprio no local do evento destinado aos 1ºs socorros numa tenda de campanha.

Por fim, eram equipados alguns espaços com ferramentas de emergência, nomeadamente extintores, planos de emergência e evacuação, cortes gerais de eletricidade, etc. (*ver Anexo 6*)

Mas como estimar uma estimativa da probabilidade de qualquer coisa acontecer?

Este pleonasmo é a preocupação e a ansiedade do decisor na gestão de eventos, as previsões são

estimativas que se suportam da experiência passada. Mas a tendência é olhar positivamente para os aspetos que valorizam o evento, menosprezando o que correu pior. Isto é uma afirmação de orgulho e de valorização da equipa. No entanto, o gozo não é estar no topo da montanha mas na sua subida, e por isso muitas pesquisas apontam para o processo de olhar para trás, para o sopé e verificar o que já se subiu e quanto. A ideia é saber o que correu mal naquela subida e melhorar, já que, as dificuldades tendem a aumentar, os problemas a acumular-se e o risco a adensar-se, até porque estamos mais alto e, portanto, o tombo será maior.

Desta importante coleta de informação é necessário dar importância ao processo de recolha, de erro ou risco de adição/prevenção, ou seja, acções simples preveniram ou impediram problemas, a perda de informação de potenciais situações, que se descontrolaram ou se podiam descontrolar, ou até se perdeu essa informação intencionalmente, mas também da perda de informação que ocorre no passar do tempo após o encerramento do evento. Por fim, a coleção dos dados colecionados e anotados para futuro processamento. A influência pelas características pessoais no observado, no recolhido e a qualidade de informação, eventual enviesamento, as diferentes atitudes perante o problema, se são passivas ou reactivas, positivas ou negativas.

Numa equipa como a do Caldo de Quintandona, composta por voluntários, é natural que exista opiniões díspares e interpretações criativas. Há que ter em atenção aos muito confiantes na precisão dos seus julgamentos, especialmente em situações subjetivas. Não serão eles o foco do problema? Podemos dispensar alguém? Não iremos acrescentar outro problema ao tentar solucionar o que temos em mãos?

Recordo, em jeito de exemplo, um acontecimento relatado por duas pessoas diferentes com envolvimento totalmente diferentes: – teriam sido oferecidas refeições completas por A, B, e C no atendimento, estes, que relataram sentiram-se lesados, no entanto não foram capazes de censurar na hora. Para aquele A, B, ou C que o fazia estava somente a ser “amigo do amigo” e de um certo modo seria, imagino, uma compensação que não teria por não ser funcionário mas voluntário. No entanto não entendia que cada refeição oferecida comprometia o lucro das dez ou mais seguintes refeições, já que oferecendo a totalidade há que retornar o custo da matéria prima mais do suposto aluguer/venda de louças e tabuleiro onde era servida a refeição.

Por isso tão importante fazer uma reflexão-formação antes do início do evento com as equipas. É importante fazer as equipas entender a questão, e uma vez dito, passa a sabido, e quando prevarica é intencional, portanto ficam autorizados os colegas, de certa maneira, a censurar ali no momento.

Há, ainda, a necessidade de avaliar a pessoas que enfatizam as próprias tomadas de decisão, criando uma subjetividade e influência no diagnóstico final.

Assim, depois da recolha e eventual filtragem, poderá ter que se requalificar o mapa do processo, a distribuição de cargos e actividades. É importante ser apresentada numa dada altura e justificada, com a devida cautela, para não ferir susceptibilidades.

O processo de tomada de decisão deve ser entendido pelos coordenadores e executivos, especialmente os activos-chave, assim começamos: como se define um problema? Como se identifica o propósito da decisão? Quais são os critérios de decisão?

Estas questões devem ser imediatas no gestor a cada tomada de decisão, devem estar preparados numa política de decisão pré-determinada em equipa, em reunião de preparação do evento.

Esta política de decisão deve ser o suficientemente transversal e coerente, para não criar ela própria um foco de tensão: cito como exemplo, a tradição de oferecer um chapéu e um avental de *merchandizing* aos voluntários do evento. Mas a certa altura decidiu-se que as equipas de voluntários para a montagem e espectáculos não necessitariam... Ali mesmo se criou uma desigualdade desmotivadora e um foco de tensão sobre quem tomou a decisão. Aliás uma preocupação económica, eu diria insignificante face ao valor agregado. Neste sentido definir esse tipo de política ajuda também aqueles que têm de tomar a decisão sem que sintam a necessidade de certificar junto de superiores. Por exemplo, nas devoluções, recompensas em reclamação, criando diversas hipóteses com diferentes soluções, seguindo critérios dessa mesma política.

Neste sentido, pretende-se também retirar a carga simbólica na tomada de decisão, em particular do decisor, que em muitos casos direciona as mesmas tomadas de decisão num sentido único, criando alguma contradição desprezando a informação, decisões e políticas pré-determinadas. Em muitos casos pode ter a ver com a suposta pertença do cargo que não admite críticas, com a eventual valorização do espaço e propriedade gestora, ou até rituais ou individualidades.

É interessante observar-se de fora como muitos gestores ou tomadas de decisão se fazem à ancoragem, sem tomar consciência, ou seja, têm necessariamente que fazer uma previsão, então fazem a ancoragem e depois vão-se ajustando os palpites. Em muitos casos esta ancoragem parte de um ponto que nada tem que ver com a decisão ou previsão. Apresentamos aqui um exemplo de uma ancoragem clássica:

Responda se possível muito rápido!

De que cor é habitualmente o frigorífico?

Que bebem as vacas?

Será isso mesmo? Ora pense melhor.

A resposta habitual à primeira questão é branco, ou seja esta questão inicial formula o ponto de

ancoragem para a questão seguinte.

A resposta à segunda pergunta é o leite, mas as vacas bebem água. Ora dada a ancoragem, o nosso cérebro limita-se a dar um palpite, que eventualmente vai ajustando. Na verdade a questão deita ancora à primeira resposta, que nada tem a ver com a questão seguinte, obviamente que ao segundo, ao aperceber-nos de que o palpite é infeliz, corrigimos, logo de seguida, mas na verdade se erramos numa questão tão simples e óbvia, imagine-se em decisões complexas. Por vezes, é uma ferramenta de forçar decisões, política até, condicionando as escolhas e os resultados.

No evento da Festa do Caldo de Quintandona, existiu vários processos de ancoragem, não posso afirma-los como prejudiciais, por exemplo a ideia do evento gastronómico surgiu dessa ancoragem, o evento inicial da companhia na aldeia. Foi um espectáculo organizado juntamente com os habitantes da aldeia e que serviu de apresentação da companhia à comunidade: foi uma desfolhada e um magusto.

Ora esse evento foi assistido pelo então presidente da Câmara e pelo Vereador do Turismo, que estavam diretamente ligados a um outro evento em Pontevedra, na Galiza que se chamava Caldo de Mourentes.

Nós, no fim do nosso evento, servimos um caldo ao público que os habitantes cozinharam... Ou seja a ancoragem foi feita aqui, no momento, e a perspetiva inevitável, já que acabei por visitar e entender e prevenir as disparidades conceptuais em relação ao nosso futuro evento. A dificuldade foi a autonomia no desenho do projecto, e a necessária pressão para o seu arranque, já que o risco de ancoragem ao modelo era perigosa. Ainda assim penso que há uma parte circunstancial que se impôs, nomeadamente os discursos da hora de almoço de domingo, bem como o apadrinhamento do evento pelos Galegos, entre outros.

Refletindo a experiência do caldo de Quintandona, a perspetiva é outro fator de enviesamento de decisão do gestor, a tomada de decisão pressupõe sempre uma perspetiva do problema e da situação, pode criar divergências possíveis dentro do grupo de decisão. Ora se os diferentes elementos têm uma perspetiva diferente do mesmo evento, que podem ser de variadas ordens: de conhecimento e formação, de escolhas politizadas, de perspetivas financeiras, de carreira, etc, que proporcionam uma vista sobre as questões que configura o modo de estruturar, organizar e traçar estratégias do futuro do evento.

Neste caso é necessária uma abordagem de diferentes perspetivas, diversificadas, colocar-se no papel dos diferentes intervenientes, ou dos diferentes parceiros decisores.

No caso particular de Quintandona dever-se-ia adoptar uma postura de se colocar no papel do parceiros: os diferentes decisores de programação, na perspetiva e no interesse político da autarquia

e junta de freguesia, na perspectiva da comunidade, na perspectiva do turismo, na perspectiva do público generalista, na perspectiva do público específico, etc.

Assim sendo, teremos sempre uma abordagem diferente: se o evento nos está a dar lucro ou nos dá prejuízo e, portanto, uma perspectiva mais cautelosa nos ganhos e mais arrojada no prejuízo, contrariamente ao esperado, porquê? Porque há uma necessidade de não perder o que se ganha e de recuperar o perdido, quando se está a ter prejuízo, numa busca de inversão de tendência. Há aqui um novo perigo, do gestor e a sua tomada de decisão: o dobro ou nada, depois de uma série de decisões prometedoras, há um ciclo de desgaste, e não funcionamento. É nessa altura que não há capacidade de afastamento ou retração para formular uma melhor decisão, o decisor vai “apostando forte” na tentativa de recuperar o perdido. Neste momento, para evitar o erro, é necessário escutar os envolvidos, entender os colaboradores mais próximos e, neste caso, eu diria a comunidade da aldeia preservada de Quintandona. Os habitantes do espaço em que decorre, pois são estes os que estão em melhores condições para fazer sugestões porque observam o evento de dentro, porque sentem-no de modos diferentes, pois o envolvimento é diferente de pessoa para pessoa, porque sentem-no como decorre, sem sentir a pressão decisora dos factos, desconhecendo detalhes.

É necessário evitar a cultura do medo ou só fala se são colaboradores, e ainda é necessário um certo conforto para serem capazes de admitir o erro. Por isso, alguns decisores e gestores têm a tendência de deixar como está. É um perigo ! Já que o evento entra num ciclo de entropia, de auto-desgaste, neste caso particular os voluntários que não sentem a evolução, desmotivam-se e de participativos, passam a oposição, isto se o evento não souber se adaptar às necessidades de mudança. Aqui é preciso a cada início do processo de preparação do evento questionarmos se faríamos as mesmas escolhas face ao quadro actual (social, económico, políticas culturais, etc) e se o faríamos daquele modo se não estivéssemos naquele momento-cargo.

No momento em que fazia o exercício de auto-avaliação do evento ia encontrando os problemas e as resistências. Foi a insegurança focada nos decisores que acabou por ser fomentadora das divergências. Hoje e decorrido este tempo e até esta reflexão mais profunda acredito que houve erros de ambas as partes. Era necessária uma proposta coerente, incisiva, que fosse apresentada à comunidade e de imediato. Avançar às “apalpadelas”, testando as pessoas e com cuidado tentando introduzir algumas mudanças indispensáveis, foi de certo modo abrir espaço à intervenção política que normalmente se apropria de bons projectos, quando sente neles alguma insegurança, que não é necessariamente má, aliás é motora de evolução e melhoria..

Há necessariamente alguma resistência e choque cultural, até de ideologia. Isto levou a outro erro de decisão, «eu é que sabia», ou «eu é que sei», extremando-se posições e levando a um afastamento de

discussão e comunicação. Neste caso é salutar encontrar bons conselheiros, pessoas externas, que sejam capazes de se alhear das questões sentimentais e de orgulho. Procurar uma espécie de advogado do diabo para conselheiro. O gestor deve ser capaz de encontrar este tipo de parceiros, que na verdade são muito difíceis de escutar, já que têm uma postura contrária ao que desejamos ouvir. E, acima de tudo, eles devem ser capazes de não fazer a referida ancoragem à nossa ideia e proposta.

E claro a lucidez necessária do gestor para ser capaz de questionar de uma forma não viciada, que em muitos caso é somente um desejo de confirmação da nossa intuição.

Por fim, nesta questão que envolve a gestão do evento, que na verdade foca a ordem das actividades e o(s) gestor(es) das mesmas, outro erro é «a forte impressão», ou seja outro erro de tomada de decisão que é de nos deixar levar ou impressionar com o próprio sucesso, mais do que isso qual é a qualidade da nossa experiência profissional para nos deixar impressionar? Quanto mais nos experimentamos maior é o risco, é uma auto-armadilha, distinguir uma ocorrência entre 1:1000 e entre 1:10000 poucos são capazes, é muito pequena a capacidade de resposta. A questão é: até que ponto a experiência nos faz preconceituosos? As noções de probabilidade do ramo da estatística são também uma ferramenta fundamental ao gestor, para o seu processo de avaliação na tomada de decisão, se não se entende com números e o que fazer com eles é um problema, é uma limitação. Hoje em dia há uma ditadura dos números, até mesmo nas notícias diárias, esta estatística está sistematicamente a ser invocada, mas até que ponto somos capazes de livremente interpretar para não criar relações de causalidade influenciada por esses mesmos números?

Concluindo, o gestor deve ter uma grande carga de humildade, para não correr o risco de perder o “norte” na afirmação dos seus valores e intuição. No entanto, o carácter, princípios fiéis e ética são valores inalienáveis na gestão de um evento. Não se pode ignorar partes algumas e muito menos nenhum colaborador. É necessário ser-se cauteloso e arrojado ao mesmo tempo, quando a parada oposta aumenta, é um sinal dessa humildade. A disposição ao mapeamento por processos do evento e a distribuição de responsabilidades são os pilares da boa gestão. Não vale parecer ancião e sábio se isso irá atrapalhar o serviço, a tomada de decisão: a organização do trabalho para a ótima gestão do evento.



## VI Políticas culturais e públicos alvo

O que podemos considerar como políticas culturais? São medidas tomadas por diferentes instâncias públicas que tratam das actividades culturais e artísticas que já existiam antes, ou pelo menos seriam emergentes.

No documento relativo às políticas culturais da UNESCO, «*Cultural policy, a preliminary study*» de 1969, define-se o que são «Políticas Culturais», e preliminarmente traça-se os percursos com os seus meios para atingir o desenvolvimento cultural. A salientar a importância dada à questão do desenvolvimento humano em paralelo com o desenvolvimento tecnológico, económico, social e particularmente cultural, e que este acontece plenamente numa transferência de valor entre ambos.

É reconhecido o efeito dos aspectos benéficos para a sociedade do desenvolvimento cultural. É referida a importância do papel da cultura na alfabetização dos povos, reconhecendo que saber ler e escrever não basta. Refere-se também à capacidade de melhoramento do padrão de qualidade de vida das comunidades e como poderá interferir positivamente nestes aspetos.

Recomenda iniciativas governamentais para a construção de infraestruturas culturais e de fomentação da produção artística. Considera o perigo que existe na gestão directa do estado nestas instituições culturais, com efeito nocivo na criação, eventualmente neutralizando-a.

Esta é uma das primeiras afirmações cabais da importância das políticas culturais para cada nação, e dos potenciais efeitos benéficos. Se formos um pouco atrás, sabemos das políticas culturais dos Gregos antigos, ainda sem esta definição explícita, haveria uma obrigatoriedade de assistir aos espectáculos de teatro, inclusive mulheres e escravos, não sendo estes considerados cidadãos.

Na Idade Média, a Igreja Católica instrumentalizou-as criando espectáculos evangelizadores. Mas diria que a noção de cultura moderna terá começado no Renascimento, que liga o espírito ao conhecimento, e progressivamente a ideia de progresso, razão, humanismo é desenvolvida no Iluminismo, preconizando a forma como hoje a utilizamos, ainda que ainda suscite as mais variadas interpretações.

Mas a grande revolução está na associação da cultura à civilização, ou seja, o homem como ser coletivo sobre o ser individual, o homem polido pelo convívio social, pela educação, pela civilização do ser.

Esta relação de civilização tem um efeito activo sobre a criação especialmente após a revolução industrial, as suas premissas sociais que então se desenvolvem. A ideia da separação do trabalho na sua complexidade, o desenvolvimento das grandes metrópoles determina uma necessidade de reflexão sobre a complexidade civilizacional, refletida na sua cultura, na sua capacidade de produção,

produção intelectual, valores adquiridos, direitos e garantias.

Portanto, cultura e civilização são indissociáveis dos contextos em que se inserem. Napoleão promoveu a cultura incentivando-a, propondo que ela e a produção artística seriam os pilares da grandiosidade da França, que aliás replicou a postura nos regimes totalitários do séc. XX. É preciso lembrar que a ditadura de Salazar o fez com António Ferro, a submissão das artes às político-ideologias, a política como meio de propaganda.

Mas, esta dependência ao Estado, a censura, a manipulação, a filtragem criam uma verdade oficial, neutralizando direta ou indiretamente os espíritos dos mais críticos.

Há, porém, uma política cultural para a região onde se insere a Festa do Caldo de Quintandona? Esta é a questão. No meu entender, não. Não há e talvez nunca tenha havido, mas também, haverá no país? Nestes últimos anos estas questões foram colocadas em “suspense”, como sugerido por um político relativamente à democracia. No entanto, estas políticas culturais, ou a cultura perdeu o ministério da cultura, etc, etc... Não terá realmente sido suspensa a tal necessidade democrática? E ninguém se apercebeu?

Desenhar uma estratégia de políticas culturais não passa somente por festivais de efeito mediático, que privilegiam o acontecimento, como no Caldo de Quintandona, que por definição efêmero, confundindo-se com o que é investimento de carácter turístico, entretenimento e animação, com aquilo que deveriam ser as prioridades públicas locais: preservação da herança patrimonial no seu sentido mais amplo, inclusive o património imaterial, que afinal a proposta do Projecto de Quintandona se propunha pôr de pé.

A formação de públicos que descobrissem esse elo, essa ligação a uma memória ali representada e materializada. Numa hipótese de educação social e ensino artístico a uma comunidade.

Na criação de condições estruturais que garantissem a estabilidade da produção e mais especialmente da criação.

Na criação de condições de troca de valor entre profissionais, criadores e outros convidados (a preencher o projecto) com a comunidade, com estágios, residências ou palestras, etc.

No projecto de Quintandona, como já nomeado, as três valências completavam-se na demanda destas medidas de políticas culturais. Parece-me indissociável o exercício de compreender o compromisso e troca entre elas, por isso e portanto não se poderá afirmar que há uma política cultural específica para o evento, no meu entender.

Refletindo, hoje, no projecto vislumbro a enorme e emergente capacidade do mesmo, tão evidente como ridículo não se ser capaz de discernir de imediato por aqueles que actualmente o gerem. É o

perigo de pequenas políticas, neste como em muitos casos, pode ser o pendente económico ou político-económico. Se o não há, não há e ponto final, mas carece de carácter, honestidade e franqueza em afirma-lo.

O perigo está na instrumentalização, e quando o projecto começa a dar sinais de ruptura, tensão, atira-se a responsabilidade aos egos dos artistas.

Há entre nós e a Europa ocidental um fosso em termos económicos e civilizacionais que influem neste necessário investimento nas políticas culturais, seus activos e estruturação dos mesmos. Não será com medidas de secretaria, concursos e/ou subsídios, que se resolverá. É óbvio que o seu funcionamento influi nas actividades produtoras de riqueza. O perigo imediato está na cedência destas políticas aos média, particularmente à TV. Não há Município que não pague por ter um directo num desses programas de domingo à tarde. Política de votos, o circo romano actual “*pannis et circus*”. Estas programações não são baratas (em termos económicos) para os municípios.

Terão estes a plena consciência, independência e competência? A TV não acredita numa sociedade pluralista, feita de diversidade, desejam é a visão de uma audiência uniforme e o mais pequeno denominador comum: ao privar o cidadão do poder de escolha, estes média privam-nos de iniciativa.

A prazo, o individuo só gosta do que está configurado para ver/gostar. E sim este é um forte adversário às políticas culturais independentes e mais particularmente em meios com deficiência civilizacional.

Isto é um passo para as indústrias da cultura ou cultura de massas, uma mercantilização da cultura através da técnica característica da sociedade moderna. Uma experiência de coação de consciência, de criação de padrões de gosto muito adaptados a grandes grupos de produção cultural. Promovendo o auto-monólogo entre quem eu sou, o que visto, o que tenho com quem estou: sou belo.

O efeito desta mercantilização é a conversão coletiva, um logro coletivo e impede a formação da individualidade e consciência diferenciada na tomada de decisões, travando assim uma emancipação social e cultural que os seus elementos tenderiam à humanização. O culto das marcas, inclusive nestas políticas: os mega-festivais, os Patrimónios da humanidade, os mega-eventos, as capitais Europeias, etc, em detrimento de uma criação genuína, humilde mas catalisador. O público esse não ocorre pela obra, mas para se encontrar, se prestigiar, pela *selfie*.

É por isto que há um total fracasso na democratização cultural no contexto das políticas culturais geradas pelos poderes governamentais e económicos que ditam o ritmo da civilização: dá lucro ou não dá.

Reforço esta afirmação, pelo fracasso do entendimento das políticas culturais e eventuais orientações e objectivos. Há uma certa iliteracia naqueles que nos devem dirigir, que nos impõe as suas políticas dogmáticamente, contradizendo mesmo o conceito original de políticas culturais.

No caso da festa do Caldo de Quintandona, esta cedência às grandes marcas, às extensões e atrações turísticas já transparece. Por exemplo, foi recentemente inaugurado um espaço que entendo ser uma extensão do museu municipal de Penafiel. O espólio exibido, que só pude ver de relance já que o espaço tem estado encerrado desde então, mais uma vez evidencia este comportamento consumista-turístico, sem qualquer valor patrimonial.

Em suma insistir num maravilhoso mundo novo, na aldeia global, na comunicação “*self-service* e pronto-a-vestir”, configura mentalidades e perde-se memória, identidade local, regional. Neste caso em particular que tudo tem para ser protegido deste efeito nocivo, pela deslocalização, pela sua configuração, pela suas relações históricas, pela actividade cultural já iniciada, notam-se porém evidências dessas cedências e perda para a mercantilização.

Falar de políticas culturais, ou políticas de silêncio e medo sem apresentar uma proposta é não saber o que é a alternativa ou, afinal, não ter que dizer. É necessário saber escutar, saber esperar, ter calma, andar devagar, mas estar atento, ser-se ativo-criativo, procurar-se pilares estruturantes.

No meu entendimento as artes performativas, neste caso o teatro, a dança, a música ao vivo e instrumental são os pilares do projecto, porque o carácter de presença do improvisado é indissociável do corpo humano e das suas qualidades: a voz, o movimento, o corpo, a harmonia, a estrutura, a espacialidade, assim como a sensibilidade, a emoção, dos sentimentos, que estão livres de intermediação técnica dos seus meios (suportes digitais, e outros de transmissão).

A aldeia é um enorme cenário, tem a particularidade de potenciar este veículo da arte. Não tenho dúvidas de que os comoDEantes deveriam ter as rédeas e o toque de ritmo. Segue, então, a minha proposta:

- O teatro teria que ter temporadas dedicadas ao tema da preservação, do conto, do fantástico, do imaginário das histórias orais, regularmente. Com carácter gratuito ou tendencialmente gratuito, formando assim um público local e regular.
- Criar uma aula-espectáculo-multimédia, ou aula-performance acerca da história da arte/ história da cultura, com uma regularidade: portanto a formação.
- Na programação da aula, esta entrosava-se com a programação paralela sendo o tema da aula e apontando orientação-explicação para o espectáculo a vir. A programação com espectáculos externos seriam assim potenciando pela formação e criando a necessidade no público, por outro

programando espectáculos externos, introduzindo o fator externo ao projecto, inovando, trazendo novas visões, promovendo uma política de bilheteira progressiva e educacional.

- Um programa educativo para escolas e crianças, num horário compatível e de custo reduzido mas com um programa assente nas artes performativas já citadas, diversificado, inspirado nos programas escolares. Isto numa primeira fase do projecto, para ancoragem dos responsáveis e crescendo no sentido da diversidade de programação. Encontrar aqui parceiros nesta programação, através de programação pedagógica, que penso mais atenta, mais sensível e capaz de aceitar o desafio, apesar da deslocalização do projecto de Quintandona.

- Encontrar um circuito de programação-formação com formadores, ou seja, workshops para professores das escolas que rodeiam o projecto. Sensibiliza-los e capacita-los de novas ferramentas, assim como a disseminação do projecto mais eficaz, junto dos seus alunos e pais. Convidar estes docentes a apresentar os seus projectos na aldeia, nos seus diferentes espaços e palcos, ao longo do ano, com regras e premissas estabelecidas.

- Promover formações com grupos e associações locais e regionais, no sentido de melhorar a sua capacidade de resposta artística e interpretativa. Desenvolver apresentações-espectáculo (*work-in-progress*). Encontrar formas de fazer palestras com os formadores, em que estes explicam o trabalho e o grupo de formandos exemplifica, na tentativa de despertar interesse para que novos elementos se envolvam nos grupos.

- Estar sensível às solicitações e responder aos desafios quer sejam de criação quer sejam de mecenato.

- Por fim, incluir ritmos da comunidade no projecto, incentivando-os, proporcionado algum turismo, eventualmente cultural (por exemplo vindimas-espectáculo, desfolhadas teatrais, etc), mas também responsabilizando-a ao fim de algum tempo por alguma formação, a partir de iniciativas próprias.

E, na verdade, conceber uma ideia de plano de políticas culturais para o projecto de Quintandona, estudando modelos de financiamento. No meu entender terá de haver, neste âmbito, um compromisso objectivo das políticas culturais locais para o seu arranque. Ajudar, acolher, estudar e estruturar essas políticas culturais em parcerias em áreas estruturantes, como património, leitura, produção cultural, nas ações culturais, dentro e fora do espaço, no ensino cultural e criar uma confluência de interesses com instituições de ensino próximas da região.

Desenvolver relações de formação, estágio e residência com instituições de formação e ensino artístico. E, claro, avaliar as possibilidades de impacto social e de desenvolvimento da região, sendo necessário, para isso, uma política cultural séria e integrada.

Há muito potencial na aldeia e como ela se poderá exportar interculturalmente nessa possibilidade pluralista da criação. Só assim se irá desenvolver uma herança-patrimonial material e imaterial da aldeia. A arqueologia “estórico-emocional” já se houvera iniciado nos espectáculos dos comoDEantes, agora era levar um pouco mais longe e fixar no público.[\*Anexo 9\*](#)

## VII Informação, divulgação e acessibilidade

A gestão de visitantes em eventos é sempre complexa de se fazer. No caso da Festa do Caldo de Quintandona, a procura/demanda é incerta e o gestor, ainda que bem preparado, precisa de adivinhar a procura e definir a capacidade ideal do evento. Se a procura ficar abaixo da margem expectável, o evento sofre com a sub-utilização dos recursos, por outro lado se a procura exceder a capacidade, pode se perder potenciais receitas que são perdidas e há eventualmente uma pressão dos clientes que “*stressam*” a capacidade de resposta.

Por outro lado, a questão da inseparabilidade e da perecibilidade dos produtos à disposição no evento colocam de novo a tensão do lado dos recursos humanos e na sua capacidade. Assim, projetar o fluxo de visitas, equilibrar tarefas, equipamentos, espaço, tempo, em processos melhores e mais capazes é incorporar as necessidades refletidas ano a ano. Ordenar a demanda, eventualmente distribuindo-a, determinar limites e por fim gerir as filas e engarrafamentos.

Por isso, o enfoque da informação dentro do evento e a sua qualidade será sempre a formação do cliente e capacita-lo para entender a mesma, as diferentes informações, a sua qualidade e objectivo, para que possa usufruir das suas diferentes valências, ou em caso de engarrafamento ou esgotado de um dos serviços, entender as alternativas.

O panfleto-programa é o pilar fundamental desta informação, digamos que o livro de instruções. Ainda que sabendo que ninguém lê o livro de instruções, a atitude proactiva na bilheteira na venda dos ingressos, onde se explica como usar a informação é fulcral neste processo.

A segunda questão prende-se com o balanceamento dos períodos de pico e dos períodos de baixa procura. Será necessário oferecer outro tipo de serviços nos períodos de baixa, procurando outro tipo de clientes. No caso de Quintandona, por exemplo, reforçar-se um programa de famílias, mais dirigido às crianças e idosos, mantendo o formato, mas a funcionar a uma outra velocidade. No pico da procura, a distribuição do público-cliente por diversos serviços espalhados pela aldeia, com características similares, mas diferenciados, por exemplo, palcos com programações de “estilo”, o tipo de espectáculo vocacionado, diferentes locais de venda de refeições, mas com diferentes produtos e pouca variedade em cada local, diminuindo o tempo de escolha para se aumentar a resposta capaz de incentivar os consumos do público e melhorar a sua experiência de visita.

E a partir desta estrutura teria que se criar uma sinalética com leitura intuitiva, com correspondência ao “livro de instruções” - panfleto-programa. Esta sinalética poderia ser atualizada durante o evento, dirigindo assim o público a outros espaços. Esta necessidade com resposta-leitura, poderá funcionar por cores ou por *icons* e percursos. No momento em que saí estávamos a desenhar uma toponímia

do evento para a aldeia, ainda foram criados os nomes e respetivas placas em lousa. Isto partiu da iniciativa prévia que tomamos, já que a aldeia é construída em xisto usamos a ideia do quadro de giz, servindo-nos para tal de placas em lousa, preenchendo-a com informações em cada espaço-palco dos espetáculos a decorrer e seus horários, que iam sendo alteradas durante o evento, proporcionando, deste modo, uma informação de qualidade.

Seguindo esta solução, carecia expandi-la aos espaços de comida&bebida, criando um responsável pela atualização, como que *outdoors* de giz dos restaurantes, atualizando o menu. Poder-se-ia inclusive utilizar uma medida de distâncias dentro do evento, de certo modo peculiar que levasse o público a experimentar, por exemplo passos;[10 passos Feira], que ajudaria a criar uma noção de espaço: mapa espacial para o público. Reforçando, ainda, o conceito, a sinalização deveria ser vertical acima de qualquer obstrução e durante a noite ter alguma iluminação em leed, similar à utilizada nas estantes de partituras dos músicos em concerto.

Em relação aos espetáculos, o programa deve ter as informações relativas aos mesmos, uma sinopse inicial simples, e um mini portfólio da companhia/grupo de um parágrafo, dispensando assim as folhas de sala. Por outro lado, poder-se-ia acrescentar valor a esta informação desenvolvendo uma estrutura web-mobile do evento, podendo as pessoas fazer *download* ou visualizar um portfólio mais completo, entre fotos vídeo, áudio, etc, utilizando por exemplo os Código QG (QRcode)<sup>15</sup>

Para além da disponibilidade da informação, cria-se a oportunidade de referenciação do público, quando após o evento relata a experiência a amigos, ou seja, uma oportunidade de disseminação.

A partir do segundo evento 2008, costumava-mos proporcionar uma ligação *wireless* de Internet, livre aos clientes do evento, isto no sentido de reforçar a comunicação em tempo real e a interação entre amigos e próximos, potenciais clientes, através das redes sociais. Ainda neste sentido, proporcionar um mural do evento, onde se poderia deixar recados, comentários e eventualmente carregar fotos. Isto poderia ter uma parte manuscrita com post'its tipo inquérito e outra digital.

Outra questão a resolver prende-se com a rapidez de resposta de serventia alimentar. Efectivamente há uma certa interferência com a programação dos especáculos, quem está na fila não vai aos especáculos.

Na verdade uma deveria servir a outra e, neste caso, pode-se comer a assistir à maioria dos especáculos. Como dizia, com muito prazer, o malogrado Mário Barradas, num espectáculo ao ar-livre em que trabalhamos, nos avisos ao público iniciais: «...aqui pode-se fumar!» Assim no “*aqui*

---

15 **Código QR** (sigla do inglês *Quick Response*) é um código de barras bidimensional que pode ser facilmente digitalizado usando a maioria dos telemóveis equipados com câmara. Esse código é convertido em texto (interativo), um endereço *on-line*, um número de telefone, uma localização georreferenciada, um e-mail, um contacto ou um SMS.



*pode-se comer*”, poderíamos encontrar uma solução e então encontrar alguma portabilidade nas refeições. A questão é estética, diria, está como o fazer sem adulterar o conceito tradicional do evento. Por outro lado, há que aproveitar a suposta plateia “presa “ à fila de espera e desenvolver espectáculos que encontrassem o público aqui e lhe proporcionasse uma melhor experiência, bem como formação e informação na interpretação do evento.

Há que resolver a quantidade e qualidade da informação daqueles que esperam aceder aos serviços de comida&bebida. Assim, e neste ponto todo o cuidado e prevenção são essenciais para melhorar a rapidez de resposta na entrega do serviço. Algo semelhante ao método das empresas *fast-food*, em que os menus estão expostos em *outdoors* fixos acima do balcão de serventia em dimensões de leitura à distância, proporcionando o menu e custos do mesmo. Estes devem ser atualizados em tempo real , para aferir como se perde ou aumenta a oferta.

Ainda neste local é interessante proporcionar a actualização, em tempo real, do desenrolar da programação, dispondo ao público uma visão mais global da programação. Mais uma vez será necessário um cuidado estético, para não se destruir o conceito global.

Determinar a capacidade de um evento é um exercício de previsão e estatística, saber os números e os horários de afluência é necessário para essa mesma previsão. Mas fazendo um exercício de desmultiplicação organizacional, podemos equilibrar a ocupação do espaço com a informação e a divulgação, seja ao longo do evento, seja momento a momento, espaço a espaço, evitando enchentes em determinados locais e outros espaços vazios. Por isso, pode-se dizer que não há uma unidade de medida, ou seja, um teatro de 680 lugares, são aqueles lugares. No comboio ou num voo, o espaço está confinado, num evento teremos que entender a capacidade e o tempo de permanência, assim como a experiência oferecida durante esta permanência. Por isso, reforço a importância desta renovação constante da informação fornecida ao cliente-público na procura de equilíbrio.

Por fim, a divulgação do evento e a estratégia do modo de o fazer caem em lugares comuns, que ficam escondidos ao consciente diário do cliente, até por uma sobre-utilização dos meios, este acaba por ignorar, inconscientemente. Cartazes, *mallings lists*, convites, redes sociais, etc. são sobre-utilizados e estão desgastados. O modo terá que construir a divulgação a cada ano, a cada evento. Encontrar uma estética, um tema, uma mensagem, etc, que cativa, que esteja fora deste campo invisível, já que o que queremos é remarcar a data na agenda do cliente-público, porque a meu ver este está conquistado. Há que não o perder, porque o necessário reforço de público-cliente novos fa-lo-á ele próprio. É necessário encontrar valor para o cliente em cada objecto de divulgação, cada peça, o objectivo é que ele o mantenha para futura referência. Como exemplo apontamos o panfleto-programa, o qual tinha receitas culinárias de como fazer alguns caldos que eram servidos no

evento.

No meu entender o público das aldeias e locais limítrofes será sempre aquele que mais afluirá ao evento, portanto deverá ter a nossa melhor atenção. Partindo desta premissa o foco do nosso marketing e divulgação será sempre o concelho de Penafiel e Paredes e, portanto, deveremos tentar o seu apoio. O evento já conquistou o seu público, este agora deve seguir os caminhos e horários que lhe desenhamos, por isso deveremos focar na programação e reforçar a informação junto do cliente com as novidades e diferenças, edição a edição. *Anexo 5 Anexo 9*

## VIII Conclusão

Ao longo do desenvolvimento deste documento fui percebendo muito claramente o que o evento requeria, tornou-se óbvia a dependência das três valências: A Festa do Caldo, os comoDEantes, e o centro cultural Casa do Xiné, que configura o Projecto de Quintandona.

Confirmou-se o que a intuição já anotara no espírito, que são necessárias perspetivas teóricas, pensamento que possa guiar em alguma direção, no caso, numa direção mais estruturada, eficaz, com perspetivas novas para promover a compreensão da situação, do processo do evento, para facilitar a transformação progressiva da comunidade.

A partir de agora, no projecto, como na arte e na vida não basta olhar, é preciso firmar-se e contemplar.

A acessibilidade à cultura não se consegue pela via do populismo, mas sim com acréscimo de interesse, no despertar da curiosidade, do saber, do desfrutar, do contemplar. Ainda que por incrível que pareça, estes meios pobres de fraca produção cultural têm ainda um enorme espaço de criação, de desenvolvimento. Haja criatividade e trabalho!

O público, esse, encontra em si as memórias e referências necessárias para se apropriar do evento muito facilmente, para além do aspecto gastronómico, que é impulsionador de garantia para os que vêm à espreita, à prova.

O desejo era, aquando o início do projecto de Quintandona, transforma-lo num caso de estudo, aproveitando as fraquezas do evento que está realmente fora dos circuitos das artes performativas, de estar no Local de Quintandona, meio rural, e transformar isso em vantagem. Desta forma, oferecendo aos performers e artistas uma oportunidade de estudo e investigação junto de um público mais ingénuo e sincero. Uma oportunidade de confronto genuíno.

A afirmação do Local, que é a Aldeia Preservada de Quintandona, como muitas que podemos encontrar pelo país fora, poderá ser um modelo de práticas de qualidade de trabalho, um ponto de partida, bem estruturado e organizado.

Os artistas que tanto sentem falta de trabalho podem aqui encontrar mercado de trabalho. Há que promover a qualidade do projecto/ produto-serviço, partindo de uma aproximação ao “Local”, suas gentes, suas comunidades. Pretende-se desenvolver um programa a longo prazo com uma evolução estruturada e apoiada na educação cultural do Público.

Hoje, como nunca antes, o entendimento das políticas culturais caminha a passos largos para a instrumentalização pelas grandes empresas, nomeadamente aquelas que operam na construção de

conteúdos para a transmissão tecnológica, nivelando o gosto e definindo tendências que são tudo menos espontâneas.

Entendo que a programação e o seu método é o foco da estrutura do evento, digamos o motor do mesmo. A decisão e escolha de utilizar máscaras, “fantasmas” e “bonecos” do passado foi aposta ganha, já que a similaridade de referências entre o público, não obstante a sua origem de formação, é a melhor, ou seja, entre o passado vivido com mascarados de desfolhadas, os *seranzeiros*, as mascaradas de ano novo e festas dos rapazes, as queimas da velha, etc. Bem como, os mais novos que baseiam as suas referências nos contos infantis, que têm escutado:

A diferença e o secretismo do jogo [e da representação teatral] estão claramente manifestas no acto de "se disfarçar". Aqui, a natureza "extra-ordinária" do jogo atinge a perfeição. O individuo disfarçado ou mascarado desempenha outro papel, "faz" de outra pessoa. *É* outra pessoa. (...) Os terrores de infância, a alegria genuína, a fantasia mística e o terror sagrado, todos se encontram indissociavelmente entrelaçados nesta mimese estranhadas máscaras e dos disfarces. (Johan Huizinga, 1971)

E assim se foi construindo o momento de partilha na comunidade, em que cada um tinha oportunidade de se mascarar ou contar a sua mascarada. Enquanto se desenhava o conceito, este foi sendo apropriado pela comunidade e pouco a pouco transformou o evento como seu, apoiado na valorização cultural.

Carece afastar esta possibilidade de coação de estados de consciência e precessão do real, seja orientada pela TV, redes sociais (*Facebook*, entre outras) seja pela política, oportunamente designando os padrões de gosto adaptados.

Já exprimi isso mesmo e reagi: o público muitas vezes não vai aos espectáculos culturalizar-se, o que deseja mais é o encontro e a “*selfie*”. Vamos então aproveitar isso mesmo, «uma vez cá dentro na minha aula vais aprender a minha matéria...»

Há obviamente um enorme espaço de desenvolvimento e crescimento, espaço de programação. Será necessário anotar o que foi feito, o pensamento que o delineou, mas também olhar para os resultados e erros.

Como referi, este documento deveria ter sido realizado um momento antes da minha decisão de sair. Há tanto que consigo vislumbrar a partir deste exercício, se por um lado entendo a necessária formação dos agentes decisores, há também a circunstância de como lhe foi apresentada a informação, os documentos. Uma melhor informação, o reforço da confiança e o conhecimento da

carga simbólica que tem cada acção, cada tomada de decisão, poderiam ter mudado o curso. Há, ainda, que se entender o que significa ser-se voluntário no evento. Será necessário desenvolver uma estrutura de compensações, já que se tornou óbvio que o evento sobrecarrega demasiado estes voluntários, que a pertença não é suficiente. Entendo que esta devolução deve ser feita dentro do projecto de Quintandona, com descontos em bilheteira, lugares especiais, convites, etc, quem sabe promover um cartão amigo-voluntário, inclusivé junto de grupos parceiros, promovendo a apropriação destes pelo evento e consequentemente pelo projecto.

É determinante o modo como aglutinamos o público do evento à programação do Centro Cultural Casa do Xiné, e aos ComoDEantes. Será necessário apetrechar a companhia de equipamento técnico e de recursos humanos profissionalizados no sentido de responder às solicitações de grupos colaboradores e parceiros, bem como da comunidade, com mais profissionalismo, em termos de luz e som, plateias, palcos, e com a versatilidade necessária.

Apesar das dúvidas e mágoa, penso que gostaria de partilhar este documento com os actuais responsáveis do evento, e até mesmo com a comunidade. Sinto que ainda há uma hipótese de mudança e há uma oportunidade de inverter o declínio, do qual tenho recebido notas bastas. A questão que se põe é se a comunidade o deseja, se os actuais responsáveis o desejam, se haverá vontade de continuar o projecto para um passo mais além?

A certo momento, após a minha saída, soaram ecos do cansaço do ritmo que estaria a impor ao projecto. Mas de novo aqui deixo a questão e reafirmo: haverá tempo para a civilização abrandar? Especialmente num momento actual com as convulsões sociais/ políticas/ geo-políticas/ religiosas, etc. Acredito que não. Ainda acredito no efeito catalizador da arte para esta necessária evolução civilizacional.

Em relação ao exercício que fiz com o objectivo de atribuição do título de especialista, sinto que valeu a amargura, já que me obrigou a uma extensíssima reflexão. E afinal a decisão que tomei de sair do projecto, foi uma decisão certa e de carácter, por isso ainda fazem sentido as escolhas que tenho vindo a fazer para o meu trabalho, enquanto profissional, enquanto docente, enquanto família, enquanto cidadão.

## **XI Bibliografia**

Berthold, M., Guinsburg, J., Garcia, C., ZURAWSKI, M. P. V., & Coelho, S. (2001). *História Mundial do Teatro*. Perspectiva.

Degaine, A. (2000). *Histoire du théâtre dessinée*. Nizet.

Hartnoll, P., & Brater, E. (1998). *The Theatre: A Concise History (Third Edition)* (Third Edition). Thames & Hudson.

Johan Huizinga. (1971). *Homo Ludens*.

Weinberg, G. M. (1988). *Rethinking Systems Analysis and Design*. Dorset House.

Wikipedia contributors. (2012, Abril 2). Galandum Galundaina. Em *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Wikimedia Foundation, Inc. Obtido de [http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Galandum\\_Galundaina&oldid=29547112](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Galandum_Galundaina&oldid=29547112)

Yeoman, Ian, Martin, R., Ali-Knight, Jane, J., Drummond, S., & McMahon-Beattie, U. (2006). *GESTAO DE FESTIVAIS E EVENTOS: uma prespectiva internacional de artes e cultura* (2006.<sup>a</sup> ed.). SP - Brasil: Roca.

Yeoman, I., Robertson, M., Ali-Knight, J., Drummond, S., & McMahon-Beattie, U. (Eds.). (2003). *Festival and Events Management: An International Arts and Culture Perspective* (1.<sup>a</sup> ed.). taylor & francis.

## **ANEXOS**

experiencing the Japanese performance styles of Noh and Kabuki, both of which emphasize strength in traditional values, discipline, and physical control. Not just one of the world's foremost theatre directors, Suzuki is also a seminal thinker and practitioner whose work has a powerful influence on theatre everywhere. Suzuki's primary concerns include: the structure of a theatre group, the creation and use of theatrical space, and the overcoming of cultural and national barriers in the interest of creating work that is truly universal.

His philosophies concerning the humanistic relationship between man and earth, one that defies spirituality in the traditional sense of the term, manifest in rigorous training practices that demand an extreme level of body control and physical exertion.

Together Isozaki and Suzuki have designed and built theaters, rehearsal rooms and art complexes.

Posted by [Emilie Williams](#)



## ***Anexo 1***

### ***Toga Sanbo Park***

## Artigo acerca de TOGA Sanbo

[http://emilie-studio4-2010.blogspot.com/2010\\_08\\_01\\_archive.html](http://emilie-studio4-2010.blogspot.com/2010_08_01_archive.html)

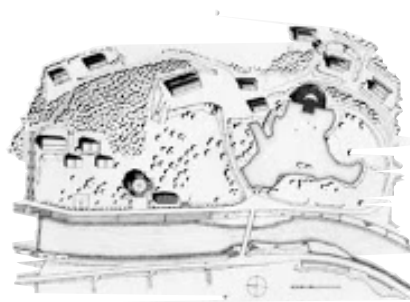
Monday, August 16, 2010

### Suzuki + Toga Arts Park

Space as Suzuki understands it is not just the stage on which the performer walks, nor the intangible entity which they attempt to control, and which the body occupies. Theatrical space refers as much to the total environment and context within which the event happens as it does to the actor-audience arrangement or the body alignment that the training enables so precisely. As such, theatre needs to extend outwards and be coordinated with the natural or local habitat. To attain this, Suzuki has collaborated with one of the world's leading architects, Arata Isozaki.

The task of redesigning the old *sanbo* (as the farmhouse is known in Japanese) fell to Arata Isozaki. Like Suzuki, Isozaki is equally recognised as a writer and theorist who values the explanation of his work for cognoscenti and broader public alike. The fact that artists exploit and update traditional models, creating bold, challenging art with an explicit cultural and social purpose that can be defined loosely within a postmodern aesthetic suited him for this reinvention.

Suzuki wanted to recreate 'a space in which people actually lived'. Yet what Suzuki and Isozaki managed to forge was an even more difficult concept and a true hybrid - a theatre space that was both domestic and sacred, where the daily and extra-daily could exist.



In 1982, the farmhouse theatre was reopened, renovated by Isozaki to appear as it does today. To this building Isozaki added a new entrance lobby, 'a space of light', where you take off and leave your shoes before passing through a small covered corridor into the dark interior of the *sanbo*.

Inside the *sanbo* you are struck first by the dominating black aluminium stage floor. It is central to the dark atmosphere that conjures the other-worldliness of *noh* performances which Isozaki wanted

to create in his original exhibit.

Marianne McDonald described the mood inside the farmhouse itself:

*All is painted black and the stage is lit by low-intensity lamps, suggesting the original illuminations of Noh stages by candlelight or lanterns. There is also a philosophical components to this low lighting. Noh drama often showed the emergence of a divinity of ghost from the darkness, as it were the primeval womb of the world. This sense of oneness with the world was also the experience of Greek drama for its original audience.*

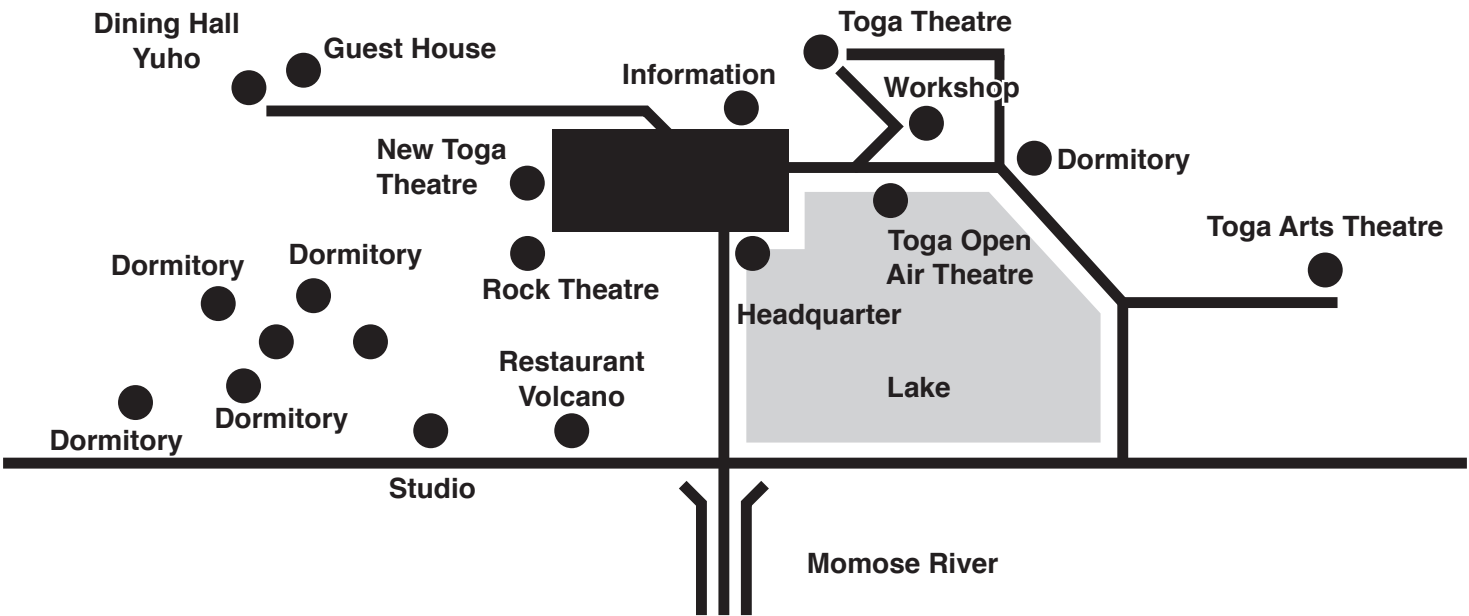


The Greek style amphitheatre is the main focus of the park. It lies on the east side of the main road, overlooking a lake. On stage are two pillars, holding up nothing except the heavens and serving no direct function, but operating as a visual reminder of a *noh* theatre's four pillars that support the stage roof. The theatre has a steeply raked auditorium to keep the audience close to the action, with dressing rooms and storage space located underneath. Two *hanamichis* (or runways) stretch from





# TOGA Art Park



both sides of the front edge of the stage to the lake's banks. The two *hanamichis* allow long dramatic entrances and exits from either bank of the lake, and lead away from, rather than into, the audience.

Nine rows of seats sweep in wide semicircles with a total seating capacity of around 800. As members of the audience you enter the top of the auditorium by one of four points and look over the stage and lake towards the trees, which is reflected in the water. Beyond rises the wooded slope of the other valley side, providing a natural backdrop. The theatre itself nestles within trees and is approached by a gravel path, creating a further sense of isolation from civilisation. The whole is open to the elements and nature's sounds and smells.

The scenography for performances outdoors and in the indoor spaces has a similar openness, though in a visual rather than public sense. The architecture and shaped natural environment become the main focus of the scenography. The scenography of the amphitheatre within the environment encourages you to look and observes, viewing the harmonious integration of man and nature.

### SUZUKI Philosophy of Theatre Culture is the body\_Tadashi Suzuki

In my opinion, a cultured society is one in which the perceptive and expressive abilities of its people are cultivated through the use of their innate animal energy. Such animal energy fosters the sense of security and trust needed for healthy communication in human relationships and the communities they form. If we consider the origins of civilization, we can see that its rise was intrinsically tied to the bodily functions. Its development may even be interpreted as the gradual sensory expansion of the eyes, ears, nose, tongue and skin. Inventions like the telescope and microscope, for example, arose from the human aspiration and endeavor to see more, radicalizing the sense of sight. Over time, the accumulation of such achievements has come to be called civilization.

Japanese Noh, on the other hand, survives as a form of pre-modern theatre that employs almost no non-animal energy. In the case of music, for example, most modern theatre utilizes digital equipment to electronically reproduce pre-recorded or live sound through amplifiers and loudspeakers, whereas in the Noh, the voices of the principle actors and the chorus, as well as the sound of the instruments played on stage are projected directly to the audience. Noh costumes and masks are made by hand, and the stage itself is built according to pre-modern carpentry techniques.

### A fundamental technique and theory of Architecture

I. To act, one must have a point of view.

“Acting” is the formal act or experiment that tries to convey a particular point of view, derived from

an investigation of human behavior and relationships. It can also be seen as a kind of game that intrinsically motivates us—visually through the human physique and aurally through the spoken word.

II. For acting to begin, one must have an audience.

A heightened awareness of displaying one's body and communicating written language can only be achieved when another person observes it. Even though actors may not be able to see themselves or the others sitting in front of them, they can still be aware of a presence—be it human, animal or god—that is watching their movements and hearing their language.

III. To sustain acting, an awareness of the invisible body is required.

The human body has certain essential needs that must be met to support life. Through disciplined, integrated development of these three parameters, the body gains strength and agility, the voice acquires range and capacity and an awareness of the “other” grows. Such work develops the expressive potency needed to transmit the actor's point of view. It follows, then, that the core requirements for the art of acting lie in disciplines created to deepen an awareness of these three crucial, interrelated, “invisible” phenomena.

### Isozaki + Suzuki\_Theatre Architecture

Isozaki's designs made concrete Suzuki's belief in the need to rediscover the spiritual dimension of the theatre inherent in these two modes of performance. Suzuki reasons that obsession with naturalism and human psychology has outed metaphysical qualities that he wants to reinstate. As well as the lighting and colour tones, the sense of a sacred place is encouraged by the intimacy of the whole design. Most of the audience of approximated 150 sit directly facing the twenty-foot-square stage on two rows of tatami (rice straw mats), but the thrust means that a minority view that action side-on. Everyone huddles closely together on the mats, evoking the informal ‘lived-in’ atmosphere to which Suzuki aspired.

Suzuki's definition of ‘local’ refers as much to the indigenous people as it does to the environment. For him, artistic practice has to be integrated into its community. This is partly pragmatic, to provide the infrastructure to support visiting audiences with accommodation, food and transport. But more vitally it emphasises the social dimension of Suzuki's and SCOT's work:

*There should be a close relationship between the artists and their social environment, so they can affect positively.*

Cooperation with an audience is fundamental to all theatre practice, particularly if its size is as isolated as Toga.

## TOGA ARTS PARK\_Toga, Japan



### Toga Art Park, Japan.

Situated in the south-eastern tip of prefecture, Toga Village (Toyama), with its population of only one thousand, is loved by performing arts professionals and fans from all over the world. As of November 1, 2004 eight towns and villages, (Johana, Taira, Kamitaira, Toga, Inami, Inokuchi, Fukuno, and Fukumitsu) merged into a new city called Nanto City.

The Toga Arts Park contains a mixture of theatre spaces, including a *noh*-like farmhouse theatre and a spectacular outdoor amphi-theatre overlooking a lake. Crucially, it has provided a ‘home’ for SCOT. The site has grown into a complex of lodgings, rehearsal rooms, and assorted performing spaces, including a studio theatre, a second gassho-zukuri theatre, a black box theatre and an outdoor “rock” theatre.

Toga Art Park was established to encourage the theatre arts, drama, music and dance cultivated through the holding of the internationally-acclaimed Toga Spring Arts Festival and Toga Summer Arts Programme. The park incorporates two outdoor theatres and various indoor rehearsal and performances facilities, including the Shin-Toga Mountain Studio, designed by world-famous architect Arata Isozaki. Through its hosting of international events, Toga Art Park is known throughout Japan and around the world as a centre of dramatic arts activities.

The construction of the park in Toga was an on-going long-term and organic process spanning three decades. Buildings arose according to the influx of new funds and new demands, be they from SCOT, the villagers or an American university. Although each space serves its own specific function, they are all unified in their design by Isozaki and their location within the landscape.





## SCOT + Festivals

In 1976, Tadashi Suzuki relocated his theatre troupe, the Waseda Shogekijo—which for the previous ten years had spearheaded the new theatre movement in Japan—from its home in central Tokyo to Toga, a remote village in the mountains of western Japan and when they renamed themselves the Suzuki Company of Toga (SCOT).

Following Suzuki's notions of the universality of theatre, this special location played host for many years (1982-1999) to the Toga International Arts Festival, which offered concentrated workshops in the Suzuki Method of Actor Training created by Suzuki being learnt by performing artists throughout the world, and invited theatre companies from around the world not only to give performances but to live, work, and collaborate with each other. In the true meaning of the word “festival” the diverse cultures of these groups were highlighted and celebrated. And while acknowledging each other's cultural similarities and differences, the stimulus provided by such encounters spawned entirely new notions of theatre and undoubtedly many new forms of culture.

In 1982 the Toga International Performing Arts Festival marked its opening event with 12 theater groups from 6 countries and attracted over 13,000 spectators. Toga Festival lasted until 1999 and in the following year was replaced by the Toga Summer Arts Program which includes a program that trains young people as drama directors or performers.

## Noh Performances

Noh is a major form of classical Japanese musical drama that has been performed since the 14th century. Many characters are masked, with men playing male and female roles. The repertoire is normally limited to a specific set of historical plays. A Noh performance often



lasts all day and consists of five Noh plays interspersed with shorter, humorous kyōgen pieces.

While the field of Noh performance is extremely codified with an emphasis on tradition rather than innovation, some performers do compose new plays or revive historical ones that are not a part of the standard repertoire. Works blending Noh with other theatrical traditions have also been produced.

### Isozaki + Suzuki



#### Arata Isozaki

Born in 1931. He has been active in curating exhibitions of architecture, art and culture, and has received many awards, including the Japanese Culture and Design Award (1993). He believes in the validity of quotation and the reuse of successful design elements and themes from different periods and styles, a recycling which he calls 'maniera'. Chosen elements are blended to make a coherent, autonomous whole in works that must always be responsive and adapted to their cultural context. Such theories and practices have made him an influential architect world-wide.



#### Tadashi Suzuki

Tadashi Suzuki is the founder and director of the Suzuki Company of Toga (SCOT) based in Toga Village, located in the mountains of Toyama prefecture. Suzuki's methodology for approaching theatre and performance comes from understanding ancient Greek theatre and

## ***Anexo 2***

### ***Teatro Regional Serra Montemuro***



## COMPANHIA

Já passaram 20 anos desde o momento em que um grupo de jovens dava os primeiros passos no teatro. Ainda hoje é na pequena aldeia de Campo Benfeito, perdida entre labirínticos caminhos e montes que serpenteiam a Serra do Montemuro, que a equipa de sete pessoas trabalha afincamente na criação de projectos inovadores. Para além destas sete pessoas, cada novo projecto traz até Campo Benfeito colaboradores de todo o país e estrangeiro. Actores e atrizes, cenógrafos, dramaturgos, encenadores rumam até à aldeia com o entusiasmo de criar algo de diferente, algo singular.

Como companhia no meio rural, o Teatro do Montemuro é por obrigação, mas também por vocação, uma companhia itinerante, os “saltimbancos” do século 21, com uma grande aposta em grandes cenários, figurinos minuciosos, máscaras, adereços, música ao vivo. Ao longo dos 16 anos de criações como companhia profissional de teatro, o grupo distingue-se pela autenticidade e originalidade dos seus textos, plástica, música e também pelo trabalho dos actores que assenta na verdade, na emoção, na alegria e na fisicalidade levada à exaustão.

O Teatro do Montemuro é uma estrutura sólida que investe os seus recursos na criação de novos projectos artísticos, na formação, na circulação e internacionalização dos espectáculos, no Festival Altitudes e outras dinâmicas que de uma forma gradual permitam o crescimento da companhia sempre assente numa noção de sustentabilidade.

A sua actuação tem corrigido assimetrias culturais, levando ao público espectáculos executados com rigor, seriedade, profissionalismo, mas acessíveis a todos, desde um advogado a um lavrador.

**No blog - <http://teatrodomontemuro.blogspot.pt/>**

**sexta-feira, 24 de julho de 2015**

Este ano a companhia celebra 25 anos de existência. Verdade, 25 anos. Ao longo deste tempo, aparentemente longínquo e quase quimérico, o Teatro do Montemuro concretizou um vasto conjunto de acções que muito se orgulha. Estou certo que temos contribuído para que o património cultural do interior seja promovida no território e o exportemos de forma regular, séria e honesta. Já muito fizemos, mas ainda há muito para fazer. Embrenhados no



que existe para fazer, nem nos apercebemos do tempo passar. Por vezes são efemérides como esta, que alertam a memória e nos empurram para os muitos registos que estão adormecidos nos arquivos do tempo, onde podemos constatar que afinal esta história vem acontecendo há muito, muito tempo. Há até alguns registos onde quase não nos reconhecemos tal é a distância. O passado é sem dúvida uma referência que sustenta o presente e alicerça o futuro, mas nunca um “enclave” a novos projetos. Apesar de existirmos e resistirmos há um quarteirão de anos, nada nos garante nada, apenas a obsessiva vontade de continuar. A intermitência cultural, aliada à sistemática desertificação do território onde incidimos maioritariamente o nosso trabalho, provoca-nos a sensação de estarmos sempre a começar de novo, algo a que nos habituamos. Aliás, o começar é uma palavra comum no nosso trabalho, cada projecto é efémero, o problema é quando começamos achar que nos repetimos. Ao longo da nossa existência, uma das preocupações que tem pautado as nossas actividades tem sido a capacidade de experimentar, a procura de novas linguagens artísticas, novas formas de comunicar. Tem sido essa “política” que objectivamente temos seguido nos diferentes projectos que vamos criando e que no fundo é essa a matriz do Teatro do Montemuro. Podemos constatar este facto pela diversidade de colaboradores que têm contribuído com a sua criatividade e entusiasmo, para que esta história se conte desta forma. Sendo o teatro uma arte viva não podíamos nunca deixar de realçar o que a nossa memória melhor preserva e que são as relações humanas. É claramente nesta relação de proximidade entre colaboradores, espectadores e a comunidade em geral que se estabelecem vínculos afectivos que apesar do tempo se afastar nunca serão esquecidos.

*Eduardo Correia*

## EQUIPA

Director Artístico:

Eduardo Correia

Director de cena:

Abel Duarte

Director Técnico:

Paulo Duarte

Directora de produção:

Paula Teixeira

Construção de cenários e operação técnica:

Carlos Cal

Gestão de espaços e assistência à construção de cenários:

Maria Conceição Almeida

## HISTORIAL

Mais que sonhar, acreditar!

Já em 87/88 os jovens de Campo Benfeito participavam nos festivais que o ICA organizava nas aldeias a norte de Castro Daire (Fôjo, Cujó e Monteiras). Enquanto nas outras aldeias os participantes tinham pouca idade, frequentando ainda a escola primária, os participantes de Campo Benfeito eram já mais crescidos, adolescentes. Em 1990, este grupo de conheceu Graeme Pulleyn, voluntário no ICA, que apareceu em Campo Benfeito. Durante esse ano, conheceram-se, falaram entre si e decidiram pedir apoio ao ICA para um projecto chamado “Animar um projecto”. Neste projecto participavam cerca de 10 jovens, dos quais Graeme seria quem ia liderar e tratar das burocracias da iniciativa, sendo o elo de ligação entre o grupo e o ICA. Para além de teatro, estes jovens faziam visitas aos idosos e recolhiam informação e histórias que estes lhes contavam (tendo daí resultado o cancionário de Campo Benfeito, um livro com receitas da região, etc.).

Em 91 o ritmo manteve-se, continuando com o trabalho com os idosos, trabalhando em novos espectáculos, apresentando também a segunda edição de “animar um projecto”. Decidiram então criar algo mais arrojado: “Petra”. Começaram a estruturar este projecto, que acabou por ficar todo o ano de 92 em cena, fazendo o circuito do Inatel a nível distrital. Para conseguir levar a cabo esta ideia pediram mais um apoio ao ICA, que lhes foi mais uma vez concedido. Começava-se a notar um grande crescimento e um ritmo de trabalho alucinante. Nos anos de 92/93 o trabalho foi muito intenso: o projecto “Petra” viajou até Lisboa (Inatel, Teatro Aberto) e até Inglaterra; aconteceu também uma formação baseada na técnica de Grotowsky. Para além disso, ficou também a cargo destes jovens a organização do festival do ICA e a encenação dos vários espectáculos que as outras crianças que participavam no festival apresentavam. Apresentaram também eles um espectáculo e organizaram ainda o “1º encontro cultural do Montemuro”, que viria, cinco anos mais tarde (em 1997) a dar lugar ao Festival Altitudes. A gestão do salão do Fôjo ficou também a seu cargo nesse ano, tendo sido feitas muitas obras de recuperação.

1993 foi um ano complicado para estes jovens, pelo menos enquanto grupo de trabalho: Paulo, Carlos e Graeme saíram do grupo e durante meio ano os trabalhos pararam. Durante essa fase “morta”, dois membros da companhia inglesa Pentabus Theatre (Steve Johnstone e Purvin) visitaram a aldeia e desta visita surge a ideia de uma residência artística, que acabaria por acontecer no final desse ano. Surge também a proposta do Inatel para a criação de espectáculos para as épocas de Natal e de Carnaval que o Inatel iria animar. Nessa altura já Graeme estava novamente na aldeia e ele e Eduardo eram as únicas pessoas disponíveis na altura para levar a cabo esse projecto. Ambos criaram então “Toto e Loto vão ao lixo”, baseando-se nas técnicas circenses que tinham trabalhado anteriormente. Este espectáculo foi apresentado no final de 93 e durante 94.

O contacto com os ingleses manteve-se e acabou por surgir a ideia de criar um espectáculo que fizesse uma temporada nas aldeias do distrito de Viseu e outra em Inglaterra. Ao pedirem apoio à Gulbenkian para este espectáculo, foi-lhes dito que o projecto teria que ser mais sólido, mais trabalhado e com mais participações portuguesas, uma vez que Eduardo era o único português nesse grupo. Surge então o nome de Abel Neves. O primeiro encontro para este espectáculo com toda a equipa foi na aldeia: Purvin, Steve Johnstone, Abel Neves, Eduardo, Graeme e Thérèse Collins e no final de 94 começaram os ensaios de “Lobo-Wolf” em Campo Benfeito e em Janeiro do ano seguinte partiram para Inglaterra onde durante 15 dias ensaiaram e montaram o espectáculo. A estreia aconteceu em Inglaterra, onde se mantiveram em digressão durante três semanas. Voltaram a

Portugal e estiveram algum tempo sem apresentar o espectáculo. A primeira apresentação de “Lobo-Wolf” em Portugal aconteceu na Escola Secundária de Castro Daire, mas foi no FINTA, em Tondela, no ano de 95 que este espectáculo “deu o salto”: Manuel João Gomes, crítico do Jornal Público assistiu ao espectáculo e fez uma excelente crítica. Zé Rui da ACERT ajudou a programar a digressão pelo país. “Lobo-Wolf” revelou-se um verdadeiro sucesso! Decidiram então elaborar uma candidatura à Secretaria de Estado da Cultura, tendo sido apoiados para o espectáculo “El Gringo”.

E assim nasceu o Teatro do Montemuro. Eduardo e Graeme davam os primeiros passos no teatro profissional. Paulo juntou-se ao grupo logo no início dos trabalhos de “El Gringo”, em Fevereiro de 96. Carlos regressa “oficialmente” em 97, para o espectáculo “Pizza”, apesar de ter estado sempre ligado a todo o processo da criação da companhia, tendo também dado uma ajuda na técnica de “Lobo-Wolf”. Abel junta-se a esta “nova” equipa em 98, para o espectáculo “Enclave”. Paula chega ao Montemuro em 2000, no projecto “O Canto da Cepa”, para trabalhar na produção, juntamente com Graeme, que viria a deixar poucos anos mais tarde a companhia. Dez anos se passaram desde o primeiro apoio de uma instituição para um projecto. Cinco anos se passaram como companhia profissional de teatro, com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura. Estava formada a equipa que em 2001 levaria a cena o primeiro espectáculo de rua e que se viria a tornar noutro grande sucesso de vendas.

“Se há coisa que não fizesse sentido em Portugal, nas décadas de 90, seria ver um grupo de actores a desbravar e povoar os penhascos frios, beirões e inóspitos de Campo Benfeito, no alto da chamada Serra do Montemuro. Menos lógico seria ainda se, no meio da trupe, se encontrassem actores, encenadores e dramaturgos portugueses e britânicos. O primeiro trabalho que o grupo deu à luz do dia era bilingue e escrito por dois dramaturgos. Uma inglesa e um português. (...) No dia em que o Teatro Regional da Serra do Montemuro chegou à Comuna, em Lisboa, tinha não só os pés para andar como outros festivais e grandes auditórios à espera daquele fenómeno novo. Daquela novidade fenomenal. “

Manuel João Gomes (Crítico de Teatro)

“... um projecto, irrepetível, a que chamamos, para simplificar, Teatro Regional da Serra do Montemuro. É que nem sempre é possível encontrar as palavras adequadas, as palavras que espelhem devidamente toda a plenitude de sentidos que queremos transmitir.

Com que palavras se explica que em Campo Benfeito sediemos um dos grupos mais interessantes e de maior qualidade cultural do país? Como é possível avaliar a dimensão desse feito sem ir lá, sem ir a essa lindíssima Serra do Montemuro procurar, num daqueles cimos aplanados, uma velha capela onde, ao lado, num quartel de peregrinos e romeiros, se encena um dos muitos rostos da Utopia?

Com que palavras se agradece esta gente? Com que palavras se respeita este esforço? Com que palavras se merece esta esperança? Com que palavras, sim. Com que palavras?

E qual a palavra para tantos anos de sonho?”

Ana Pires (Delegada Regional da Cultura do Centro (Fev. 1997 – Maio de 2002)

Cinco anos após o salto para o teatro profissional, o Teatro do Montemuro já mostrava ser um grupo sólido. Entre 2000 e 2005 foram levadas a cena uma série de produções que começavam a marcar claramente o percurso desta companhia de teatro serrana.

Em 2001 “O Canto da Cepa” apresentou-se como um projecto inovador no estilo de criação da companhia. Este espectáculo foi criado em conjunto com uma turma do 9º ano da Escola Secundária da Sé de Lamego, com as vindimas do Douro como tema. Os projectos educativos começaram então a surgir com mais frequência, sendo exemplo disso o acolhimento de escolas, que após a inauguração do Espaço Montemuro, começou a realizar-se todos os anos. Assim, durante uma semana eram recebidas escolas do distrito de Viseu, para assistirem a um espectáculo e participarem num workshop orientado pelos actores.



No Verão desse mesmo ano, Ti Maria, Ti Manel e Pepino partem n'A Grande Aventura. A história deste casal e do seu filho andou pelas ruas de Portugal durante quatro anos, sendo o espectáculo de rua que mais tempo se manteve em cena. Mesmo com um outro espectáculo de ar livre em cena, “Carrada de Bestas”, a procura de “A Grande Aventura” era tanta por parte dos programadores que a direcção da companhia decidiu manter ambos em cena. Foi sem dúvida, um dos maiores sucessos de vendas do Teatro do Montemuro.

Em 2002, o Teatro do Montemuro cria pela primeira vez um projecto que não parte de uma ideia original do núcleo. É criado “Eira dos Cães”, uma adaptação “à la Montemuro” de *McBeth* de Shakespeare. Uma experiência a repetir em 2012, com a adaptação de “Rei Lear”.

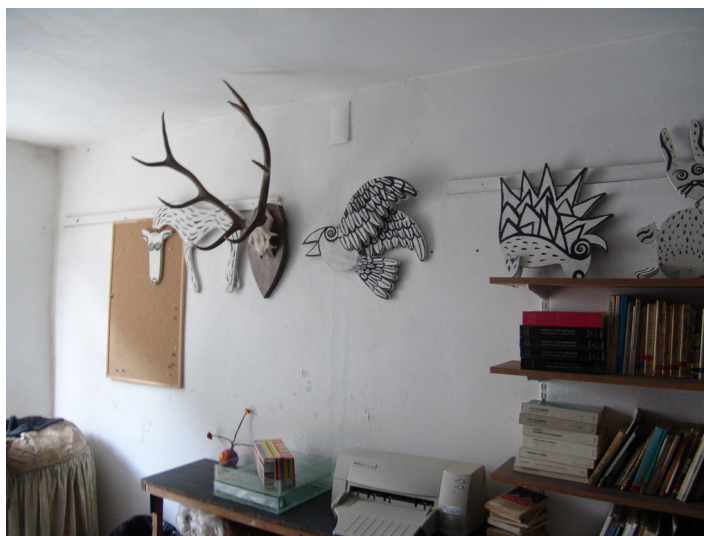
Também em 2002 o Festival Altitudes ganha uma nova casa. Durante anos, o Festival aconteceu no Salão Paroquial do Fôjo, onde ia ganhando ritmo e forma. O público começava a manter-se fiel e cada ano que passava apareciam novas caras pelo Montemuro. O programa do festival tornava-se cada vez mais ambicioso e o que começou por ser apenas uma troca de espectáculos, intercâmbios e boa vontade, passou a um acontecimento que reunia grupos de todo o país, com um orçamento a rondar os 45 000 euros. Em 2002 foi dado o “salto”: com a inauguração do Espaço Montemuro, nova casa, novas portas se abriram no que diz respeito ao acolhimento de público.

De uma conversa informal entre Greame Pulleyn, António Barros e Fernando Cena no Espaço Montemuro, surge a ideia de tentar reunir companhias de teatro que trabalhassem fora de Lisboa e Porto. A ideia era promover um maior contacto desta rede de companhias que cobriam o país, de forma a dar sustentabilidade a um projecto de descentralização que reconhecesse que a capacidade criativa não se restringia às áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, potencializando o seu desenvolvimento. Em 2003 começavam a ser dados os primeiros passos para a formação do grupo das Companhias Descentralizadas. A primeira reunião aberta às companhias fora dos dois grandes



centros aconteceu na Covilhã e estiveram presentes a Acta, Arte Pública, Cendrev, Companhia de Teatro de Almada, Companhia de Teatro de Braga (CTB), Escola da Noite, Filandorra, Teatro da Rainha, Teatro das Beiras, Teatro do Semeador, Teatro do Montemuro e Trigo Limpo teatro ACERT. No encontro que se seguiu apenas apareceram as seis que actualmente constituem este grupo: Acta, Cendrev, CTB, Escola da Noite, Teatro das Beiras e Teatro do Montemuro. Uma vez que Faro seria a capital da cultura em 2005, pensou-se que seria uma boa oportunidade de apresentar o trabalho destas companhias nessa altura, tendo aí acontecido o I Festival das Companhias Descentralizadas.

Em 2004 o Teatro do Montemuro vive uma situação particular. Graeme Pulleyn co-fundador da companhia decide deixar a estrutura para avançar para outros projectos e este núcleo avalia o seu caminho, as suas estratégias e objectivos perante uma nova realidade, com menos um membro importante de suporte. É também neste ano que o TRSM prepara e apresenta uma candidatura quadrienal (2005 -2008) ao Ministério da Cultura. A aprovação desta candidatura revelaria uma sustentabilidade há muito procurada pela estrutura.



É em 2005 que o Montemuro divide pela primeira vez o elenco permanente da companhia em dois projectos: a co-produção com o Teatro Viriato “Sucata Sisters” e “A Taberna”, podendo apresentar em locais diferentes dois espectáculos simultaneamente.

É também neste ano que a co-produção do Teatro do Montemuro/Laika / CCB, “Hotel Tomilho”, foi considerado um dos cinco melhores espectáculos portugueses pelo Jornal Expresso.

O período entre 2005-2010 trouxe consigo algumas mudanças. Segundo Eduardo Correia, “Qaribó” marcou o início do crescimento da companhia no que toca à sua auto-suficiência artística, de forma equilibrada e ponderada”. Este espectáculo para a infância foi a primeira encenação de Paulo Duarte, que viria mais tarde a encenar “Sem Sentido/Viagem dos Sentidos” e em 2011 “Remendos”. Em 2006 a Companhia apresentou “Trechos, Trovas e Trogloditas”, espectáculo que reunia trechos de espectáculos até à data apresentados, que de alguma forma marcaram a imagem da companhia. “Trechos, Trovas e Trogloditas” contou também com a participação d’As Capuchinhas e de várias jovens das aldeias de Campo Benfeito e do Rossão. Apresentado uma única vez, na abertura do Festival Altitudes desse ano, a sala foi pequena para as centenas de pessoas que se juntaram no Espaço Montemuro.

Em 2007, o Teatro do Montemuro trazia até à aldeia Peter Cann, acompanhado de um grupo de estudantes ingleses de uma escola de teatro para uma residência artística, cujo objectivo final seria a apresentação de uma performance, “Seeds ao Vento”, ao público do Montemuro. “Refugiados” era o tema abordado e foram trabalhados vários elementos através do corpo, da palavra, da música, do movimento. Essa experiência mostrou-se um desafio claramente superado: “aprendi uma forma



diferente de ver o teatro e ajudou-me muito para o projecto “Sem Sentido”. Foi um impulso que me ofereceu. Descobri outras formas de representar; que não necessitamos sempre de ter uma linha narrativa permanente; que não é preciso por vezes mostrar tudo ao público (há coisas que só funcionam quando não mostram tudo); a mistura de emoções, movimento, voz, silêncio,... Tudo dentro do mesmo bolo”, diz Paulo Duarte.

Foi ainda nesse ano que Eduardo Correia escreveu pela primeira vez um texto para teatro, “Amor”, cuja encenação fica também ao seu encargo. Eduardo voltou a aventurar-se na dramaturgia em “Sem Sentido” (projecto que marca o ano de 2009, com o regresso aos projectos educativos, em moldes muito semelhantes aos de “O Canto da Cepa”) em conjunto com Inês Barahora e a partir de textos criados pelos alunos envolvidos no projecto. Eduardo escreveu ainda “Perdido no Monte”(2010), uma criação do Teatro do Montemuro para a infância, espectáculo que marcou também o regresso das “pratas da casa” sozinhos em palco, apenas os actores permanentes da companhia.

“Belonging” destaca-se em 2010 de forma significativa neste passado mais recente. Esta co-produção com a companhia inglesa Foursight Theatre veio reforçar a ideia que todas as barreiras podem ser ultrapassadas quando há empenho, esforço, vontade de trabalhar. “Um grande desafio em palco e fora dele. O equilíbrio conseguido entre estas duas estruturas tão diferentes fazem de “Belonging” um grande espectáculo”, afirma Abel Duarte.


Informação retirada do site da Comanhia <http://www.teatromontemuro.com/index.asp> e do blog <http://teatrodomontemuro.blogspot.pt/> a 10 de Dezembro de 2015

***Anexo3***

***Dartington College of Arts***

[en.wikipedia.org](https://en.wikipedia.org)

# Dartington College of Arts - Wikipedia, the free encyclopedia

**Coordinates:**  [50°27′11″N 3°41′31″W](#) / [50.453°N 3.692°W](#) / [50.453; -3.692](#)



**Dartington College of Arts** was a specialist institution near [Totnes](#) in [Devon](#), [southwest England](#), that focused on a [performative](#) and multi-disciplinary approach to the arts. It offered [tertiary](#)-level courses in [postdramatic theatre](#), music, choreography, [visual performance](#) and performance writing and its teaching staff were all active arts practitioners. The college held an international reputation for excellence and aimed to promote a critical self-awareness in contemporary arts practice.

The college was founded in 1961 as a consequence of [the original Dartington Hall experiment in rural regeneration](#). Academic degrees were validated in partnership with the [University of Plymouth](#).

Dartington College of Arts became part of [University College Falmouth](#) on 6 April 2008 and, in 2010, relocated to [Falmouth, Cornwall](#).

## Mission[[edit](#)]

According to the Dartington website, the college's mission is to "...be a radical, innovative Higher Education learning community for contemporary arts practices in performance:

- building upon, sustaining and developing the distinctive Dartington legacy as a high-quality specialist learning community in the creative arts, at the leading edge of innovation in practice-based teaching, research, and professional development in contemporary arts practices in performance.
- providing life-enhancing, or transformational experience in creative practice for all those capable of benefiting from the Dartington experience, and adding value to the social, cultural and economic life of our region.
- nurturing and sustaining distinctive and dependable partnership, through strategic alliances and collaborative initiatives at regional, national and international levels, for the development of our mission within the rapidly changing context of a global framework for higher education in contemporary arts practice"  
[\[citation needed\]](#)

One thing that the college is notable for is an interdisciplinary approach to arts practice and to a certain extent students from

different courses do not work in isolation from each other. For example, the writing students may write scripts which the theatre students then perform etc. As well as this, the college is very keen on international collaboration and in the 3rd year all students go on the [Socrates Erasmus scheme](#) to various institutions across the globe with similarly prestigious institutions.

## Dartington and Bloomsbury[\[edit\]](#)

Leonard Elmhirst, the founder of the Dartington estate, was a member of the Bloomsbury group from the 1920s. The college and Hall became a popular arts location for such figures as [Julian Bell](#), [George Bernard Shaw](#) and [Virginia Woolf](#). Dartington has also received special attention from [Ravi Shankar](#), [Rabindranath Tagore](#), [Mahatma Gandhi](#), [Siegfried Sassoon](#) and the Chinese poet [Xu Zhimo](#).

## Campus[\[edit\]](#)

The college is rural and is divided into four campuses, Higher Close, Lower Close, Aller Park and Foxhole. Higher Close is home to the student bar, the Rat and Emu (commonly shortened to 'the Rat'). Many students find the community life enriches their art, and strong identities develop from the individual halls of residences. Accommodation at Higher Close constitutes Henning, Perry and Albermarle and the old [Dartington Hall School](#) at Foxhole is subdivided into the Black, Red, Blue, Orange, Yellow, Green and White Houses.

## Academics[\[edit\]](#)

All [BA](#) students embarked on a [Contextual Enquiry](#) Project in their third year of study. This was an investigative project and required the student to examine his or her work in a broader social context. The practice was an example of the College's roots in [Dartington School](#) and the [alternative education](#) movement which developed from the ideas of [Rudolf Steiner](#) from the early twentieth century onwards.

## **Merger with University College Falmouth (now Falmouth University)[\[edit\]](#)**

Dartington College of Arts has now merged with Falmouth University<sup>[\[1\]](#)</sup> and relocated to [Cornwall](#) in 2010. This decision was controversial and generated much local protest,<sup>[\[2\]](#)</sup> including marches and a petition.<sup>[\[citation needed\]](#)</sup> The official story was that financial problems caused Dartington College of Arts to seek a merger with University College Falmouth, seen as the only way of securing a long-term future for the College. This view was highly contentious at the time, and not generally accepted. The merger with University College Falmouth was seen by some<sup>[\[who?\]](#)</sup> as bringing increased resources, support and opportunity for arts students and greater opportunities for vocational study and post-graduate support. Others saw it as the death of a noble experiment.<sup>[\[3\]](#)</sup> University College Falmouth used the merger as a springboard to achieve University status<sup>[\[4\]](#)</sup> and achieved this in 2012, creating [Falmouth University](#).

Dartington College of Arts was one of the last remaining specialist arts colleges in the UK, with the remainder — apart from a very

small holdouts — all now swallowed up by larger institutions. In 2010 the UK government announced the removal of all funding for undergraduates<sup>[[citation needed](#)]</sup><sup>[5]</sup> in all but a very few, science-based subjects<sup>[[citation needed](#)]</sup>, inevitably causing fees to rise significantly, and perhaps further compromising the quality and status of arts education.

## Alumni<sup>[[edit](#)]</sup>

- [Cassandra Latham](#), first person in the UK to have registered her occupation as "village witch" with the [Inland Revenue](#), studied theatre at Dartington College.
- [Craig Fortnam](#), composer/guitarist, leader of [North Sea Radio Orchestra](#) and Arch Garrison.
- [Curtis Roosevelt](#), eldest grandson of [United States President Franklin Delano Roosevelt](#), studied theatre, music and fine art at Dartington College.
- [David Llewellyn](#), Welsh novelist and script writer.
- [Diane Torr](#), artist, writer and educator, particularly known as a male impersonator and for her drag king, man-for-a-day and gender-as-performance workshops, studied theatre and dance at Dartington College.
- [Deborah Levy](#) (novelist and poet), shortlisted for the Man Booker prize in 2012

- [Gilbert Gabriel](#), film composer, producer, songwriter and lecturer.
- [Gilbert & George](#), a duo formed by Gilbert Prousch and George Passmore who studied art at Dartington College. Known for their distinctive, highly formal appearance and manner and their brightly coloured graphic-style photo-based artworks.
- [Jessie Gordon](#), Visual artist, Author (What Gap? - A Communication Tool Box), Managing Director of EPT (Executive Performance Training)
- [Jessica-Jane Clement](#), model, actress and TV presenter who is best known for starring in the BBC programme [The Real Hustle](#).
- [Josie Lawrence](#), comedienne and actress.
- [Deana Martin](#) and sister Gail Martin, singers, daughters of American entertainer [Dean Martin](#).
- [Kate Westbrook](#), painter and musician.
- [Kevin Mallon](#), classical conductor, violinist and composer. Records for Naxos records.
- [Kevin Finnan](#), choreographer and director of Motionhouse Dance Company
- [Lindsay Cooper](#), English bassoon and oboe player, composer and political activist, studied classical music and bassoon at



## Dartington College.

- [Lionel Grigson](#), jazz pianist, cornettist, trumpeter, composer and teacher.
- [Lucia Rikaki](#), Greek film director, documentarist, writer and producer.
- [Matthew Strachan](#), singer-songwriter, composer, lyricist.
- [Michael Pearce](#), figurative painter, Chair of The Representational Art Conference.
- [Mick Jackson](#), writer and film-maker.
- [Neil Harbisson](#), audiovisual artist, best known for his self-extended ability to "hear" colours. Studied music composition at Dartington College.
- [Patrick Nunn](#), composer and educator.
- [Philip Jeck](#), multimedia artist and woodsman.
- [Sam Richards](#), improviser, composer, writer.
- [Sally Tallant](#), Director of the Liverpool Biennial.
- [Selwyn Baptiste](#), pioneer of the British use of the steeldrum. Studied music at Dartington College.

- [Simon Nicholson](#), artist.
- [Stephen Evans](#), actor and comedy writer in theatre, film, radio and television.
- Philip Bennetta poet and artist. Editor artistspress.co.uk.  
Research student 1968-69 (Interdisciplinary approach to the Arts)

## Teachers[\[edit\]](#)

- [Steve Paxton](#), dancer and founder of [contact improvisation](#)
- [Oliver Butterworth](#), former Senior Lecturer.
- [Christopher Small](#), musician and author, in 1979 and 1984–6 (Diploma of Education course).
- [Imrat Khan](#), musician of Indian classical music genre.
- Dr Simon Persighetti, (Lecturer in Devised Theatre ) core member of Wrights & Sites [www.mis-guide.com](http://www.mis-guide.com)
- [Bob Gilmore](#), former Professor

## References[\[edit\]](#)

6. ^ <http://www.dartington.org/archive/display/TPH/08/001/035>
7. ^ [http://www.imratkhan.com/career\\_p2.html](http://www.imratkhan.com/career_p2.html)

## External links<sup>[edit](#)</sup>

- [University College Falmouth website](#)
- [Save Dartington College of Arts website](#)
- [Dartington College of Arts to close](#) at the [World Socialist Web Site](#).
- [The Dartington School](#)

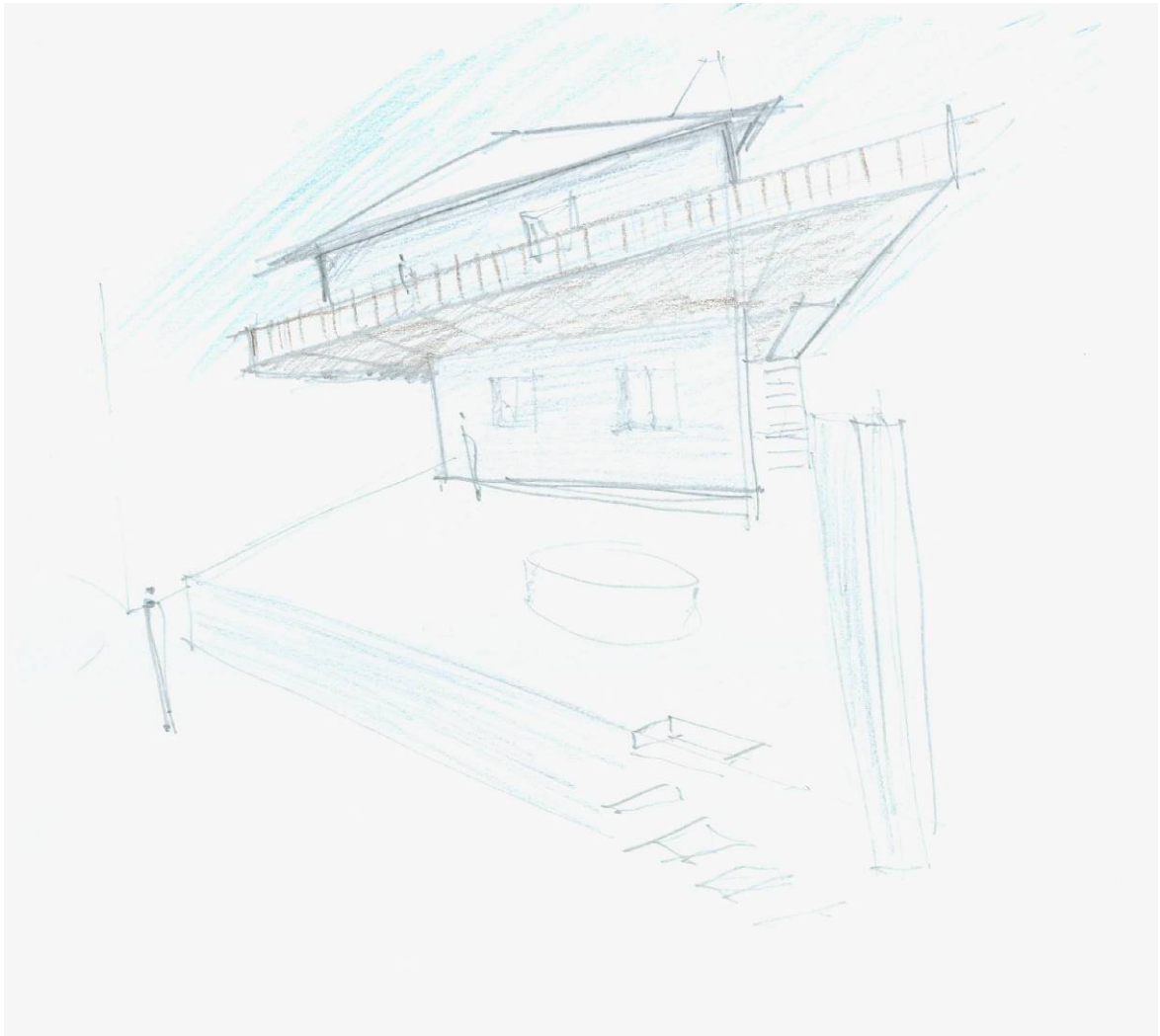
#### ***Anexo 4***

***Projecto Construção casa do Chiné (Xiné) 2006***

***Pré-projecto Canastro de Quintandona – Centro de estágio Artístico***

# Casa do Chiné – Centro Cultural

PRÉ-PROJECTO



LAGARES 2006

## Índice

<b>1 – PROJECTO E PROMOTORES</b>	<b>3</b>
CASA DO CHINÉ – CENTRO CULTURAL.....	3
JUNTA DE FREGUESIA DE LAGARES.....	3
ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE LAGARES.....	4
ASSOCIAÇÃO COMODEANTES, GRUPO DE TEATRO.....	5
<b>2 – OBJECTIVOS</b>	<b>7</b>
<b>3 – ENQUADRAMENTO DO PROJECTO E PLANOS DE DESENVOLVIMENTO</b>	<b>10</b>
O PÚBLICO.....	10
COMUNIDADE QUE USUFUI.....	10
SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA, SOCIAL E ORGANIZATIVA.....	11
ECONÓMICO.....	11
SOCIAL.....	11
<b>4 – A REABILITAÇÃO E REQUALIFICAÇÃO DA CASA DO CHINÉ – CENTRO CULTURAL</b>	<b>12</b>
INTRODUÇÃO.....	12
A – ZONA PERFORMATIVA; ENSAIO E CONSTRUÇÃO.....	12
B – ZONA DE ADMINISTRAÇÃO E EQUIPAMENTOS DE APOIO.....	14
SUMÁRIO DESCRITIVO FINAL.....	15
DIAGRAMA ESTRUTURAL.....	16
<b>5 – CONCLUSÃO</b>	<b>17</b>
<b>ANEXO 1</b>	<b>18</b>
<b>ANEXO 2</b>	<b>19</b>
PROJECTO PROPOSTO 2.....	19

# 1 – PROJECTO E PROMOTORES

## **Casa do Chiné – Centro Cultural**

A Junta de Freguesia de Lagares, em colaboração com a Associação para o Desenvolvimento de Lagares e a Associação ComoDEantes, Grupo de Teatro, estão neste momento a conceber um pequeno Centro Cultural, intitulado *Casa do Chiné*.

A ideia e necessidade surge depois da recuperação do lugar de Quintandona, que recentemente foi requalificada em *Aldeia Preservada* e, com o intuito de não enfraquecer a requalificação da mesma, avançamos com a criação deste espaço.

A Associação ComoDEantes, Grupo de Teatro, está neste momento a desenvolver e dinamizar a Aldeia Preservada com actividades culturais: O Grupo de Teatro, actualmente tem várias actividades a decorrer no espaço, nomeadamente uma peça de teatro de rua integrando alguns dos habitantes do lugar.

Assim, e depois da mais recente movimentação do lugar em volta da possibilidade de criação de um espaço cultural no local, surgiu a oportunidade de comprar uma pequena casa integrada no povoado da acima referida *Aldeia Preservada*. Depois de algum esforço negocial por parte do Presidente da Junta de Freguesia de Lagares adquirimos a casa, a qual nos propomos, agora, a requalificar e dinamizar.

## **Junta de Freguesia de Lagares**

Lagares fica situado no extremo sudoeste do conselho de Penafiel. Tem uma área de cerca de doze quilómetros quadrados. Tem origem na romanização da Península Ibérica, atestada pela toponímia, por exemplo Quintandona que provém de *Quintã de Onega* ou *Dona de Onega* e Escariz de *Ascariz* que por sua vez *Ascariguiz*. Sendo estes dois lugares contíguos da freguesia. Estes

foram o núcleo populacional deste território, segundo J. Monteiro de Aguiar. Os primeiros escritos referentes à *villa de Lagares* datam de 1088.

Há uma ligação territorial e religiosa histórica a Paço de Sousa, ao seu Mosteiro, e consequentemente à formação do país. É de salientar a festa do Senhor dos Paços e respectiva Confraria que remontam a sua origem a tempos imemoriais.

Entre vales e pequenas serras habitam cerca de 2000 a 3000 pessoas.

É do interesse desta Junta de Freguesia associar-se a este projecto, para poder criar, desta forma, condições de desenvolvimento cultural na Freguesia, bem como promover a pesquisa histórico-cultural, que entende ser muito rica e muito pouco estudada.

### **Associação para o Desenvolvimento de Lagares**

A Associação para o Desenvolvimento de Lagares foi fundada em 1991. O objectivo desta associação é em colaboração com entidades públicas e privadas o desenvolvimento para Lagares no apoio à infância, juventude e idosos. Sendo hoje uma IPSS<sup>1</sup> tem como objectivo primordial o apoio social.

Possui um Centro Social, onde funcionam ATL<sup>2</sup>, jardim de infância, centro de dia e apoio domiciliário.

Neste sentido, e como apanágio do desenvolvimento sustentado, esta Associação tem vindo a ser a maior responsável pela dinamização das actividades sócio-culturais da Freguesia.

Em colaboração com escolas, empresas e mesmo a Paróquia, tem assegurado recursos necessários à realização das mais variadas actividades.

---

<sup>1</sup> Instituição Pública de Solidariedade Social

<sup>2</sup> Actividades de Tempos Livres



Tem sido também fomentadora de formação directa e indirecta na actividade de formação e reinserção social, bem como integração no mercado de trabalho de pessoas da Freguesia, assim como de Freguesias contíguas.

Integra nesta parceria de criação do centro cultural em Quintandona, porque entende que a cultura, e usufruo da mesma faz parte dessa integração e criação de massa crítica no grupo social em que intervem. (Ver Anexo 1)

## **Associação ComoDEantes, Grupo de Teatro**

Os ComoDEantes são um grupo de teatro constituído por jovens do Vale do Sousa exercendo actividades profissionais diferentes, contudo imbuídos por objectivos comuns, nomeadamente e em especial promover e desenvolver práticas culturais no meio social em que subsiste bem como em outros meios, especialmente nos menos favorecidos ao nível cultural. Paralelamente, têm como apanágio a criação de um espaço de cultura e lazer bem como a construção de um local de aprendizagem, criatividade e diálogo, para que os jovens e população em geral sintam necessidade de “crescer” em conhecimento e, assim, se tornarem mais críticos e participantes na comunidade em que se inserem.

ComoDEantes, o nome é uma palavra composta, e que no seu sentido comporta toda a dinâmica do grupo:

ComoDEantes – A fonia da mesma leva-nos à palavra **comediante**<sup>3</sup>(s) - s. m. *aquele que representa um papel em comédia; por ext. actor ou actriz, em todos os géneros teatrais; (popular) farsante, impostor*

Como\_DE\_antes – Anagrama que significa que praticamos a nossa cultura como de antes = como antigamente.

Entende que desde sempre era o teatro dos pais, avós e bisavós a essência cultural e o divertimento das populações. As pessoas juntavam-se na aldeia e faziam pequenos apontamentos de teatro a partir do seu quotidiano. Esta

---

<sup>3</sup> In Dicionário da Língua Portuguesa - Texto Editora

tradição foi-se *teletransformando* chegando quase a desaparecer. Entretanto, contra as massas surgiu a vontade de retreatilizar estes contos e este espírito. Foi esta vontade que, entre outras razões, os motivou na escolha de Quintandona para exercer a sua actividade, em virtude de neste lugar se encontrar uma aldeia histórica, onde em cada canto e a toda a hora se encontram tradições e histórias intemporais do nosso povo. Estas são a base do seu trabalho.

Assenta a sua actividade teatral num género específico de teatro, a “*Commedia Dell Art*”, o qual pressupõe o uso de máscara e a criação de textos baseados nas vivências do povo. Desta forma, os textos (guiões) são desenvolvidos pelo grupo bem como a construção de máscaras, adereços e figurinos.

Depois da formação da equipa e de alguns espectáculos apresentados, este grupo de teatro evoluiu acabando por se transformar em Associação Cultural: ASSOCIAÇÃO COMODEANTES, GRUPO DE TEATRO.

É ideia subjacente a esta Associação a de que quem não vive bem também não produz bem. Foi neste sentido que procurou um espaço mais adequado à sua actividade, e depois de várias diligências com os mais variados fomentadores da sua actividade, chegou à conclusão de que era fundamental que o grupo se enraizasse na *Aldeia Preservada* de Quintandona, onde agora desenvolve a sua actividade. Desde a criação da mesma, processo que se iniciou no final do ano 2004, tem “vivido” numa garagem de uma casa de um familiar do grupo, e as condições de criação são precárias e de certa forma improfícuas.

Desta forma, integra esta parceria com o objectivo de conseguir um espaço para poder desenvolver a sua actividade cultural mais alargada e com melhores condições de criação e produção. (Ver Anexo 1)

## 2 – OBJECTIVOS

No nosso projecto procuramos desenvolver algumas das nossas considerações artísticas, acerca do desenvolvimento teatral nos meios rurais assim como da nossa actividade.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, que serve de estímulo ao nosso trabalho: “Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam”, sabemos que os nossos objectivos e as diferenças a equilibrar não são mais do que uma esperança e, desta forma, procuramos nós intervir neste espaço, rural, propondo, criticamente “mais cultura” sem o detrimento da antropóloga dramaturgia destas gentes.

Procuramos qual a capacidade didáctica, formativa e de intervenção social do teatro nos meios rurais, a capacidade de transformação social bem como as relações do meio rural.

Gostaríamos de chegar ao maior número de pessoas, mas também aclamar a nossa “portugalidade” antropológica, rotulada de retrógada e intelectualmente elementar, quando o que se tem vindo a passar, nos meios desenvolvidos e citando José Gil, da Escola do Espectador “o homem moderno regressa ao nomadismo colhendo a alimentação em supermercados, e perdendo a capacidade de raciocínio crítico com programas de TV e contradições quase fadistas, dos quais fica só o aroma e não a essência”.

Recentemente estreamos um espectáculo com um grupo de pessoas “menos novas”, “os nosso pais”: “Por um punhado de vida” de seu nome contava a história como uma povoação de uma pequena aldeia, confrontada com a proibição de morrer, resolvia a questão no plenário popular – O tanque d’aldeia. Entre feitiços e bruxedos para não mais ninguém “faluscer” a história desenrolava-se pelas ruas recalçadas de Quintandona. Um espectáculo simples com uma história simples onde integramos cerca de vinte pessoas. Entre habitantes do próprio lugar, bem como pessoas de freguesias contíguas.

a ser recriado para a próxima Primavera.

Depois do trabalho apresentado, a sua repercussão nos *média* falam em defesa do nosso propósito: reportagem no Jornal da Tarde da RTP1, no dia 16 de Outubro; Reportagem na Praça da Alegria, no dia 25 de Outubro do corrente ano; para além de várias reportagens em jornais nacionais (JN) e regionais. (Ver Anexo 2). Realmente conseguimos aferir algum sucesso e humildemente propomo-nos a avançar com novos projectos mais arrojados a nível de concepção.

Em primeiro lugar necessitamos de criar condições de apresentação de espectáculo no que concerne ao espaço assim como o equipamento técnico necessário, por exemplo equipamento de luz, som, etc.

Desta forma, este projecto tem como plano estratégico criar uma residência ao grupo, bem como o acolhimento de outras actividades, as quais poderemos coordenar com colectividades culturais da área envolvente ou mesmo no âmbito de trabalhos de escola.

Projectamos, assim, para este espaço e em termos de acções:

- Continuar com a criação de novos espectáculos dos ComoDEantes.
- Continuar com o “teatro para os habitantes”, em que nos propusemos envolver toda a comunidade em espectáculos de cariz antropológico/cultural. Neste teatro os habitantes são actores, espectadores e formandos da nossa actividade. Revitalizando costumes e usos locais.
- *Workshops* Teatro (interpretação, direcção e gestão de grupos amadores) formação nas artes plásticas do espectáculo (cenografia, adereços, máscaras, etc) para profissionais na área da Acção Social, professores e educadores infantis, no sentido de que também eles possam intervir culturalmente.
- *Workshops* Teatro: formação de palco e nas artes plásticas do espectáculo para crianças e jovens da zona envolvente.
- Promover música dança e outros espectáculos e eventos que possam decorrer na *Aldeia Preservada* bem como no futuro espaço cultural.

Neste momento estamos a preconizar conjuntamente com a Associação para o Desenvolvimento de Lagares, e Junta de Freguesia de Lagares uma Associação que envolva as colectividades da nossa Freguesia bem como freguesias contíguas no sentido de alicerçar um desenvolvimento sócio-cultural e turístico sustentado. Bem sabemos pelos dizeres do povo que a União faz a força e acrescentamos: O Sonho concebe os projectos, a vontade a sua execução, e se Deus quiser a obra nasce. – parafraseando Fernando Pessoa.

Assim, tentamos que a capacidade organizativa e executiva seja capaz de demandar e obrar as actividades que se avizinham, de forma célere e eficaz, produzindo qualidade, harmonia em função dos quais estamos ao serviço da nossa comunidade envolvente.

### **3 – ENQUADRAMENTO DO PROJECTO E PLANOS DE DESENVOLVIMENTO**

#### ***O público***

Pretendemos criar dois tipos de públicos: Público residente, e Público Visitante. Pelo público residente, entendemos como o público envolvente, aquele que convive directamente com a Associação, ou seja, os membros e participantes nas actividades do grupo de teatro. Em segundo “grau” e por afinidade, os familiares desses mesmos participantes, pais, irmãos, tios, etc. Por fim, os amigos, amigos destes participantes activos, os amigos das colectividades envolventes bandas, grupos folclóricos, etc.

Como público visitante entendemos o público que vive em espaços circunstancialmente diferentes da zona em que se insere o centro cultural Casa do Chiné (meio rural), para que num fim-de-semana turístico, de visita, possa escolher assistir a um espectáculo cultural depois de uma visita à *Aldeia rural*, ou, eventualmente, recolher informação acerca do local, e *quicá* petiscar ou comprar um qualquer produto produzido na zona.

Por fim, o simples curioso, que, encontrou informação e que lhe despertou interesse em como, onde, qual, forma, cor de uma dita Casa do Chiné que coabita com uma forma de vivência tida como simples e desprovida de interesse cultural.

#### ***Comunidade que usufrui***

Calculamos que uma actividade do género, à partida não terá resultados imediatos, no entanto, a curto prazo e entendendo que com a sociedade de informação, bem como aproveitando os recursos postos à disposição a comunidade envolvente aderirá, inscrevendo os seus filhos em aulas das artes do espectáculo. Para além disso, a própria comunidade poderá inscrever-se neste género de formação.

Desde já começou a intervenção directa do grupo ComoDEantes neste âmbito como supra referido.

## ***Sustentabilidade financeira, social e organizativa***

### **Económico**

Inferimos que a gestão de uma estrutura deste género é algo extremamente complexo e carece também de um projecto económico. No entanto, importa calcular nesta organização dois pontos: **Proveitos e custos**.

Assim, como proveitos entendemos por dois grupos: Os directos, provenientes das aulas, inscritos nelas, bilheteiras de espectáculos, e bens culturais produzidos pelos participantes que possam ser comercializados.

Os indirectos, provenientes das zonas de equipamentos de apoio, entenda-se: “*Tasca*”.

Relativamente aos custos, teremos então consumos directos com electricidade; água e eventuais equipas de pessoal a trabalhar no centro (limpeza e gestão da “*Tasca*”)

Sabemos que no arranque do projecto todos estes custos sairão da conta da Associação ComoDEantes, que se encarregará de viabilizar o funcionamento sustentado da Casa do Chiné.

### **Social**

Em termos sociais entendemos que a aproximação das artes como meio de informação/formação a meios que não eminentemente urbanos é fundamental. A “cultura para todos” é, actualmente, de facto uma utopia que necessitamos de solucionar, pensamos que a actividade formativa, apresentada anteriormente, aos jovens dos espaços envolventes, irá criar um espaço de diálogo familiar crítico. Neste sentido, envolvendo os próprios familiares nas próprias actividades. Pensar o “nosso espaço” e a “nossa vivência” à procura de lugares comuns de evolução da comunidade de uma forma harmoniosa e sustentada é fundamental. Veja-se o exemplo do Norte da Europa. É fundamental reabilitar o entretenimento comunitário, de fortes tradições em meios mais pequenos, desde a “missa” que reúne a comunidade uma vez por semana, aos festejos populares para executar trabalhos do campo que exigem organização comunitária, por exemplo a ceifa do centeio e linho, as vindimas, as desfolhadas etc.

Assim, envolvemos os grupos, e evitamos que se perca o relacionamento inter-comunitário, a vizinhança familiar.

## **4 – A REABILITAÇÃO E REQUALIFICAÇÃO DA CASA DO CHINÉ – CENTRO CULTURAL**

### ***Introdução***

O planeamento de construção deste complexo destina-se a criar condições estruturais para o funcionamento da Associação ComoDEantes, Grupo de Teatro, que neste momento se encontram “desalojados”, para que de uma forma sustentada possam desenvolver a sua actividade.

Pensamos, desta maneira, desenvolver um complexo que fosse decomposto por duas áreas distintas, a ver:

- a – zona performativa; ensaio e construção
- b – zona de administração e equipamentos de apoio

Assim a zona (a) contemplaria uma sala estúdio, bastidores, arrecadação e oficina de trabalho artístico (pintura, escultura etc.) e chuveiros da equipa. Na zona (b) a administração da Casa do Chiné, assim como bilheteira e frente-a-casa, casas de banho e por fim a “Tasca”; despensas, cozinha, loja/posto de turismo e eventual espaço de exposição.(Ver anexos 3, 4, 5)

### **a – zona performativa; ensaio e construção**

#### **Sala estúdio**

O edifício deve conter um espaço de apresentação tipo sala estúdio.

O formato de estúdio, onde as várias configurações do espaço são possíveis, será fundamental, uma vez que funcionará como sala de ensaios e sala de espectáculos.

Deve ter um pé-direito mínimo de cerca de 5m com uma “teia”, estrutura fixa com tubos de 50mm no tecto, para iluminação de espectáculos. Neste espaço decorrerão os ensaios e será realizada a criação ao nível da performance. Por



isso o chão deve ser em madeira flutuante para que proteja as quedas e movimentos cénicos e de dança.

As paredes devem igualmente ser lisas e de material cómodo para situações de choque.

Deve estar muito bem isolado acusticamente, uma vez que o ruído de ensaio, seja música, teatro ou dança produz barulho suficiente para incomodar os vizinhos, e atendendo ao horário de ensaios de um grupo de teatro amador (normalmente à noite) este requisito torna-se fundamental.

Para além disso, deve ter aquecimento ou condicionamento da temperatura ambiente, uma vez que os actores/formandos, devem receber formação descalços e com roupa confortável e de fácil movimentação. (Ver anexo 5, folhas 1, 2, 4, 5 e 6)

## **Oficina**

Pretendemos nesta área a construção de uma oficina, onde poderemos produzir peças de madeira, metal, e construir ateliers de pintura e escultura, assim como figurinos, moldes, etc... Nesta podem, ainda, decorrer trabalhos de produção de cenários, adereços e máscaras para espectáculos, bem como *workshops* de construção plástica de espectáculos.

Deve ter boa luz para trabalho, atendendo à necessidade de construção de peças mais delicadas. Deve ser arejado e de evacuação rápida de compostos voláteis, que são usados na construção plástica de materiais de espectáculo, nomeadamente látex; colas e resinas bem como diluentes.

Deve ter bom acesso de carga para cargas e descargas de matéria-prima, assim como cenografias.

Deve ter água e esgotos de serviço, para produção de materiais com água (gesso, tintas de água, etc) e limpeza de equipamento.

Deve ter electricidade de potência moderada para máquinas e ferramentas. (Ver anexo 5, folha 1)

## **Arrecadação**

Deve ter bom acesso ao palco, neste caso a sala estúdio. Capacidade razoável de arrecadação de equipamentos e materiais de espectáculo. Por exemplo:

Equipamento de luz (projectores de luz; *dimmers*, extensões, etc);  
Equipamento de som (amplificadores, colunas, tipés e microfones, etc.)  
Maquinaria de Cena (Praticáveis e plateias amovíveis, cadeiras, cortinas, etc.)  
Deve ter baixo teor de humidade. (Ver anexo 5, folha 1)

## **b – zona de administração e equipamentos de apoio**

### **Gabinetes**

Neste espaço pretende-se colocar os serviços administrativos. Gabinete para a Associação e outros serviços que possam ser centralizados neste espaço. (Ver anexo 5, folhas 2, 5 e 6)

### **Posto Turismo e Frente-a-casa**

Neste espaço será inserido o atendimento público, onde será fornecida informação acerca do local turístico; informação e atendimento ao público de espectáculos (venda de bilhetes, programação, etc.)

Poder-se-ão, também, realizar exposições neste espaço (utilizando as paredes). (Ver anexo 5, folhas 1, 2, 5, 6 e 7)

### **Casas de banho**

Devem ser construídas segundo a norma e servir cerca de cinquenta pessoas em momentos de espectáculo. (Ver anexo 5, folha 1)

### **Tasca**

Este espaço servirá como Café-restaurant temático, do tipo *cozinha de lavrador* que eventualmente atraia pessoas e sirva também como apoio financeiro ao centro. (Ver anexo 5, folhas 2, 3, 6 e 8)

### **Área técnica**

Local onde se localizará a “casa das máquinas”, do género de controlo de luz de espectáculo, máquinas de condicionamento do ar, quadros eléctricos.

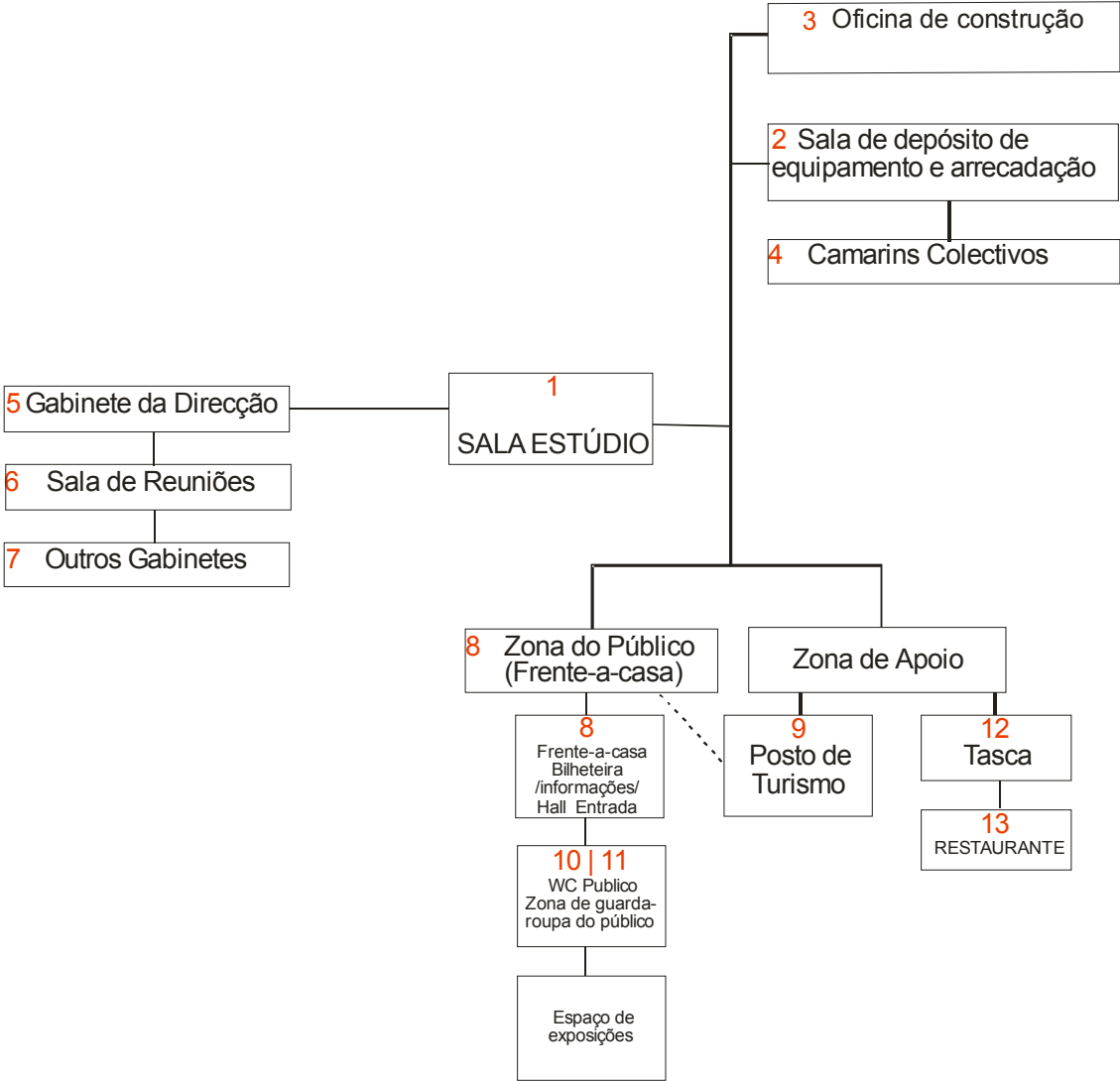
## Sumário Descritivo Final

A nossa proposta é a de reconstrução de um espaço, pelo que temos de nos cingir às áreas pré existentes bem como as implicações de paredes de estrutura e forma do próprio edifício. Tentamos da melhor forma rentabilizar o pré existente condicionando as necessidades. Os desenhos em Anexo pretendem clarificar as nossas opções. Pensamos que o nível rés-do-chão servirá a produção artística. E pela condicionante do próprio edifício o primeiro piso servirá os serviços, produção executiva, apoio e público

Estas duas zonas devem estar separadas entre si, uma vez em que a zona de criação para o espectáculo é distinta da zona de produção executiva e apoio ao público.

Listagem programática dos espaços				
Re f	Designação	Áre a útil	Quantida de de espaços	Obs.
		(m <sup>2</sup> )	(un)	Pé- direito
1	Sala Estúdio	Max	1	5m
2	Sala de depósito de equipamento e arrecadação	Max	1	Simples
3	Oficinas de construção			Simples
4	Camarins Colectivos	?	2	Simples
5	Gabinete da Direcção	?	1	Simples
6	Sala de Reuniões	?	?	Simples
7	Outro Gabinetes	?	2	Simples
8	Zona de Público ( <i>Frente-a-casa</i> )  Hall Entrada	?	1	-
9	Posto de Turismo	?	1	-
10	WC Público Feminino	?	1	-
11	WC Público Masculino	?	1	-
12	Tasca	?	1	-
13	Despensa	?	1	-

**Diagrama Estrutural**



## **5 – CONCLUSÃO**

Este projecto pretende não só servir a população, a nível cultural bem como ser a ponte para o desenvolvimento turístico.

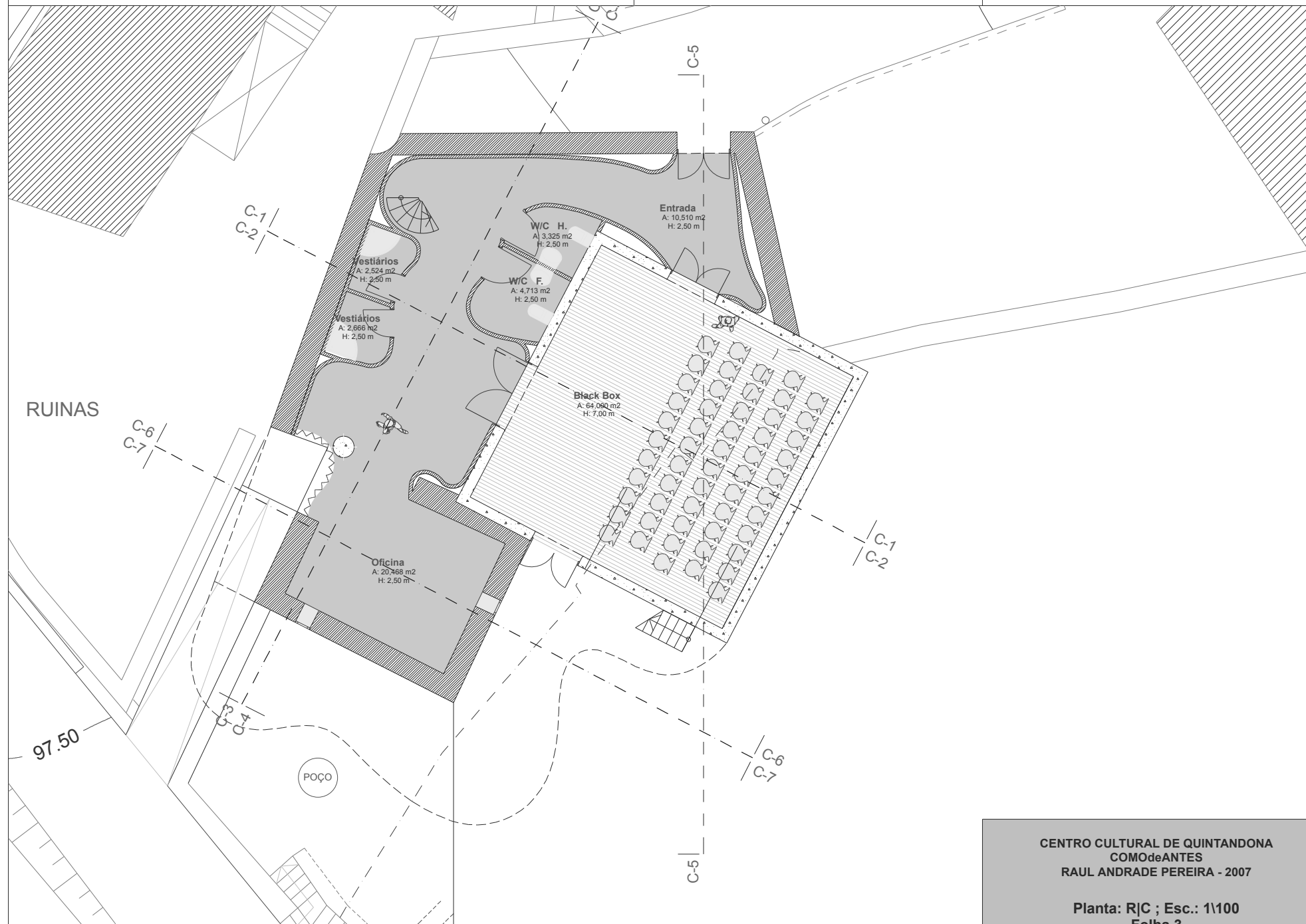
Para além disso, tem como apanágio servir de igual modo as freguesias vizinhas lacunares de espaços como este.

A associação destas três entidades neste projecto servirá também como mote para a construção de uma futura Associação, que pretende envolver várias entidades e freguesias contíguas num mesmo objectivo e projecto, para assim, reforçar a ideia de que “a união constrói”. Que o conceito de fronteira desapareça, e envolva instituições e indivíduos num mesmo objectivo. Diferentes mas com alguns objectivos comuns.

Este é um projecto que perspectiva sublinhar a ideia de que a cultura é de todos e para todos e leva-la a espaços onde habitualmente não é dirigida.

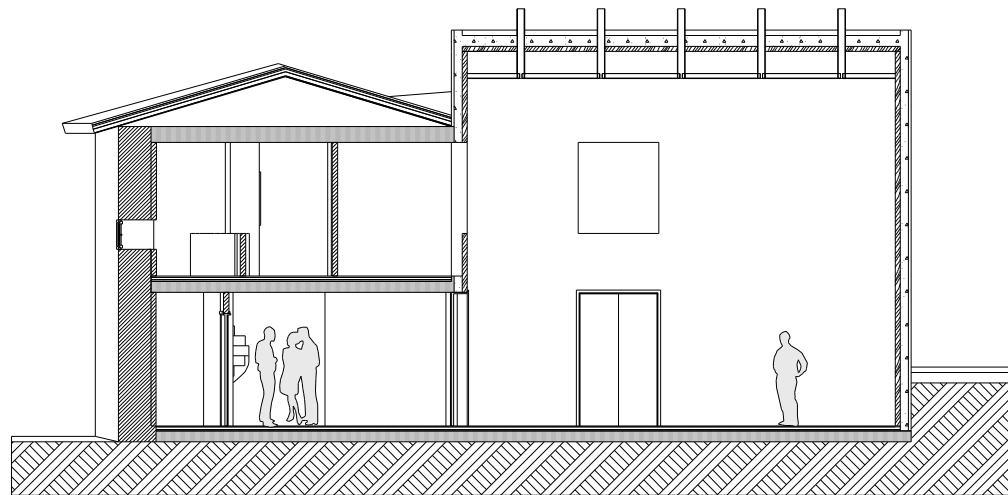
## **ANEXO 1**

**Projeto proposto1**

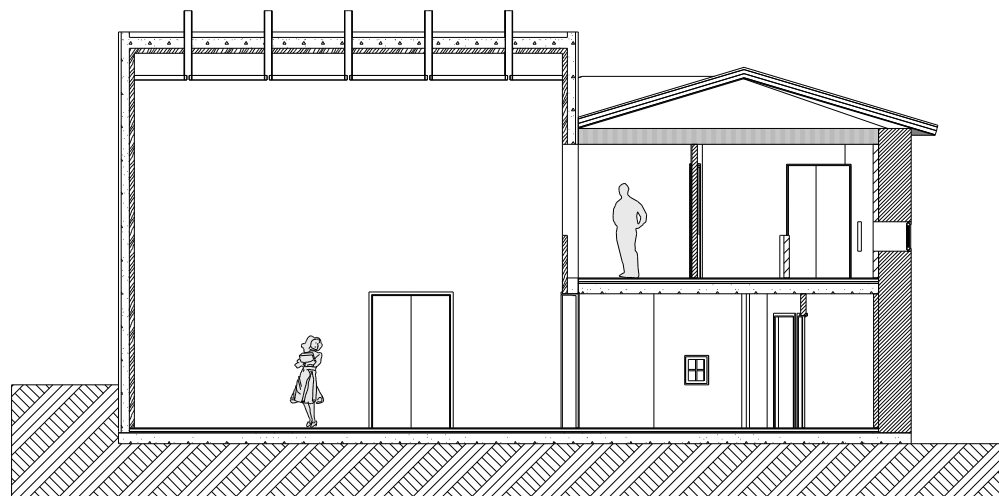


CENTRO CULTURAL DE QUINTANDONA  
COModeANTES  
RAUL ANDRADE PEREIRA - 2007

Planta: R|C ; Esc.: 1/100  
Folha 3



**Corte C2**

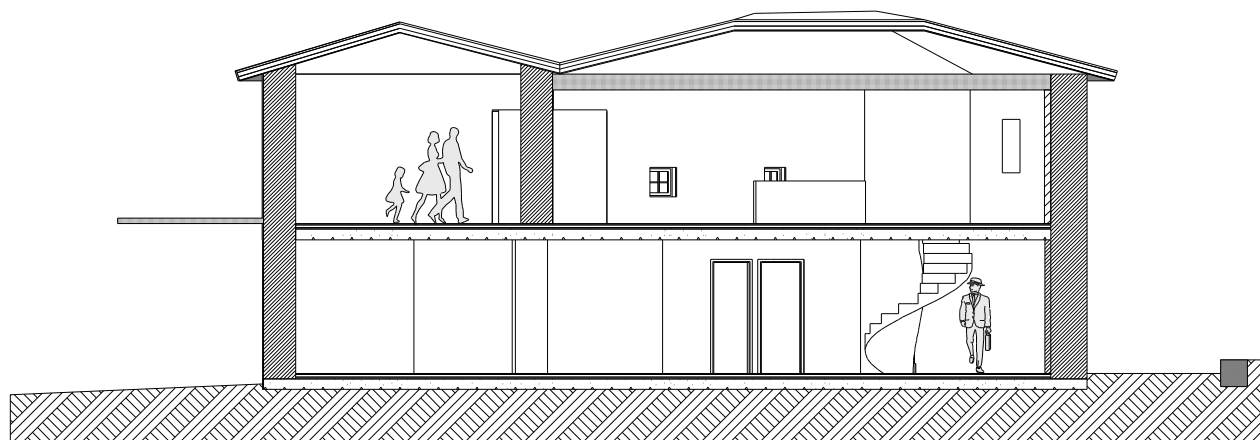


**Corte C1**

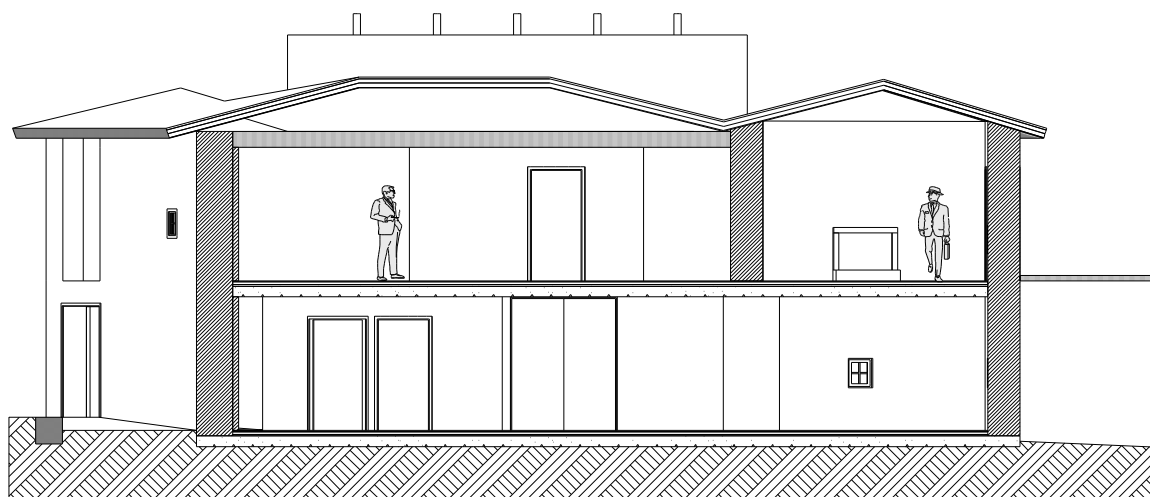
CENTRO CULTURAL DE QUINTANDONA  
COMOdeANTES  
RAUL ANDRADE PEREIRA - 2007

**Cortes: C1\_C2 ; Esc.: 1/100**  
Folha 5





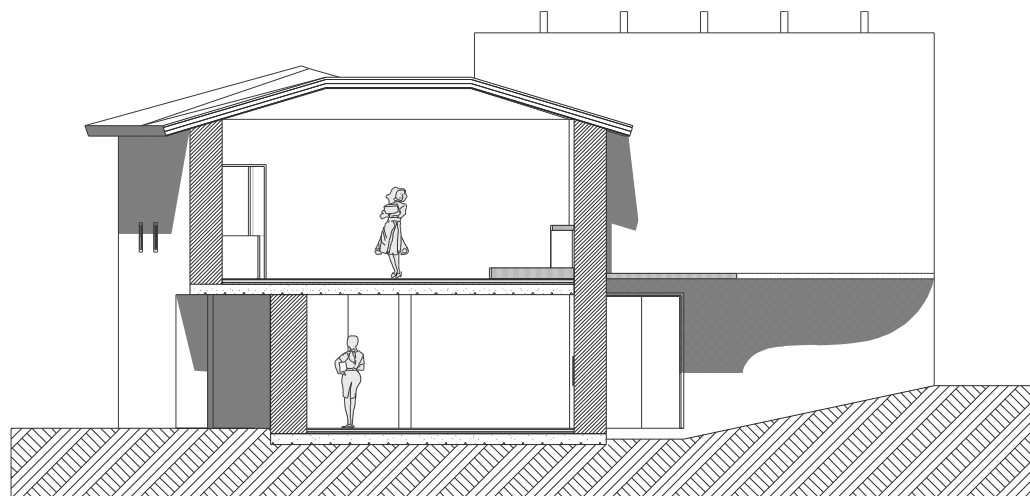
Corte C3



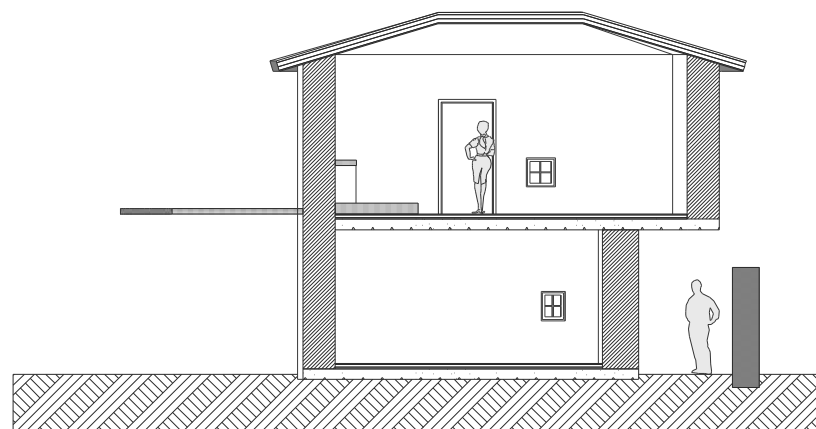
Corte C4

CENTRO CULTURAL DE QUINTANDONA  
COMOdeANTES  
RAUL ANDRADE PEREIRA - 2007

Cortes: C3\_C4 ; Esc.: 1/100  
Folha 6



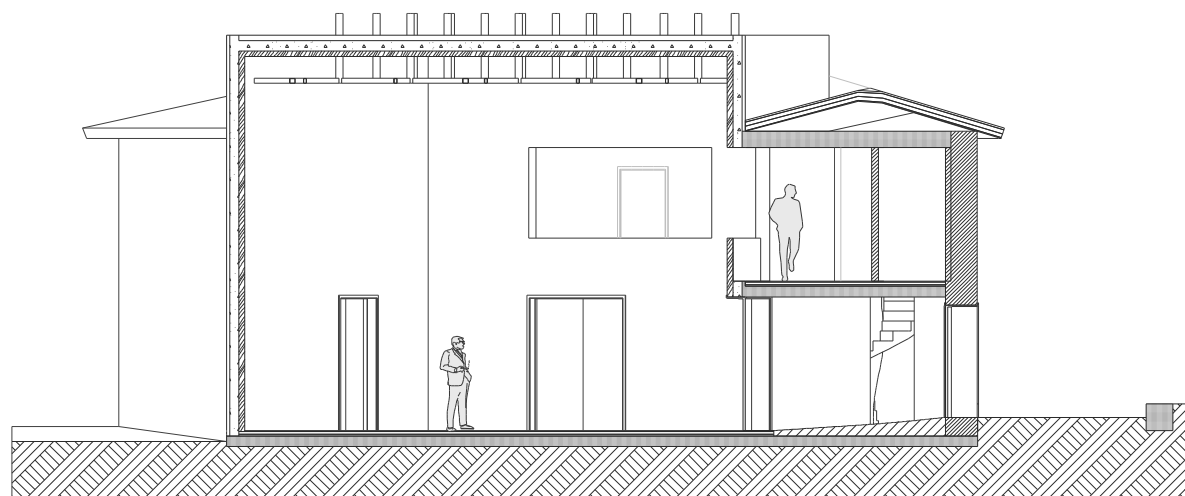
Corte C6



Corte C7

CENTRO CULTURAL DE QUINTANDONA  
COModeANTES  
RAUL ANDRADE PEREIRA - 2007

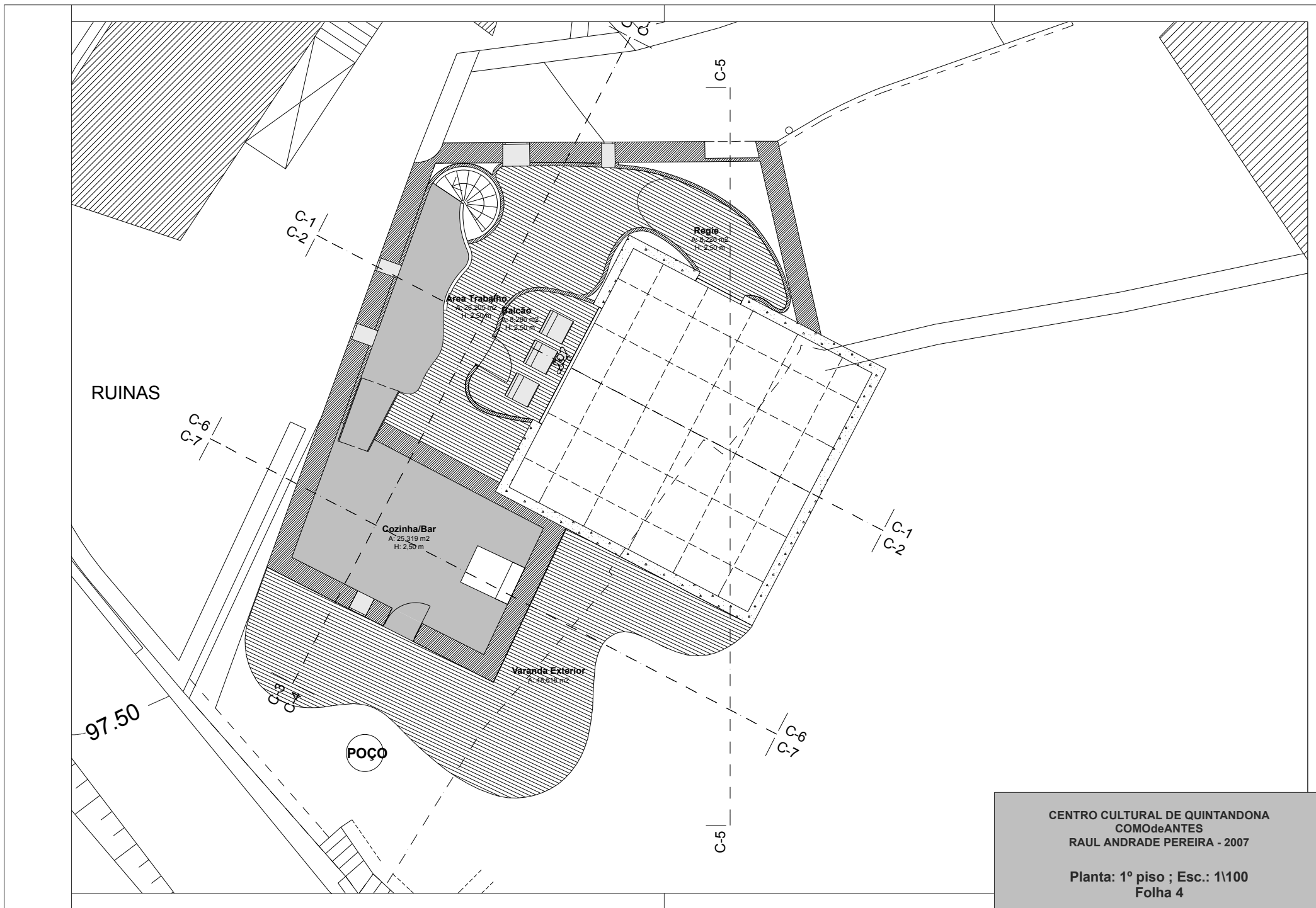
Cortes: C6\_C7 ; Esc.: 1\100  
Folha 8



Corte C5

CENTRO CULTURAL DE QUINTANDONA  
COModeANTES  
RAUL ANDRADE PEREIRA - 2007

Corte: C5 ; Esc.: 1\100  
Folha 7

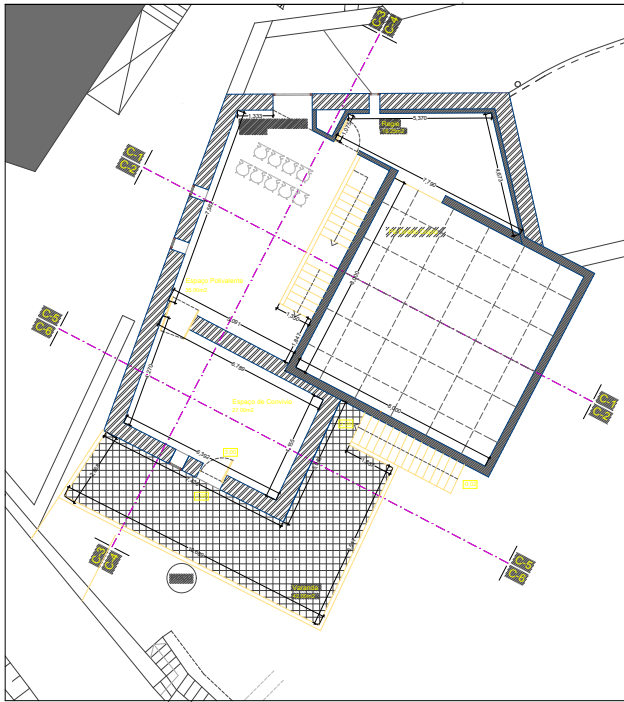


CENTRO CULTURAL DE QUINTANDONA  
COMOdeANTES  
RAUL ANDRADE PEREIRA - 2007

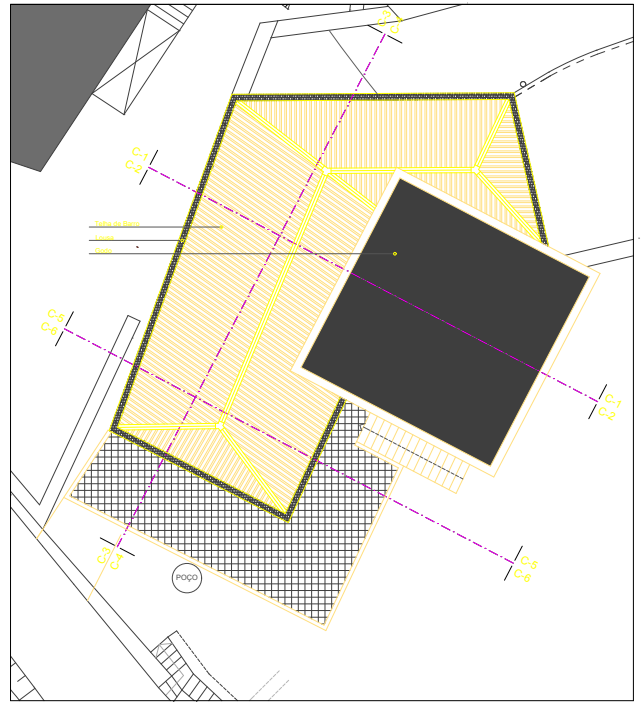
Planta: 1º piso ; Esc.: 1/100  
Folha 4

## **ANEXO 2**

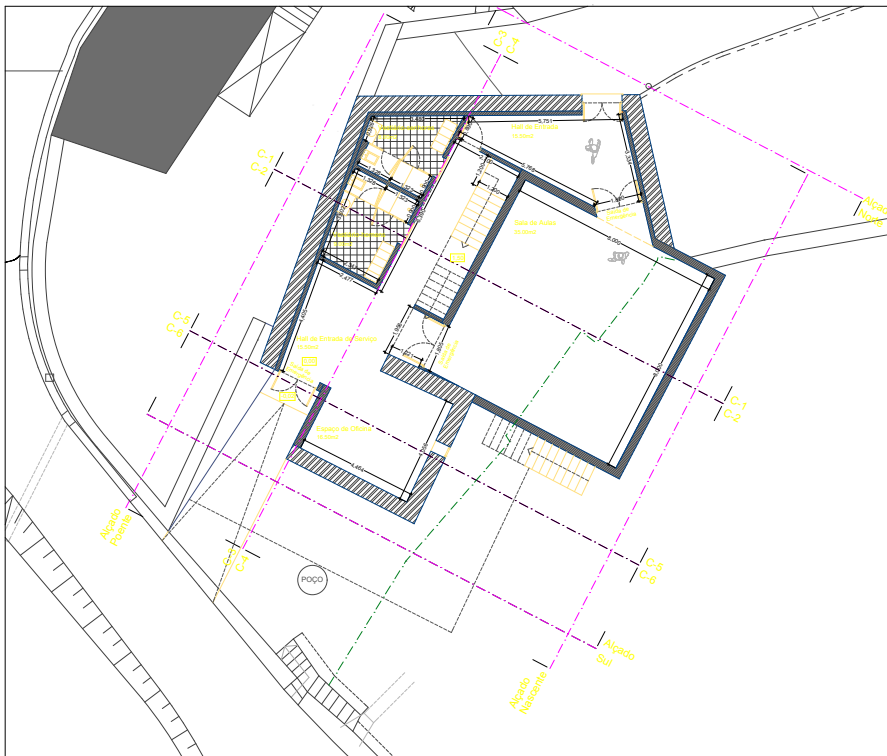
### **Projecto Proposto 2**



PLANTA 1º PISO

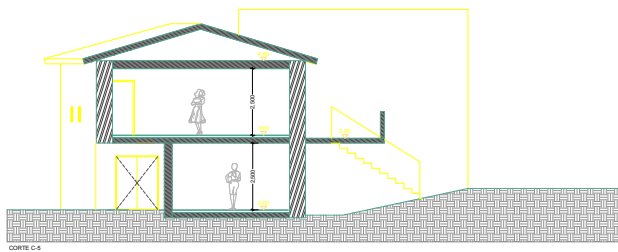
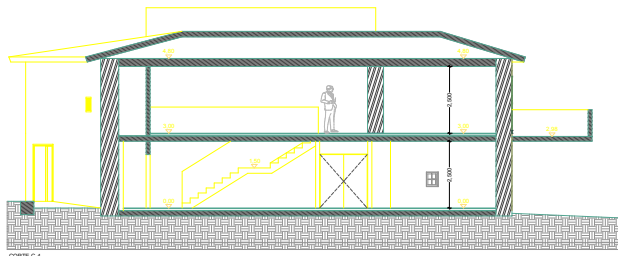
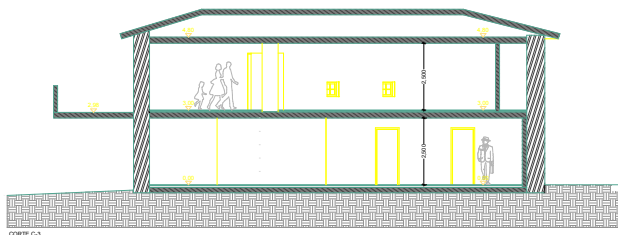
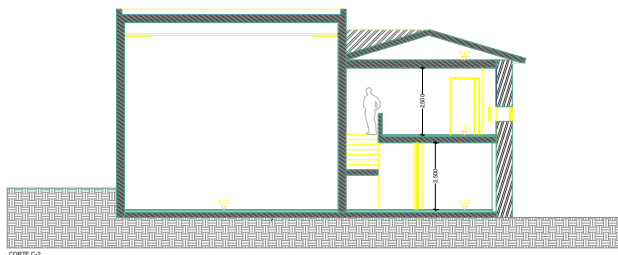
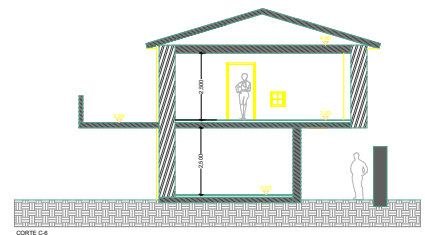
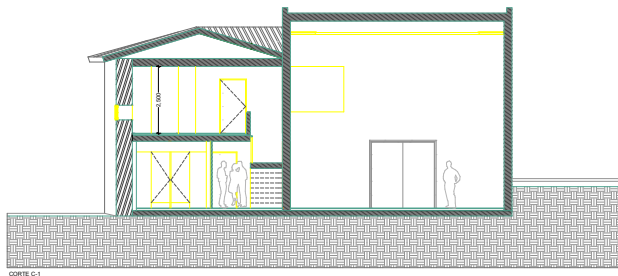


PLANTA COBERTURA



PLANTA ALÇADO

requerente	
Associação para o Desenvolvimento de Lagares	
projeto	tipo
Reabilitação	Licenciamento
Equipamento Cultural Escola de Teatro	
total	
Quintandona - Lagares - Penafiel	
autor coordenador	colaborador
Paulo Coelho	Artur Pereira
integração	
Plantas R/Chão e 1º Piso - Finais	
escala	data
1:100	Setembro 2007
	desenho nº



Representante	
Associação para o Desenvolvimento de Lagos	
projeto	trava
Realização	Licenciamento
Equipamento Cultural Escola de Teatro	alteração
local	
Quintandona - Lagos - Penafiel	
argto coordenador	colaborador
Paulo Coelho	Artur Pereira
desenho	
Cortes - Finais	
escala	data
1:100	Setembro 2007
desenho nº	





# **Canastro de Quintandona – Centro de Estágio Artístico**

PRÉ-PROJECTO

LAGARES 2006

## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

### ÍNDICE

<b>1– INTRODUÇÃO.....</b>	<b>3</b>
<b>2 – OBJECTIVOS.....</b>	<b>5</b>
2.1 - O PÚBLICO.....	6
2.2 - COMUNIDADE QUE USUFRUI.....	6
2.3 - SUSTENTABILIDADE FINANCEIRA, SOCIAL E ORGANIZATIVA.....	7
<b>3 - CONSTRUÇÃO DO COMPLEXO.....</b>	<b>8</b>
<b>“CANASTRO DE QUINTANDONA – CENTRO DE ESTÁGIO ARTÍSTICO”.....</b>	<b>8</b>
3.1 - INTRODUÇÃO DO PROJECTO.....	8
3.2 - ENQUADRAMENTO DO PROJECTO E PLANOS DE DESENVOLVIMENTO.....	9
<b>4 - ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO.....</b>	<b>10</b>
4.1 DIAGRAMA FUNCIONAL DO ESPAÇO.....	11
4.2 - ZONA PERFORMATIVA.....	12
O EDIFÍCIO DEVE CONTER UM OU MAIS ESPAÇOS DE APRESENTAÇÃO EXTERIOR CONCORDANTE COM OS ESPAÇOS USADOS PELAS FESTIVIDADES POPULARES NA REALIZAÇÃO DE TRABALHOS RURAIS.....	12
4.2.A – ZONA PERFORMATIVA.....	12
4.2.B – ZONA ADMINISTRAÇÃO   INVESTIGAÇÃO   FORMAÇÃO TEÓRICA.....	15
4.2.C – ZONA DE PRODUÇÃO.....	17
<b>4.2.C – ZONA DE EQUIPAMENTOS DE APOIO.....</b>	<b>18</b>
4.2.D — CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇO & QUADRO RESUMO DE AREAS E UTENTES....	19
<b>5 – CONCLUSÃO.....</b>	<b>22</b>

## 1– INTRODUÇÃO

Os Comodeantes são um grupo de teatro constituído por jovens do Vale do Sousa com idades compreendidas entre os 17 e os 34 anos exercendo actividades profissionais diferentes, contudo imbuídos por objectivos comuns, nomeadamente e em especial promover e desenvolver práticas culturais e sociais relacionadas em particular com o teatro, no meio social em que subsiste bem como em outros meios, especialmente nos menos favorecidos ao nível cultural. Paralelamente, tem como apanágio a criação de um espaço de cultura e lazer bem como a construção de um local de aprendizagem, criatividade e diálogo, para que os jovens e população em geral sintam necessidade de “crescer” em conhecimento e, assim, se tornarem mais críticos e participantes na comunidade em que se inserem.

Entendemos que desde sempre era o teatro dos nossos pais, avós e bisavós a essência cultural e o divertimento das populações. As pessoas juntavam-se na aldeia e faziam pequenos apontamentos de teatro a partir do seu quotidiano. Esta tradição foi-se teletransformando chegando quase a desaparecer. Entretanto, contra as massas surgiu a vontade de retreatilizar estes contos e este espírito. Foi esta vontade que, entre outras razões, nos motivou na escolha de Quintandona para exercemos a nossa actividade, em virtude de neste lugar se encontrar uma aldeia histórica, onde em cada canto e a toda a hora se encontram tradições e histórias intemporais do nosso povo. Estas são a base do nosso trabalho.

Na génese do grupo de teatro tornado Associação, está um desafio lançado a um grupo de pessoas que desde 2002 trabalham como de antes (como antigamente). Este surgiu a partir de um desafio entre um grupo de amigos, alguns conhecedores das artes do saber estar em palco e do diálogo com o público quer através de pequenas representações teatrais liceais quer através da música.

Assentamos a nossa actividade teatral num género específico de teatro, a “Commedia Del’Art”, o qual pressupõe o uso de máscara e a criação de textos baseados nas vivências do povo. Desta forma, os textos (guiões) são desenvolvidos por nós bem como a construção de máscaras, adereços e figurinos.

## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

Depois da formação da equipa, (com aulas de interpretação, movimento e técnica teatral,) e de alguns espectáculos apresentados, este grupo de teatro evoluiu acabando por se transformar em Associação Cultural. ASSOCIAÇÃO COMODEANTES, GRUPO DE TEATRO.

A Commedia Del' Art, em consonância com o teatro jogral, sempre foi o teatro do povo e para o povo. Dário Fo, o dramaturgo italiano e prémio Nobel da Literatura em 1997 também nos inspirou neste género de teatro e no objectivo que as peças têm. O nosso género de espectáculo tenta explicar ao público o teatro, a arte, de quê e como vive. Tentamos chicotear as ideias do público para que este reaja à realidade com humor.

## 2 – OBJECTIVOS

No nosso projecto procuramos desenvolver algumas das nossas considerações artísticas, acerca do desenvolvimento teatral nos meios rurais assim como da nossa actividade.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos do Homem, que serve de estímulo ao nosso trabalho: “Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam”, sabemos que os nosso objectivos e as diferenças a equilibrar não são mais do que uma esperança e, desta forma, procuramos nós intervir neste espaço, rural, propondo, criticamente “mais cultura” sem o detrimento da antropóloga dramaturgia destas gentes.

Procuramos qual a capacidade didáctica, formativa e de intervenção social do teatro nos meios rurais, a capacidade de transformação social bem como as relações do meio rural.

Gostaríamos de chegar ao maior número de pessoas, mas também aclamar a nossa “portugalidade” antropológica, rotulada de retrógada e intelectualmente elementar, quando o que se tem vindo a passar, nos meios desenvolvidos e citando José Gil, da Escola do Espectador “o homem moderno regressa ao nomadismo colhendo a alimentação em supermercados, e perdendo a capacidade de raciocínio crítico com programas de TV e contradições quase fadistas, dos quais fica só o aroma e não a essência”.

Propomo-nos recentemente a trabalhar com um grupo de pessoas “menos novas”, “os nosso pais” num espectáculo a ser criado para a próxima primavera.

Depois do trabalho já realizado, conseguimos aferir algum sucesso e humildemente propomo-nos a avançar com novos projectos mais arrojados a nível de concepção.

Em primeiro lugar necessitamos de criar condições de apresentação de espectáculo no que concerne ao espaço assim como o equipamento técnico necessário, por exemplo equipamento de luz, som, etc.

Desta forma este projecto, tem como plano estratégico criar uma residência ao grupo, bem como um acolhimento de outras actividades e colectividades culturais da área envolvente.

## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

Projectamos também, um centro de estágio, a ser desenvolvido, para companhias de teatro, grupos de música, artistas, etc. para que num ambiente calmo e propício ao desenvolvimento da criação possam fazer pausas. Assim pensamos que os estagiários e hospedados poderão contribuir com formações para o centro, ou seja junto da comunidade que usufrui das formações do centro.

### **2.1 - O público**

Pretendemos criar dois tipos de públicos: Público residente, e Público Visitante.

Pelo publico residente, entendemos como o público envolvente, aquele que convive directamente com as associações residentes no complexo. Ou seja, os membros dos grupos de teatro, bandas, grupos folclóricos, etc. desde os dirigentes até os participantes. Em segundo “grau” e por afinidade, os familiares desses mesmos participantes, pais, irmãos, tios, etc. Por fim os amigos, amigos destes participantes activos, os amigos das colectividades (sócios).

Como público visitante entendemos o público que vive em espaços circunstancialmente diferente da zona em que se insere o centro estágio (meio rural), para que num fim-de-semana turístico, de visita possa escolher “um cardápio” de actividades.

Por fim o simples curioso, que, encontrou informação e que lhe despertou interesse em como, onde, qual, forma, cor de um complexo artístico coabita com uma forma de vivência tida como simples e desprovida de interesse cultural.

### **2.2 - Comunidade que usufrui**

Calculamos que uma actividade do género, à partida não terá resultados imediatos, no entanto, a curto prazo e entendendo que com a sociedade de informação, bem como aproveitando os recursos postos à disposição a comunidade envolvente aderirá, inscrevendo os seus filhos nas aulas de música, teatro e dança. Para além disso a própria comunidade poderá se inscrever neste género de formação.

Desde já começou a intervenção directa do grupo COMOdeANTES neste âmbito.

### **2.3 - Sustentabilidade financeira, social e organizativa.**

Inferimos que a gestão de uma estrutura deste género é algo extremamente complexo e carece também de um projecto económico. No entanto, importa calcular nesta organização dois pontos: Proveitos e os custos.

Assim como proveitos entendemos por dois grupos: Os directos, provenientes das aulas, inscritos nelas, bilheteiras de espectáculos, e bens culturais produzidos pelos participantes que possam ser comercializados.

Os indirectos, os provenientes das zonas de Equipamentos de Apoio, veja-se, restaurante, café-concerto e estalagem.

Os custos, teremos então consumos directos com as equipas de pessoal a trabalhar no centro. Assim se podemos “negociar” formações e valores de acolhimento. Não podemos com serviços vulgares de limpeza e manutenção dos vários espaços. Necessitaremos também pessoal especializado que, não será talvez constantemente, mas que teremos que contar para espectáculos de residência (das colectividades residentes), e também do acolhimento de possíveis espectáculos. Por outro lado existirá despesas indirectas com a zona de apoio, vulgo restaurante, café-concerto e estalagem. Por fim gastos com a promoção e divulgação do centro. **Falta materiais de trabalho.**

Em termos sociais entendemos que

Tentamos avançar de forma lenta, mas progressiva e contínua, daí que o nossos próximos passos considere se por um lado uma aproximação da nossa actividade ao público vizinho (rural) por outro lado o mesmo seja um suporte da continuação da nossa actividade, a qual entendemos ser pertinente para a sociedade em que nos inserimos.

### **3 - CONSTRUÇÃO DO COMPLEXO**

**“Canastro de Quintandona – Centro de Estágio Artístico”**

#### ***3.1 - Introdução do projecto***

O planeamento de construção deste complexo destina-se a criar condições estruturais para o funcionamento de várias estruturas, colectividades culturais das freguesias envolventes. Daqui destaca-se os COMOdeANTES, neste momento estão “desalojados”, para que de uma forma sustentada possam desenvolver a sua actividade.

Pensamos, desta maneira, desenvolver um complexo que fosse decomposto por quatro áreas distintas, a saber:

- a – zona performativa
- b – zona de produção
- c – zona administração | investigação | formação teórica
- d – zona de equipamentos de apoio

Assim na zona (a) estariam colocados os palcos, (interiores e exteriores), na zona (b), as oficinas de trabalho artístico (pintura, escultura etc.) na zona (c) a administração do complexo, assim como zona e espaços de investigação teórica, estudo de música (instrumento) biblioteca, salas de estudo, salas de exposição, etc. e por fim na zona (d) a zonas de apoio ao complexo, o restaurante, bar, estalagem.



## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

### ***3.2 - enquadramento do projecto e planos de desenvolvimento***

Neste sentido, pensamos que o espaço deve estar integrado harmoniosamente na natureza e na paisagem.



## 4 - ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Entendemos que o “*campus*” do espaço cultural Canastro de Quintandona deve ser dividido em quatro zonas distintas, como já referido:

- Zona Performativa
- Zona de Oficinas/ Produção
- Zona de Administração | Apoio educativo e artístico
- Zona de equipamentos de apoio

Pretendemos com esta divisão determinar necessidades de funcionamento, em termos de exercício prático das actividades. Assim as zona performativa pretendemos que seja composta pelos palco(s) que eventualmente possam servir os variados eventos. Na génese da ideia deste espaço cultural está o cruzar do espaço “casa rural” com a intervenção artística. Pretendemos juntar as celebrações rurais, por ex. a desfolhada, a vindima, assim como as celebrações proto-cristãs do género da queima do Maio, noite de reis, etc.

Entendemos que a água é fundamental para o trabalho rural, por isso pensamos que a simbiose entre um dos palcos, ao ar livre, e a PRESA (represa de água), o segundo o CELEIRO, local de armazenagem do sustento para o Inverno e também local dos festejos de Inverno, por fim a EIRA como espaço eleito das actividades de secagem do cereal e todas as festividades relacionadas.

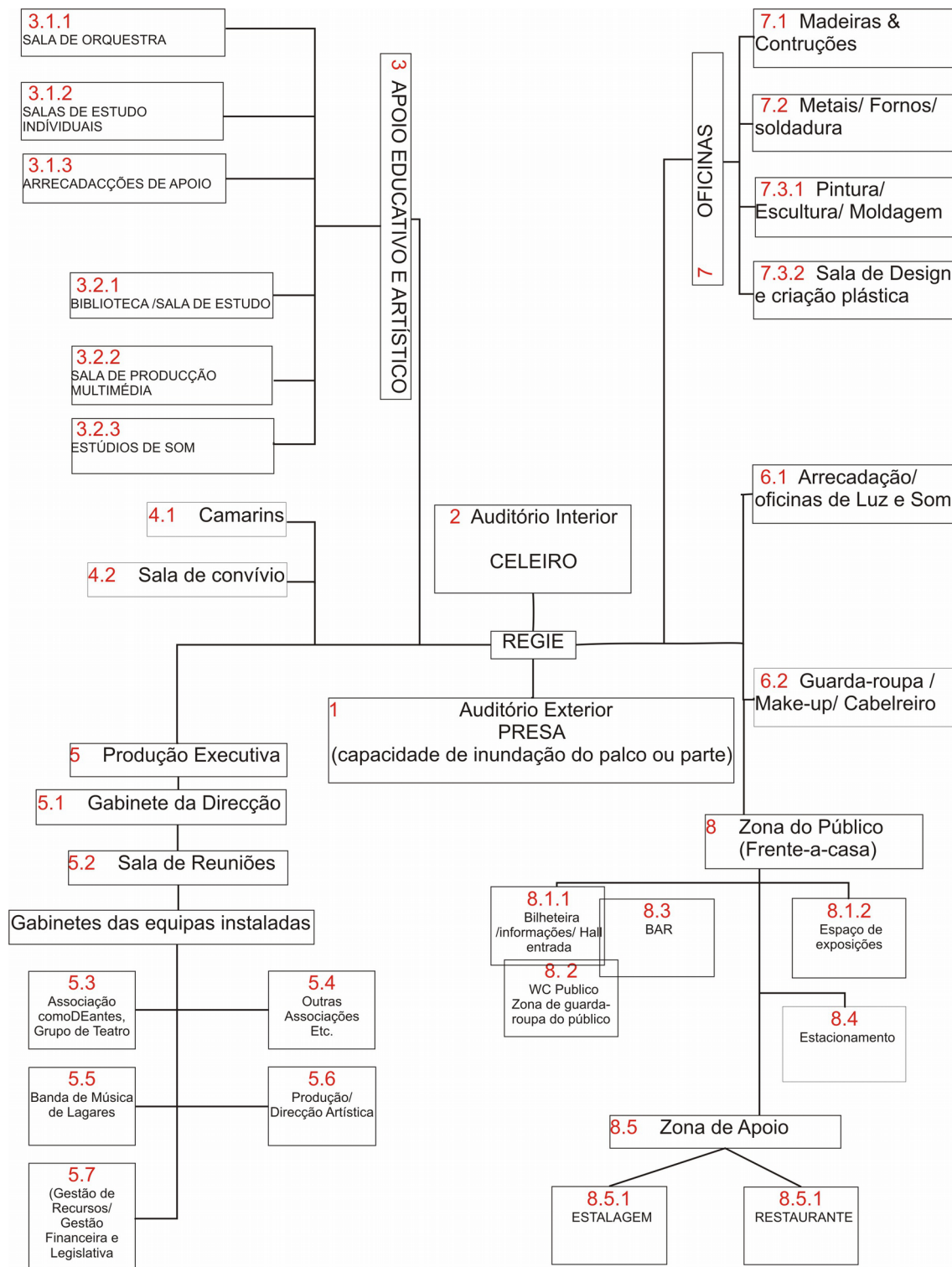
A zona das oficinas são os espaços que poderão estar relacionados com as zonas de produção: campos, vacarias etc.

As zonas de apoio educativo e artístico são espaços de estudo e investigação, pretendemos espaços cómodos, talvez mais relacionados com o descanso a própria casa, quartos etc.

Por fim as COZINHA, espaço fundamental de confraternização das famílias, espaço amplo com capacidade de recursos onde a família tomava as refeições. Assim assumimos que este espaço deverá estar relacionado com as infra-estruturas de apoio, restaurante. Não esquecendo também a varanda e alpendres que bom relacionamento tem com os quartos e estalagem.

# CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

## 4.1 DIAGRAMA FUNCIONAL DO ESPAÇO



## **4.2 - ZONA PERFORMATIVA**

O edifício deve conter um ou mais espaços de apresentação exterior concordante com os espaços usados pelas festividades populares na realização de trabalhos rurais.

A presença da eira com o beiral pode ser um dos espaços exteriores.

Outro junto elemento a usar, como espelho de água, e talvez como palco especial, a “presa”, que é uma represa de água para o regadio das culturas.

Como espaço interior o beiral, ou canastro. Será necessário para algumas apresentações. O formato de estúdio, onde as várias configurações do espaço são possíveis será fundamental.

Será necessário uma sala de ensaios, assim como arrecadações para o equipamento de luz, som e multimédia.

### **4.2.A – ZONA PERFORMATIVA**

#### **Auditório exterior — PRESA —**

Palco 20x20 m tablado em madeira com a possibilidade de inundação, deve estar rodeado de água para outro tipo de espectáculos.

Equipamento para suporte de luz e som

Calhas/ caminhos de cabos independentes

Teia / torres em que se possa iluminar a cena forma de colocar e voltar a retirar.

Infra-estrutura de montagem de ciclorama de luz ou cinema.

Estrutura fixa para fixar cenários varandas e outras estruturas cénicas

Régie (s)

Luz e Som bom local acústico com possibilidade de isolamento acústico

Cinema vídeo – isolada acusticamente

Acesso de carga e descarga

Plateia de 300 a 500 lugares possivelmente coberta e com possibilidade de aquecimento

## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

### **Auditório interior (black-box) — CELEIRO — ②**

Palco 12x12m mínimo

Área de bastidores “*outstage*” cerca de 2m pra cada lado

Condições de black-out total (escurecer a 100%)

Altura mínima da sala 5m

Teia p/ rigging

P/ iluminação (suspensão de projectores)

p/ vestimenta de cena

p/ cenografia

Capacidade de suspensão até 20 ton (?)

Chão em tablado flutuante próprio para movimento e dança com possibilidade de acolhimento de elementos cénicos.

Possibilidade de alçapão

Isolamento acústico do exterior

Ligação à régie sem isolamento acústico

Zona de armazenagem temporária junto ao palco para cenários, máquinas de cena e mobília de cena.

Acesso amplo de carga e descarga

Plateia 100 a 200 lugares

Aquecimento

Salas de Camarins/ apoio a espectáculo (próximo do palco)

Camarins individuais (cinco)

Mesa de maquilhagem

Espelhos c/ iluminação

Rack p/ figurinos

Intercom com as salas de espectáculo

Chuveiro e wc privativo

Camarins colectivos (cinco)

Idêntico ao anterior mas com cacifos com chave

(nota estes camarins podem ser as salas de estudo de música «rentabilização de espaço»)

Sala de convívio/ apoios ao palco

Espaço com sofás

Mesas e cadeiras

Espaço para mini-bar

Luz natural

## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

### Arrecadação E Oficinas P/ Luz E Som (6.1)

- Necessidade de um espaço amplo
- Próximo do palco e na mesma cota para usar “*troleys*”
- Estrutura de “*hanging*” para equipamento de luz
- Espaço dividido em 2 áreas distintas (talvez pela porta de acesso)
- Espaço para bancada de reparação e manutenção
- Capacidade de black-out
- Intercom com palco
- Armários e arrumos para cabos e acessórios
- Alimentação eléctrica independente às duas áreas.
- Contrlo de humidade

### Guarda-Roupa / make-up/ cableireiro (pode estar integrada nas oficinas desde que bem estudado)

- Espaço de lavagem de figurinos
- Espaço de secagem de figurinos
- Espaço de adereços de figurinos (perucas, chapéus, etc)
- Espaço p/ maquilhagem mais complexa
- De fácil limpeza e com possibilidade de se sujar bastante

## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

### **4.2.B – ZONA ADMINISTRAÇÃO | INVESTIGAÇÃO | FORMAÇÃO TEÓRICA**

Neste espaço, pretende-se colocar os serviços administrativos. Escritórios para as colectividades instaladas, uma sala de reuniões com tamanho circunstancial, sala de administração, arquivo.

Proposmos uma zona de biblioteca assim como pontos de acesso à Internet de reduzidos preços.

Necessitaremos salas isoladas acusticamente para formações teóricas, assim como o estudo de instrumento. Pensamos que uma sala para cerca de vinte e cinco pessoas, e mais dez a quinze salas pequenas para estudo individual de instrumento. Estas salas podem eventualmente estar adaptadas para estúdios de gravação.

### ZONA ADMINISTRAÇÃO | INVESTIGAÇÃO | FORMAÇÃO TEÓRICA

#### APOIO EDUCATIVO e ARTÍSTICO — ③

##### Sala para ensaio de orquestra para 60 a 80 músicos (3.1.1)

- Boa qualidade acústica

- Isolamento acústico

- Aquecimento

- Zona de arrumos para pequenos utensílios, por ex. partituras estantes e cadeiras desdobráveis.

- Iluminação boa mas não fluorescente

##### Sala individuais para estudo de instrumento (cinco a dez) (3.1.2)

- Isolamento acústico

- Aquecimento

- Espaço arrumos

- Boa iluminação, luz natural se possível

##### Arrecadação p/ instrumentos, estantes e equipamento da banda (3.1.3)

- 5x5 m ou mais

- Sem humidades

##### Biblioteca e sala de leitura e estudos (3.2.1)

##### Estúdios Multimédia (3.2.2)

##### Estúdio Multimédia (ART-média design informático; vídeo)

- Isolamento acústico

- Sem humidades

- Capacidade de escurecer

- Cerca de 5m de profundidade para projecção de vídeo

##### Estúdio de Som (2 salas)

- Regie

## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

Sala de gravação  
Bom isolamento acústico

Gabinete da Direcção (5.1)

Sala de reuniões com capacidade p/ 30 pessoas (5.2)

Gabinets individuais (5.3)

Direcção Associação Comodeantes, Grupo de Teatro

Direcção da Banda da Música

Produção Artística | TEATRO

| MÚSICA

Sala de gestão Financeira/ Legislativa



## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

### 4.2.C – ZONA DE PRODUÇÃO

Pretendemos nesta área, que deve ser próxima da área de performance, as oficinas, devem estar divididas em duas partes, área pesada - oficinas de madeiras, metais, ateliers de pintura e escultura, área ligeira – oficinas de figurinos, moldes etc. onde possam decorrer trabalhos de produção para espectáculos, formação bem como *workshops* para inscitos, curiosos ou mesmo simples utentes pontuais.

#### ZONA DE PRODUÇÃO/ OFFICINAS

(estas oficinas tb servirão para formação e workshops)

##### Oficina de Madeiras

- Espaço isolado (por causa das poeiras)
- Isolamento acústico
- Alimentação eléctrica potente
- Grande dimensão (espaço para arrecadar matéria prima)
- Espaço para grandes cargas e descargas
- Forma de transporte ao palco simples

##### Oficina de Metais

- Piso antiderrapante (por causa do óleos)
- Isolamento acústico
- Alimentação eléctrica potente
- Grande dimensão (espaço para arrecadar matéria prima)
- Espaço para grandes cargas e descargas
- Forma de transporte ao palco simples

##### Oficina de Pintura e Escultura

- Luz natural
- Água e bancadas para lavar e guardar temporariamente equipamento e materiais
- Espaços amplos e facilidade de limpeza
- Local de armazenamento de matérias-primas especiais (controle de luz e humidade)

##### Sala de design

- Espaço para grandes mesas para planos ou plantas
- Espaço de desenho (estiradores)

## 4.2.C – ZONA DE EQUIPAMENTOS DE APOIO

Nesta zona devem estar inseridos, os equipamentos de apoio, como o café-concerto onde possam decorrer pequenos espectáculos e próprio convívio dos utentes.

A estalagem, com um numero aceitável de quartos para os convidados, estagiários, turistas etc.

Restaurante temático, que eventualmente atraia pessoas e sirva também como apoio financeiro ao centro.

Estes três espaços devem estar separados das outras zonas mas existir em conjunto rentabilizando o seu funcionamento dentre si.

### ZONA DE EQUIPAMENTOS DE APOIO

Bilheteira/ Hall entrada

    Espaço suficiente para acolher o público antes dos espectáculos

    Ter “bengaleiro”

    Espaço de exposição (ver TeCA)

Bar p/ público

    Onde possam tomar café antes dos espectáculos ou qq snack

Estacionamento p/  $\frac{2}{3}$  do público assim como para grandes veículos das companhias.

Estalagem/ Restaurante

    Estalagem

        Acolhimento dos artistas

        Acolhimento p/ turismo rural

        50/60 quartos distribuídos por várias residências

    Restaurante

        Para 150 pessoas

## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

**4.2.D — CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇO & QUADRO RESUMO DE AREAS E UTENTES**

<b>Listagem programática dos espaços</b>				
Ref.	Designação	Área útil	Quantidade de espaços	Obs.
		(m <sup>2</sup> )	(un)	Pé-direito
<b>1</b>	<b>Auditório Exterior - PRESA</b>			
1.1	Palco	400	1	Nf - 1  Duplo
1.2	Plateia	-	1	Nf - 2  Duplo
1.3.1	Régie A	12	1	Nf - 3  Simples
1.3.2	Régie B	8	1	Nf - 4  Simples
<b>2</b>	<b>Auditório Interior - CELEIRO</b>			
2.1	Palco	200	1	Nf – 5   Duplo
2.2	Plateia	-	1	Nf – 6   Duplo
2.3	Sala de depósito de equipamento	20	1	Simples
<b>3</b>	<b>Apoio Educativo e Artístico</b>			
3.1.1	Sala de Orquestra	130	1	Duplo
3.1.2	Sala de estudo individual	6	6	Simples
3.1.3	Arrecadações de apoio	15	2	Simples
3.2.1	Biblioteca	30	1	Simples
3.2.2	Sala de estudo/ leitura	20	1	Simples
3.3	Estúdios de Produção Multimédia	15/8	2	Simples
3.4	Estúdios de som	10	2	Nf- 7  Simples
<b>4</b>	<b>Apoio ao palco</b>			
4.1.1	Camarins Individuais	8	4	Simples
4.1.2	Camarins Colectivos	30	3	Simples
4.2	Sala de convívio / bar de Artistas	40	1	Nf – 8 Simples
<b>5</b>	<b>Produção Executiva</b>			
5.1	Gabinete da Direcção	8	1	Simples
5.2	Gabinete de apoio à direcção	6	1	Simples
5.3	Sala de Reuniões	10	1	Simples
5.4	Gabinetes das Associações instaladas	8	6	Simples
5.5	Arquivo	8	1	Simples
<b>6</b>	<b>Oficinas Arrecadação (mat. Palco)</b>			
6.1	Oficina de luz	20	1	Simples
6.2	Oficina de Som	10	1	Simples
6.3	Guarda-Roupa	20	1	Simples
6.3.1	Lavandaria & Costura	10	1	Nf – 9 simples
6.4	Adereços	20	1	Simples
6.5	Oficinas de Maquilhagem / Cabeleireiro	10	1	Simples
<b>7</b>	<b>Oficinas de construção</b>			
7.1	Madeiras & Construções	150	1	Duplo
7.2	Metais / Soldadura / Fornos	100	1	Duplo

## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

### Listagem programática dos espaços

Ref.	Designação	Área útil	Quantidade de espaços	Obs.
		(m <sup>2</sup> )	(un)	Pé-direito
7.3	Pintura / Escultura / Moldagem	100	1	Duplo
7.4	Sala de design e criação plástica	50	1	Simples
7.5	Estúdio de Apoio técnico	30	1	Simples
<b>8</b>	<b>Zona de Público (FOH – Front-of-house)</b>			
8.1.1	Bilheteira/ Informações	6	1	Simples
8.1.2	Hall Entrada – <i>Foyer</i>	60	1	
8.2.1	WC Público Feminino	12	1	Simples
8.2.2	WC Público Masculino	12	1	Simples
8.2.3	WC Público Deficientes	5	1	Simples
8.2.4	Bengaleiro público	5	1	Simples
8.3	<b>Bar</b>			Nf - 10
8.3.1	Cafetaria/ sala de atendimento	80	1	Simples
8.3.2	Balcão de Serviço	12	1	Simples
8.3.3	Cozinha/ copa	10	1	Simples
8.3.4	Dispensa	6	1	Simples
8.3.5	Armazém de Vasilhame	6	1	Simples
8.3.6	Vestiários/ balneários indv. Pessoal c/ inst. sanitárias	12	1	Simples
8.4.1	Gabinete de <i>FOH</i>	12	1	Simples
8.4.2	Vestiários de Equipas de FOH	10	3	Simples
8.4.3	Arrecadação de equipamento e material de manutenção	15	1	Simples
<b>9</b>	<b>Centrais Técnicas</b>			
9.1	Posto de Transformação	40	1	
9.2	Central de Equipamento Hidráulico e AC	40	1	
9.3	Central grupo de emergência e incêndios	20	1	
<b>10</b>	<b>Equipamento de apoio</b>			
10.1	Aparcamento automóvel	600	2	Simples
10.2	Restaurante		1	Nf – 11
10.3	Estalagem(s)		4	Nf – 12

### Condicionantes dos espaços – Nota funcional

Nota funcional	1	Ref.	1	Designação	Palco
Obs.	Deve estás à mesma cota da água da represa, com possibilidade de inundação de toda a área de palco. Deve estar equipado com sistema de vestimenta de palco à italiana. Deve dispor de teia, não fixa se possível Vários canais de alimentação eléctrica regulável por “ <i>dimmer</i> ” Várias conexões de multimédia (som, vídeo, etc) à regie				

Nota funcional	2	Ref.	1.1	Designação	Plateia
----------------	---	------	-----	------------	---------

## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

Obs.	Deve ter capacidade para 200 pessoas Deve estar coberto e com temperatura regulável. Dispor de um espaço para régie em FOH estrategicamente colocada (ponto de vista da regulação sonora do espaço)				
------	---	--	--	--	--

<b>Nota funcional</b>	3/4	<b>Ref.</b>	1.3.1 1.3.2	<b>Designação</b>	Régies A/B
Obs.	Necessário que fique com bom ângulo de projecção para o palco, com visibilidade Necessário que fique isolada acusticamente da plateia (maq. proj. cinema) Recomendável que sirva os 2 auditórios.				

<b>Nota funcional</b>	5/6	<b>Ref.</b>	2.1 2.2	<b>Designação</b>	Palco/ Plateia – Auditório Interior (Sala estúdio)
Obs.	Esta sala deve ser polivalente, que sirva de sala de ensaios, que se possa colocar a plateia na ordem mais confortável para o espectáculo, ou seja <u>sala estúdio</u> . Vários canais de alimentação eléctrica regulável por “ <i>dimmer</i> ” Várias conexões de multimédia (som, vídeo, etc) à regie				

<b>Nota funcional</b>	7	<b>Ref.</b>	3.4	<b>Designação</b>	Estúdios de som
Obs.	Um dos dois espaço deve estar isolado acusticamente e com ligações ao outro de forma a fazer gravações de estúdio.				

<b>Nota funcional</b>	8	<b>Ref.</b>	4.2	<b>Designação</b>	Sala de convívio / bar de Artistas
Obs.	Seria recomendável que o mesmo bar servisse o público e artistas, no entanto que a zona de acesso de publico e artistas, era necessário, que estivesse dividida.				

<b>Nota funcional</b>	9	<b>Ref.</b>	6.3.1	<b>Designação</b>	Lavandaria & Costura
Obs.	Pretende-se uma zona próxima do palco mas arejada, com ligação de água e esgotos. Pode necessário estendal, pode ser em zona visível ao público.				

<b>Nota funcional</b>	10	<b>Ref.</b>	8.3	<b>Designação</b>	Bar
Obs.	Este espaço pode estar ligado com o espaço do Bar de Artistas com a devida divisão. Deve poder sustentar pequenas apresentações de café-concerto (por ex. concertos; <i>Stand up comedie</i> ; espectáculos de magia, etc)				

<b>Nota funcional</b>	11	<b>Ref.</b>	10.2	<b>Designação</b>	Restaurante
Obs.	Necessário para dar apoio ao publico, mas também àqueles que estiverem a trabalhar no complexo deslocados. Deve reflectir o ambiente onde se insere o complexo				

<b>Nota funcional</b>	12	<b>Ref.</b>	10.3	<b>Designação</b>	Estalagem(s)
-----------------------	----	-------------	------	-------------------	--------------

## CANASTRO DE QUINTANDONA – COMPLEXO ARTÍSTICO

Obs.	Necessário para dar apoio ao publico, mas também àqueles que estiverem a trabalhar no complexo deslocados. Pode estar distribuído por vários espaços. Deve reflectir o ambiente onde se insere o complexo
------	--

## **5 – CONCLUSÃO**

Falar de programas turísticos, do género de os turistas associar-se à forma de vida dos aldeões, passeios a pé, de bicicleta ou mesmo de cavalo.

Associar as actividades turísticas ao ciclo rural das actividades desenvolvidas normalmente pelos agricultores. Por exemplo, as pessoas acompanharem a sementeira do centeio com o agricultor, a ceifa outro grupo que estaria curioso nessa actividade.

## **Anexo 5**

### ***Documentos de gestão e programação de diferentes eventos (exemplos)***



## ORGANIZAÇÃO

CMP-Pelouro do Turismo  
Junta de Freguesia de Lagares  
Associação para o Desenvolvimento de Lagares  
comoDEantes



Fundada em 91-03-23

Associação para o  
Desenvolvimento  
de Lagares



COMODEANTES

APOIO

**o.** verdadeiro olhar  
O SEU JORNAL REGIONAL  
www.verdadeiroolhar.pt

+INFO

Contactos  
caldo@comodeantes.com  
919836924 . 964346610



# FESTADO CALDO DE QUINTANDONA

# 15&16 SETEMBRO LAGARES . PENAFIEL

A gastronomia e as artes, aliam-se, para lhe dar a conhecer a aldeia preservada de Quintandona.  
Perca-se por ruas e ruínas, tachos e panelas, um bom vinho e demais iguarias e deixe-se levar por sabores e sensações, numa das mais belas aldeias de Portugal.  
O Caldo de Quintandona serve de mote para lhe dar a conhecer este local mágico, esquecido no tempo, onde a tradição ainda é como de antes.  
Divirta-se com a música, os jogos tradicionais, o teatro de rua e com a companhia de quem mais gosta.

Venha visitar-nos... e apaixonar-se!

## DIA 15

18h00 . Abertura  
19h30 . Rancho folclórico de Abragão  
21h30 . Banda Musical e Recreativa de Lagares

### Ementa

Porco no espeto  
Papas de sarrabulho  
Grelhados  
Caldo Verde

## DIA 16

10h00 . Abertura com Zés Pereiras de S. Julião . Lagares  
10h30 . Recepção às Entidades Oficiais  
11h30 . Início do Caldo de Quintandona (que se prolongará pela tarde)  
12h00 . Grupo de Gaiteiros de Espanha  
14h30 . Grupo de Cantares “Nem sempre nem nunca” . Capela  
17h 00. Mário Leal e Vera Alvarenga  
19h 00. Orangotango  
21h30 . Grupo de Metais de Lagares  
Participação do grupo de teatro como DEantes durante a festa  
Jogos Tradicionais

### Ementa

Caldo de Quintandona acompanhado com  
Vinho, Broa e Cozido à Portuguesa.







CALDO DE QUINTANDONA

# festa e da Música do caldo Tradicional de Quintandona

## 19,20 & 21 Setembro

### SEXTA-FEIRA 19 NOITE DO CHOCALHEIRO

20h30 ABERTURA OFICIAL

Espectáculo de abertura "Conto do Caldo"  
Circunvagar Sorrisos  
Banda Musical de Lagares  
Encontro musical IBERO  
Contos musicados  
O casamento da filha da Rainha  
Porto Folk

### SÁBADO 20 NOITE DO UIVO

15h00

Oficinas e trabalhos manuais  
*Construção de Cabeçudos*  
Oficinas e trabalhos manuais  
*Aprender a andar de andas*  
Oficinas e trabalhos manuais  
*Jogos tradicionais*  
Encontro musical IBERO  
O casamento da filha da Rainha  
1º Passeio BTT Nocturno  
*Festa do Caldo / Amigos do Pedal*  
Toques de Caramulo  
Convinha Tradicional  
Fogo nos cabeçudos

### DOMINGO 21 dia do CALDO

11h00 ABERTURA OFICIAL

Espectáculo de abertura "Conto do Caldo"  
Recepção às entidades oficiais  
Circunvagar Sorrisos  
Cavaquinhos de Fonte-Arcada  
Rancho folclórico da Sobreira  
Porto Folk  
Encontro musical IBERO  
Bombos de Fonte-Arcada  
Monumental corrida de porcos  
Contos musicados  
Cavaquinhos de Cete/Lagares  
"Eis-vos pra América"  
Quinta da velha e do caldo

Organização



serafim  Penafiel



Fundada em 11-01-13



Média partners

 **Verdadeiro Olhar**  
O SEU JORNAL REGIONAL  
[www.verdadeiroolhar.pt](http://www.verdadeiroolhar.pt)

•INFO

[caldocomedeantes.com](http://caldocomedeantes.com)  
919 836 924 / 964 346 610





18, 19, 20, setembro 09

#### ORGANIZAÇÃO



#### APOIO



#### MÉDIA PARTNERS



O ALGARVE  
A NOVA JORNAL DE NOTÍCIAS  
www.algarveonline.pt

caldodequintandona@gmail.com

juntalagares@sapo.pt

a.d.lagares@sapo.pt

www.quintandona.com

www.jf-lagares.pt

www.comodeantes.com

255 752 382 · 919 836 924 · 964 346 610

## sexta-feira 18 20h30 ABERTURA

Comédia numa noite de Verão · ESMAE

Contos ao Fogo

Espectáculo comoDEantes

Grupo de Cantares Nem Sempre Nem Nunca

Contos Terríficos

Cavaquinhos de Lagares

Miscaros

Caldo d'Estórias

Banda Musical de Lagares

Bailenda

Lúmen

## sábado 19 15h00 ABERTURA

Oficinas e trabalhos manuais

Máscaras

Culinária tradicional

Jogos tradicionais

Danças Minhotas

Caretos de Podence

Contos ao Fogo

Comédia numa noite de Verão · ESMAE

Contos Terríficos

Miscaros

Espectáculo comoDEantes

Caldo d'Estórias

Deu-Lá-Deu

Galandum Galundaina

Fogo nos Cabeçudos

Uste

Pénaterra

## domingo 20 dia do caldo 11h00 ABERTURA OFICIAL

Zês Pereiras de S. Julião

Discursos Oficiais

Folclore Galego

Rancho Folclórico da Sobreira

Uste

Caldo d'Estórias

Cabeçudos da Capela

Bombos de Fonte Arcada

Espectáculo comoDEantes

Alafum

Gaitas Daninhas

Contos Terríficos

Miscaros

Monumental Corrida de Porcos

Contos ao Fogo

Deu-Lá-Deu

supermetais

Encerramento



---

*para mais informações visite [www.caldodequintandona.com](http://www.caldodequintandona.com)*

---





16, 17 & 18 Setembro

2011

Lagares, Penafiel



## SEXTA - FEIRA, 16

- 20.30 Abertura
- 21.30 Banda Musical de Lagares
- Banda Musical de Rio de Moínhos
- 23.30 Rákia
- 21.30 Cavaquinhos de Lagares
- 22.30 Ohgam
- 22.00 Míscaros
- 22.15 Contos ao Luar
- Teatro Anémico

## SÁBADO, 17

- |                              |  |
|------------------------------|--|
| 15.00 Abertura               | 21.00 Retimbrar                              |
| Jogos Tradicionais           | 21.30 Las Çarandas                           |
| Oficina de Danças Minhotas   | Cinema com o filme "Amor de Tremoção", pela  |
| Oficina de Danças Mirandesas | Associação Grupo de Teatro Amador S. Vicente |
| Oficina de Gaita-de-foles    | de Pinheiro                                  |
| Zés Pereiras de Fonte Arcada | 21.45 Comvinha Tradicional                   |
| Zés Pereiras de Recarei      | 22.30 Sebastião Antunes                      |
| 19.00 3 Num + 1              | 22.00 Grupo de Teatro da Sobreira            |
| 20.00 Íntia Mundon           | 23.00 Capa Grilos                            |
| 20.30 Nem Sempre Nem Nunca   | 00.15 Pé na Terra                            |

### Durante todo o dia

Teatro Anémico  
 "Nau Catrineta", pelos comoDEantes Pirralhos  
 "Línguas de Diabo", pelos comoDEantes  
 Gaitas Daninhas  
 Contos ao Luar

## DOMINGO, 18

- |   |                                       |
|---|---------------------------------------|
| 11.30 Abertura por comoDEantes e Bombos de São Julião | 17.45 Monumental Corrida de Porcos    |
| 12.00 Folclore  | 18.00 Míscaros                        |
| Pauliteiros de Miranda do OUP                         | 18.30 Grupo de Cavaquinhos de Lagares |
| 14.00 Grupo de Cavaquinhos da Associação Desportiva e | 19.00 Origem                          |
| Cultural dos Canários de Balsehas                     | 20.00 Guilhada                        |
| 15.30 Nem Sempre Nem Nunca                            | 20.30 Las Çarandas                    |
| 15.45 Íntia Mundon                                    | Enraizarte                            |
| 16.00 Encantador de Histórias > <b>para Crianças!</b> | 21.00 "Gang do Magalhães de Vénus",   |
| 16.30 Zés Pereiras de Recarei                         | pelo Grupo de Teatro                  |
| 17.00 Zés Pereiras de Fonte Arcada                    | 22.00 Bailenda                        |

### Durante o dia

Teatro Anémico  
 "Nau Catrineta", pelos comoDEantes  
 "Línguas de Diabo", pelos comoDEantes  
 Gaitas Daninhas  
 Contos ao Luar

### ORGANIZAÇÃO



Associação para o Desenvolvimento do Lagares



COMO DE ANTES



Associação para o Desenvolvimento do Lagares



Associação para o Desenvolvimento do Lagares



O seu olhar  
 O seu jornal regional  
[www.caldoequintandona.pt](http://www.caldoequintandona.pt)



Ader-Sousa  
 Associação de Promotores de Penafiel, S. L.  
 1900 Penafiel - Portugal

para mais informações visite  
[www.caldoequintandona.com](http://www.caldoequintandona.com)

MEDIA PARTNER

APOIO



⇒ 8292  
⇒ 9182

	NOITE CHOEALHEIRO	Objecto/Locais	DESPESAS
DIA 19 (SEXTA)	ABENTURA (PARADA)	CUREIMO	(?)
	MISCANOS (NO ESPAÇO)	Palco grande (Recanto)	(?)
	Música tradicional / Portugal espanh	Quilino	
	contos musicados	Quilino	Alimentação / dormida / deslocação
	Banda de gams		
	NOITE VIVO		
DIA 20 (SÁBADO)	Graiteiros PONTE VELHA	Tanda Ruas	VIAGENS / Alimentação
	TOQUES DE CARAVULO	Palco grande	2000 € + PA
	convinha TRADICIONAL	Palco grande	+/- 1500 €
	Porto Folc?	Quilino em (casas ruins)	Alimentação / transporte / dormida
DIA 21 (DOMINGO)	DOMINGO CALDO		



		MANHÃ				TARDE				INÍCIO DE NOITE				NOITE				
		10:00	11:00	12:00	13:00	14:00	15:00	16:00	17:00	18:00	19:00	20:00	21:00	22:00	23:00	00:00	01:00	02:00
sexta	Cruz																	
	Alra Cruz																	
	quinteiro Pedro																	
	recinto																	
	casa ensaio																	
	quinteiro viúva																	
	Alra viúva																	
	casa Xiné																	
	casa feira																	
Alra feira																		
Sábado	Cruz																	
	Alra Cruz																	
	quinteiro Pedro																	
	recinto																	
	casa ensaio																	
	quinteiro viúva																	
	Alra viúva																	
	casa Xiné																	
	casa feira																	
Alra feira																		
Domingo	Cruz																	
	Alra Cruz																	
	quinteiro Pedro																	
	recinto																	
	casa ensaio																	
	quinteiro viúva																	
	Alra viúva																	
	casa Xiné																	
	casa feira																	
Alra feira																		



## Gestão Artística e Espectáculo - Responsáveis

- Pedro Soares
- Ricardo Coelho
- Virgínia Ribeiro

Lugar	Nome	Contacto	Observações
Quintandona	Maria Irene Mendes Ferraz Soares	255754198	
	Adriano da Rocha Soares	255754198/96128944	
	Flávio Miguel Leão Ribeiro	255753100	
Lapa	Odete Santos	916734468	
Recarei	Marisa Elsa Ferraz da Rocha Soares	964105928	
	Gualter Vieira da Rocha Leão	964347429	
Igreja	Ana Isabel Pinto Barbosa Pereira	255755102	
	Joana Helena Barbosa Coelho	255754675/914694157	
	Catarina Rangel Barbosa Pereira	255753201	
	Sónia Bernardina Gomes Coelho	919436928	



# Equipas

Publicidade / Promover -> TERESE / ELSA  
EXECUTIVE

Eletricidade

RENATO / Ricardo

Seguranca

Gestao do  
ESRAGO

> Domingos e David

Administracao  
Barragens de  
sechos

Bancos

PEDRO / Ines

Serventia  
alimentar

Pedro e Ines

Espectaculos

PEDRO / Ricardo  
Gina

INTERNAIS

Product  
Alimentar

Tigelas

Caçolus

Truques e truques

WE

Serventia

Logistica

Barragem Bebidas

11882.62  
3390  
5481



NOTAS : Pedir Informações ao Agostinho

\* Lei do Mercado

\* RENATO (Part do Rebo; Baixada Eletica  
gratua e Pedido à EDP

\*

\* Iteração Descritiva de Tenda  
+ Planos

\* Bancos de madeira (Belmont)

\* Plano de Marketing (Teresa Elsa)

\* Avaliacao dos Produtos Mercadizing

• Painéis  
• Chapéus  
• Painéis de ferro  
• Camisas

\* Definição de cargos / => Tanofas



Locais ▾   Dias ▶	Sexta														
	18:00	18:30	19:00	20:00	20:30	21:00	21:30	22:00	22:30	23:00	23:30	00:00	00:30	01:00	
Cruz					Abertura Caldo										
Ruas															
Eira Cruz							contos contagiantes								
Casa D'aldeia (Regni Minimi)					Comédia numa noite verão		Espectáculo Comodeantes								
CAMPO TERA					contos		ao		Fogo (Ana Lage)						
Lavadouro  Poço d'aldeia					Espectáculo comoDEantes										
RECINTO (Palco Grande)	sound check						Banda de Música de Lagares		LUMEN						
RECINTO (Tendas)					Grupo Cantares Capela										
Casa da Viúva							Bailenda								
FEIRA							Cavaquinhos Lagares								
CASA XINÉ						caldo d'estórias		espectáculo comoDEantes							
CASA FEIRA															
CAMPO SILVAS					contos		terríficos		Gina						

\* A confirmar  
¹ Necessário inscrição prévia (sexta-feira, ou e-mail)

Locais ▾   Dias ▸	Sabado – Tarde										Sábado									
	15:00	15:30	16:00	16:30	17:00	17:30	18:00	18:30	19:00	20:00	20:30	21:00	21:30	22:00	22:30	23:00	23:30	00:00	00:30	01:00
Cruz																				
Ruas			Caretos de podence*												Espectáculo Teatro					
Eira Cruz	Oficinas & trabalhos manuais (jogos tradicionais)																			
Casa D'aldeia (Regni Minimi)	Oficinas & trabalhos manuais (máscaras) <sup>1</sup>											Comédia numa noite verão								
CAMPO TERA										contos		ao		Fogo	(Ana	FOGO nos cabeçudos				
Lavadouro  Poço d'aldeia																				
RECINTO (Palco Grande)					sound check									GALANDUM GALUNDAINA			PENATERRA			
RECINTO (Tendas)	Oficinas & trabalhos manuais (culinária tradicional) <sup>1</sup>																			
Casa da Viúva											DEU-LÁ-DEU						USTE			
FEIRA																				
CASA XINÉ	Of & trabalhos manuais (danças minhotas - Ricardo Coelho e Ana Lage)																caldo d'estórias	caldo d'estórias		
CASA FEIRA																				
CAMPO SILVAS	Oficinas & trabalhos manuais (construção de instrumentos *)										contos		terrificos		Gina					

\* A confirmar

<sup>1</sup> Necessário inscrição prévia (sexta-feira, ou e-mail)

Locais ▾   Dias ▶	Domingo – Manhã																Domingo – Tarde								Domingo – Noite (encerramento)											
	10:00	10:30	11:00	11:30	12:00	12:30	13:00	13:30	14:00	14:30	15:00	15:30	16:00	16:30	17:00	17:30	18:00	18:30	19:00	20:00	20:30	21:00	21:30	22:00	22:30	23:00	23:30	00:00	00:30	01:00						
Cruz		Bom bos	Abertura Caldo		Julia o																						Encer- ramento									
Ruas											Espectáculos comoDEantes															Encer- ramento										
Eira Cruz																																				
Casa D'aldeia (Regni Minimi)																																				
CAMPO TERA											Bombos Fonte- arcada	Monumental Corrida de Porcos						contos		ao		Fogo (Ana Lage)														
Lavadouro  Poço d'aldeia																																				
RECINTO (Palco Grande)					Discursos Oficiais		Focllore Galego (espanha)	Rancho Foclórico da Sobreira	ALAFUM				Pauliteiros de Miranda											Grupo Metais Lagares		cer- ra- men										
RECINTO (Tendas)																																				
Casa da Viúva								USTE										DEU-LÁ-DEU																		
FEIRA																																				
CASA XINÉ									caldo d' estórias	GAITAS DANINHAS				espectáculo comoDEantes																						
CASA FEIRA																																				
CAMPO SILVAS											contos		terríficos		Gina																					

\* A confirmar  
¹ Necessário inscrição prévia (sexta-feira, ou e-mail)

Locais ▾   Dias ▶	Sexta														Sabado – Tarde										Sábado											
	18:00	18:30	19:00	20:00	20:30	21:00	21:30	22:00	22:30	23:00	23:30	00:00	00:30	01:00	15:00	15:30	16:00	16:30	17:00	17:30	18:00	18:30	19:00	20:00	20:30	21:00	21:30	22:00	22:30	23:00	23:30	00:00	00:30	01:00	10:00	
Cruz					Abertura Caldo																															
Ruas																																				
Eira Cruz								contos contagiantes																												
Casa D'aldeia (Regni Minimi)					Comédia numa noite verão					Espectáculo Comodeantes																	Comédia numa noite verão									
CAMPO TERA					contos		ao			Fogo (Ana Lage)																contos		ao		Fogo (Ana)	Fogo nos cabeçudos					
Lavadouro  Poço d'aldeia						Espectáculo comoDEantes																														
RECINTO (Palco Grande)				sound check				Banda de Música de Lagares			LUMEN																									
RECINTO (Tendas)						Grupo Cantares Capela																														
Casa da Viúva									Bailenda																											
FEIRA								Cavaquinhos Lagares																												
CASA XINÉ								caldo d' estórias			espectáculo comoDEantes																					caldo d' estórias	caldo d' estórias			
CASA FEIRA																																				
CAMPO SILVAS								contos		terríficos	Gina																	contos		terríficos	Gina					

\* A confirmar  
¹ Necessário inscrição prévia (sexta-feira, ou e-mail)

Domingo – Manhã							Domingo – Tarde											Domingo – Noite (encerramento)										
10:30	11:00	11:30	12:00	12:30	13:00	13:30	14:00	14:30	15:00	15:30	16:00	16:30	17:00	17:30	18:00	18:30	19:00	20:00	20:30	21:00	21:30	22:00	22:30	23:00	23:30	00:00	00:30	01:00
Bombos	Abertura Caldo	St. Julião																						Encerramento				
									Espectáculos como DE antes															Encerramento				
									Bombos Fontecarcada		Monumental Corrida de Porcos					contos		ao		Fogo (Ana Lage)								
			Discursos Oficiais		Focllore Galego (espanha)	Rancho Foclórico da Sobreira			ALAFUM		Pauliteiros de Miranda											Grupo Metais Lagares		ceramen				
							USTE										DEU-LÁ-DEU											
								caldo d'estórias		GAITAS DANINHAS		espectáculo como DE antes																
									contos		terríficos	Gina																



**Sexta-feira 17 Setembro 2010**

horário			Local	Duração
20h30	Abertura do Caldo - Conto do Caldo comoDEantes + Míscaros	Teatro/ Música	Cruzeiro	20min
21h00	Míscaros e Gaitas Daninhas	Música	Palco da Feira	1h00
21h30	Ela Uma Vez... Tiês Leis e Uma Laínha	Música	Casa da Viúva	1h00
21h30	Orquestras Filarmónicas ao desafio Banda Musical de Lagares Banda Musical de Rio Mau	Música	Palco Alto	1h30
21h30	Erva Fadada – comoDEantes Preservados	Teatro	Casa do Xiné	45 m
23h15	MU	Música	Palco Alto	1h30

**Sábado 18 Setembro 2010**

horário			Local	Duração
15h00	Oficinas e trabalhos manuais: Danças Tradicionais (Uxu Kalhus) Máscaras Teatro Pintura e decoração- a técnica do guardanapo		Eira da Cruz Largo Feira Casa d'aldeia Eira da Viúva	2h00
17h00	Tarde de Bombos IPUM Grupo de caixas e bombos "Os Domingueiros" Grupo de bombos de Recarei	Música	Toda aldeia	2h00
18h00	Míscaros	Música	Palco da Feira	40m
18h40	Castanholas Freamunde	Música	Palco da Feira	40m
19h00	Contos Perversos - comoDEantes	Contos/ teatro	Casa do Agueiro	2x 10 m
19h20	Gaitas Daninhas	Música	Palco da Feira	40m
19h30	Hazazel – O Arauto da Gaia – comoDEantes Pirralhos	Teatro	Casa da Aldeia	1h30m
20h00	Cavaquinhos de Lagares	Música	Palco Feira	45m
20h00	Grupo de cavaquinhos ADC Canários de Balselhas	Música	Agueiro	45/50m
21h00	Teatro Ensaio – Parda	Teatro	Ruas	-
20h30	Manca Mula	Música	Casa da viúva	1h00
21h30	Bailenda	Música	Casa da Viúva	1h00
21h30	Roncos do Diabo	Música	Palco Alto	1h30
22h00	Orquestra ligeira do Conservatório de Lousada	Música	Casa do Xiné	1h00

22h00	Karrossel	Música	Palco da Feira	2h00
23h30	UXU KALHUS	Música	Palco Alto	1h30 m

## Domingo 19 Setembro 2010

horário			Local	Duração
11h00	Abertura do Caldo - conto do caldo - comoDEantes+ Míscaros+ Zés Pereiras S. Julião	Teatro/ música	Cruzeiro	20m
11h30	Zés Pereiras de S. Julião	Musica	Recinto	20m
12h00	Recepção às Entidades Oficiais		Palco Alto	45 m
12h45	Almoço com Folclore Folclore Galego Grupo de Cantares de Ordins Rancho Folclórico da Sobreira	Música / Dança	Recinto / Palco Alto	2h30
15h30	Gaitas Daninhas	Música	Casa da Viúva	50m
15h30	Mundibaile	Música	Palco da Feira	60/70m
16h30	Parada – Míscaros e Grupo de bombos de Fonte Arcada	Música	Ruas  Recinto  Campo da Téra	20m
17h00	Monumental corrida de porcos	Animação	Campo da Téra	45m/1h
17h30	Free Music Quartet	Música	Aguieiro	50m
17h30	Grupo Musical Rio Sousa	Música	Palco da Feira	50m
17h45	Míscaros ( <i>animação de rua</i> )	Música	Ruas	-
18h00	Andarilhos	Música	Palco Alto	1h00
18h30	Contos Perversos	Contos	Casa do Aguieiro	45m
18h30	Deu La Deu	Música	Casa da Viúva	50 m
18h30	Sopa seca	Música	Palco da Feira	
19h00	Hazazel – O Arauto da Gaia – comoDEantes Pirralhos	Teatro	Casa da Aldeia	1h30m
19h30	Grupo de Cantares Nem Sempre Nem Nunca	Música	Casa da Viúva	50m
20h30	Erva Fadada – comoDEantes Preservados	Teatro	Casa do Xiné	45m
20h30	Orquestra Ligeira Vale do Sousa	Música	Palco Alto	1h00
21h30	Queima do Caldo - comoDEantes	Teatro	Ruas / Recinto	45m

	Palco Grande	Palco Feira	Palco Viúva	Palco Xiné
SEXTA	Banda Musical Lagares Rákvia	Cavaquinhos Xícara	Bailenda JAM + Bebida	Lufa-Lufa
SÁBADO	Retrimbas Pé na Terra Sebastião Antunes	Zés Pereiras (Rec+Fon) Nem Cedo nem Nunca Baile Vadio	Porto Folk Capa Grilos Guilhada	Bruno Bailenda Topa cDa Erva
DOMINGO	Rancho Galegos Rancho Lagares Rancho Sobreira Origem Enraizante	Gaitas Daninhas	Porto Folk Capa Grilos	cDa

**Projeto de apresentação da**  
**4ª Festa**  
**do Caldo e da Música tradicional de Quintandona**



**17, 18 e 19 de setembro 2010**

**QUINTANDONA | LAGARES | PENAFIEL**  
**JUNHO 2010**



<b>APRESENTAÇÃO EM PORMENOR:.....</b>	<b>5</b>
---------------------------------------	----------



<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>4</b>
1A) APRESENTAÇÃO DAS ENTIDADES ORGANIZADORAS/PROMOTORAS.....	5
1B) RESENHA HISTÓRICA DO LOCAL.....	8
1C) APRESENTAÇÃO DA ÁREA ENVOLVENTE.....	9
1D) ACOLHIMENTO DE PARCEIROS  INTERESSADOS  PATROCINADORES.....	9
<b>2 - FOCO E DEFINIÇÃO DO PROJETO.....</b>	<b>10</b>
2A) ESTRUTURA.....	10
Espaços.....	10
Recursos.....	11
2B) DESENHO DO EVENTO.....	12
Espaço artístico.....	12
Orientação artística.....	12
Intervenção sócio-cultural.....	12
<b>2.1 - OBJETIVOS MAJORADOS.....</b>	<b>13</b>
OBJETIVO.....	13
<b>2.2 - PROPOSTAS DE GANHOS.....</b>	<b>14</b>
À CHAVE (ORGANIZAÇÃO).....	14
AOS PARCEIROS.....	14
<b>2.3 - APRESENTAÇÃO DE DESPESAS.....</b>	<b>14</b>
SUMÁRIO DE ATIVIDADES DE DESPESA - ANOS 2007  2008  2009.....	14
PROPOSTA DE DESPESAS (ORÇAMENTO PREVISÍVEL).....	16
<b>2.4 - PARTICIPAÇÃO ESPERADA.....</b>	<b>16</b>
A) PÚBLICO-ALVO/ CLIENTES.....	16
B) PERFORMERS.....	17
C) OPINIAN MAKERS.....	17
D) VOLUNTÁRIOS.....	17
E) MEDIA [IMPRESSA; RÁDIO; TELEVISÃO; INTERNET (WEB PAGE; MAILING LIST; ETC)].....	18
<b>2.5 - PROGRAMA PRELIMINAR (PROPOSTA DE PROGRAMAÇÃO; ESBOÇO DE IDEIAS).....</b>	<b>18</b>
<b>3 - PLANO DE MARKETING - PLANO DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO.....</b>	<b>19</b>
A) REDE DE ENVIO DESTE PROJETO (DOSSIER DE DIVULGAÇÃO A PARCEIROS).....	19
B) DESENHO DE ESTUDO DE PÚBLICO ALVO.....	19
C) ALVOS DE INTERVENÇÃO.....	19
D) DESIGN E PEÇAS DE DIVULGAÇÃO.....	20
1- IMAGEM PRINCIPAL.....	20
3- Peças a realizar.....	20
4- Tabela de investimento em publicidade no festival.....	21
<b>4 - REUNIÕES DE CONTACTO/ PARCERIA.....</b>	<b>22</b>
A) CONTACTOS E AGENDA DE REUNIÃO.....	22
B) REUNIÕES DE APRESENTAÇÃO/ DISCUSSÃO DO PROJETO COM OS PARCEIROS.....	23
C) NORMAS DE PRINCÍPIO.....	23
D) O QUE TEMOS A OFERECER.....	23
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>24</b>
GANHOS ATIVOS DO PROJETO.....	24
GANHOS DOS PARCEIROS.....	24
<b>ANEXO 1.....</b>	<b>25</b>
<b>FOTOS DA FESTA DO CALDO DE QUINTANDONA (2007  2008).....</b>	<b>25</b>
<b>ANEXO 2.....</b>	<b>38</b>
<b>QUADRO DE VALORES DE PUBLICIDADE NO FESTIVAL DO CALDO E MÚSICA TRADICIONAL DE QUINTANDONA 2010.....</b>	<b>38</b>





## **Introdução**

A ideia desta festa apareceu por desafio do Presidente da Câmara Municipal de Penafiel, Dr.º Alberto Santos, que propôs à Associação Cultural como DEantes, grupo de teatro, que a realizasse na Aldeia Rural Preservada de Quintandona. Trata-se de uma festa dedicada à gastronomia local, com o intuito de promover a Aldeia Rural Preservada de Quintandona. Esta aldeia encontra-se referenciada no roteiro das aldeias de Portugal e é caracterizada como sendo um espaço mágico. Construída em lousa, com ruelas apertadas, de parlamentos ao lavadouro e cheiros rurais, local onde o tempo rompeu a possibilidade de memória, desgastou as pedras em xisto que testemunham silenciosas a um passado carregado de contos e há de também testemunhar uma atividade cultural única que envolve os habitantes e visitantes num novo projeto para o futuro.

Projetámos, esta Festa do Caldo para o 3º fim de semana de setembro. Durante as anteriores edições neste evento procurámos promover atividades de natureza teatral, musical, cultural e gastronómica, particularmente atividades relacionadas com a área do espetáculo, como música tradicional portuguesa, espetáculos de rua relacionados com a envolvência que nos reporta à aldeia, atividades educativas, *workshops*, oficinas de trabalhos e mesmo atividades recreativas e desportivas.

Pensamos que um bom “cardápio” cultural condimenta melhor o programa gastronómico.

Para além dos diferentes espetáculos de teatro, teatro de rua, dos jogos tradicionais e da venda de produtos artesanais tivemos ainda a atuação de vários grupos de música de raiz cultural portuguesa entre eles um grupo de danças e cantares galegos, e da estremadura espanhola.

Na 2ª edição incluímos o festival de música portuguesa e estendemos a festa do caldo por três dias. Esta edição acontecerá no 3º fim de semana de setembro, porque pretendemos fixar um calendário criando assim um costume para aqueles que nos visitam.

Prevemos, para esta próxima edição, um investimento equivalente ao das anteriores edições, na medida em que nas 1ªs edições da Festa do Caldo de Quintandona houve um número de visitantes muito significativo. É de notar que na primeira ultrapassou o esperado de cerca de 3500 visitantes, e na 2ª edição de setembro passado ultrapassamos os 7500, apesar da chuva que apareceu para importunar e na 3ª edição chegámos muito próximo do 9000 visitantes. Assim prevemos que esta próxima edição tenha um crescimento de 10%. Apesar disso na anterior edição, devido a diversas condições não esperadas, acabamos por ter um pequeno prejuízo. Este facto leva-nos a redesenhar todas as condições de suporte ao evento, rescrevendo toda a metodologia e formas de atuação, agora que o evento definitivamente se implantou: lutamos desta forma pela criação de estruturas definitivas.

Nas edições anteriores mobilizámos mais de 150 voluntários em cada edição, para ajudar a executar um plano de trabalho, cujos mentores foram e ainda o são, Sr. Belmiro Barbosa, Presidente da Junta de





Freguesia de Lagares e o Pedro António Soares, Diretor Artístico da Associação Cultural – grupo de teatro comoDEantes, sediada em Quintandona, professor de Direção de Cena na ESMAE e profissionalizado na gestão e programação de festivais.

O acesso do público ao evento é tendencialmente gratuito, ou seja, o consumo alimentar é cobrado, em valores relativamente baixos, o acesso aos espetáculos é gratuito. A feira de artesanato, até à data não tem uma “renda” fixa, deixando aos “feirantes” o critério da sua contribuição. É do nosso interesse manter o evento neste formato... No entanto e face à fidelização credibilização dos números de visitantes introduziremos uma bilheteira simbólica de 1€. Por outro lado tentamos sensibilizar o público para a extrema manobra contabilística que é ter um festival de pé sem apoios financeiros diretos.



Desde a 2ª edição, e depois da integração do Festival de Música Tradicional na Festa do Caldo contamos com a colaboração do Ricardo Coelho da Associação Cultural Tempestades e Macaréus, professor de música tradicional e músico de diversos grupos de música tradicional, nomeadamente os Pénaterra. E que connosco programa a Festa do caldo de Quintandona.



*Associação para o  
Desenvolvimento  
de Lagares*

Convidamo-lo a ler o nosso projeto, e a avaliar o projeto e a possibilidade de envolvimento. E como realmente pensamos e desenhamos uma evento deste género. Porque a cultura e na realidade o ponto de avaliação da evolução sustentada de uma qualquer região ou país. Citando o poeta – *O homem sonha, Deus quer e a obra nasce...* - Fernando Pessoa

***Pensamos que é também uma responsabilidade das entidades públicas e privadas que nos rodeiam promover e tornar-se parceiras de um evento, que é fundamentalmente sustentado pela boa-vontade de profissionais, que abdicam da sua jorna para o tornar possível. Sabemos que os tempos são complicados e de crise que infelizmente tudo justifica... No entanto, é agora que nos devemos unir e mutuamente apoiar, já que a mesma fragiliza todos.***

### ***Apresentação em permonor:***

***1 - Quem é a chave do projeto – comoDEantes | Junta de Freguesia | Associação para o Desenvolvimento de Lagares| Tempestades e Macaréus***

#### **1a) Apresentação das entidades organizadoras/promotoras**

**comoDEantes:** A Associação Cultural-grupo de teatro comoDEantes iniciou a sua atividade em 2002 com a “formação de atores” em associação com o GJNE (Grupo de Jovens Nova Esperança) de Sobreira,



Paredes. Desde então, tem assentado a sua atividade teatral num género específico de teatro, a “Commedia Dell’Art”, o qual pressupõe o uso de máscara e a criação de textos baseados nas vivências do povo. Entretanto, o grupo mudou-se para a Aldeia Rural Preservada de Quintandona, tendo realizado algumas atividades de cariz teatral nas ruas de Quintandona, baseando-se sempre nas tradições que esta aldeia evoca.

**Associação para o Desenvolvimento de Lagares:** Foi fundada em 1991. O objetivo desta Associação é, em colaboração com entidades públicas e privadas, o desenvolvimento de Lagares, no apoio à infância, juventude e idosos. Desta forma, foi construído o Centro Social, no qual funcionam um jardim de infância, um centro sócio-educativo, um centro de dia, e um centro de convívio e apoio domiciliário, para além do grande trabalho desenvolvido pela juventude no teatro, música, desporto e convívios. O trabalho deste Centro visa essencialmente ir de encontro às necessidades dos mais desfavorecidos criando um clima de maior estabilidade e bem estar.



FREGUESIA  
DE  
LAGARES

Junta de Freguesia de Lagares: Lagares, situada no extremo sudoeste de Penafiel, tem atualmente uma população de cerca 3000 habitantes e 750 fogos e 870 famílias. Os seus valores arquitetónicos são: O Centro Histórico (Igreja Velha), Igreja Paroquial (Igreja Nova) e cinco capelas particulares que datam do séc. XVIII.

Podemos encontrar em Lagares vários locais de interesse turístico tais como o Museu Paroquial (Centro Histórico) com diversos elementos de arte (talha dourada, imagens religiosas em madeira) e objetos arqueológicos (Ara romana, azulejos hispano-árabes e algumas sepulturas), capelas particulares (Nossa Senhora da Nazaré- Casa Aranha em Ordins; S. João Batista e Nossa Senhora da Conceição – Casa da Cruz em Quintandona; Nossa Senhora do Carmo e S. Libório- Casa dos Barbosas em Ordins; Santo António – Quinta da Granja e a da Nossa Senhora da Lapa – Confraria do Senhor dos Passos, lugar da Lapa.

A tecelagem do linho, a cestaria e os bordados são o seu artesanato. Tem como presidente o Sr. Belmiro Barbosa.



Tempestades e Macaréus  
associação cultural

**Tempestades e Macaréus:** Inspirada pelo desassossego do seu nome e com muita vontade de ultrapassar Tempestades e Macaréus, surgiu esta Associação Cultural, em junho de 2008. Na sua origem, está um grupo de pessoas (músicos e atores de profissão) que enfeitiçados pelas artes tradicionais, procuram levar a tradição por esses mares fora.

A recente Associação tem como fim a promoção e divulgação das artes de raiz tradicional, música, teatro, literatura e outras artes manuais, nomeadamente através de iniciativas culturais, recreativas, artísticas e da edição de obras em formato de livros e outros suportes audiovisuais.



Ainda sem uma sede própria e sem um espaço capaz de satisfazer o tamanho dos seus sonhos, a Associação opta pela exploração de espaços não convencionais para a prática cultural, e vai saltitando por entre aldeias, vilas e cidades, palcos de festas e bares, auditórios e escolas, e por todos os cantinhos onde seja possível tocar um instrumento, dançar, contar uma história ou simplesmente conversar com alguém que nos traga mais um desafio.

## 1b) Resenha histórica do Local

### Local

Aldeia Rural Preservada de Quintandona, Lagares, Penafiel incluída no roteiro das Aldeias de Portugal bem como na rota do românico do Vale do Sousa.

### História

Lagares é uma freguesia do concelho de Penafiel. A sua existência remonta a épocas anteriores à criação da nação. A influência dos romanos fez-se sentir nesta freguesia. A toponímia atesta esta afirmação. Escariz (Ascariz de Ascariguiz) e Quintandona (de Quintã de Ónega ou de Dona Ónega) isto nos provam. Seriam notáveis núcleos populacionais neste território, fundamentais para a sua organização.



Capela da casa da cruz

Segundo J. Monteiro de Aguiar, os primeiros documentos escritos referentes à "villa de Lagares" datam de 1088. Na Idade Média a freguesia de Lagares inseria-se no chamado território da Anégia.

Entre os valores arqueológicos existentes nesta freguesia, salientamos: várias sepulturas medievais, moedas em cobre (ceitis e reais de D. Sebastião), cerâmicas, um machado de pedra polida e ainda um capitel toscano tardio, datado do séc. IV.

Em 1153, segundo Frei António Assunção Meireles, há notícia da doação de bens ao Mosteiro de Paço de Sousa por Baemira Austriz e sua irmã. Em 1184, Mendo Moniz e sua mulher Cristina doaram também a parte do padroado que lhes pertencia, ao referido Mosteiro. Este mesmo padroado viria a ser confirmado por Gregório X e só em 1614 a vigararia desta igreja seria separada, ficando a pertencer ao Colégio dos Jesuítas em Évora. No séc. XVIII, quando da extinção da Companhia de Jesus e doação dos seus bens à Fazenda da Universidade de Coimbra, a igreja veio a ser incorporada por Provisão Régia de 4 de julho de 1774, no padroado novo daquela instituição universitária.



Ruelas da aldeia preservada

No Foral Manuelino de Penafiel, o Rei Venturoso, não esquece alguns casais de Lagares exigindo alguns



tributos para consolidação das finanças régias, e portanto dar força ao poder central. No séc. XVI, em Lagares um casal do lugar de Escariz, pertencia a uma filha de Pero Vaz de Caminha e de sua mulher Catarina Vaz. Estas casas foram emprazadas pelo Mosteiro de Paço de Sousa a Isabel de Caminha e seu marido de nome Osório.

A maior parte das terras pertenceram, até ao séc. XVIII, às Mesas Abacial e conventual do Mosteiro de Paço de Sousa. Lagares, reitoria (mais tarde abadia) e sua anexa S. Tiago da Capela, foram de apresentação da mitra e comenda da Ordem de Cristo. Era seu comendador o Conde de Ega e Alcaide-Mor das vilas de Guimarães e Soure, Ayres Saldanha de Albuquerque Coutinho Mattos e Noronha.

Lagares tem entre o seus naturais mais ilustres o conselheiro António de Azevedo Melo e Carvalho, que foi ministro e um dos políticos mais relevantes do seu tempo.



*Espigueiro*

### **1c) Apresentação da área envolvente**

Lagares tem como freguesias vizinhas: Sobreira, Recarei, Fonte Arcada, Valpedre, Figueira, Capela e Paço de Sousa. Em cada uma destas freguesias o crescimento populacional tem vindo a aumentar bem como a atividade comercial (onde o artesanato se mescla com o comércio local e atual), desportiva e cultural.

Tem havido uma preocupação crescente nestas freguesias em melhorar a qualidade de vida social e cultural, proporcionando, desta forma, atividades coletivas que permitam não só a valorização individual de cada um como também a valorização do seu local de residência e arredores. Neste sentido, conseguimos verificar que existem diversas associações para o seu desenvolvimento, Associações culturais e recreativas, grupos de jovens que procuram ao longo do ano dinamizar as suas freguesias. Valorizando assim a qualidade de vida.

Há também um forte empenho no turismo, no sentido de dar a conhecer as mais valias de cada freguesia e que vão desde a Sr<sup>a</sup> do Salto em Recarei, passando pelas três pontes da Sobreira, a Aldeia Rural Preservada de Quintandona em Lagares, pelos moinhos e Museu da broa na Capela, pela Aldeia preservada de Cabroelo na Capela até às Termas de S.Vicente sem esquecer o Mosteiro de Paço de Sousa.

Todos estes percursos pela nossa história são-nos mostrados com um fundo de ecrã sublime: uma paisagem natural de vales e arvoredo, casas senhoriais antigas que reforçam a paz e tranquilidade desta nossa área.



## **1d) Acolhimento de parceiros| interessados| patrocinadores**

A civilização e o País mede-se pela sua cultura, quanto maior a envolvimento das comunidades maior a evolução. Por isso é que estamos abertos a sugestões e a ideias que possam fazer evoluir a festa do Caldo de Quintandona. Desta forma, e à semelhança do ano anterior, pretendemos este ano a continuidade da feira e barraquinhas de venda de produtos tradicionais da região, como sendo: o artesanato, os doces, os produtos da terra e outros que poderão surgir. No sentido de os promover e divulgar. Cria-se, assim, paralelamente, um ambiente de convívio e abertura à comunidade, podendo, desta forma, todos os interessados partilhar uma festa que se pretende ser de uma comunidade bastante alargada.

Concebemos este projeto com o intuito de encontrar parceiros interessados em colaborar connosco no sentido de promoverem o evento e a sua atividade. Assim, estamos a abertos ao investimento privado na nossa atividade através de patrocínios, apoios, etc.

## **2 – Foco e Definição do projeto**

### **2a) Estrutura**

Com este projeto pretende-se, fundamentalmente, dar a conhecer a Aldeia Rural Preservada de Quintandona, da freguesia de Lagares.

Dar a conhecer locais magníficos em termos visuais e históricos, acompanhados de uma gastronomia extremamente rica, variada e de excelente sabor e de uma atividade lúdico-cultural de excelência.

Pretende-se animar um espaço especial com música especial, com espetáculos que tragam vida, alma e cheiros d'outrora. Trazer visitantes a uma realidade interior, por vezes esquecida mas muito acolhedora. Divulgar a atividade da companhia de teatro como DEantes, e claro está todos aqueles que de uma forma ou de outra colaborarem no evento.

Ajudar a criar e promover uma estrutura cultural organizada e com um programa anual diversificado para servir a área envolvente.

### **Espaços**

Na aldeia irão ser criados espaços onde decorrerão as diferentes atividades.

- O RECINTO: num recinto bastante amplo irão ser colocadas infraestruturas para servir as refeições, a cozinha, as casas de banho e palcos. Haverão, ainda, neste espaço dois bares.
- AS RUAS: ao longo da aldeia serão feitas algumas apresentações teatrais (teatro de rua) e pequenos concertos de música.
- ESPAÇOS ALTERNATIVOS: nos quinteiros das casas, espaço térreo interior das casas



características da aldeia, e eiras, espaços de secagem de cereal.

- ESTACIONAMENTO: existem dois parques de estacionamento na entrada na aldeia, impedindo, assim, a entrada de carros na aldeia preservada.
- CASA DO XINÉ, centro cultural: Sala estúdio, com condições para acolher espetáculos mais exigentes a nível criativo/ técnico. É sede de atividades do festival e da companhia

Propomos uma programação diversificada, com alguns espetáculos a decorrerem em diferentes espaços, levando o público a escolher e também a distribuir-se por diferentes locais, já que qualquer dos espaços são de reduzidas dimensões. E tal qual um “*bufett*” artístico o público será convidado a fazer uma seleção do que pretende “apreciar”.

Desta forma, temos o espaço do recinto, onde podem coexistir dois palcos, um maior outro menor, permitindo uma programação mais fluída (poupando o público das montagens e readaptação de bandas). A rua, onde podem surgir performances de teatro de rua, assim como uma persistência de elementos de “decoração viva”. Quinteiros, os espaços interiores das casas características de Quintandona, que se caracterizam por serem um espaço aberto circundado pela casa, onde os agricultores soltavam o gado de trabalho para comer e beber antes e depois do trabalho. Temos, ainda, as eiras de secagem do cereal e, por fim, o recinto da feira de artesanato. A Casa Xiné, é a nossa sala estúdio onde estará presente a programação ao longo do ano, e que durante a festa do caldo será sede de atividades, e receberá alguns espetáculos mais específicos e que não se coadunem com o exterior. Começaremos em breve a conceção da programação, estará dependente de muitos fatores no entanto é hora de fazer agenda com os artistas que se irão apresentar.

## **Recursos**

Teremos necessidade de RECURSOS TÉCNICOS, desde eletricidade para palcos, iluminação (recinto; tendas; ruas; parque estacionamento) e para a produção alimentar (cozinhas; bares; serviços; feira do artesanato, etc).

Também de EQUIPAMENTO de som para os espetáculos, iluminação de espetáculos, decoração luminotécnica e iluminação de recintos. E decoração do espaço.

Será necessário recriar a rede simples esgotos, de INFRAESTRUTURAS como tendas, cozinha, recinto de refeição, arrecadação, stands de artesanato, etc.

Em relação aos RECURSOS HUMANOS, estarão envolvidos mais de 200 voluntários nas diversas atividades, desde serviço de confeção alimentar, serviço de serventes, serviço de informação, orientação, serviço de segurança e estacionamento, apoio e produção artística, pessoal de acolhimento e orientação etc.

No evento anterior fizemos uma primeira experiência com voluntários de áreas específicas, como por exemplo da área técnico-artística, no caso direção de cena e design de luz.



O resultado foi extraordinário, e pensamos desenvolver um programa de voluntariado específico de forma a enriquecer e qualificar os nossos trabalhos.

Salientamos no entanto que teremos que criar recursos de apoio, como já falamos espaço de acampar, a “diária” gratuita que será oferecida a todos colaboradores, etc.

## **2b) Desenho do evento**

### ***Espaço artístico***

O projeto em desenvolvimento para recuperação de uma casa antiga, a casa do Xiné, que irá ser um centro cultural está neste momento em desenvolvimento (pode consultar fotos em anexo). Encabeçam este projeto a Junta de Freguesia de Lagares, a Associação para o Desenvolvimento de Lagares e a Associação Cultural comoDEantes, grupo de teatro. Neste momento a estrutura está erguida, mas muito falta para a sua atividade regular, desde equipar a sala com infraestruturas de produção e apresentação artística. Criar um projeto de programação regular. Envolvendo as associações da área envolvente e convidando-os a apresentar-se durante o ano.

Existe, ainda, um projeto de construção de um complexo artístico denominado “O canastro de Quintandona”.

Um dos intuitos, também, da Festa do Caldo é promover estes projetos assim como apoiá-los, na medida do possível, financeiramente, e na sua divulgação criando um local de revisita.

### ***Orientação artística***

O grupo de teatro comoDEantes está sediado em Quintandona, e aí, e a partir daí, tem desenvolvido a sua atividade de cariz teatral/ cultural, tem-se baseado nas tradições intemporais que esta aldeia evoca, envolvendo os habitantes de área em volta. As criações tem tido enorme sucesso e servem também para manter viva a voz e cultura oral que os meios multimédia e os grandes *showbizz* nomeadamente o futebol tendem a fazer desaparecer.

Objetiva-se, assim, que para além de Quintandona outros locais de interesse social, cultural e artístico sejam visitados e dados a conhecer na área envolvente, criando e oferecendo uma panóplia de atividades a quem visita a região. Por isso foi criado um espaço onde possam decorrer várias atividades permitindo uma programação constante: A Casa do Xiné, Centro Cultural. E sera fundamental e centralizador a esta atividade, mas também, oferecer como centro de conferências e eventos para os nossos parceiros.

Pretende-se, então, no espaço Quintandona, criar condições de lazer e de alojamento, que permitam num futuro muito próximo trazer mais visitantes e fidelizá-los na aldeia.

Esperamos também acolher atividades de parceiros nossos, que necessitem de apoio logístico de





eventos das próprias empresas, como por exemplo: conferências, colóquios encontros etc.

### ***Intervenção sócio-cultural***

Paralelamente, temos como apanágio, em Quintandona, a par da criação de um espaço de cultura e lazer também a construção de um local de aprendizagem, criatividade e diálogo, para que os jovens e população em geral sintam necessidade de “crescer” em conhecimento e, assim, se tornarem mais críticos e participantes na comunidade em que se inserem.

Entendemos que, desde sempre, era a cultura (teatro) dos nossos pais, avós e bisavós a essência cultural e o divertimento das populações. As pessoas juntavam-se na aldeia e faziam pequenos apontamentos de teatro a partir do seu quotidiano. Esta tradição foi-se teletransformando chegando quase a desaparecer. Entretanto, contra as massas surgiu a vontade de retretilizar estes contos e este espírito.

Foi esta vontade que, entre outras razões, motivou a escolha de Quintandona para exercer a nossa atividade. A aldeia histórica de Quintandona povoada de tradições e histórias intemporais é o local ideal para a criação e execução de atividades que traduzam fielmente a nossa tradição popular. Compreendemos que esta recolha da oralidade, “quase” antropológica pretende criar também uma pequena história que sustentará também o conhecimento do passado.

Paralelamente objetivamos também a promoção de atividades de natureza musical, ambiental, recreativa e desportiva, visando sempre o desenvolvimento sustentado, harmonioso e integrado da comunidade.

Incluindo, *quiçá*, programas turístico-culturais no futuro. Reinventando e reabilitando os calendários agrícolas e suas características festas, com atividades culturais associadas.

## **2.1 – Objetivos Majorados**

### **Objetivo principal**

O objetivo principal é envolver toda uma comunidade num **projeto de valorização e reconhecimento do que é seu, da sua memória e da importância da riqueza cultural**, social e turística que esta região representa. E depois dar a conhecer esse reconhecimento ao exterior, de forma a que todos possamos “experimentar e saborear” Quintandona e a sua área envolvente.

Procurar envolver outros colaboradores externos ao projeto “Quintandona”, no sentido de apoiarem monetariamente este projeto, que acarreta investimentos muito grandes, insustentáveis aos parceiros promotores: Junta de Freguesia, Associação para o Desenvolvimento de Lagares e Associação cultural





como DE antes, grupo de teatro.

Julgamos que ao financiar este projeto todas as entidades investidoras e apoiantes poderão beneficiar, visto que o número de visitantes previsto, com base em números dos anos anteriores ronda os 10.000 visitantes.

Os alvos de investimento centram-se por um lado na divulgação informativa, construção de infraestruturas para próximas edições da Festa do Caldo e equipamento necessário à execução das comidas e bebidas e, por outro lado, no financiamento da 2ª fase de construção da casa do Xiné, um centro cultural extremamente urgente e pertinente ao desenvolvimento desta aldeia e área envolvente, já que dinamizado irá atrair ainda mais visitantes.

## **2.2 – Propostas de ganhos**

### **À chave (Organização)**

Como ganhos propomo-nos a arrecadar dois tipos de ganhos: Financeiros e Sócio-culturais. Relativamente aos primeiros, e atendendo ao compromisso apresentado anteriormente, digamos que temos o objetivo de no próximo ano concluir a 2ª fase das obras do centro cultural Casa do Xiné, assim como nos próximos cinco a dez anos regularizarmos o investimento feito e dotarmos a sala com equipamento necessário para acolher qualquer tipo de palco.

Em relação ao efeito cultural, esperamos que maximize o interesse das populações para a atividade cultural e, conseqüentemente, educativo, proporcionando aos residentes da área envolvente uma dinâmica cultural e crítica acima do padrão normal. Desta forma estaremos a contribuir para uma melhor qualidade de vida.

### **Aos parceiros**

Um evento deste género atrai não só muitos visitantes como também os media. Daí que ao investir numa atividade deste género todas as entidades estarão a ganhar alguma projeção social bem como a terão dos seus produtos divulgados e enfatizados qualitativamente a nível nacional, estando associados ao desenvolvimento cultural e social, assim como a um projeto de qualidade e “resistência” portuguesa.

## **2.3 – Apresentação de despesas**

### **Sumário de atividades de despesa - anos 2007| 2008| 2009**

Nas edições anteriores as atividades desenvolvidas tiveram o suporte de muitos voluntários que, a



custo zero, ofereceram incondicionalmente o seu trabalho.

Na primeira edição da “Festa do Caldo de Quintandona” no ano de 2007, grande parte dos colaboradores artísticos ofereceram inteiramente a sua participação. Os investimentos iniciais foram medidos e comedidos. Desta forma, em termos monetários, houve um equilíbrio nas contas. Sublinhamos a nossa qualidade de gestão, uma vez que nas duas primeiras edições equilibrámos as contas fechando com um saldo positivo. Ao contrário do que acontece em grande parte de eventos similares.

Neste momento, consideramos que não podem só os artistas a ser os grandes investidores desta festa. Apesar dos *cachets* ainda serem bastantes altruístas achamos que a comunidade pode se responsabilizar e se integrar num projeto que é já uma referência nacional.

Assim, como despesas vamos contar com:

#### **Produção Alimentar**

- fornecimento de eletricidade e água,
- tendas,
- géneros alimentares de produção do caldo,

#### **Programação**

- aluguer de palcos, equipamento técnico e reforço sonoro,
- fornecimento de eletricidade de grande potência
- Montagem e aluguer de serviços (geradores, montagem; etc)
- *cachet* de alguns colaboradores alimentação, deslocação e alojamento dos mesmos,
- despesas de criação e entretenimento.
- Despesas de autorizações legais, e segurança

#### **Divulgação**

- despesas de marketing e publicidade.(cartazes, programas, spots, etc)
- Despesas de representação

#### **Decoração/ Gestão informativa**

- despesas de decoração e indicação do recinto.
- despesas de montagem das estruturas.
- Iluminação de recintos

Neste próximo evento pensamos contar novamente com esses voluntários, contudo, teremos de unir esforços, no sentido de aumentar o nosso ganho e aumentar a projeção do evento.

Na anteriores edições tivemos ofertas variadas, desde recursos humanos a géneros de produção alimentar, entre outras, apesar disso tivemos um valor de despesa aproximado de **50.000€**.

Fazendo o ponto de situação e numa avaliação simples entendemos que para uma pequena aldeia, sem grande experiência é notável, a organização e gestão da mesma festa com saldo eminentemente positivo, ainda que sejam meramente trocos. Apesar do deslize do ultimo ano.



Salientamos que temos apresentado cartazes significativos: Desde os espetáculos promovidos pela Associação como DEantes, grupo de teatro e a Associação Tempestades e Macaréus; da Banda Musical e Recreativa de Lagares; os Pé na Terra; Velha Gaiteira, Gaiteiros da ponte velha; Míscaros, Academia trá-lá-lá, As2as e Gaiteirus; Convinha tradicional; Toques de Caramulo; Porto FOLK; Galandum Galundaina, Bailenda; Míscaros, Gaitas Daninhas, entre muitos outros.

Para além disso, estiveram também presentes alguns artesãos nomeadamente: Alberto Batista, Patrícia Cela, Casa dos Bombos Alves, Mário Estasnilau e Victor Félix, e Ricardo Pedrosa. Grande parte destes artistas estiveram a troco de uma refeição.

Este será mais um evento, no sentido de promover e dar a conhecer a Aldeia Rural Preservada de Quintandona, que à quarta edição já é uma referencia nacional.

### **Proposta de despesas (orçamento previsível)**

Nesta edição, pretendemos afirmar todo o projeto da Festa do Caldo de Quintadona. Assim, e a partir da experiência dos anos anteriores propomo-nos a um programa arrojado com cerca de 50 espetáculos e mesmo formato do ano anterior. Por outro lado, propomo-nos aumentar a qualidade artística apresentada. Pretendemos um cartaz aliciante e apelativo.

Desta forma, pretendemos contratar bandas de música tradicional com alguma projeção, assim como requalificar a diversidade de eventos. Pensamos que o festival começa a incorporar a suas características e configurações e pretendemos revelar grupos e músicos desconhecidos do grande público, mas com trabalho de grande valor: nomeadamente os UXU KALHAUS, que fazem 10 anos este ano e os MU prémio Carlos Paredes.

Consequentemente, aumentamos ao volume de custos. Assim, teremos um investimento na programação de cerca de **20.000€**, e no que concerne às despesas de divulgação e promoção aproximadamente de **8.000€**. Nas restantes despesas de produção alimentar, decoração e construção de infraestruturas o investimento será de cerca de **22.000€**.

## **2.4 – Participação Esperada**

### **a) Público-alvo/ clientes**

Pretendemos chegar ao maior número de pessoas possível. No ano anterior tivemos visitantes oriundos de várias zonas do País, predominantemente do Norte e algum público da Galiza, já que tínhamos a presença de um grupo espanhol a atuar. A parceria com este grupo continua a existir, visto que a Câmara Municipal de Penafiel, tem um protocolo de amizade com a organização da Festa do Caldo Galego de Mourentes em Pontevedra. Estamos também a ponderar criar uma confraria do caldo de Quintandona, sendo ela também promotora e criará uma responsabilidade de certificação de qualidade



junto dos confrades.

Procuramos, também, o público emergente da música tradicional com raízes proto-celtas. Sabemos que já é uma imensa minoria, atendendo à diversidade de festivais nesta área, nomeadamente o Intercéltico no Porto, o Intercéltico de Sendim, Festival Andanças em S. Pedro do Sul, Trebilhadouro, etc.

Salientamos, que até então o festival tem sido gratuito, ou seja, o público paga somente as refeições e pode circular pelos espetáculos gratuitamente, no entanto pensamos introduzir um valor simbólico de bilheteira com um objetivo educativo.

Por fim, procuramos os comensais, porque a gastronomia portuguesa é por si só um grande atrativo turístico procuramos todos aqueles que gostam de uma boa “comezaina”, quer da área envolvente, quer das pessoas num raio de 30 a 40 km, já que existe também a facilidade de transporte próximo, ou seja, a estação de caminhos-de-ferro de Recarei-Sobreira.

## **b) Performers**

Nos dois primeiros dois dias, teremos diferentes atividades: grupos de música a atuar, um Festival de Música Tradicional, técnicos e visitantes artísticos, produtores, expositores com venda de produtos de artesanato e regionais e uma oferta variada de produtos regionais como ementa. Paralelamente, serão apresentados pequenos apontamentos de teatro de rua, espetáculos temáticos, pequenas atuações em muitos locais de teatro e música. Pensamos, também, restituir o uso dos sentidos do contador de histórias e do conto de lareira.

Entendemos, que estes também trazem os seu amigos, e que a melhor promoção de um evento é, e ainda mais no nosso país, de boca-em-boca.

## **c) Opinion makers**

A Festa do Caldo de Quintandona atrai pessoas de todo o tipo de classes sociais, visto que é uma festa de muitos para todos. Entre os visitantes encontrámos pessoas, que a nível social, representam um símbolo não só de riqueza monetária como também moral e cultural. Estes têm sido também motores de incentivo moral, reforçando constantemente a necessidade emergente deste tipo de atividades nesta região. Estas pessoas têm dado a conhecer a muitas outras, nacional e internacionalmente, o evento, o Local, a freguesia de Lagares e toda a área circundante.

Para além disso, a Festa do Caldo de Quintandona também já é conhecida em território espanhol, na medida em que existe uma parceria com a ordem da Festa do Caldo Galego de Mourentes, Pontevedra. Nomeamos como ilustres apoiadores e assíduos frequentadores, o Dr. Barbosa de Melo ex presidente da assembleia da república, o Dr. Lobo Xavier, Dr. Alberto Santos, presidente da Câmara Municipal de Penafiel e grande impulsionador, Dr. Amílcar Adolfo, vereador do turismo, verdadeiro apaixonado da ideia, entre muitos outros. Sabemos, no entanto, que na primeira edição tivemos muitos ilustres



visitantes que fizeram questão de continuar anónimos na festa.

#### **d) Voluntários**

O voluntariado é fundamental ao evento, e à semelhança de inúmeros acontecimentos, este também é um investimento pro futuro. Pensamos em criar uma estrutura de voluntariado específico, com anteriormente referido nas áreas técnico-artísticas, mas também em outras, que poderão ser catapulta para o mercado de trabalho. Estamos a estudar também uma metodologia de compensações, a todos aqueles que connosco colaboram.

Sem voluntários a Festa do Caldo não acontece, atendendo que se teríamos de pagar a todos que trabalhassem neste evento não existiria arcabouço financeiro para a sustentar. Contabilizámos no ano passado mais de 1360 horas de trabalho voluntário. Hipoteticamente falando, se pagássemos a 5€ à hora teríamos uma despesa de 6.800,00€.

Este foi também um ganho, para além de o ganho maior ter sido o convívio, a partilha e o estar em comunidade, que os nossos voluntários deram à festa.

#### **e) Media [Imprensa; Rádio; televisão; Internet (*web page; mailing list; etc*)]**

O evento é publicitado em todos os media, para além de que é divulgado junto dos contactos individuais dos voluntários via email (enviamos a imagem do cartaz e um texto de apresentação) e solicitamos que cada um desses contactos faça a divulgação junto dos seus e assim sucessivamente.

A nossa rede é já extensa, e fazemo-la a partir da rede de amizades e na confiança que estes amigos depositaram no evento e sua qualidade para trazer consigo os amigos. Temos, ainda, a presença nos diferentes dias dos jornais locais e nacionais bem como da televisão que fazem “*press releases*”, criando situações notícia no festival. No ano passado a TVI, marcou a sua presença. Este ano, propomo-nos a lançar o festival criando interesse da televisão, entendendo que esta é importante na divulgação de qualquer evento. Para tal estamos a conceber um bom “*press release*”, e o “acontecimento notícia”. A notar CD anexo com imagens e “recortes” multimédia de publicações do evento e da Associação comoDEantes, grupo de teatro, como um dos principais promotores.

### **2.5 – Programa preliminar (*proposta de programação; esboço de ideias*)**

Neste momento ainda é prematuro apresentar qualquer desenho ou proposta de programação diversificada. Mas pretendemos, e na linha de edições anteriores, muita diversidade de espetáculos a decorrerem em diferentes espaços, levando o público a escolher e também a distribuir-se por diferentes locais. Procuramos oferecer a oportunidade de saborear também uma rica “*ementa*” cultural.

Então, temos o espaço do recinto, onde podem coexistir dois palcos, um maior outro menor, as ruas, onde podem surgir performances de teatro de rua, os quinteiros das casas da Aldeia Rural Preservada



de Quintandona, as eiras e por fim o recinto da feira de artesanato.

No recinto programaremos os espetáculos de música mais complexos e atraentes. Para a rua estamos a discutir a possibilidade de retomar os espetáculos de rua testados nas 1<sup>as</sup> edições. Começaremos em brevemente a atividade de criação dos espetáculos teatrais. As eiras e quinteiros, pensamos em espetáculos mais intimistas, pensamos reavivar os contadores de histórias acompanhados de música ao vivo, a pequenas performances, concertos com dois a três: sexta-feira, sábado e domingo.

Teremos também a Casa do Xiné, como fundamental referência no programa, divulgando a sua existência, assim com procuraremos programar o local como “*backstage*” de todo o evento.

Cada dia terá um tema, quase um menu diário levando ao público a interessar-se pelos três dias de festival.

### **3 – Plano de marketing – Plano de comunicação e divulgação**

#### **a) Rede de envio deste projeto (dossier de divulgação a parceiros)**

Este projeto está a ser enviado a todas as entidades que consideramos poderem investir neste evento e usufruir da sua projeção. São entidades variadas da zona envolvente entre outras.

Pretendemos envolver as indústrias próximas, desde empreiteiros de construção no xisto em que a aldeia é construída, assim como fornecedores de materiais, comércio local e outros negócios locais, mas também agências bancárias e empresas bancárias, agências financiadoras, operadoras de telecomunicações, empresas de bebidas e fornecedores de serviços, empresas de turismo, entre outras que se mostrem interessadas.

#### **b) Desenho de estudo de público alvo**

Neste momento, não nos é possível caracterizar claramente um público alvo, uma vez que ainda não temos todos os indicadores claros, também não promovemos esse estudo nas primeiras edições. No entanto, podemos afirmar através de uma avaliação dos elementos colaboradores que tivemos três tipos de público:

- O das freguesias circundantes, à procura de uma boa refeição e assistir aos espetáculos de teatro de que ouviram falar.
- Os amigos das bandas do festival de música tradicional, arrastando consigo alguns produtores e músicos não participantes.
- Os curiosos e interessados em festivais do género, que vinham também às compras de artesanato.
- Apoiantes do evento, que por afinidade trazem consigo a rede de amigos.

- Turistas, promovidos pelas agências de viagens.
- Elementos de associações culturais e recreativas numa área de 50/70 km.

Assim, podemos afirmar que a diversidade e a característica peculiar do evento traz já consigo um grande envolvimento de público.

### **c) Alvos de intervenção**

A nossa intervenção, no sentido da divulgação, será na Feira agrícola de Penafiel e com projeção nacional: Agrival. À semelhança do ano anterior, distribuimos divulgação e participamos na programação com espetáculos dos comoDEantes. Faremos também em outras festas do caldo, nomeadamente no do galego, nas Agências de turismo e junto de pessoas influentes a nível social.

Nos espetáculos do grupo de teatro, e eventos em que o grupo participará.

Associações e Câmara municipais do Vale do Sousa onde temos vindo a ser convidados conferenciar acerca da atividade cultural de Quintandona como exemplo raro e único.

Colocaremos também a informação na rede de festivais, de concertos de música tradicional celta, entre outros.

### **d) Design e peças de divulgação**

#### **1- Imagem principal**



Logótipo estilizado



Logótipo original - Imagem de marca



## 2 – Teseares

Dependentes do interesse dos *Sponsors*, avançaremos com a divulgação em eventos, e/ou nos media. Serão criadas peças para enviar por *mailing list*, à semelhança dos anteriores eventos, criando a curiosidade no público, procurando agendar antecipadamente a sua visita/ participação no caldo. Na primeira edição do evento conseguimos publicidade gratuita em jornais locais, onde se foi lançando a nossa informação, a qual teve depois algum efeito notável.

## 3- Peças a realizar

### Flyer

Pensamos em realizar, no mínimo, o número que realizamos no ano passado, cerca de 10 000 e colocarmos em locais de circulação do público alvo. Por exemplo Agrival, Festivais de Música tradicional, Sendim etc.

### Cartaz/ *mupie*

Pretendemos coloca-los nas paragens de autocarro da cidade de Penafiel, tentaremos em Paredes, e vamos propor à CP (Caminhos de Ferro) a colocação nos comboios.

### Etiquetas / folha de tabuleiro/guardanapos

Pretendemos colocar em todos os produtos vendidos na festa uma etiqueta com o logo da festa do Caldo, certificando o produto regional comercializado.

### Programa

O programa, pensamos, poderá ser um local privilegiado para os nossos parceiros, já que pensamos distribuí-lo juntamente com as refeições. E, para que as pessoas não se desfaçam imediatamente do programa, teremos a indicação da atividade da Festa e horários, bem como receitas de culinária por exemplo: receitas de caldos; sopas, e outra culinária regional, fotos, programa dos eventos, apoios, curiosidades etc. Pensamos também fazê-lo nas folhas de mesa, guardanapos, e papel do tabuleiro da refeição.

### Peças multimédia (filme/ apresentação Multimédia/ web *page*)

Criaremos pequenos filmes no youtube, redesenho das páginas na *internet*: [www.caldodequintandona.com](http://www.caldodequintandona.com), [www.quintandona.com](http://www.quintandona.com) e [www.comodeantes.com](http://www.comodeantes.com) e divulgação nas redes sociais: Facebook, twitter e Hi5

### Design de documentação de divulgação (correio; fax; e-mail)

Cartaz, envelope , fax, internet





### *Merchandizing*

A publicidade aparecerá em chapéus, aventais, colheres de pau, panelas de ferro, canecas, tigelas, rótulos do vinho e doces, etc.. em todo o material usado no serviço de restauração.

Talvez merchandizing que acompanhará a companhia nas sua apresentações.

#### **4- Tabela de investimento em publicidade no festival**

Consideramos pertinente determinar valores para que os nossos parceiros possam avaliar convenientemente e comparar o investimento da sua empresa no nosso evento. Desta forma, construímos uma tabela organizativa, onde propomos valores e locais de publicidade, tornando clara a nossa ação. **Consulte anexo 2**

Em relação à negociação, estamos recetivos, assim como à aplicação da lei do mecenato, para o qual estamos organizados.

Para informações mais detalhadas consulte os serviços económicos da sua empresa, ou seja, O TOC (técnico oficial de contas), os serviços informativos do Ministério das Finanças, ou a dependência da sua área fiscal, ou mesmo nós, nos contactos indicados no documento.

Mas a **lei do mecenato diz** que, Artigo 3º, no mecenato cultural, ambiental, desportivo e educacional se pode fazer uma dedução de IRC 6/1000. Volume de vendas ou serviços prestados.

O limite previsto no número anterior não é aplicável aos donativos atribuídos às entidades nele referidas para a realização de atividades ou programas que sejam considerados de superior interesse cultural, ambiental, desportivo e educacional-

- 120% do respetivo valor total
- 130% em caso de contratos plurianuais são dispensados de reconhecimento prévio desde que o valor seja inferior ao que anualmente é afixado por despacho conjunto MF e da tutela. Estão sujeitas a reconhecimento estas entidades financiadas. À exceção pessoas Coletivas isentas de IRC IRS até 15% à coleta.

O limite previsto no número anterior não é aplicável aos donativos atribuídos às entidades nele referidas para a realização de atividades ou programas que sejam considerados de superior interesse cultural, ambiental, desportivo e educacional, 25% das importâncias atribuídas, majoradas em 120%.

E 25% das importâncias atribuídas, majoradas em 130% em caso de contratos plurianuais IRS: São dispensados de reconhecimento prévio os donativos que não excedam o valor de 500 Euros.



## **4 – Reuniões de contacto/ parceria**

### **a) Contactos e agenda de reunião**

Em caso de necessitarem de mais esclarecimentos e informações podem contactar o grupo organizador do evento quer através dos contactos telefónicos 965261711 (Pedro Soares); 964346610 (Associação comoDEantes) ou 919836924 (Belmiro Barbosa), ou para a associação para o desenvolvimento de Lagares 255755053, (solicitando a reunião ou contacto, avisando o assunto) quer através do seguinte email: [comodeantes@gmail.com](mailto:comodeantes@gmail.com); [a.d.lagares@sapo.pt](mailto:a.d.lagares@sapo.pt); [juntadelagares@sapo.pt](mailto:juntadelagares@sapo.pt); [caldodequintandona@gmail.com](mailto:caldodequintandona@gmail.com); [pedrosoares@esmae-ipp.pt](mailto:pedrosoares@esmae-ipp.pt)

### **b) Reuniões de apresentação/ discussão do projeto com os parceiros**

Será feita uma reunião com todas as entidades interessadas, na qual poderão apresentar as suas ideias ou propostas para a organização e execução da Festa do Caldo. Assim, como no processo e mais valias, desde a lei do mecenato entre outros.

### **c) Normas de princípio**

Serão concebidas e discutidas normas de divulgação (loais, tamanhos, valores, locais de fixação, etc...) assim como o modo de o fazer. Como devem compreender, é-nos fundamental o apoio, cooperação e parceiros, mas a sobrelotação de informação, o desgaste de uma imagem que estamos a construir com cuidado não será positiva nem para nós nem para os nossos parceiros.

### **d) O que temos a oferecer**

Oferecemos projeção, credibilidade e as entidades associar-se-ão à lei do mecenato. **Mecenato** é um dos três mecanismos de estímulo ao investimento em cultura contidos na **Lei Rouanet**. Nele, a empresa pode destinar percentagem do valor a pagar em impostos ao estado.



## **Conclusão**

### **Ganhos ativos do projeto**

Lagares, a área circundante, Penafiel e todas as pessoas envolvidas, bem como as instituições financiadoras e Associações intervenientes (em particular a Associação para o Desenvolvimento de Lagares e Associação comoDEantes, grupo de teatro) beneficiam desta riqueza natural, gastronómica e artística para poderem crescer em desenvolvimento, mas, sobretudo, como seres ativos e empenhados numa tradição intemporal, que é a vida em comunidade, chave de prosperidade e de saber ser e estar consigo e com o outro.

A maior parte do reportório cultural tradicional quase nada já tem a ver connosco, com a nossa atualidade de civilização urbana ou com os nossos projetos de futuro coletivo. Sejam contos tradicionais, lengalengas, adivinhas, histórias ou provérbios ou até mesmo a receita da avó ou a mezinha, neles ressoa nitidamente uma experiência de vida, uma moral de trabalho e do recreio, embebida ainda do mundo rural, que era o dos nossos avós. Os provérbios, nomeadamente, poucos serão aqueles que não expressem a regra do bom senso predominante numa sociedade estratificada ou impiedosamente classicista ou impiedosamente machista. Menos concisamente e portanto de uma forma menos transparente os outros modos de expressão popular tradicional revelam, porém, de igual modo, a área donde dimanam, a área cultural dominada por um fatalismo e por um ritualismo a que hoje somos quase totalmente estranhos. É, portanto, necessário reavivar para criar uma sociedade melhor. Procurar nessa “tradição” as razões de evolução nesta cultura. Saber porquê, para saber porque fazemos e somos.

### **Ganhos dos parceiros**

Associação a um projeto dinâmico e especial. Pretendemos tornar único aqueles que a nós se associarem. O projeto engloba um cariz de desenvolvimento participativo e sócio-cultural. A participação das empresas e a sua responsabilidade social é grande. A definição, muitas vezes confundida, de lucros é muito diferente de ganhos. Assim propomo-nos que os ganhos sociais promovam a atividade participativa dessas mesmas empresas, criando uma imagem de satisfação nos seus clientes e, fundamentalmente, nos seus trabalhadores. Porque, um trabalhador formado e dedicado é sempre um trabalhador mais produtivo e mais exigente, por isso também responsável pelo seu grupo de ação.



# ANEXOS



# ANEXO 1

***Fotos da festa do caldo de Quintandona (2007 | 2008)***





*Espectáculo de abertura da festa do Caldo - Conto da velha do caldo  
(2007)*



*Grupo de Bombos de S. Julião - Parada de abertura (2007)*





*Arruadas pela freguesia - Festival de música tradicional de Quintandona (2007)*



*Pormenor do recinto - bar bebidas (2007)*

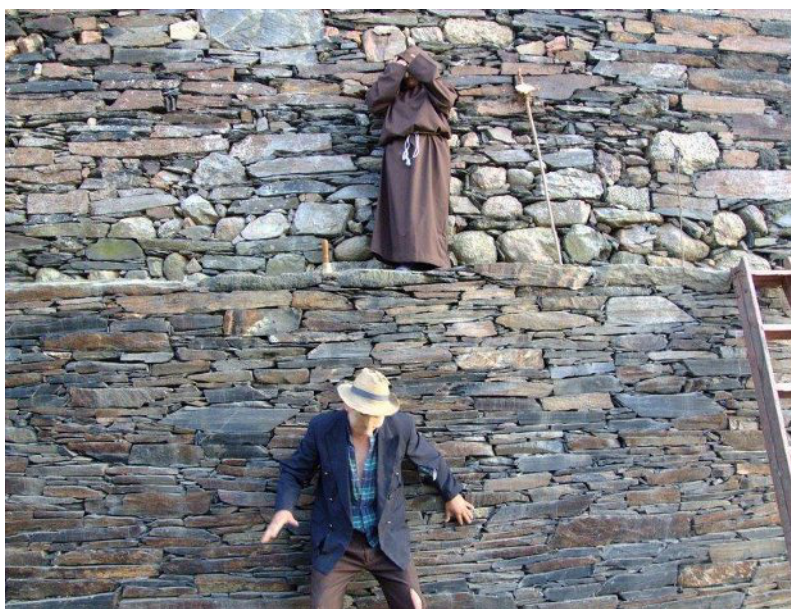


*Dança dos cabeçudos e Bombos de Fonte arcada - Festa do caldo (2007)*



*Confraria do caldo galego - convidados do Festival do caldo de Quintandona (2007)*





*Teatro de Rua - Festa do caldo de Quintandona  
(2007)*



*Espetáculo de Rua - Festa do Caldo de Quintandona  
(2007)*



*Pormenor de recinto de refeições - Festa do Caldo de Quintandona (2007)*



*Espetáculo de Rua - Festa do caldo de Quintandona (2007)*





*Espectáculo de Encerramento - Captura do Jebo  
(2007)*



*Espectáculo de Rua - Festa do Caldo e da Música  
tradicional (2008)*



*Concerto em quinteiro - Festa do Caldo e da Música tradicional de Quintandona (2008)*



*Espaço de fotos - Festa do caldo e da música tradicional de Quintandona (2008)*



*Espectáculo de teatro em quinteiro - Festa do caldo e da Música tradicional (2008)*



*Monumental corrida de porcos na lama - Festa do Caldo  
(2007)*



*Fogo nos cabeçudos - Espetáculo pirotécnico  
- Festa do Caldo e da música tradicional  
(2008)*



*Fogo nos cabeçudos - Espetáculo  
pirotécnico - Festa do Caldo e da música  
tradicional (2008)*





*Chek-Sound 5 Concerto em quinteiro - Festa do Caldo e da música tradicional (2008)*



*Cartaz 2007*



*Cartaz 2008*



*Cartaz 2009*



## **ANEXO 2**

***Quadro de valores de publicidade no Festival do Caldo e música tradicional  
de Quintandona 2010***



## Quadro de preços de publicidade

Descritivo	Subitens	Valor em €
<b>Patrocinador oficial</b>		
	Referência nas peças produzidas	
	Cartaz /Mupie/Flyer/ Etiquetas	
	Programa (capa) (faixa colaboradores principais)	
	Merchandising e outros	
	Peças de Multimédia	
VALOR DO PATROCÍNIO (Negociável)		15% valor total de custo festival
<b>Folheto /PROGRAMA DO FESTIVAL</b>		
5000 exemplares	(dimensões aprox. A5)	
	Páginas par valor total por página (divisível por 6 partes)	600,00 €
	Páginas ímpar valor total por página (divisível por 6 partes)	900,00 €
<b>Merchandising</b>		
QUANTIDADE	Item	Valor em €
1000	Aventais (faixa de 50x 500mm)	1.000,00 €
1000	Canecas	1.500,00 €
1000	Sacas de tecido	1.000,00 €
1000	Etiquetas dos produtos (a serem vendidos na feira de artesanato)	1.000,00 €
5000	Folhas de tabuleiros (toalhas nos tabuleiros)	1.000,00 €
20 000	Guardanapos	2.000,00 €
<b>Publicidade no recinto da festa do caldo</b>		
Qtd espaço	Locais /descrição	Valor em €
3 - 1mx2m	Entrada ao recinto (receção e informação)	500,00 €
1 – 10mx1m	Palco grande (faixa top)	1.000,00 €
1 – 10mx1,5m	Palco grande (faixa rodapé)	1.000,00 €
1 - ?mx ?m	Palco pequeno (faixa top)	1.000,00 €
1 - ?mx ?m	Palco pequeno (faixa rodapé)	500,00 €
2	Cozinha	500,00 €
300m2 dividida por faixas	Tenda de refeição	500,00 €
<b>Patrocinador indiscriminado</b>		<b>cota</b>
	Patrocinador Ouro	1.000,00 €
	Patrocinador Prata	500,00 €
	Patrocinador Bronze	250,00 €



## **Anexo 6**

### ***Mapas de circulação de transito, sinalética de tráfego e planos de segurança***



# POSTURA DE TRÂNSITO PROVISÓRIA

## **PROPOSTA PROVISÓRIA DE TRÂNSITO PARA O LUGAR DE QUINTANDONA, FREGUESIA DE LAGARES**

---

### **I INTRODUÇÃO**

Decidiu a organização da Festa do Caldo e da Música Tradicional de Quintandona elaborar um conjunto de medidas provisórias, para organizar e disciplinar a circulação rodoviária no Lugar de Quintandona, Freguesia de Lagares para os dias 16, 17 e 18 de Setembro. Tais medidas foram objecto de estudo técnico, acompanhado pela Junta de Freguesia.

Foi efectuada uma visita aos referidos locais e apuradas as situações com necessidade de intervenção, por motivos de segurança e/ou melhoria das condições de circulação rodoviária.

Numa primeira fase procedeu-se ao levantamento de toda a sinalização existente no lugar e numa segunda fase e após um conhecimento aprofundado das realidades, no que respeita à segurança rodoviária e trânsito, apresenta-se um conjunto de medidas que aglutinaremos numa postura provisória para essa zona, dando deste modo satisfação às pretensões da Junta de Freguesia de Lagares e para as quais aquela Junta mostrou a sua concordância.



## **II PROPOSTA DE POSTURA PROVISÓRIA PARA O LUGAR DE QUINTANDONA, FREGUESIA DE LAGARES**

(Ver Plantas em anexo)

### **A) SENTIDOS ÚNICOS (VER PLANTA DE SINALIZAÇÃO VERTICAL)**

- Na Rua do Souto, sentido único nascente-poente, no troço compreendido entre a Estrada de Escariz e o entroncamento da Rua do Souto com a Rua de Quintandona e a Rua de Arques;
- Na Rua paralela à Rua Padres da Agostinha, sentido único sul-norte, no troço compreendido entre o Parque de Estacionamento n.º 1 e a Rua Padres da Agostinha;
- Na Rua Cruz do Rodrigo, sentido único norte-sul, no troço compreendido entre a Rua de Arques e 150 m antes do entroncamento com Estrada de Escariz.

### **B) COLOCAÇÃO DE STOP'S (VER PLANTA DE SINALIZAÇÃO VERTICAL)**

- Na Rua do Souto, no seu entroncamento com a Rua de Quintandona e a Rua de Arques;
- No Caminho de acesso ao Parque de Estacionamento n.º 3, no seu entroncamento com a Rua de Quintandona.

### **C) COLOCAÇÃO DE SINAL DE TRÂNSITO PROIBIDO COM PAINEL ADICIONAL “EXCEPTO VIATURAS AUTORIZADAS” (VER PLANTA DE SINALIZAÇÃO VERTICAL)**

- Na Rua de Quintandona, depois da entrada para o Parque de Estacionamento n.º 1, proibindo a circulação de viaturas em toda a extensão da Rua, incluindo o Largo da Cruz;
- Na Rua dos Padres da Agostinha, no seu entroncamento com a Travessa Padres da Agostinha, impedindo a circulação de viaturas desde esse ponto até ao Largo da Cruz;
- Na Rua de Arques, antes das traseiras do edifício do Centro Cultural Casa do Xiné, interditando a circulação automóvel até à Rua de Quintandona.



#### **D) PROIBIÇÃO DE PARAGEM E ESTACIONAMENTO (VER PLANTA DE SINALIZAÇÃO VERTICAL)**

- Na Rua de Quintandona, depois da entrada para o Parque de Estacionamento n.º 1, proibindo a paragem e estacionamento em frente à barreira;
- Na Rua dos Padres da Agostinha, no seu entroncamento com a Travessa Padres da Agostinha, proibindo a paragem e estacionamento em frente à barreira;
- Na Rua de Arques, antes das traseiras do edifício do Centro Cultural Casa do Xiné, proibindo a paragem e estacionamento em frente à barreira;
- Na Rua de acesso ao Parque de Estacionamento n.º 1, 4 e 5, desde do seu entroncamento com a Estrada de Escariz até ao Parque de Estacionamento n.º 1;
- Na Rua de Acesso ao Parque de Estacionamento n.º 3, desde do seu entroncamento com a Rua de Quintandona e a Rua do Souto até ao referido parque de estacionamento.

#### **E) COLOCAÇÃO DE MARCOS LIMITADORES ABATÍVEIS PARA GARANTIR A SEGURANÇA DA CIRCULAÇÃO PEDONAL (VER PLANTA DE PLANO DE CIRCULAÇÃO)**

- No Largo da Cruz;
- Na Rua de Quintandona, antes do seu entroncamento com a Travessa de Quintandona.

#### **F) CRIAÇÃO DE SETE PARQUES DE ESTACIONAMENTO IDENTIFICADOS PARA APOIO À FESTA (VER PLANTA DO PLANO DE CIRCULAÇÃO E PLANTA DE SINALIZAÇÃO INDICATIVA DE PARQUES DE ESTACIONAMENTO)**

#### **F) COLOCAÇÃO DE SINALIZAÇÃO INDICATIVA DE PARQUES DE ESTACIONAMENTO (VER PLANTA DE SINALIZAÇÃO INDICATIVA DE PARQUES DE ESTACIONAMENTO)**

Lagares, 12 de Julho de 2011



**Parque de estacionamento reservado para os voluntários, artistas e feirantes**

**Recinto do Caldo**

**Pontos de entrada da Festa do Caldo**

**Legenda:**

- P** Localização dos Parques de Estacionamento
- Localização dos Pilaretes
- Localização das Grades
- Localização dos parques de estacionamento reservado para os artistas

**Tipo de Circulação**

- Acesso ao Recinto (apenas viaturas de apoio e viaturas com pessoas com mobilidade condicionada)
- Rua com dois sentidos de circulação
- Rua de circulação condicionada (só com autorização da organização)
- Rua de circulação pedonal
- Rua de sentido único

**Pontos de entrada  
da Festa do Caldo**



1

○

### Tipo de Circulação

 Rua com dois sentidos de circulação

 Rua de circulação condicionada (só com autorização da organização)

— Rua de circulação pedonal

← Rua de sentido único

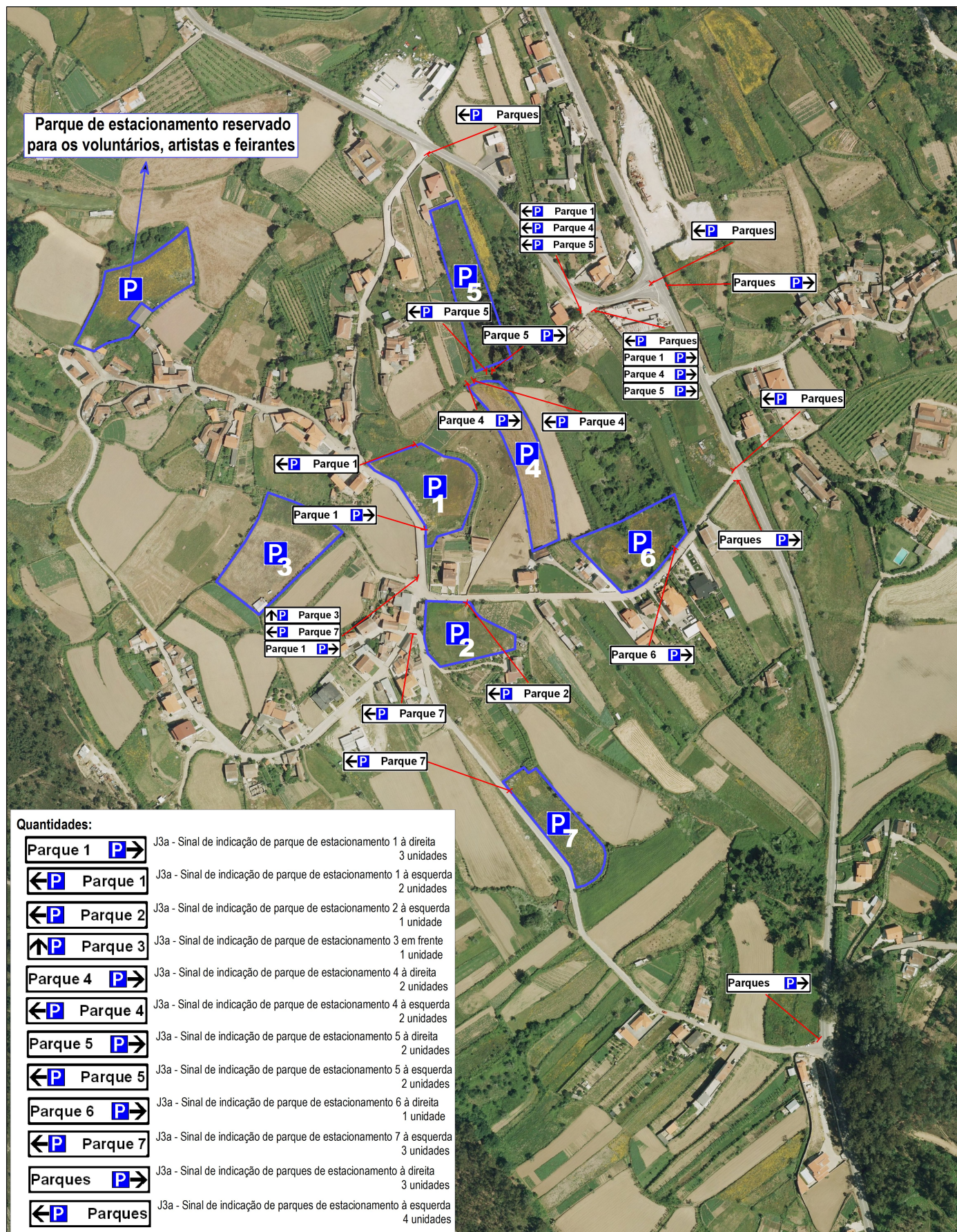


# Postura de Trânsito Provisória

## Sinalização Indicativa de Parque de Estacionamento

### Festa do Caldo e da Música Tradicional de Quintandona

#### 16, 17 e 18 de Setembro

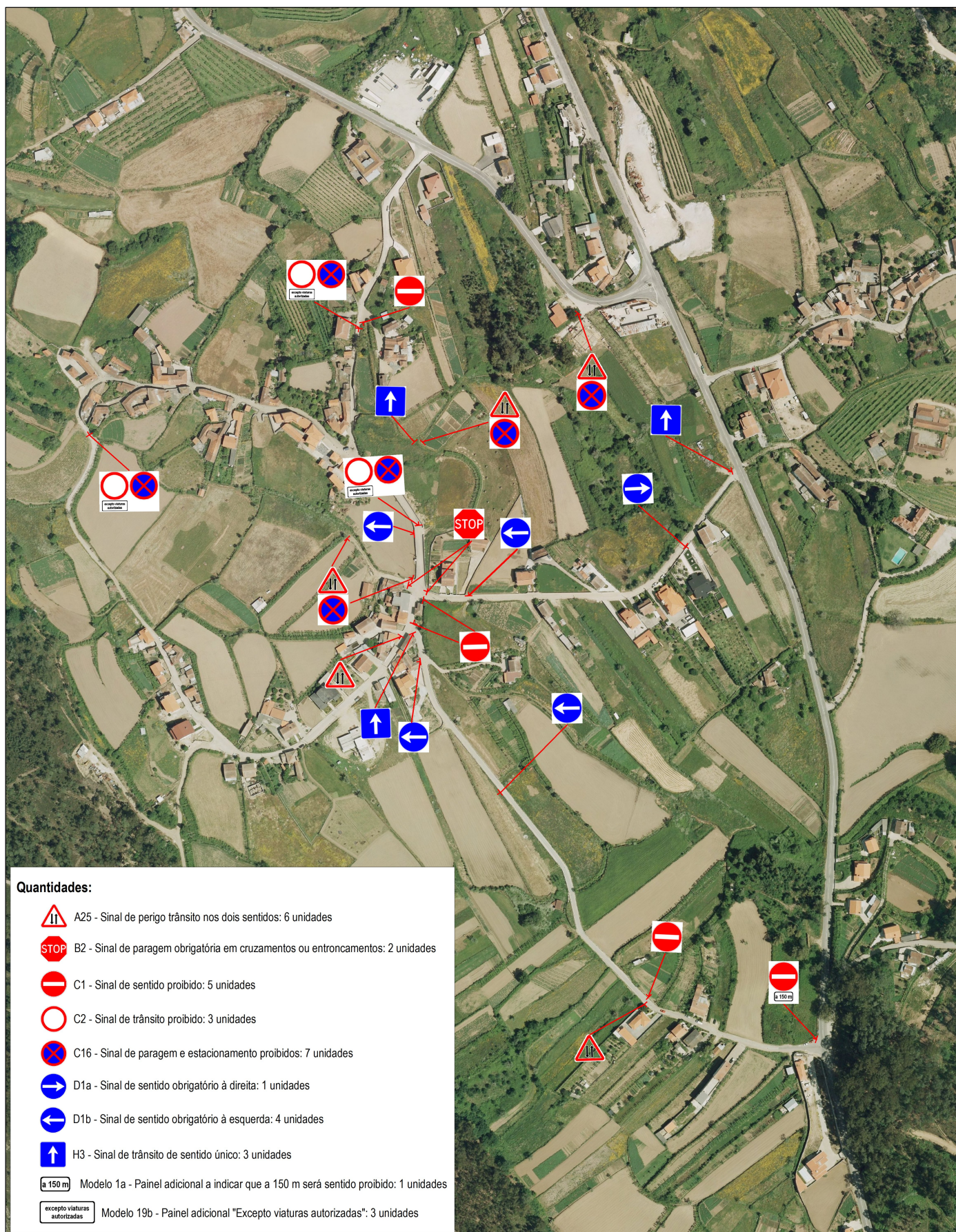




# Postura de Trânsito Provisória - Sinalização vertical

## Festa do Caldo e da Música Tradicional de Quintandona

### 16, 17 e 18 de Setembro







# [PLANO DE EVACUAÇÃO]

Previsto na alínea e) do artigo 15.º do Decreto-lei n.º 268/2009, de 29 de Setembro de 2009, através do qual se procede à definição dos caminhos de evacuação, zonas de segurança e a sucessão de acções a terem lugar durante a evacuação do recinto.

## 1. ENQUADRAMENTO

Terá lugar nos próximos dias 16, 17 e 18 de Setembro a 5ª Festa do Caldo e da Música Tradicional de Quintandona, no Lugar de Quintandona da freguesia de Lagares.

A Festa realiza-se num espaço aberto incluído na Aldeia Preservada de Quintandona, estando prevista a realização de espectáculos de forma dispersa por todo o recinto, decorrendo os mesmos nos seguintes períodos:

Dia 16: das 20h às 02h

Dia 17: das 15h às 02h

Dia 18: das 11h às 00h

Tendo como referência as edições anteriores da Festa do Caldo, espera-se uma grande afluência de visitantes, estimados em 15 mil pessoas no total dos 3 dias, pelo que a organização do evento solicitou a Colaboração do Serviço Municipal de Protecção Civil para a elaboração deste Plano de Evacuação.

Foi também elaborada uma Postura de Trânsito Provisória, aprovada na Reunião Ordinária da Câmara Municipal de 21 de Julho de 2011, com o objectivo de organizar e disciplinar a circulação rodoviária no Lugar de Quintandona.

De forma a garantir uma assistência imediata a qualquer eventual necessidade de socorro, será providenciada a instalação no recinto de um Posto Médico, da responsabilidade da corporação dos Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa.

## 2. PROCEDIMENTOS DE EVACUAÇÃO

Caso se verifique a ocorrência de qualquer tipo de acidente ou alteração do estado de ordem no interior do recinto da Festa do Caldo, cabe à Comissão Organizadora, em conjunto com as forças de Autoridade presentes, determinar a evacuação do recinto.

Na sequência da decisão de evacuação, todos os colaboradores pertencentes à organização deverão proceder em conformidade com as seguintes orientações gerais:

1. Encaminhar os visitantes de forma ordeira, através dos caminhos de evacuação definidos na planta anexa, para as zonas de segurança mais próximas;
2. Não precipitar a retirada das viaturas dos estacionamento;
3. Promover a abertura dos corredores de emergência para a circulação dos veículos de socorro;
4. Verificar se todos os ocupantes foram retirados do local de acidente;
5. Organizar a recepção dos ocupantes do recinto na zona de segurança.

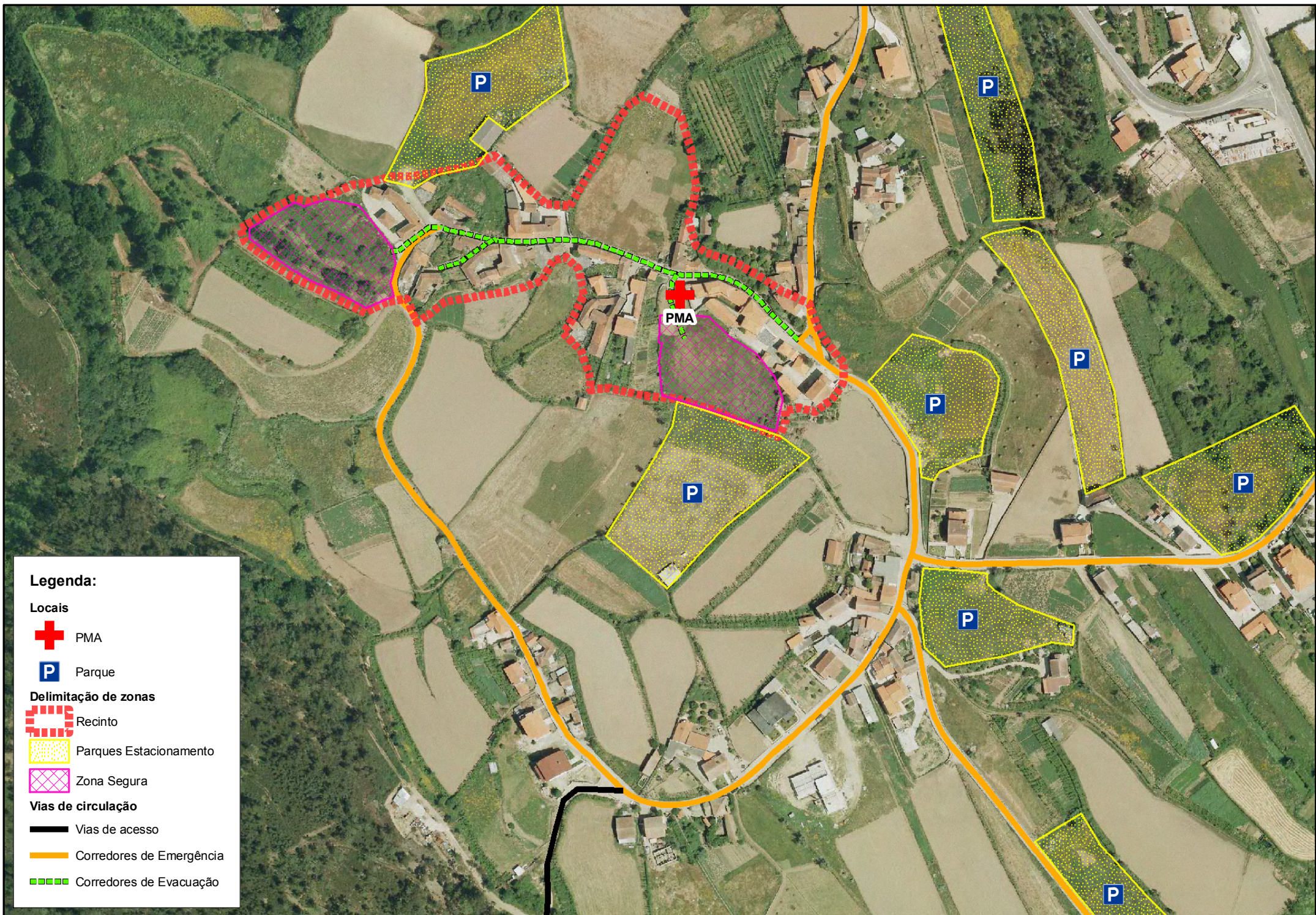
## 3. CONTACTOS DE EMERGÊNCIA

<u>Número de Emergência:</u>	<u>Bombeiros Voluntários de Paço de Sousa</u>
112	255 752 228
<u>Guarda Nacional Republicana</u>	<u>Serviço Municipal de Protecção Civil</u>
255 752 132	255 710 700
<u>Comissão Organizadora da Festa do Caldo</u>	
919 388 653 (Junta de Freguesia)	964 346 610 (Comodeantes)

Penafiel, 13 de Setembro de 2011

P'la organização da Festa do Caldo

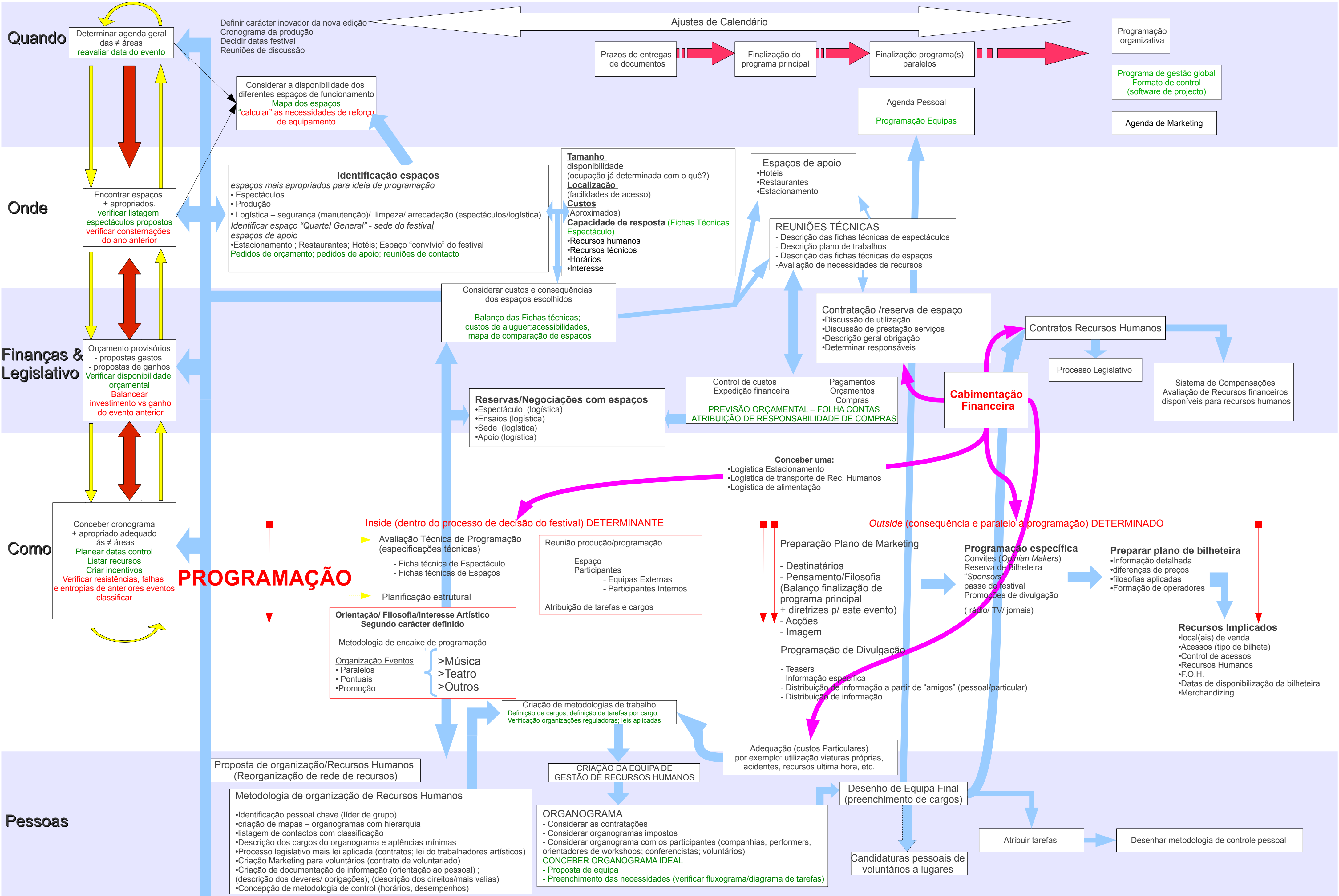






## **Anexo 7**

***Documentos exemplo de gestão, análise e proposta de método de organização do evento***



**Acções**

Conceito do evento, espectáculos a apresentar, carácter inovador  
Objectivos artísticos, sociais e culturais a atingir  
Mapas dos acontecimentos (encadeamento das tarefas)

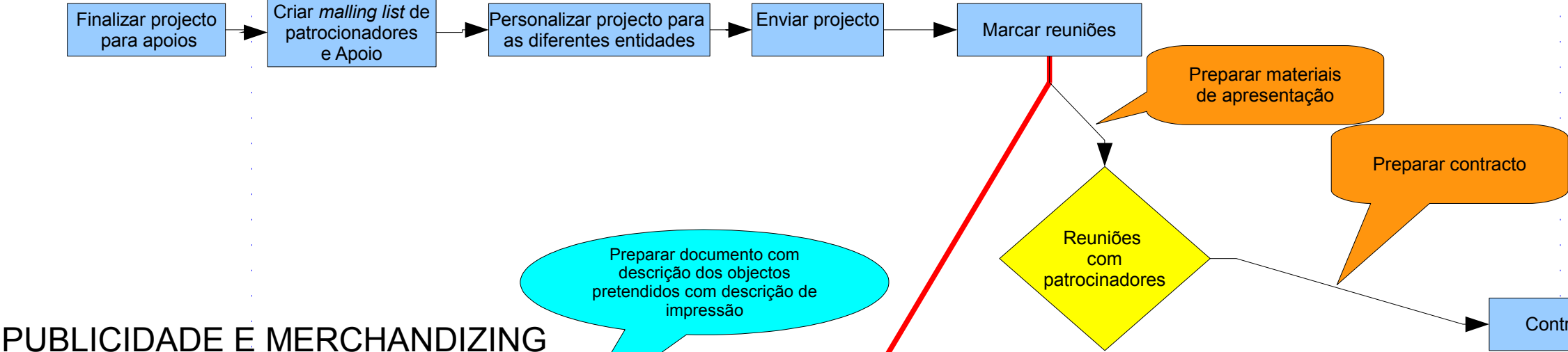
Troca de informação com as companhias  
e-mail/ fax/ telefone  
Troca de fichas técnicas [espaço] espectáculo]

Reavaliação das directivas p/ o evento (processo de concepção do festival)  
Documentos publicados; orientações artísticas; reuniões com as equipas determinantes  
Avaliação directa da realização da proposta, avaliação do progresso do festival.]

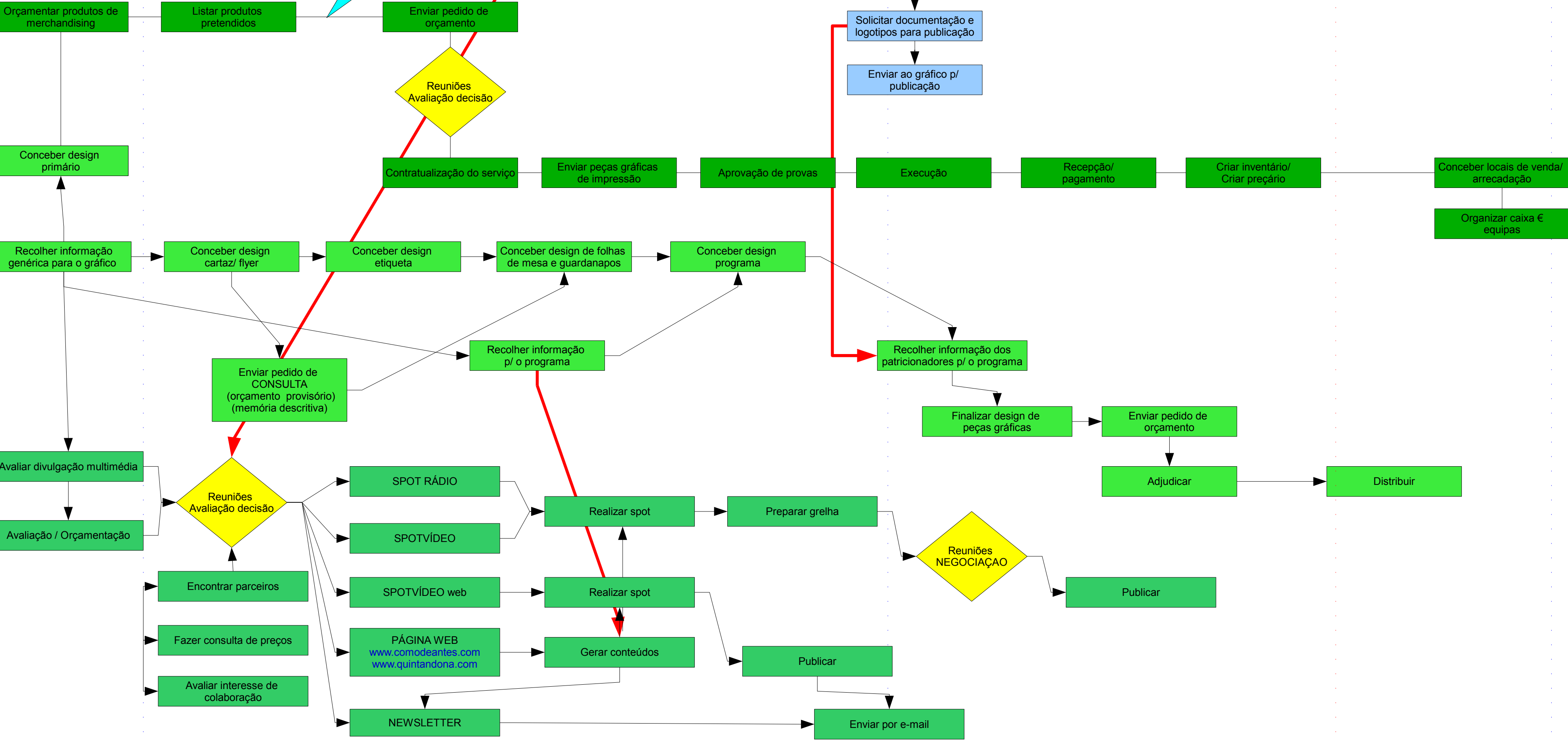
Divulgação do evento  
Locais a publicar; materiais e meios de divulgação e promoção.  
Acções concertadas de promoção, envolvimento dos participantes nas acções promocionais

Montagens e preparação  
Montagens do espaços, encomendas,  
Execução de planos

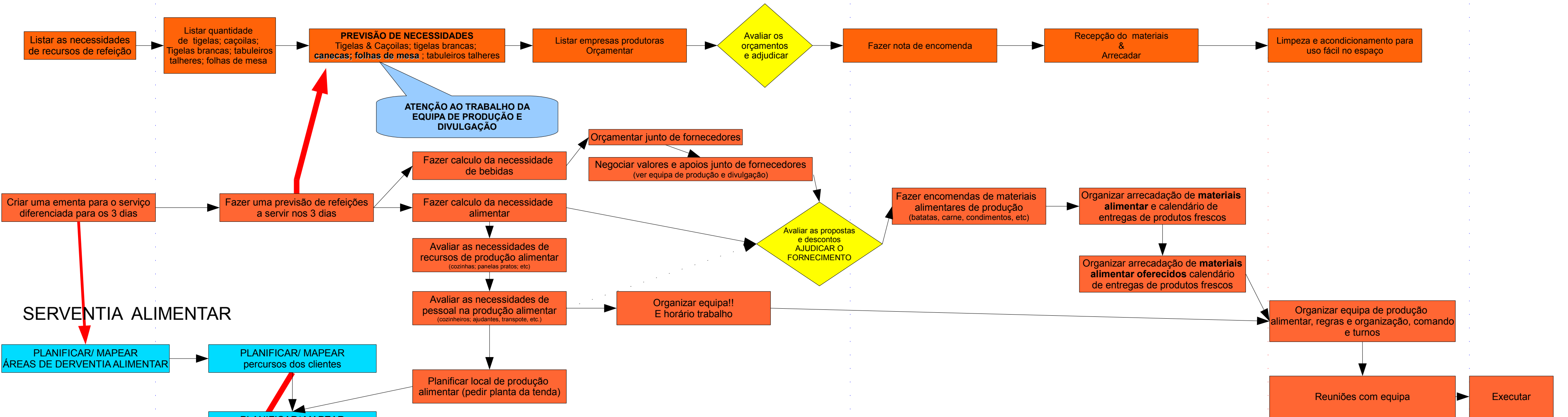
PEDIDOS DE APOIO



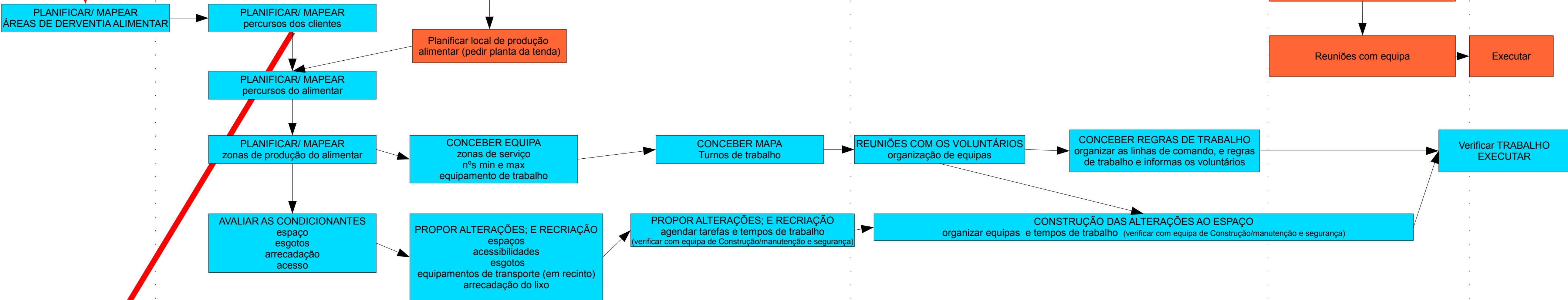
PUBLICIDADE E MERCHANDIZING



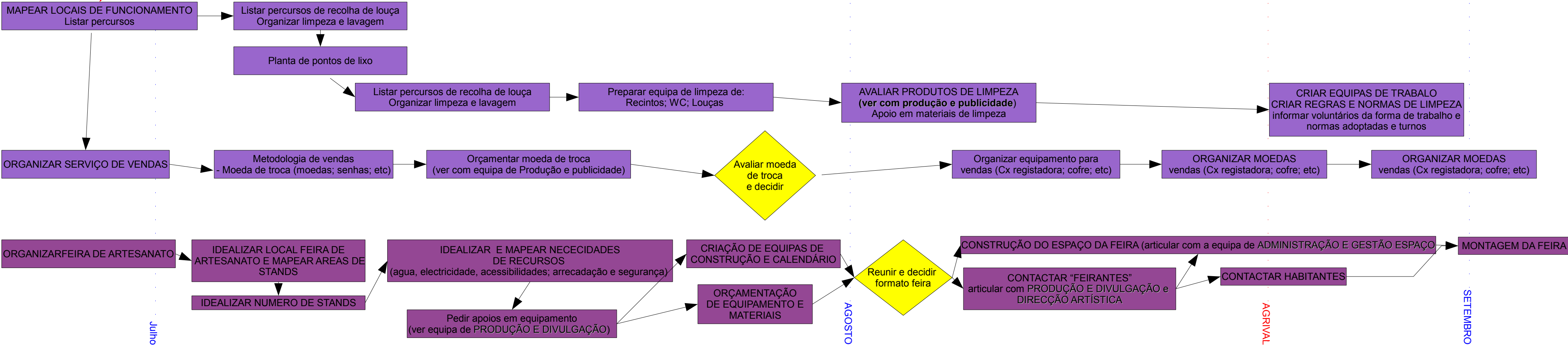
PRODUÇÃO ALIMENTAR



SERVENTIA ALIMENTAR

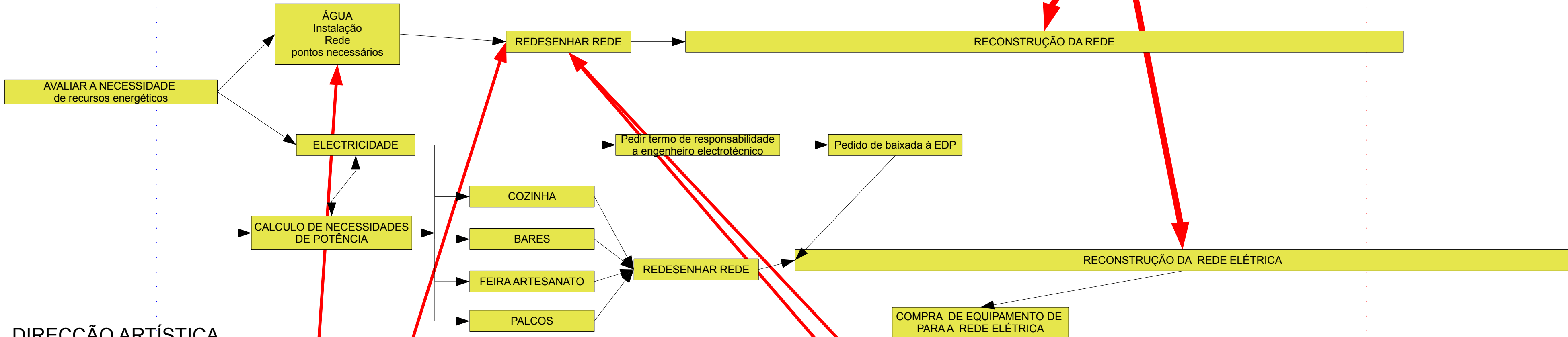
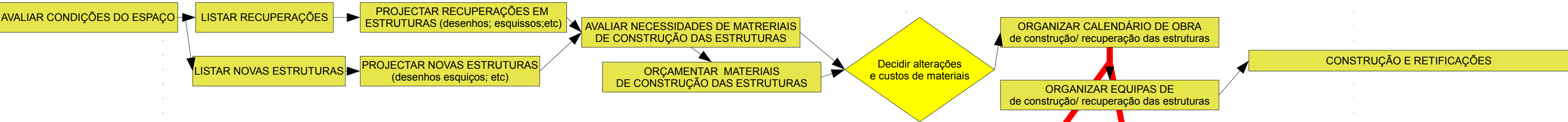


ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO ESPAÇO

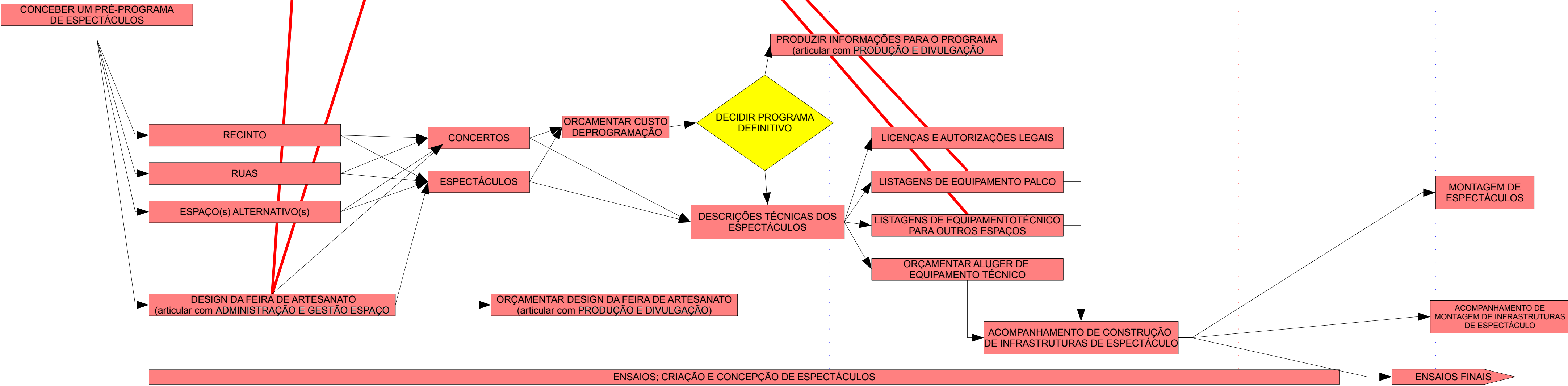




ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO ESPAÇO



DIRECÇÃO ARTÍSTICA



Julho

AGOSTO

AGRAL

SETEMBRO



*Informação a transmitir aos grupos acolhidos – de espectáculos e outro:*

1. Após a recepção levá-los ao local onde vão fazer o check sound e apresentá-los ao director de cena que lá se encontra. Podemos dar dicas sobre os espectáculos a decorrer e dar-lhes a brochura dos caldos.
2. Marcar com eles a hora de jantar/ lanche/ almoço junto à Tenda (recinto).
3. Na tenda informar que dispõem de 45min para comer.
4. Ajudar a servir a refeição.
5. Se não os acompanharmos na refeição, regressar após os 45min a fim de verificar se cumprem o horário.
6. No caso de comerem antes de actuarem, levá-los à refeição e só depois ao local de actuação.
7. Se ficarem a dormir, indicar o local onde vão dormir → Não nos responsabilizamos por furtos!!

## **ELECTRICIDADE**

- Pedido de electricidade
- Montagem de alimentação no campo (Cabos e quadros)
- Montagem do quadro
- Montagem Alimentação na cozinha
- Montagem Iluminação
- Montagem da Iluminação / alimentação Bar Grande
- Montagem da Iluminação / Alimentação Bar Pequeno
- Montagem do quadro Palco
- Divisão fases (som / luz)
- Montagem preparação área técnica
- Montagem Iluminação Camarins
- Montagem alimentação iluminação dos jogos
- Iluminação do recinto
- Tendas
- Percursos

**RESPONSÁVEL:** \_\_\_\_\_  
**CONVOCADOS:** \_\_\_\_\_

**MAPA / LIGAÇÕES**  
**CALENDÁRIO DE TRABALHO**

## COZINHA

- Montagem de esgotos
- Montagem do estrado (chão)
- Montagem electricidade (ver electricidade)
- Montagem da tenda
- Transporte de equipamento
- Montagem de mobília de trabalho
- Mesas
- Bancas
- Fogões
- Montagem de fogões + gás
- Transporte do alimentar para transformar
- Acondicionar equipamento de serviço (colheres, facas, tábuas, toalhas, farda (chapéus ??) etc...)

**RESPONSÁVEL:** \_\_\_\_\_  
**CONVOCADOS:** \_\_\_\_\_

**MAPA / LIGAÇÕES**  
**CALENDÁRIO DE TRABALHO**

**BAR GRANDE**

- Rectificação do Bar
- Montagem de electricidade (ver electricidade)
- Montagem do chão
- Montagem de prateleiras de serviço
- Montagem de equipamento de frio
- Montagem de equipamento de bebidas
- Montagem de mobília de serviço
- Acondicionamento de bebidas
- Equipamento de trabalho (copos, saca rolhas, abre garrafas, tigelas, colheres, espumadeiras, etc...)
- Equipamento de limpeza (toalhas , detergentes, luvas, etc...)

**RESPONSÁVEL:** \_\_\_\_\_  
**CONVOCADOS:** \_\_\_\_\_

**MAPA / LIGAÇÕES**  
**CALENDÁRIO DE TRABALHO**

**BAR PEQUENO**

- Montagem da decoração
- Verificação e montagem do chão
- Electricidade (ver electricidade)
- Limpeza da tinta laranja
- Rectificação e Montagem das prateleiras
- Montagem do frio
- Montagem das máquinas de bebidas
- “Ferramentas de serviço”
- Equipamento de limpeza

**RESPONSÁVEL:** \_\_\_\_\_  
**CONVOCADOS:** \_\_\_\_\_

**MAPA / LIGAÇÕES**  
**CALENDÁRIO DE TRABALHO**

**BARRACAS DAS SENHAS**

- **Desenhar a barraca**
- **Organizar senhas ( moeda de troca)**
- **Máquina registadora**
- **caixas de plásticos para moedas**
- **Organizar trocos**
- **Organizar equipa**
- **Organizar método de trabalho (transição etc...)**

**RESPONSÁVEL:** \_\_\_\_\_

**CONVOCADOS:** \_\_\_\_\_

**MAPA / LIGAÇÕES**

**METODOLOGIAS DE TRABALHO:**

**IMPLANTAÇÃO**

**DESENHO DA BARRACA**



## **MONTAGEM DO ESPAÇO ALIMENTAR**

- **Montagem da tenda ( Srº Humberto )**
- **Arranjar toalhas de mesa**
- **Arranjar a mobília**
- **Transporte da mobília**
- **Montagem da mobília**
- **Organização de equipas de recolha**
- **Montagem de mesas de serviço**
- **Organização do serviço de lavagem**
- **“Barraca” de recepção de louças**
- **Equipamento de trabalho (luvas, cestos, tabuleiros, etc...)**
- **Organização de percursos**
- **Organização e montagem de condução do lixo**

**RESPONSÁVEL:** \_\_\_\_\_

**CONVOCADOS:** \_\_\_\_\_

**MAPA / LIGAÇÕES**

**METODOLOGIAS DE TRABALHO:**

**IMPLANTAÇÃO**

**DESENHO DA BARRACA**

**BAR DE RECEPÇÃO DE LOUÇA**

## **JOGOS** (Nota: ver jogos)

- **Montar barracas**
- **Adereços para os jogos**
- **Produzir recurso comestíveis**
- **Organizar equipas**
- **Fazer listagem de prémios**

**RESPONSÁVEL:** \_\_\_\_\_

**CONVOCADOS:** \_\_\_\_\_

**MAPA / LIGAÇÕES**

**METODOLOGIAS DE TRABALHO:**

**IMPLANTAÇÃO**

**DESENHOS DA BARRACA E CONSTRUÇÃO DE ADEREÇOS**

**HORÁRIO DE COORDENAÇÃO**

## Ficha de inscrição Voluntários Caldo Quintandona

NOME \_\_\_\_\_ Telemóvel \_\_\_\_\_  
MORADA \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_  
e-mail: \_\_\_\_\_

### DISPONIBILIDADE PARA OS TURNOS

☐ SÁBADO 15H - 23H ☐ DOMINGO manhã - 8H - 15H ☐ DOMINGO tarde - 15H - 23H

### ÁREA DE TRABALHO QUE PREFERE

☐ COZINHA; SERVENTES; BARES  
☐ ORGANIZAÇÃO / INFORMAÇÃO  
☐ ESPECTÁCULOS (Actores, técnicos, organização)

Ideias, opiniões, informações



## Ficha de inscrição Voluntários Caldo Quintandona

NOME \_\_\_\_\_ Telemóvel \_\_\_\_\_  
MORADA \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_  
e-mail: \_\_\_\_\_

### DISPONIBILIDADE PARA OS TURNOS

☐ SÁBADO 15H - 23H ☐ DOMINGO manhã - 8H - 15H ☐ DOMINGO tarde - 15H - 23H

### ÁREA DE TRABALHO QUE PREFERE

☐ COZINHA; SERVENTES; BARES  
☐ ORGANIZAÇÃO / INFORMAÇÃO  
☐ ESPECTÁCULOS (Actores, técnicos, organização)

Ideias, opiniões, informações



## • Penatearra (Porto)

Sites: [www.penatearra.com](http://www.penatearra.com)  
[www.myspace.com/penatearra](http://www.myspace.com/penatearra)

- Gaiteiros de Paúl (?) (Beira Baixa)
- Associação de Gaita de Foles de Lisboa
- Carrico (Lombardia)
- Toni das Gaitas (Porto) - construtor
- ~~Comitê~~ Com minha tradicional (Porto)
- Patrícia Cella (Batalha) - construtora de gaitas
- Xistza de Loucho (Batalha) (?)
- Gaiteiros da Ponte Velha (?)
- Alberto - construtor de instrumentos (Aveiro)
- Lumen (?)
- ~~Baile~~ Baileburdia (?)
- Danças Europeias (?)
- Grupo de Paços de Ferreira
- (Artistas das danças de Penafiel)

# COZINHA

CALDO

1 - PANELA +/- 480 caldos

5 PAX 2~~as~~ -

1000 caldos - 5 PANELAS

10 PAX - 5 hours +/-

LAVA LOILAS

4/3 (Por turno) AUX PELA grupo recolhidos.

BAN

8 PESSOAS (Por turno)

Recolhidos

20. 10 PESSOAS (Por turno)

Segurança + Manutenção

4 PESSOAS

Jogos

1 PESSOA Por jogo (seis jogos)

6 PAX

Estacionamento

1/2 (Por turno)

Informação

2 (turno)

cozinha

5 PAX 200g

5 ~~Personas~~ P/ 10 pax

3. + 2 Ban

BAN BEDIUM

2 PESSOAS (turno)

CRIXA 2 PAX (turno)

ESPECTÁCULO

(DEPENDER DE PUA)

PALCO

1 DC + ASS. PALCO (3)?

Téc. Luj ~~San~~ 1 dug 1

Piquete

Piquete cozinho  $\frac{1}{2}$  > Administração de Piquete  
(1)

Piquete técnico do espaço -  $\frac{3}{4}$

Responsáveis P/ Grupos

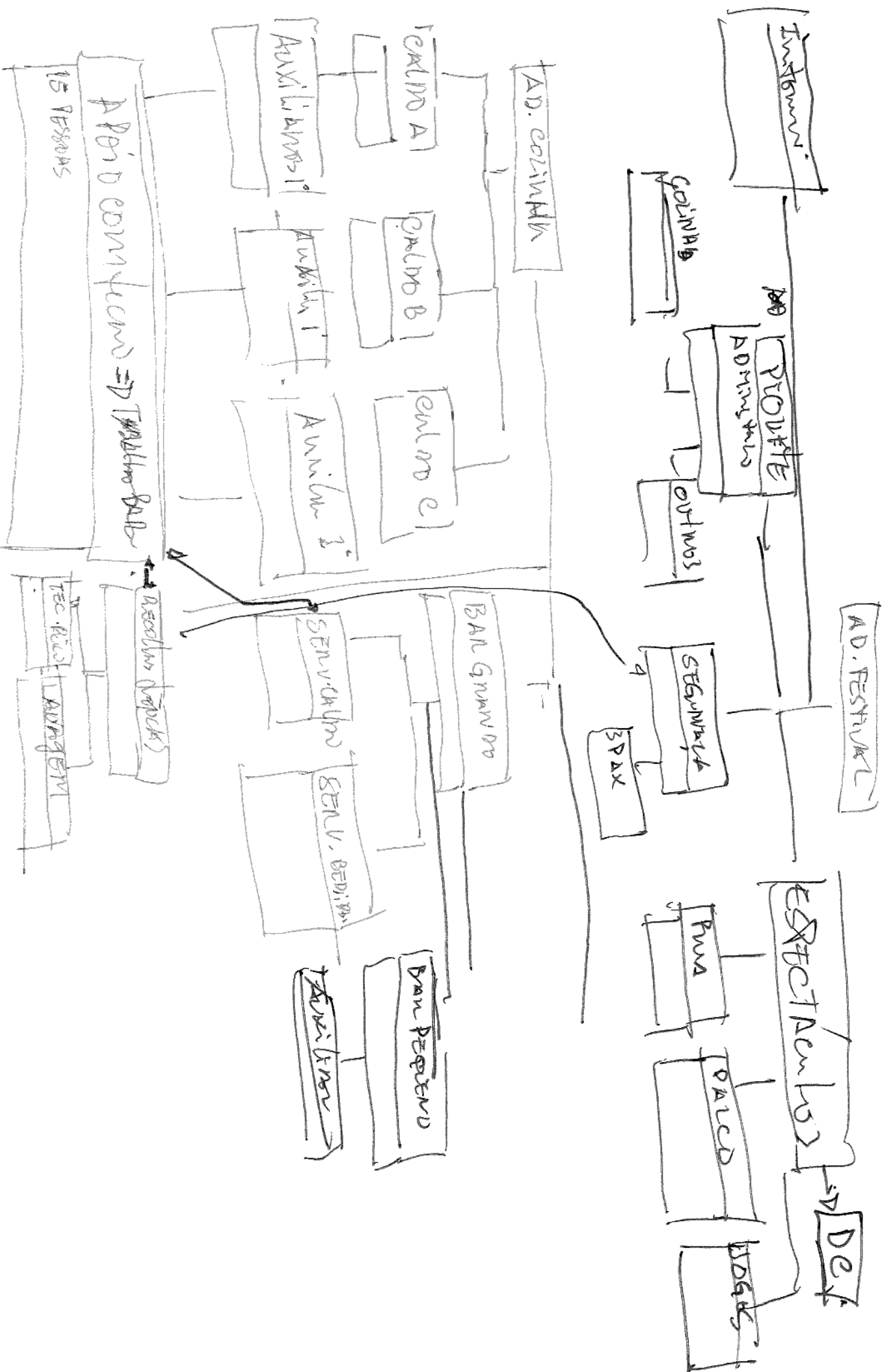
= 10 (ciclos)

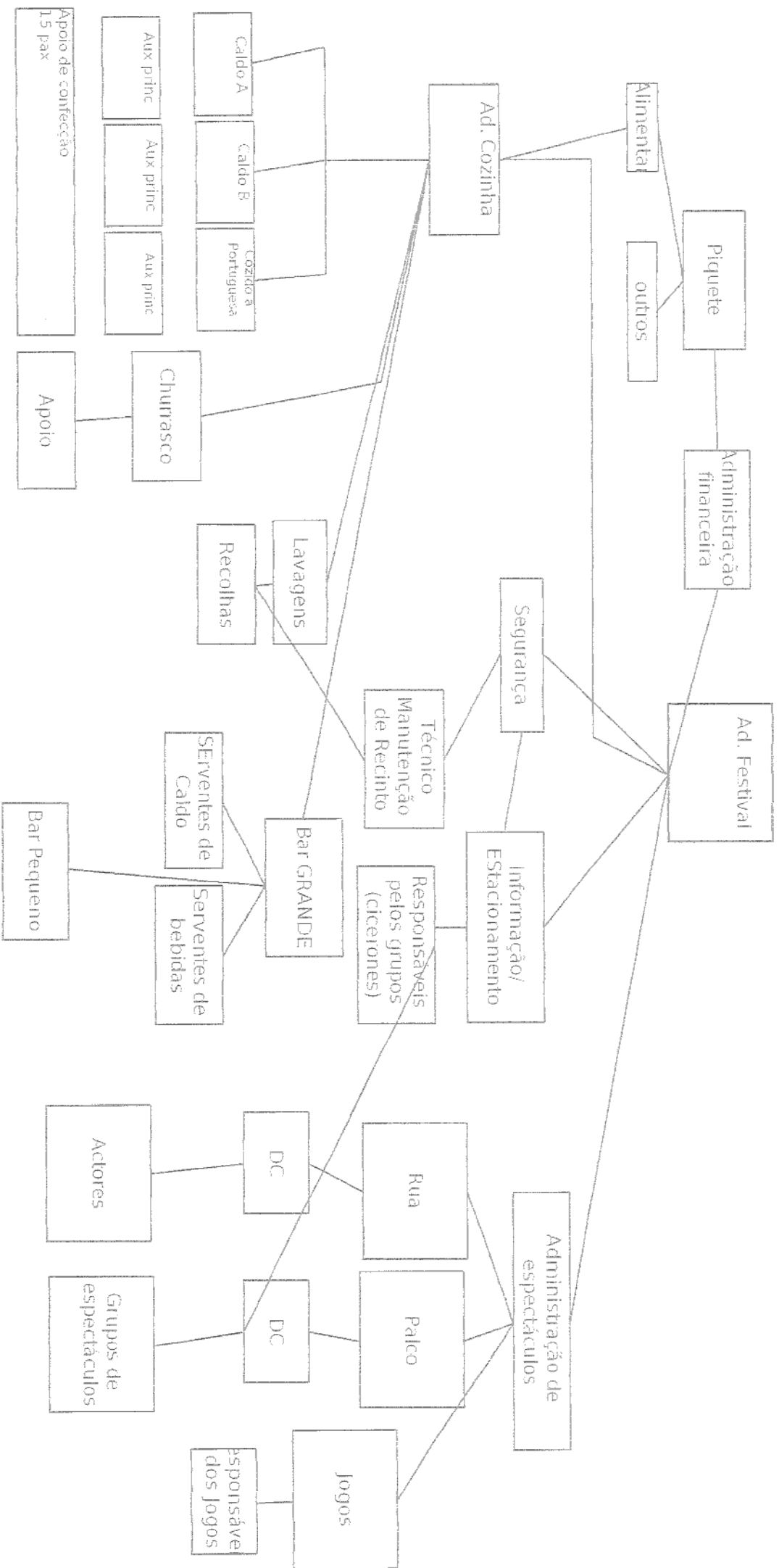
limpeza casa banho

1 pax turno



WBS	Nome	Início	Final	Trabalho	Duração	Foiga	Custo	Associado a
1	<b>Planear o festival</b>	Ago 29	Ago 29	32d	1d		0	
1.1	Avaliar calendário de trabalho	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.2	<b>Avaliar as necessidades de recursos humanos</b>	Ago 29	Ago 29	3d	1d		0	
1.2.1	Pessoal de cozinha	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.2.2	Serventes e recolhas	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.2.3	Pessoal de BAR	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.3	<b>Avaliar as necessidades de recursos técnicos</b>	Ago 29	Ago 29	4d	1d		0	
1.3.1	Recursos de cozinha	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.3.2	Recursos de Bar (s)	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.3.3	Recursos de Espectáculos do Palco	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.3.4	Recursos de Espectáculos de rua	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.4	<b>Desenho de Implantação (MAPA da FESTA)</b>	Ago 29	Ago 29	10d	1d		0	
1.4.1	Zona de Acolhimento	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.4.2	Zona de produção alimentar	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.4.3	Serviços de Alimentar	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.4.4	Desenho de percursos de recolha	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.4.5	Implantação de recolha de lixo	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.4.6	<b>Implantação do PALCO</b>	Ago 29	Ago 29	4d	1d		0	
1.4.6.1	Serviços técnicos	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.4.6.2	Camarins (área de Bastidores)	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.4.6.3	Área Técnica em Bastidores	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.4.6.4	Área Técnica de REGIE	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.4.7	Implantação dos jogos	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.5	<b>Construção de metodologias de Acção</b>	Ago 29	Ago 29	10d	1d		0	
1.5.1	Gestão de Comunicação (rádio, etc)	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.5.2	Método de cozinha	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.5.3	Metodologias de Bar	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.5.4	Metodologias de Recolha e lavagem	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.5.5	Metodologias de acção em espectáculos	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.5.6	Metodologias de Segurança	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.5.7	Metodologias de limpeza	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.5.8	Metodologias de informação e parqueamento	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.5.9	Metodologias de Convidados/ Grupos participantes	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.5.10	Diagramas de comando	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.6	<b>Construção de Organograma</b>	Ago 29	Ago 29	2d	1d		0	
1.6.1	Avaliação e organização de cargos	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.6.2	Atribuição dos cargos	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.7	<b>Construção de horário de trabalho</b>	Ago 29	Ago 29	2d	1d		0	
1.7.1	Organização de equipas por turnos	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
1.7.2	Equipas de Backup	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2	<b>MONTAGEM</b>	Ago 29	Ago 29	21d	1d		0	
2.1	<b>Montagem de ELECTRICIDADE</b>	Ago 29	Ago 29	8d	1d		0	
2.1.1	Montagem do quadro Geral	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.1.2	Montagem Alimentação/ Iluminação Cozinha	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.1.3	Montagem Alimentação/ Iluminação BAR GRANDE	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.1.4	Montagem Alimentação/ Iluminação Bar PEQUENO	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.1.5	Montagem Quadro p/ palco	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.1.6	Montagem de distribuição alimentação ao palco	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.1.7	Montagem alimentação/ Iluminação dos jogos	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.1.8	Montagem e verificação iluminação do recinto	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.2	<b>Montagem da COZINHA</b>	Ago 29	Ago 29	6d	1d		0	
2.2.1	Montagem dos esgotos	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.2.2	rectificação do soalho	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.2.3	Montagem da tenda	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.2.4	Montagem da electricidade	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.2.5	Transporte de equipamento de cozinha	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.2.6	Montagem de fogões	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.3	<b>Montagem de BAR GRANDE</b>	Ago 29	Ago 29	5d	1d		0	
2.3.1	Rectificação do chão	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.3.2	Montagem de Electricidade	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.3.3	Montagem de Frio	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.3.4	Montagem de Mesas/ parteleiras	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.3.5	Montagem de equipamento de serviço	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.4	<b>Montagem BAR PEQUENO</b>	Ago 29	Ago 29	2d	1d		0	
2.4.1	Rectificação do chão	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
2.4.2	Montagem da electricidade	Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
3		Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
4		Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	
5		Ago 29	Ago 29	1d	1d		0	





WBS	Nome	Início	Final	Trabalho	Duração	Folga	Custo	Associado a
1	<b>Planear o festival</b>	Ago 29	Set 11	86d 1h	10d		0	
1.1	Avaliar calendário de trabalho	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
1.2	<b>Avaliar as necessidades de recursos humanos</b>	Ago 29	Set 4	14d 7h	5d	5d	0	
1.2.1	Pessoal de cozinha	Ago 29	Set 4	5d	5d	3d	0	
1.2.2	Serventes e recolhas	Ago 29	Set 4	5d	5d	4d	0	
1.2.3	Pessoal de BAR	Ago 29	Set 4	4d 7h	4d 7h	4d	0	
1.3	<b>Avaliar as necessidades de recursos técnicos</b>	Ago 29	Set 7	17d 7h	8d	2d	0	
1.3.1	Recursos de cozinha	Set 5	Set 5	7h	7h	2d	0	
1.3.2	Recursos de Bar (s)	Set 5	Set 5	1d	1d	4d	0	
1.3.3	Recursos de Espectáculos do Palco	Ago 29	Set 7	9d	9d	2d	0	
1.3.4	Recursos de Espectáculos de rua	Ago 29	Set 7	8d	8d	2d	0	
1.4	<b>Desenho de implantação (MAPA da FESTA)</b>	Ago 29	Set 11	17d	10d		0	
1.4.1	Zona de Acolhimento	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
1.4.2	Zona de produção alimentar	Set 5	Set 6	1d	1d	3d	0	
1.4.3	Serviços do Alimentar	Set 5	Set 6	1d	1d	3d	0	
1.4.4	Desenho de percursos de recolha	Set 5	Set 6	1d	1d	3d	0	
1.4.5	Implantação de recolha de lixo	Set 5	Set 6	1d	1d	3d	0	
1.4.6	<b>Implantação do PALCO</b>	Ago 29	Set 11	11d	10d		0	
1.4.6.1	Serviços técnicos	Ago 29	Set 7	8d	8d		0	
1.4.6.2	Camarins (área de Bastidores)	Set 10	Set 10	1d	1d		0	
1.4.6.3	Área Técnica em Bastidores	Set 11	Set 11	1d	1d		0	
1.4.6.4	Área Técnica de REGIE	Set 11	Set 11	1d	1d		0	
1.4.7	Implantação dos jogos	Set 11	Set 11	1d	1d		0	
1.5	<b>Construção de metodologias de Acção</b>	Ago 29	Set 3	31d 2h	3d 3h	4d 5h	0	
1.5.1	Gestão de Comunicação (rádio; etc)	Ago 29	Set 3	3d 1h	3d 1h	4d 6h	0	
1.5.2	Método de cozinha	Ago 29	Set 3	3d	3d	4d 7h	0	
1.5.3	Metodologias de Bar	Ago 29	Set 3	3d	3d	4d 7h	0	
1.5.4	Metodologias de Recolha e lavagem	Ago 29	Set 3	3d	3d	4d 7h	0	
1.5.5	Metodologias de acção em espectáculos	Ago 29	Set 3	3d 2h	3d 2h	4d 6h	0	
1.5.6	Metodologias de Segurança	Ago 29	Set 3	3d 2h	3d 2h	4d 6h	0	
1.5.7	Metodologias de limpeza	Ago 29	Set 3	3d 3h	3d 3h	4d 5h	0	
1.5.8	Metodologias de informação e estacionamento	Ago 29	Set 3	3d 1h	3d 1h	4d 6h	0	
1.5.9	Metodologias de Convidados/ Grupos participantes	Ago 29	Set 3	3d	3d	4d 7h	0	
1.5.10	Diagramas de comando	Ago 29	Set 3	3d	3d	4d 7h	0	
1.6	<b>Construção de Organograma</b>	Set 3	Set 4	2d	1d	4d 5h	0	
1.6.1	Avaliação e organização de cargos	Set 3	Set 4	1d	1d	4d 5h	0	
1.6.2	Atribuição dos cargos	Set 3	Set 4	1d	1d	4d 5h	0	
1.7	<b>Construção de horário de trabalho</b>	Set 4	Set 5	2d	1d	4d 5h	0	
1.7.1	Organização de equipas por turnos	Set 4	Set 5	2d	1d	4d 5h	0	
1.7.2	Equipas de Backup	Set 4	Set 5	1d	1d	4d 5h	0	
2	Fazer pedido EDP	Set 7	Set 7	N/A	N/A	2d	0	
3	<b>MONTAGEM</b>	Set 7	Set 7	27d	1d	2d	0	
3.1	<b>Montagem de ELECTRICIDADE</b>	Set 7	Set 7	9d	1d	2d	0	
3.1.1	Montagem do quadro Geral	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.1.2	Montagem Alimentação/ Iluminação Cozinha	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.1.3	Montagem Alimentação/ Iluminação BAR GRANDE	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.1.4	Montagem Alimentação/ Iluminação Bar PEQUENO	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.1.5	Montagem Quadro p/ palco	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.1.6	Montagem de distribuição alimentação ao palco	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.1.7	Montagem alimentação/ Iluminação dos jogos	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.1.8	Montagem e verificação iluminação do recinto	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.1.9	Montagem de alimentação aos percursos de luz	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.2	<b>Montagem da COZINHA</b>	Set 7	Set 7	5d	1d	2d	0	
3.2.1	Montagem dos esgotos	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.2.2	rectificação do soalho	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.2.3	Montagem da tenda	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.2.4	Transporte de equipamento de cozinha	Set 7	Set 7	2d	1d	2d	0	
3.2.5	Montagem de fogões	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.3	<b>Montagem de BAR GRANDE</b>	Set 7	Set 7	4d	1d	2d	0	
3.3.1	Rectificação do chão	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.3.2	Montagem de Frio	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.3.3	Montagem de Mesas/ parteleiras	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.3.4	Montagem de equipamento de serviço	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.4	<b>Montagem BAR PEQUENO</b>	Set 7	Set 7	2d	1d	2d	0	
3.4.1	Rectificação do chão	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.4.2	Instalação do frio	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.5	<b>Montagem de Espaço Alimentar</b>	Set 7	Set 7	7d	1d	2d	0	
3.5.1	Montagem de tendas (Sr. Humberto)	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.5.2	Transporte de cadeiras e mesas	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.5.3	Montagem de mesas e cadeiras	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.5.4	Aluguer / Aquisição de Toalhas de mesa	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.5.5	Montagem de Mesas de Serviço	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.5.6	Organização de percursos	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
3.5.7	Organização de contentores de lixo	Set 7	Set 7	1d	1d	2d	0	
4	<b>Decorações</b>	Ago 29	Ago 29	4d	1d	9d	0	
4.1	Levantar o Mastro	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
4.2	Verificar cerca de corrida porcos	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
4.3	Decorar o Bares	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
4.4	Delimitar Recinto	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
5	<b>Construções</b>	Ago 29	Ago 29	10d	1d	9d	0	
5.1	Barraca das Benhas	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
5.2	<b>Barracas dos jogos</b>	Ago 29	Ago 29	3d	1d	9d	0	
5.2.1	Arranjar recursos	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
5.2.2	Construir espaço/ jogos	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
5.2.3	Organizar "consumíveis" de jogos	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
5.3	<b>Equipamento de Informação</b>	Ago 29	Ago 29	5d	1d	9d	0	
5.3.1	Placas de estacionamento	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
5.3.2	Placas de Direcção ( percurso)	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
5.3.3	Placas de Indicação (dentro da Aldeia)	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
5.3.4	Precários	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
5.3.5	Listas de verificação/ apontamento	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	
5.4	Construção do caminho de luz	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0	

6	<b>Concepção de Espectáculos</b>	Ago 29	Ago 29	3d	1d	9d	0
6.1	Conceber espectáculos/ personagens	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
6.2	Construir figurinos/ adereços	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
6.3	Conceber estrutura de acção e horários	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
7	<b>Planificar Caidos</b>	Ago 29	Ago 29	4d	1d	9d	0
7.1	Avaliar quantidades de alimentar	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
7.2	Proceder encomendas	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
7.3	Preparar equipamento de cozinha (panelas facas, emprate de serviço)	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
7.4	Acondicionar o alimentar	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
8	<b>Planificar bebidas</b>	Ago 29	Ago 29	4d	1d	9d	0
8.1	Encomendar bebidas	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
8.2	Preparar frio	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
8.3	Montar equipamento de bebidas	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
8.4	Preparar Copos/ tigelas etc	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
9	<b>PLANIFICAR ESPECTÁCULOS</b>	Ago 29	Ago 29	7d	1d	9d	0
9.1	<b>Espectáculos de Palco</b>	Ago 29	Ago 29	4d	1d	9d	0
9.1.1	Organizar equipas de comando (DC)	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
9.1.2	Organizar Alinhamento operação	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
9.1.3	Organizar "cicerones" dos performers	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
9.1.4	Reuniões de equipas Técnicas	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
9.2	<b>Espectáculos de RUA</b>	Ago 29	Ago 29	3d	1d	9d	0
9.2.1	Organizar equipas de comando (DC)	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
9.2.2	Organizar estrutura das performances	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
9.2.3	Organizar Guias (personagens)	Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0
10		Ago 29	Ago 29	1d	1d	9d	0

## COZINHA

- Montagem de esgotos
- Montagem do estrado (chão)
- Montagem electricidade (Ver electricidade)
- Montagem da tenda
- Transporte de equipamento
- Montagem de mobília de trabalho
- Mesas
- Bancas
- Fogões
- Montagem de fogões + gás +
- Transporte do alimentar para transformar
- Acondicionar equipamento de serviço (colheres, facas, tábuas, toalhas, farda (Chapéus ??) etc...)

comfy

list

Encomenda

Gratidão

Porco

RESPONSÁVEL:

Beltino / Bruno

CONVOCADOS:

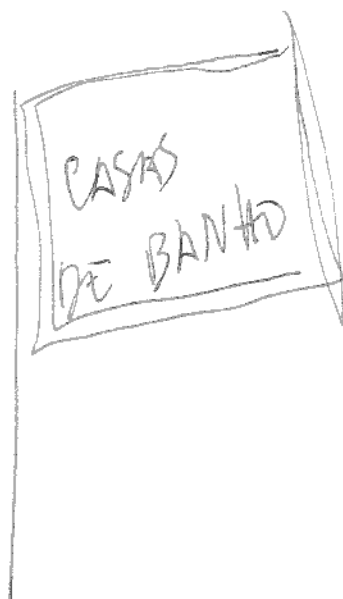
MAPA / LIGAÇÕES

CALENDÁRIO DE TRABALHO



## MONTAGEM DO ESPAÇO ALIMENTAR

- Montagem da tenda ( Srº Humberto )
- Arranjar toalhas de mesa
- Arranjar a mobília
- Transporte da mobília
- Montagem da mobília
- Organização de equipas de recolha
- Montagem de mesas de serviço
- Organização do serviço de lavagem
- "Barraca" de recepção de louças
- Equipamento de trabalho (luvas, cestos, tabuleiros, etc...)
- Organização de percursos
- Organização e montagem de condução do lixo
- Alimentar de turistas.



RESPONSÁVEL: \_\_\_\_\_

*Domingos Pereira*

CONVOCADOS: \_\_\_\_\_

MAPA / LIGAÇÕES

METODOLOGIAS DE TRABALHO:

IMPLANTAÇÃO

DESENHO DA BARRACA

BAR DE RECEPÇÃO DE LOUÇA

## BARRACAS DAS SENHAS

- Desenhar a barraca
- Organizar senhas ( moeda de troca)
- Máquina registadora
- caixas de plásticos para moedas
- Organizar trocos
- Organizar equipa
- Organizar método de trabalho (transição etc...)
- Caixas
- Pregúrios

RESPONSÁVEL: Pereira

CONVOCADOS: \_\_\_\_\_

MAPA / LIGAÇÕES

METODOLOGIAS DE TRABALHO:

IMPLANTAÇÃO

DESENHO DA BARRACA

## BAR PEQUENO

- Montagem da decoração + duplicação do Bm
- Verificação e montagem do chão
- Electricidade (ver electricidade)
- Limpeza da tinta laranja
- Rectificação e Montagem das prateleiras
- Montagem do frio →
- Montagem das máquinas de bebidas
- "Ferramentas de serviço"
- Equipamento de limpeza

RESPONSÁVEL: \_\_\_\_\_

Brumo

CONVOCADOS: \_\_\_\_\_

MAPA / LIGAÇÕES

CALENDÁRIO DE TRABALHO

- Rectificação do Bar
- Montagem de electricidade (ver electricidade)
- Montagem do chão
- Montagem de prateleiras de serviço
- Montagem de equipamento de frio
- Montagem de equipamento de bebidas
- Montagem de mobília de serviço
- Acondicionamento de bebidas
- Equipamento de trabalho (copos, saca roíhas, abre garrafas, tigelas, colheres, espumaadeira)
- Equipamento de limpeza (toalhas, detergentes, luvas, etc...)
- *Plágium de Café*

RESPONSÁVEL: Pedro Coelho  
 CONVOCADOS: \_\_\_\_\_

MAPA / LIGAÇÕES  
 CALENDÁRIO DE TRABALHO

*Mapa de Trabalho*

## ESPAÇOS

<b>ESPECTÁCULOS</b>	<b>TASQUINHAS / TENDAS</b>	<b>ESPAÇOS / CIRCUITOS</b>
Palco Arrecadações Camarins	Aparcamento das Barracas (Cruz → Lavadouro)  Tasquinhas Tendas de comercio tradicional Espaço p/ comer	Verificar estacionamento  Percursos pedestres (definir) Souto → fim de Quintandona

## EQUIPAS / PESSOAL de APOIO

### Antes de começar

#### **ESPECTÁCULOS**

Equipa de Promoção e Divulgação  
Equipa de Produção  
Equipa montagem palcos  
Equipa para montagem  
Equipamento eléctrico

#### **FEIRA**

Equipa de Gestão/ Venda dos  
Lugares  
Equipa para montagem equipamento  
eléctrico  
Equipa montagem espaços comuns  
para refeição  
Equipa de Promoção e Divulgação  
Secretariado de apoio

#### **OUTROS SERVIÇOS /VOLUNTÁRIOS**

Equipa de decoração da Aldeia  
  
Equipa de informação/ negociação  
com os habitantes

### Durante

#### **ESPECTÁCULOS**

Equipa Técnica de LUZ  
Equipa Técnica de SOM

#### **FEIRA**

Polícia para segurança  
Pessoal de Limpeza  
Equipa de Gestão /Produção  
Equipas de Acolhimento

#### **OUTROS SERVIÇOS /VOLUNTÁRIOS**

Guias  
Ajuda na organização e participação  
nas actividades

### Após (desmontagem)

#### **ESPECTÁCULOS**

Equipa montagem palcos  
Equipa para montagem  
equipamento eléctrico

#### **FEIRA**

Pessoal de Limpeza  
Equipa de Gestão /Produção  
Equipas de Agradecimento aos  
habitantes

#### **OUTROS SERVIÇOS /VOLUNTÁRIOS**

Equipas de Limpeza

# ANEXO 4

## Actividade 4 – Feira do caldo

1.º FEIRA DO CALDO DE QUINTANDONA 2007

14/15/16 SETEMBRO

Descrição		Distribuição do orçamento/ percentual	Total €
	CARTAZ	Actividades secundárias	%
SEXTA 14-Set	JANTA de CALDOS	Abertura Oficial	5% 250,00 €
	Banda de música celta		25% 1.250,00 €
		Happening da Companhia	2,5% 125,00 €
SÁBADO 15-Set	CEIA de CALDOS		
	Espectáculo dos comoDEantes + populares		30% 1.500,00 €
		Jogos Tradicionais	5% 250,00 €
DOMINGO 16-Set	ALMOÇO de CALDOS	Happenings Companhia + populares	2,50% 125,00 €
	Espectáculo Supresa		15% 750,00 €
		Grupos Cantares Regionais "Zés Pereiras"	15% 750,00 €
		"Seranzeiros"	
		Soma de control	5.000,00 €
		TOTAL	100% 5.000,00 €



# FOLHA INQUÉRITO CALDO 2009

NOME

Belmiro Barbosa Pereira

ÁREA DE RESPONSABILIDADE: Cozinha (Fornecedores, Confeção e distribuição.

Nº de voluntários agregados: 40

Existem sub-equipas? Se sim, nomeie: 8

Fornecedores, confeção de Sobremesas, Confeção Cozinhados, Assados e Grelhados, Confeção de Caldos e papas, preparações e distribuição, recepção e fornecimento de refeições aos participantes. Transportes das refeições

Descreva as tarefas, que realizou nos **preparativos** do evento:

Tarefa	Duração (aprox)	Responsabilidade	Nº pessoas envolvidas	Apoio (s)   Patrocínios	
				descrição	€ apoio (aprox)
Convidar colaboradores, reunir e definir tarefas	10 horas	Belmiro Barbosa	40		
Fornecedores	20 horas	Bemiro, Luis Bruno, Ines Silva, Jorge, José Carlos.	5		
Sobremesas	25 horas	Jorge	12		
Cozinhados	30 horas	Vitorino, Maria José, Maria Gazalha, Fatima de Jesus	12		
Grelhados, Assados	35 hors	Antonio Rodrigues, Joaquin Bessa, André Alves	10		
Caldos, papas e Feijoada.	20	Clara Ferreira, Isabel Fonseca, Leontin, Vitorino,	6		
Recepção e fornecimentos de refeições aos participantes	15	Paulo Filipe, Nuno Ricardo	5		
Transportes de Refeições	5	Alexandra Isable, Lettitca	5		

**Nota:** se necessitar de mais espaço para escrever, utilize o verso da página ou um papel em branco, enumerando a continuação.







**g)** Enumere ou descreva críticas, ideias ou propostas do público/visitantes/ colaboradores:

As proposta que me foram chegado é que deveríamos continuar com este evento, melhorando nos aspectos que atrás referi.

CASA DO XINÉ - CENTRO CULTURAL				
DIA 18				
HORA (actuação)	ESPECTÁCULO	DURAÇÃO	HORA (check sound)	TEMPO PREPARAÇÃO
20h45	Projectão documentários (vídeo)	2H	>>>>>>	
23h	Free music quartet (música)	50m	22h às 23h	
DIA 19				
15H30	Projectão documentários (vídeo)	2H	>>>>>>	
19H30	Free music quartet (música)	50m	19h30 às 20h30	
20H30	Caldo de Histórias (contos)	30m	>>>>>>	
DIA 20				
	Projectão documentários (vídeo)	2H	>>>>>>	
PALCO GRANDE				
DIA 18				
HORA (actuação)	ESPECTÁCULO	DURAÇÃO	HORA (check sound)	TEMPO PREPARAÇÃO
21h30	Banda de Lagares	1h15m	>>>>>>	
23h30	Lúmen	1h15m	18h às 19h	
DIA 19				
22h	Galandum Galundaina	1h15m	17h às 18h	
24h	Pé na terra	1h30m	18h às 19h	
DIA 20				
12h	Recepção às entidades	50m	>>>>>>	
12h50	Folclore Galego	45m	>>>>>>	
13h30	Rancho Folclore Sobreira	45m	>>>>>>	
15h	Alafum	1h15	14h15 às 15h15	
18h	Free Music Quartet	40m	17h às 18h	
20h	Supermetais	60m	19h às 20h	
CASA DA VIÚVA				
DIA 18				
HORA (actuação)	ESPECTÁCULO	DURAÇÃO	HORA (check sound)	TEMPO PREPARAÇÃO
22H	Bailenda (música)	50m	19h30 às 20h30	
DIA 19				
21h	Deu Lá Deu (música)	50m	18h30 às 19h30	
22h30	Uxte! (música)	60m	15 às 16h	
23h30	Velha Gaiteira (música)	30m	19h30 às 20h30	
DIA 20				
15h	Uxte!	50m	14h às 15h	
18h30	Deu Lá Deu (música)	50m	17h30 às 18h30	
CASA D'ALDEIA				
DIA 18				
HORA (actuação)	ESPECTÁCULO	DURAÇÃO	HORA (check sound)	TEMPO PREPARAÇÃO
21h	Comédia de uma noite de verão	1h10	>>>>>>	
23h30	Eu voo p'América	1h10	>>>>>>	
DIA 19				
15h	Realização de máscaras	2H	>>>>>>	
19H30	Eu voo p'América	1h10	>>>>>>	
20h45	Comédia de uma noite de verão	1h10	>>>>>>	
CAMPO DAS SILVAS				
DIA 18				
HORA (actuação)	ESPECTÁCULO	DURAÇÃO	HORA (check sound)	TEMPO PREPARAÇÃO
21H30	Contos terríficos	2x10m	>>>>>>	
DIA 19				
21h15	Contos terríficos	2x10m	>>>>>>	
22h30	Contos ao fogo	2x15m	>>>>>>	
DIA 20				
18h	Contos ao fogo	2x15m	>>>>>>	
19h	Contos terríficos	2x10m	>>>>>>	

## TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu abaixo assinado, Paulo Leonel Lima Ribeiro de Carvalho, morador na Rua Serpa Pinto, N.º111, 2.ºE, freguesia de Castelões de Cepeda concelho de Paredes, Engenheiro Electrotécnico, Cédula Profissional n.º 39902 da Ordem dos Engenheiros, portador de Bilhete de Identidade n.º 10172079, emitido pelo arquivo de identificação do Porto em 31/05/2005, contribuinte n.º 204800080, Inscrição N.º 41382 como Técnico Responsável por instalações eléctricas particulares da Direcção Regional do Norte, declaro para efeitos do disposto no n.º 1 do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de Dezembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 177/2001 de 4 de Junho, que tomo toda a responsabilidade pela exploração da instalação eléctrica da ligação eventual situada no Lugar de Quintandona, freguesia de Lagares, Conselho de Penafiel cujas características principais dessa instalação são de potência 34,7 kVa (trifásica) para o Sr. Pedro António Ferraz da Rocha Soares residente no Lugar de Quintandona, freguesia de Lagares, Conselho de Penafiel encontrando-se dentro das normas regulamentares em vigor.

Porto, 10 de Agosto de 2007



## **Anexo 8**

### ***Relatórios de contas***

dos anos em que participei (documentos originais entregues à avaliação final)

# Conta Corrente da Festa do Caldo de Quintandona

15/16 de Setembro de 2007

## Despesas

Cerveja, Refrigerantes, Copos, Gás	€	1.863,00
Louça (3322 Peças)	€	3.000,00
Pão (2100 Pães)	€	130,20
Carne (752 kg)	€	2.238,00
Vinho Branco (30 Garrações)	€	105,00
Vinho Branco (204 Garrafas)	€	510,00
Carvão (200KG)	€	105,00
Despesas na MAKRO Diversos	€	552,92
Despesas diversas particulares	€	345,57
Despesas com acessórios, tubos, gás	€	230,00
Café	€	96,75
Aventais	€	600,00
Gasóleo	€	20,00

Sub-Total consumíveis € 9.796,44

Saldo Positivo € 2.954,06

## Receitas

Caixa dia 15	€	4.805,00
Caixa dia 16	€	6.688,00
Aventais	€	279,00
Receitas do artesanato (barracas)	€	378,50
Patrocínios	€	600,00

Receita Total € 12.750,50

## Conta Corrente da Festa da Música

22 de Setembro 2007

Cerveja, Refrigerantes, copos, gás	€	932,00
Vinho garrafa (60 garrafas)	€	150,00
Garrações de Vinho Branco (10 garrações)	€	30,00
Pães (2000)	€	120,00
Carne (240 kg)	€	634,34
Carvão (60 kg)	€	31,50
EDP	€	116,84
Diversos Particulares	€	51,50
Gasóleo	€	20,00

Despesa Total € 2.086,18

Receita Total € 2.523,50

Saldo Positivo € 437,32

### Outras despesas

Milho pago ao caseiro pelo campo (80 Rasas)	€	240,00
Palanque sobre o tanque	€	1.930,00
Despesas com os quartos de banho, bares e toda a infra-estrutura para a festa 50%	€	1.220,00

Total Despesas € 3.390,00

Total receitas dos 3 dias € 15.274,00

Total despesas dos 3 dias € 15.272,62

## Ofertas

Batata	150 Kg
Repolho	80 Kg
Cenoura	25 Kg
Vinho Tinto	25 Garrações
Broa para os dias 15 e 16	150 Kg
Broa para o dia 22	50 Kg

Couves

Nabos

Várias despesas das pessoas que não apresentaram

Centro Social

Carrinhas, Gás, Batata, Cenoura, Temperos

Grupos que actuaram na festa :

Orangotang

Rancho Folclórico de Abragão

Banda Musical e Recreativa de Lagares

Zés Pereiras de São Julião

Grupo de Cantares "Nem sempre nem nunca"

Mário Leal e Vera Alvarenga

Grupo de Metais de Lagares

Grupo de Teatro como DE antes

Pé na Terra

Velha Gaiteira

Gaiteiros da Ponte Velha

Miscaros

Academia Trá- lá- lá

As2as

Gaiteirus

Tendas	€	2.500,00
São	€	480,00
Publicidade	€	1.004,00
Senhas Oferecidas 1500 Senhas	€	1.500,00

Refeições Entidades e grupos de sábado 100

Mais de 1360 horas de trabalho

5 euros hora € 6.800,00

Total € 12.284,00

*125 € de senhas  
Adicionam este  
valor às contas*

## Festa do Caldo de Quintandona 2008

<b>Despesas</b>	<b>Valor</b>
<b>Confecção/Serventia</b> .Produtos alimentares .Bebidas .Louça	10202,60€
<b>Espectáculos</b> . Grupos musicais	4264,20€
<b>Publicidade/Marketing</b> . Panfletos/Cartazes . Brindes	3477,30€
<b>Manutenção/Segurança/Gestão do Espaço</b> .Som .Gerador . Electricidade	2006,36€
<b>Total</b>	<b>19950,46€</b>

<b>Receita – Saldo</b>	<b>Valor</b>
<b>Patrocínios</b>	6045€
<b>Receita de Caixa</b>	17112€
<b>Total</b>	<b>23157€</b>
<b>Despesa total</b>	<b>19950,46€</b>
<b>Saldo</b>	<b>23157 – 19950,46= 3206,54€</b>

## Festa do Caldo de Quintandona 2008

<b>Despesas</b>	<b>Valor</b>
<b>Confecção/Serventia</b> . Produtos alimentares . Bebidas . Louça	10202,60€
<b>Espectáculos</b> . Grupos musicais	4264,20€
<b>Publicidade/Marketing</b> . Panfletos/Cartazes . Brindes	3477,30€
<b>Manutenção/Segurança/Gestão do Espaço</b> . Som . Gerador . Electricidade	2006,36€
<b>Total</b>	<b>19950,46€</b>

<b>Receita – Saldo</b>	<b>Valor</b>
<b>Patrocínios</b>	6045€
<b>Receita de Caixa</b>	17112€
<b>Total</b>	<b>23157€</b>
<b>Despesa total</b>	<b>19950,46€</b>
<b>Saldo</b>	<b>23157 – 19950,46= 3206,54€</b>

## FESTA DO CALDO 2009

### DESPEZAS

### ESPECTÁCULOS

Licença SPA	43,20 €
Licença de ruído Câmara	6,48 €
lumen	750,00 €
Galandum Galundaia	2.000,00 €
Velha Gaiteira	200,00 €
Fogo Nos Cabeçudos	250,00 €
Penaterra	1.000,00 €
Uxte	200,00 €
Deu-Lá-Deu	200,00 €
Caldo de Contos	50,00 €
Alafum	400,00 €
Empresa de Som	3.600,00 €
Gerador	250,00 €

Total

8.949,68 €

### DESPEZAS DE CONFEÇÃO

Ortaliças	247,00 €
Diversos Pingo Doce	106,10 €
Diversos Makro	901,96 €
Diversos Makro	963,89 €
Bebidas	4.885,06 €
Pão +broa do padeiro	366,00 €
Vinho da Gasalha	1.690,08 €
Vinho de P. de Sousa (Quinta das Gordas)	315,00 €
Gás (pagas só 5 garrafas)	77,50 €
Talho S <sup>a</sup> do Encontro	1.681,29 €
Talho de Ordins	595,00 €
Talho da Avenida	480,00 €
Talho o Lavrador	867,00 €
Talho de Galegos	455,00 €
S <sup>o</sup> Henrique 15kl de feijão	15,00 €
Diversos Dinis e Moreira	327,06 €

Total

13.972,94 €

### Outras Despesas

Rádio Clube de Penafiel	140,40 €
E.D.P.	141,37 €
Limpezas de parques e recinto	940,00 € ( mais trator 4? )
Dormidas Fonte Arcada	60,00 €
Louças	4.715,00 €
Brindes	2.373,26 €
Almoços Ponto D <sup>o</sup> Encontro	153,30 €
Gráfica	3.399,12 €
Carlos Janeiro (motor de ilha frig.)	25,00 €
Drogaria Elizio diversos	520,00 €
Electro Cruzeiro (Arnaldo) diversos	170,00 €
Rádios (Renato)	183,39 €
Teresa Pereira diversos	42,00 €

Total

12.862,84 €



## FESTA DO CALDO 2009

RECEITAS DE CAIXA	31.963,71 €
PATROCINIOS	4.261,00 €

TOTAL DE RECEITAS	36.224,71 €
-------------------	-------------

DESPEZAS ESPECTÁCULOS	8.949,68 €
DESPEZAS CONFEÇÃO	13.972,94 €
DESPEZAS DIVERSAS	12.862,84 €

TOTAL DE DESPEZAS	35.785,46 €
-------------------	-------------

36.224,71 €
35.785,46 €
439,25 €

Makro Diversos  
Makro Diversos  
Mariza Diversos

487,09€  
677,26 €  
17,03€  
1.181,38 €

439,25 €  
1.181,38 €

#NOME?

*Radio*

*913,14 €*

*— 1.655,27 €*



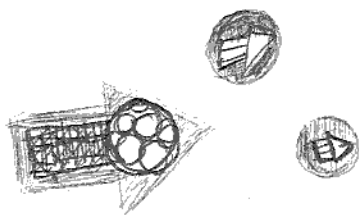
## Festa do Caldo e da Música Tradicional de Quintandona 2010

### Caixa

Dia	Dinheiro
17/09/2009 (Sexta)	7810 €
18/09/2009 (Sábado)	19480 €
19/09/2009 (Domingo)	19440 € + (249.35 + 32,05€) Moedas
Feira	575 €
<b>Total=</b>	47586,40€ - 3500 € (Trocós) <u>= 44086,40 €</u>
Patrocínios	2780€
<b>Total=</b>	<u>44086,40 € + 2780 € = 46886,40€</u>
<b>Despesa</b>	<u>38166,38 €</u>
<b>Saldo =</b>	46886,40€ - 38166,38 € <u>= 8700 €</u> 4.000 → 6500€

4.000  
Tendas + Palcos + Coretos

1000 €



V-H-010 Galdo 2010

oferta

Talho Arejada	15,27	1400,00	✓
Talho St. Anthonio	1000 + 1000 Formosa + 1000	2042,53	✓
Talho Costa Rica	25 kg Bifancas	554,91	✓
Eleitos Cruzado	100,00 desconto compra	634,07	✓
Diaparin Elipistello	6500 desconto	7000	✓
Vinho Tinto Rta Gordas		666,00	✓
Vinho Garaffa 70 cl		1174,60	✓ (Lud- 2.806)
Vinho Branco 32 gr.		160,00	✓ 56
Ortalicas Ruim		300,00	✓
Louças	valor do IVA	2480,00	✓
Bebidas Louso Lopes	25% em Produto	4361,74	✓
Bebidas Valongo		2045,30	✓
E.D.P.		184,69	✓
Sup. Gino Desvendas		950,05	✓
Pingo DALL Diversos		19,68	✓
Makro Diversos		895,82	✓
Pão / Brioche (incl.)	Pago 40-50%	537,95	✓
Frutas Sup. Redes		124,93	✓
Gás		<del>254,80</del> 309,40	✓ *
Induteis	+1900 equip. + serviços	500,00	✓
Talho Gallegos	oferta +/- 50%	787,07	✓
Imvelgar		2480,50	✓
Nal Brindes		919,82	✓
Pulseiras		2662,00	✓
Bandeirinhas		60,00	✓
Almôças de lã		492,25	✓
Loetas	1645,607 junta	—	
Delta	valor de oferta?	—	

~~259.000~~ = 26112,91

Espectáculos

(219?) P9u<sup>2</sup>  
10014,22

Antônio Elizir	+ 10,00 tiragem	250,50	✓
Arrelias Lâmina		118,45	✓
Calorífico Luz	2522,80		
Simples Parque Hotel	762,50		
Rejane jornal	181,50		
Guarde de Noite		150,00	
Dimis e Norline		475,03	✓
Batatas		298,92	✓
Bruno diversos		31,55	✓
Dormidas Fonte Almeida		360,00	✓
Bolsas Plásticas P. Cartões		96,00	✓
Cartão Coalter		72,80	
Aguardente Alma Lit.		180,00	✓
			2
		28.152,16	

## **Anexo 9**

***Documento de análise, avaliação e proposta de reformulação das práticas e metodologias do evento***

# FESTA DO CALDO DE QUINTANDONA

“Mais vale uma má organização do que uma suposta...” Daniel Ionazzi «*Stage manager*»





# Índice

1>Introdução.....	3
2>Definição do evento.....	3
2.1> Missão.....	4
2.2> Propósito do evento.....	4
2.3> Visão estratégica.....	4
3>Análise SWOT.....	5
3.1> Análise interna.....	5
3.1.1> Pontos Fortes.....	5
3.1.2> Pontos fracos.....	5
3.2> Análise Externa.....	6
3.2.1> Oportunidades.....	6
3.2.2> Ameaças.....	6
4> Propostas de mudança: ESTRATÉGIA.....	7
4.1> Organização e atribuição.....	7
4.1.1> Produtos/serviços »»» Tarefas envolvidas (divisão estrutural).....	7
4.1.2>Descritores de funções e cargos.....	11
4.1.3>Mapeamento do organograma.....	13
4.3> Agenda de preparação e estruturação.....	14
4.4> Previsão Orçamental.....	15
5> Conclusão.....	15
Bibliografia.....	15
Anexo 1.....	16
Anexo 2.....	17

## 1>Introdução

A Festa do Caldo é hoje um festival já absolutamente referenciado e com uma imagem de qualidade afirmada. Depois das quatro últimas edições do evento, compreendemos que a “receita” está certa e é chegado o momento de a oficializar estrutural e documentalmente. Daí esta proposta, que pretende ser um método de aperfeiçoar, garantir e simplificar formas de agir e dar um norte a todas as equipas e intervenientes que participam neste evento.

O sucesso e a comprovada eficácia trouxeram outro tipo de resistências individuais. Este é um aspecto a ultrapassar. Há, ainda, uma indefinição a longo prazo bem como falta alinhar agulhas no que concerne à perspectiva colectiva do evento.

Sabemos que as quatro estruturas que organizam e contribuem para o evento têm objectivos diferentes, mas estão, declaradamente, interessadas no sucesso do mesmo. No entanto, alguns desses objectivos não são concordantes, os quais penso estarem a criar fragilidades ao mesmo e, por isso, devem ser limados.

O espaço, que acolheu o evento é sem dúvida o melhor. Porém, não podemos ignorar a área envolvente, quem lá vive, quais as condições sócio culturais , que percepção têm do evento e do que é a cultura, os eventos culturais, as divisões territoriais, as condições político-sociais, etc. Portanto, devemo-nos questionar acerca dos diferentes “Ses” e que decisão devemos tomar, como a tomamos e baseados em que princípios.

Apesar da pujança que o evento tomou, a um “olho clínico” e treinado este, neste momento, está muitíssimo frágil. Está num limiar que merece todo o cuidado e cautela. Se por um lado considero que a atracção fundamental é a sua programação artística, por outro os serviços prestados têm de ser rigorosos, práticos, rápidos e funcionais. Portanto, o desafio, agora, é: toda a gente que está envolvida deve saber o que fazer, quando fazer e porque o faz. Deve estar satisfeita com o que faz e sentir que está a acrescentar valor ao evento e, fundamentalmente, sentir que tem voz activa, uma vez que será essa voz a melhor do *marketing* e publicidade.

## 2>Definição do evento

Antes de mais devemos compreender aquilo que oferecemos (vendemos), que tipo de produto, que formato e de que forma o entregamos ao público (cliente).

Se por um lado oferecemos um tipo de refeição especial, que aliás dá o nome ao evento, ou seja, o caldo, por outro lado, há que questionar o que é que atrai os clientes ao evento.

É importante compreender que temos dois tipos de produtos: os tangíveis e os intangíveis.

Tangíveis, aquilo que podemos ter, que é palpável. Sendo que há dois tipos: de consumo imediato e

de durabilidade considerável. Ou seja, classificando mais claramente, o consumo imediato são: as refeições e bebidas, doçaria, etc. e de durabilidade considerável, os materiais vendidos no artesanato, as louças de refeição, fotos e materiais de *merchandizing*.

Como produtos intangíveis temos dois tipos: os serviços e os serviços emocionais. Ou seja, informação, serviços de limpeza, segurança e wc, acessos ao evento, multibanco, etc. Os serviços emocionais têm a ver com o desfrutar do património, ou seja, contemplação do espaço preservado, das decorações e ambiências proporcionadas, eventualmente exposições e por fim a contemplação da cultura performativa, ou seja, os espectáculos de música, teatro, dança, etc. Portanto, quanto mais concordantes forem estes factores melhor resposta emocional teremos do cliente (público) e conceptualmente melhor se tornará o evento. E é aqui, e desta forma, que temos de olhar a estruturação e o foco de todos os objectivos do evento e desses devem declinar os objectivos individuais de cada um que participa no evento. Assim, devemos nomear e concretizar o nosso pensamento em termos tangíveis.

## **2.1> Missão**

Devemos acordar qual é a missão do evento. Ou seja, aquilo que pensamos ser, a longo prazo, a classificação e objectivo que deverá ser incontornável.

Para mim, penso que o evento é em si uma associação de preservação cultural, como proporcionador de apropriação da cultura tradicional portuguesa nas suas várias formas performativas, mas também expressivas e património registado, e não registado memória oral das populações. E da-la a conhecer a um público que se identifique com ela e lhe reconheça a sua memória representativa.

Fazer compreender ao público o valor da cultura e o que ela representa, o que ela regista e o que ela molda e proporciona.

## **2.2> Propósito do evento**

O propósito do evento deve ser dar voz e/ou palco a essa recuperação cultural, tal qual como foi feito com a aldeia e patrocinar/promover essa recuperação de excelência e qualidade, divulgar as novas interpretações deste património performativo, que até há pouco tempo era quase totalmente oral, e associa-lo ao património edificado numa simbiose completa, servindo de exemplo e até apoio a outras iniciativas do género. **Ou seja, a programação do evento e orientação dos programadores do mesmo.**

## **2.3> Visão estratégica**

Desenhar uma visão estratégica para um evento deste género, que vive fundamentalmente do

voluntariado, com o posicionamento sociológico do nosso tempo é tarefa arriscada. Sabemos que a solidariedade social é um valor em decadência, infelizmente.

Podemos tomar como propósito, também, essa missão. Orientando acções de sensibilização e (in)formação cuidada neste sentido.

Vislumbro a um ano:

- o aumento da receita;
- uma resposta mais capaz na resposta na área da alimentação;
- o aumento de melhores propostas de programação, no sentido de com o festival divulgar o seu trabalho.

A dois três anos:

- o aumento do orçamento de programação;
- visibilidade nacional ao evento;
- aumento do equipamento técnico-artístico, para o evento e para o projecto Quintandona;
- aumento do equipamento de produção alimentar. Ou seja, mais recursos técnicos.

E a dez anos:

- infraestruturas de resposta cabal a serviços e necessidades com boa qualidade.
- alargar o espaço à floresta, onde poderá ter espaços e passeios temáticos, parques de campismo, caminhos decorados com “escultura interpretativa” desta mesma temática, como exemplo de propostas de desenvolvimento;
- mais espaços de produção e apresentação artística, nomeadamente ao ar livre, de fácil utilização e rápida montagem;
- infraestruturas de alimentação eléctrica bem distribuídas e fixas.
- Pequenas colaborações internacionais, que proporcione aos agentes e envolvidos perspectivas mais amplas.

### **3>Análise SWOT**

De uma forma analítica, devemos pensar ou repensar quais as mais valias e quais os problemas do evento, de forma a agirmos e reagirmos de uma maneira focada e estratégica, ou seja, só conhecendo os nossos pontos fortes e fracos é que podemos operar a mudança. Esta exige uma boa dose de

auto-censura e frieza emocional, para que se consiga ser objectivo, por outro lado também uma boa capacidade de se abalizar.

### **3.1> *Análise interna***

#### **3.1.1> Pontos Fortes**

- A beleza da aldeia histórica é fundamental para o evento;
- Os espaços dos quinteiros são naturais “Corrales” da idade do ouro do teatro Espanhol (Degaine, 2000), proporcionando um isolamento acústico e funcional propício para o acontecimento de vários espectáculos ao mesmo tempo.
- O espaço cultural Casa do Xiné;
- A disponibilidade e cooperação dos habitantes locais é fantástica, bem como a comunidade envolvente, nomeadamente a da freguesia de Lagares que colabora voluntariamente, mas também de freguesias contíguas;
- As competências técnico-artísticas profissionais de alguns elementos de gestão e programação do evento, assim como a sua proximidade ao meio profissional de produção artística que proporciona melhores programas com piores orçamentos;
- Gratuidade e dedicação no seu envolvimento;
- Envolvimento das entidades oficiais na organização e promoção do evento, nomeadamente a Junta de Freguesia, Câmara Municipal, Pelouro do Turismo e outras associações, a saber a Associação p/ Desenvolvimento de Lagares;
- Envolvimento pessoal e dedicado dos presidentes e vereador;
- Envolvimento e disponibilidade de várias associações das freguesias próximas, prestando e facultando diversos serviços.

#### **3.1.2> Pontos fracos**

Os pontos fracos não são evidentes e com certeza deveriam ser constantemente reavaliados. Considero como pontos fracos, os seguintes:

- a falta de uma metodologia organizativa e a sua necessária promoção são uma das falhas fundamentais;
- a qualidade de alguns serviços, nomeadamente WC, limpeza e segurança têm sido de pouca qualidade, poucos e por vezes ineficazes;
- os serviços proporcionados aos campistas e o próprio campismo também não tem sido de boa qualidade;

- a informação do *web site* e a sua interactividade está sub-aproveitada, bem como a frequência de actualização;
- o lançamento da programação é tardia e não respeita qualquer método ou conceito, mais fundamentalmente o mote que serviu à criação do evento;
- dificuldades de programação, insegurança e falta de regras;
- a não candidatura a programas de apoio;
- regulamentação, normalização e criação de uma entidade pública, ou então, e neste caso mais apropriado, assumir da Associação Comodeantes grupo de teatro, uma vez que é a única com carácter e desígnio para a promoção de espectáculos na sua génese.
- sinalização informativa no recinto;
- dificuldade em “fechar” o recinto;
- licenciamentos, seguros, autorizações, etc...;
- as regras e “alugueres” da feira são baixos e permitem concorrência ao próprio evento;
- a falta de alojamento próximo e transportes públicos (por exemplo da estação Recarei-Sobreira) para o evento e eventualmente para o alojamento, pode ser um factor de desinteresse;
- calendários apertados para execução de tarefas de preparação;
- falta de disponibilidade dos voluntários de horários e **imaterial**; consecutiva diminuição da equipa de voluntários;
- despesas de preparação e falta de método na sua organização;
- a má gestão nas compras. Não são feitos pedidos de orçamentação e de propostas a vários fornecedores, também são feitas à ultima hora em fornecedores preferenciais;
- falta de um funcionário a tempo inteiro ou com um horário e respectivo escritório;
- o evento está colocado no final do verão, portanto o frio e a chuva são mais prováveis.
- acesso do público à informação específica.

## **3.2> *Análise Externa***

### **3.2.1> Oportunidades**

- Este evento em quatro anos alcançou uma visibilidade considerável, pelo que o aumento de público focado neste tipo de eventos é notória.
- A imagem de marca associada a um ambiente de partilha e felicidade é um dos factores

de motivação.

- A diferenciação e qualidade dos produtos/ serviços tangíveis e intangíveis é notável e admirada pelos visitantes.
- Os pontos de decoração e as “oportunidades” fotográficas fazem de cartão postal ao evento.
- Data do evento no final da temporada proporciona melhores preços de *cachet*.
- Criação de um método/ bolsa de convite de programadores, no sentido de criar desejo de candidatura ao festival alojando-os a baixo custo.

### **3.2.2> Ameaças**

É absolutamente importante que sejamos práticos e humildes nesta análise, já que temos de identificar as possibilidades ou hipóteses de fragilidade, que aliás penso serem circunstanciais e muitas, a saber:

- estamos um pouco expostos à questão abordada pelo conto “ *O velho, o menino e o burro*” (cada um sua sentença e nós sujeitos a essa opinião);
- as críticas sagazes, que na sua maioria são injustas por parte da população, criam brechas entre nós e não as assumindo reagimos como tal. Por vezes, isto tem a ver com a acessibilidade à informação proposta (Projecto de Quintandona), projectos e resultados da comunidade e mesmo de elementos mais próximos;
- exposição a “opiniões”, provocações e críticas são obviamente desestruturantes;
- percepção do bem intangível e o dever de o pagar, bem como a compreensão de um bem cultural;
- preconceitos em relação às metodologias de acessos;
- a entropia administrativa (resistência à organização documental);
- falta de visão, rivalidade administrativa e falta de confiança destroem o projecto e limitam o campo de acção das propostas de melhoramento;
- prepotência política e desconhecimento total de políticas culturais;
- financiamento incerto e parco.

## **4> Propostas de mudança: ESTRATÉGIA**

Para definirmos uma estratégia, antes de mais temos de conhecer, compreender e respeitar a máxima



de Sun Tsu, general chinês de 500 a.c.: “Concentre-se nos pontos fortes, reconheça as fraquezas, agarre as oportunidades e proteja-se contra as ameaças ”(A Arte da Guerra - Sun Tzu) Esta tem sido o mote, modelo e inspiração para os novos método de abordagem e organização de empresas e tem sido utilizada desde a bolsa de Nova Iorque até ao afamado técnico de futebol português, José Mourinho.

Uma ameaça, portanto um factor externo que pode vir a afectar o funcionamento da empresa, não é necessariamente uma má notícia. De facto, ele pode provocar o aparecimento de um novo ponto forte na empresa. Para isso, os gestores devem perceber como este novo facto (como por exemplo, imposições legais mais restritivas sobre os produtos vendidos pela empresa) pode ser explorado pela empresa, de modo a retirar um benefício real. Por exemplo, as divergências dentro do evento provocou este documento, consequentemente novas regras e formas de trabalhar. Desta maneira, responsabilizando o grupo e, individualmente, atribuindo-lhe funções claras, criando metas a atingir. Paralelamente, esquematiza, em agenda, a progressão dos trabalhos que nos proporciona a visualização de evolução dos trabalhos e consequentes atrasos.

Assim sendo, proponho que a partir dos serviços/produtos, que proporcionamos, se crie o método de organização.

## **4.1> Organização e atribuição**

### **4.1.1> Produtos/serviços »»» Tarefas envolvidas (divisão estrutural)**

Proponho uma divisão estrutural a partir da percepção do produto pelo cliente:

#### Intangíveis

**Para os espectáculos (programa) é necessário:**

- Criar um conceito (tema) que oriente a filosofia de programação, no seguimento do mote que originou o evento, projectos e programas participativos, palestras de políticas culturais, etc.
- Reuniões de propostas de programação;
- Criar um regulamento de funcionamento (onde se reserva ao festival direitos de questionar e eventualmente de defesa nos acontecimentos do evento);
- Conceber uma equipa de gestão de programação e normas de acção:
  - Agenda com datas-limite
  - Recursos de escritório envolvidos
  - Normalizar documentação;

- Conceber um inventário de necessidades dos diferentes espaços (palcos) com potencialidades, e antever potenciais “palcos”;
- Avaliar as necessidades técnico-artísticas e questões de segurança dos espaços;
- Criar um panorama global do evento e intervir nos momentos “desocupados” ou mortos;
- Criar um documento com descritores de funções e datas-limite;
- Conceber uma equipa de acolhimento constituída por várias valências, que proporcione informação privilegiada ao visitante, bem como visitantes especializados e convidados: por exemplo, jornalistas *performers*, “*opinion makers*”, etc;
- Mapear o evento convenientemente, em software e documentalmente, alocando responsáveis técnicos, artísticos, acolhimento, etc., com horários, normas, obrigações e direitos, responsabilidades e transferência das mesmas;
- Mapear pessoal indirectamente relacionado, nomeadamente alojamento das equipas convidadas, serviços envolvidos (fornecedores, equipas técnicas de aluguer de equipamento, etc), distribuir tarefas e responsáveis internos;
- Conceber planos de montagem, deslocação em evento e desmontagem, acessibilidades e credenciais de acesso aos espaços e equipas.

#### **Serviços**

- **ACESSO AO RECINTO**
  - conceber metodologias e locais de venda, controle e verificação;
  - conceptualizar o formato de entrega do produto (que valor acrescentado adiciona o passe de entrada, eventualmente a diferenciação);
- **POSTO DE INFORMAÇÃO**
  - criar equipa;
  - criar guião de informação e agendar formação de informadores;
  - mapear zonas de intervenção, horário e foco de acção;
  - Criar “uniforme” indubitável e esclarecedor;
- **SEGURANÇA**
  - Criar um método e uma equipa à entrada do evento
  - Redefinir a segurança nos parques de estacionamento e a sinalética no “piso” para uma boa ocupação

- Definir rede de comunicações e hierarquizar fluxo de informação
- Verificar plano de emergência e estruturar funções e informar (formar) equipa do evento
- Criar um regulamento e credenciais de acesso evidentes, criar um método de censura, publicitar à entrada.
- Criar um plano de acção em emergência de acidente, revolta e desentendimento.
- LIMPEZA
  - Criar uma equipa
  - Arranjar equipamento e materiais de recolha e limpeza
  - Criar uma horário e agenda do serviço (antes, durante, após) e monitorizar os “spots” de sobrecarga e refazer agenda de recolha. Criar metodologias de recolha.
- CASAS de BANHO
  - Criar uma equipa de verificação, reposição e limpeza do(s) espaço(s).
  - Criar mais espaços noutros outros locais do recinto.
  - Sinalizar o(s) espaço(s).
  - Conceptualizar a sua decoração e sinalização.
  - Monitorizar necessidade e criar agenda de recolha e reposição.
- ESTACIONAMENTO
  - Criar melhor iluminação de percursos até ao recinto
  - Conceber uma forma de sinalizar no “piso” a forma de estacionamento
  - Aprender e tentar imitar grandes espaços de estacionamento (supermercados e centros comerciais), nomeadamente classificar e nomear os espaços para mais fácil identificação e acção em apoio.
  - Criar um serviço de transporte público alternativo à viatura pessoal, de acesso fácil e identificado (criação de percursos e horários ajustados entre transportes, publicitação).
- SINALIZAÇÃO
  - Fora do recinto
    - Conceber placas mais visíveis para diferentes horários (diurno e nocturno)

- Normalizar e conceptualizar a informação
- Definir uma equipa e agenda de colocação bem como verificar autorizações legais.
- Mapear os locais fundamentais e estratégicos
- Sinalizar serviços de transporte público e as diferentes estações/paragens com a convivência do operador.
- Dentro do recinto
  - Sinalizar os diferentes produto-serviço
  - sinalizar e esclarecer os percursos (alimentação, espectáculos, etc)
  - actualizar as informações e nomear responsável(eis) de actualização
  - criar uma sinalética simbólica e intuitiva (signos caracterizadores)

### Tangíveis

- Alimentação recinto
  - Reavaliar a planta de implantação dos diferentes espaços, forma, relação, troca entre eles (matéria prima e tarefas) e acessibilidade dos mesmos.
  - Criar mais espaços de refeição “não sentado”
  - Criar percursos de acesso aos produtos
  - Criar metodologias/ práticas do cliente esclarecedoras e práticas.
  - Redefinir núcleos de equipas por serviço prestado (tarefas)
    - cozinha
    - serventia
    - recolha e reposição, etc.
  - Mapear, agendar e publicar mapas de pessoal (recursos humanos)
  - criar menu e projectar cálculos de quantidades e um inventário de matéria prima actualizável a cada evento.
  - Criar uma equipa de orçamentação, avaliação e compras.
  - Criar agendas de produção e fornecimento de produtos hortícolas.
  - Criar informações de menu e responsabilizar pela sua actualização
  - Criar um método de observação e estudo de preferências de público, e estudo de

menu.

- Bebidas recinto
  - Criar uma equipa de atendimento
  - Criar formato de reposição e anotação
  - criar menu e projectar cálculos de quantidades e um inventário de matéria prima actualizável a cada evento.
  - criar uma metodologia de atendimento cobrança
  - criar um método de avaliação de ganhos por produto.
- Alimentação fora recinto
  - Criar ementas alternativas e de resposta rápida
  - criar infraestruturas capazes de resposta
  - inventariar pedidos/sugestões (método de registo)
- Bebidas fora do recinto
  - Avaliar locais e necessidades
  - Avaliar espaço de stock
  - metodologia de reposição, horários, stock, transporte mercadoria, etc.
- Merchandising e lembranças
  - Conceptualizar e desenhar os objectos de *merchandising*
  - Diversificar, qualificar e diferenciar de evento para evento, eventualmente proporcionar coleccionismo.
  - Criar/ conceber um “uniforme” para as equipas (devolutivo), criar sistema de gratificação por objectivos.
- Feira de Artesanato
  - Reactualizar regulamento, divulga-lo pelos expositores-feirantes artesãos.
  - Criar uma diferenciação positiva para os expositores.
  - Reorganizar o espaço e a decoração. Conceptualizar o espaço, sua decoração e o tema
  - Criar infraestruturas amovíveis de prestação de serviços, nomeadamente água, electricidade, capacidade de fecho e segurança.

- Criar horário de acesso ao recinto da feira por viaturas, metodologias, parque estacionamento privilegiado, ferramentas de transporte de mercadorias, etc.
- Controlar funcionamento, criar metodologia de censura, e criar responsável de verificação.
- Sensibilizar a comunidade a participar, criando parcerias e propondo ideias de produtos a vender. Eventualmente, o evento assumir o arranque e responsabilidade de lançamento desses produtos. Por exemplo: queijos de fabrico local, sacos pequenos de batata nova e cebola nova. Anunciar os vegetais, hortaliças biológicas, frutas, etc. Ajudar criando agendas de produção compatíveis.
- Disponibilizar equipamento de transporte, nomeadamente tróleys, carros de mão etc. Eventualmente disponibilizar locais de arrecadação.

#### **4.1.2>Descritores de funções e cargos**

Devo antes de mais esclarecer que um organograma não decide nem sequer determina reuniões, formato das mesmas e quantidade. Para além disso, a organização deve ter uma atitude democrática em que todos têm direito à sua opinião, participação e voto. Reforçando, que numa organização não formalizada como a nossa, esta democracia deve ser apanágio da gestão e funcionamento.

Estes pontos seguintes servem para orientar, responsabilizar e não para culpabilizar. Acho que este trabalho (documento) evoluirá consoante o evento e as suas características anteriormente fundamentadas, assim provocando uma reformulação e reorganização deste organograma e respectivos descritores.

#### **Comissão de organização do evento**

Aprovar propostas base fundamentais e estruturantes do evento, nomeadamente orçamento previsível, linhas orientadoras de programação, linhas orientadoras de implantação e metodologias de trabalho, calendário-agenda de desenvolvimento.

#### **Direcção do Festival**

Presidir o evento. Tomar as decisões estruturantes. Desenvolver estudos que garantam a manutenção e melhoria do evento. Fazer cumprir os objectivos traçados. Ter competências e capacidades técnico-artísticas para avaliar e estruturar o evento. Confirmar o orçamento e tentar cumpri-lo. Projectar o evento com critérios inovadores e singulares. Inspirar os protagonistas internos. Isenção.

#### **Gestão serviço alimentação**

Preparar os procedimentos de fornecimento alimentar. Organizar equipa de gestão stock,

produção e entrega do produto. Preparar metodologias de preparação, produção e entrega de produto alimentar. Promover procedimentos de higiene e segurança. Preparar calendário de entregas de fornecedores. Gerir e verificar conformidade de fornecimento. Preparar mapa de Recursos Humanos. Organizar recolha e limpeza. Organizar espaços de entrega de produto e sistema de cobrar produtos vendidos e contabilizar separadamente produtos vendidos. Organizar espaços e equipamento de produção alimentar: cozinha, churrasqueira, arrecadação, conservação, etc. Preparar e formar equipas. Controlar progresso e decidir reforço ou afrouxar produção.

### **Direcção artística**

Conceber as propostas de conceito artístico para cada evento (anualmente). Programar os espectáculos do evento. Gerir a imagem e estética decorativa do evento. Decidir a imagem publicitária e conteúdos. Decidir agenda de divulgação e *releases*. Ser o rosto do evento ou decidir quem assume e que informação projecta.

Preparar e organizar “alinhamento” dos espectáculo. Gerir orçamento destinado, e propor reformulações, reforços e cativações. Negociar preços, cachets etc.

Criar a ficha técnica do evento dedicada aos espectáculos.

Fazer direcção de cena do evento. Coordenar actividades relacionadas com os espectáculos. Controlar acontecimentos e agenda específica. Dar ordem de pagamentos de cachet. Sustentar acções de prevenção artística.

### **Direcção Montagem e serviços**

Preparar os diferentes espaços do evento:

Espectáculo – (produção; *backstage*; palcos; recursos energéticos, e compatibilidade [potência, ligações, distribuição e proximidade], arrecadação;

Serviços – (reforço da iluminação pública nos espaços de circulação; iluminação nos parques de estacionamento; baixadas estratégicas; iluminação WC; iluminação e electricidade e água no campismo; Electricidade e iluminação nos pontos de venda e acesso ao evento; Electricidade e água na cozinha; electricidade e água nos postos de venda alimentação & bebidas.

Preparar metodologias de backup e emergência, sistemas de contenção, etc.; Organizar agenda e equipas de preparação, montagem e gestão de evento (piquete). Organizar desmontagem, inventariação e arrecadação de equipamento.

### **Gestão Financeira e legislação**

Preparação orçamental com as equipas. Avaliação económica e projecção financeira. Encontrar



modos e meios de financiamento. Criar com as equipas orçamentos por área de acção. Organizar execução financeira e respectivo calendário. Criar condições funcionais e logísticas para recolha/colecta do apuro. Apresentar resultados financeiros: relatórios de contas por área. Preparar autorizações e legislação em conformidade com o evento. Criar uma agenda legal. Projectar seguros para as diferentes áreas. Organizar questões contratuais e respectivas agendas. Conferir e apelar à conformidade legislativa. Informar e publicitar as mesmas.

### **Gestão de Recursos Humanos**

Organizar os grupos de trabalho por áreas e funções adequando competências a funções. Criar mapas e horários de trabalho evitando sobrecarga. Criar procedimentos e metodologias de funcionamento. Observar, escutar, eventualmente atender e anotar equipas. Criar certificação de serviço, preparar e formar equipas para procedimentos. Criar descritores de cargos e guião de acções em atendimento de público.

Planear e motivar equipas para os diferentes postos de trabalho e diferentes épocas e horários de trabalho.

Construir uma equipa forte e motivada com objectivos definidos.

### **Gestão de programação**

Gerir e coordenar as montagens; preparação dos espaços e verificar a conformidade e adequação das diferentes fichas técnicas (FT de espectáculo e FT de espaço); Fazer o acolhimento dos artistas e coordenar as suas tarefas e agendas. Fazer a direcção de cena do evento: dar início e fim de espectáculo, coordenar o evento na sua totalidade, fazer os ajustes necessários à boa harmonia de espectáculos, gerir a frente-a-casa(FOH) e garantir tranquilidade nas performances.

Elaborar planos de contingência, backup e segurança, assim como normas e procedimentos.

Coordenar equipas de operação técnica de espectáculo. Mapear e manter todas as equipas informadas dos acontecimentos, alterações e decisões. Coordenar acontecimentos e acções com outras equipas de outras áreas. Ser diligente e interventivo. Assumir a gestão geral e ter conhecimento de todas as acções que decorrem no recinto do evento, que interfiram com o público e espectáculos.

### **Gestão de espaços**

Pensar funcionamento do espaço, criar diagramas e plantas de implantação e montagem. Preparar o espaço. Organizar montagens e respectivos recursos. Criar testes de

funcionamento. Organizar percursos e sinalizações. Actualizar informação e distribuição da mesma e coordenar equipas de informação e acolhimento. Organizar as equipas de segurança, organização da fluência de tráfego automóvel nos parques e público no recinto e espaços de apresentação. Coordenação e verificação de acessos. Criação de planos de evacuação e reacção em acidente. Controle de circulação e transporte em recinto do evento, normas e horários.

### **Equipa de montagem técnica**

Montagem técnica de equipamento de espectáculos. Criação das fichas técnicas dos vários espaços em consonância com os espectáculos. Operação dos espectáculos e preparação técnica dos mesmos. Colaborar com os performers na montagem, preparação e verificações. Dar apoio técnico e gerir equipamento em espectáculo.

### **4.1.3>Mapeamento do organograma**

O organograma deve ser elucidativo e reflectir as relações entre cargos, mas não explana toda a informação e eventuais necessidades relacionais entre equipas, portanto é somente um indicador e nomeador de cargos (IQF, 2006). Estes podem ter mais do que um responsável ou então diferentes cargos assumidos pela mesma pessoa, que é preferível do que termos tarefas órfãs e zonas “cinzentas” de coordenação. Apesar de tudo, sabemos que existirá sempre diferentes interpretações e, obviamente, diferentes formas de auto-responsabilização de desempenho. Portanto, idealmente será aquilo que esperam do cargo, que seja o mais próximo da compreensão do seu responsável e da sua disponibilidade para o seu desempenho.



#### 4.3> Agenda de preparação e estruturação

As diferentes tarefas que constituem a preparação e programação do evento são relacionais e dependem de muitas e diferentes pessoas bem como de diferentes factores e obviamente carecem de decisões objectivas, em prazos restritos. Sublinho a sua relação em trama, fazendo-se depender umas das outras e serem consequentes umas das outras. Por isso, é necessário uma óptima agenda, onde a contabilização do tempo seja decrescente a partir do dia da estreia, ou seja, da abertura do evento. Como acontece normalmente em todos os eventos das Artes do Espectáculo (Menear, 1994).

Assim, a “trama” de tarefas partido das tarefas-necessidade da abertura (estreia) do evento, mapeando as suas prévias tarefas, atribuindo a cada uma um tempo de execução, cria desta forma datas-limite, onde encontramos datas de decisão, e os termos das mesmas, compreendendo a complexidade das mesmas decisões.

Podemos, ainda, implementar estratégias e mudanças considerando as consequências, evitando assim o *trompe d'oeil*, ou pelo menos minimizando os riscos.

Portanto, a agenda geral visa os grupos alargados (ou nós de decisão) e as agendas específicas de área detalham cada momento e execução individual atribuindo as tarefas aos seus proprietários. Por isso, as agendas devem ser completadas por responsáveis de área e avaliadas pelos seus grupos e posteriormente controladas pelo responsável de área, verificando assim as eventuais necessidades de

reforço de equipa (Recursos Humanos), acções de rectificação de atrasos ou substituição de executantes, fornecedores ou reavaliação de programação.

(consultar anexo 1)

#### **4.4> Previsão Orçamental**

Sendo o orçamento em si já uma previsão, então a “previsão orçamental” é uma redundância que se justifica apenas porque não existe qualquer documento ou metodologia oficializado e comumente aceite para a preparação do mesmo orçamento. Por outro lado, a ferramenta “orçamento” estruturada e metodicamente organizada é uma referencia de comparação entre o que projectamos e o relatório de contas: aquilo que alcançamos.

Sabemos de antemão que as contas têm andado num limiar positivo, mas não são de todo lucrativas, já que o volume de *input* gratuito, nomeadamente matéria prima oferecida, serviços oferecidos, voluntariado, preços abaixo do mercado não têm sido compensados com os ganhos. De outra forma, estas acções também são formas de financiamento que devem ser atendidas e quantificadas para a melhor gestão. Por fim, as naturais “sobras” têm sido absorvidas, mas de que forma o têm sido?

Por fim, e atendendo a uma “natural tendência” dos jornalistas informarem a sociedade através de números, é nossa obrigação certificar esses mesmos números bem com demonstrar a sua evolução.

(consultar anexo 2)

### **5> Conclusão**

Concluindo o documento, verificamos com este breve estudo que o evento tem um longo caminho a seguir. Se por um lado afirmou-se junto do público, performers e eventos pares com a sua genuinidade por outro lado o desafio que agora se coloca é a sua certificação e a sistematização de procedimentos, que para além de criar um conceito uniformizador, aproxima todos os colaboradores dos conceitos e princípios catalisadores do mesmo. Ainda promove a qualidade de trabalho certificando os procedimentos criando um controle global. Desta forma os desafios que são impostos são cada vez mais exigentes e só uma boa arquitetura estrutural os poderá assimilar resolver e incorporar. Por fim a “*Cesar o que é de Cesar*”..., quero dizer que não se poderá gerir e garantir qualidade quando o evento é objecto de disputa de liderança pela sua visibilidade, mas pela certificação e conhecimento profissional. Cabe então às entidades parceiras discutir, avaliar, colaborar e garantir a imparcialidade na orientação do mesmo. Para isso a franqueza e as políticas culturais devem ser explanadas, apresentadas e escolhidas para um mandato e desta forma deixar o evento cumprir, ou pelo menos tentar cumprir com aquilo que serão os objectivos traçados. E ao fim

desse tempo apresentar resultados.

## **Bibliografia**

A Arte da Guerra - Sun Tzu - Versão Ilustrada e Comentada | In Livros. (sem data). Obtido Abril 9, 2012, de <http://inlivros.net/download/134/a-arte-da-guerra-sun-tzu-versao-ilustrada-e-comentada.html>

Degaine, A. (2000). *Histoire du théâtre dessinée*. Nizet.

*O Sector das Actividades Artísticas, Culturais e de Espectáculo em Portugal*. 1ª Ed (1ª Ed., Vols. 1-2, Vol. 2). Lisboa: IQF.

A Arte da Guerra - Sun Tzu - Versão Ilustrada e Comentada | In Livros. (sem data). Obtido Abril 9, 2012, de <http://inlivros.net/download/134/a-arte-da-guerra-sun-tzu-versao-ilustrada-e-comentada.html>

Degaine, A. (2000). *Histoire du théâtre dessinée*. Nizet.